

TERRY PRATCHETT



A DISCWORLD NOVEL

WITCHES ABROAD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TERRY PRATCHETT

**Quando
as Bruxas
Viajam**

1991

Discworld 12

Título original inglês

WITCHES ABROAD

1991

Grupo

The Witches

Tradução

LUDIMILA HASHIMOTO

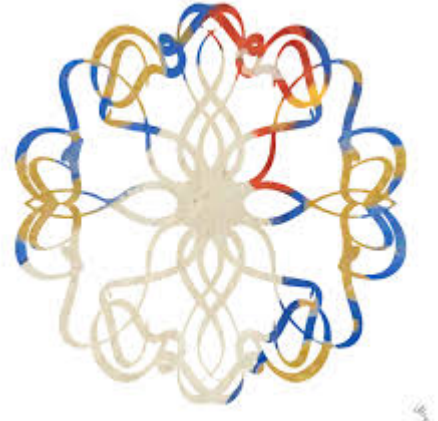
Capa Ana Solt (sobre original Josh Kirby)

Conrad Editora

São Paulo

2008





*Dedicado a todas as pessoas — e por que não? —
que, após a publicação de *Estranhas Irmãs*,
entupiram o autor de versões para a letra de "A
Canção do Porco-Espinho".
Ai de mim...*

ESTE É O DISCO QUE VIAJA

pelo espaço nas costas de quatro elefantes que, por sua vez, estão sobre o casco da Grande A'Tuin, a tartaruga estelar. Houve um tempo em que um universo como esse seria considerado incomum e, quem sabe, até impossível.

Também... tudo era tão simples, em outros tempos.

O universo encontrava-se cheio de ignorância por toda parte, e os cientistas o exploravam como garimpeiros agachados diante de um riacho nas montanhas, buscando o ouro do conhecimento em meio aos cascalhos da insensatez, às areias da incerteza e às coisas peludinhas com oito patas da superstição.

Veza ou outra, um deles se levantava e dizia algo como "Viva! Descobri a Terceira Lei de Boyle". Todo mundo sabia onde estava pisando. O problema é que a ignorância se tornou mais interessante, especialmente a grande e fascinante ignorância acerca de assuntos enormes e importantes, como a matéria e a criação. As pessoas pararam de construir pacientemente suas casinhas de tijolos racionais no caos do universo e começaram a se interessar pelo caos em si — em parte, porque era muito mais fácil ser especialista no caos, mas principalmente porque ele propiciava ótimas estampas para colocar na camiseta.

Em vez de prosseguir com a ciência propriamente dita (*Coisas como encontrar a maldita borboleta cujas asas vibrantes andam causando essas tempestades e conseguir fazê-la parar.*), os cientistas começaram a sair por aí dizendo que era impossível saber alguma coisa, que na verdade não havia nada que se pudesse

chamar de realidade e que isso era extremamente empolgante. Aliás, você sabia que talvez exista um monte de pequenos universos por toda parte, mas ninguém os vê porque eles estão curvados para dentro de si? E isso não daria uma camiseta muito boa? Perto disso, uma tartaruga grande com um mundo sobre as costas se torna algo praticamente ordinário. Ao menos ela não finge que não existe, e ninguém no Disco jamais tentou provar que ela não existia temendo, caso estivesse certo, ver-se flutuando no espaço vazio de repente. O Disco existe bem à beira da realidade. As coisinhas sem importância conseguem atravessar para o outro lado. Portanto, no Disco, as pessoas levam as coisas a sério.

Como as histórias.

Porque histórias são importantes.

As pessoas pensam que dão forma às histórias. Na verdade, é o contrário. As histórias existem apesar de seus participantes. Se você sabe disso, esse conhecimento é poder.

Histórias, grandes fitas vibrantes de espaço-tempo modelado, agitam-se e desenrolam-se pelo universo desde o início dos tempos. E evoluíram. As mais fracas morreram e as mais fortes sobreviveram, engordando a cada vez que eram recontadas... Histórias, ondulando e agitando-se na escuridão.

Sua simples existência forma um desenho numa camada tênue, porém insistente, sobre o caos que é a História. As histórias deixam sulcos profundos o suficiente para as pessoas seguirem da mesma maneira que a água segue certos caminhos nas encostas das montanhas. Quando novos atores caminham pelo trajeto da história, o sulco fica mais profundo.

Essa é a teoria da causalidade da narrativa. Significa que a história, uma vez iniciada, adquire uma forma. Ela capta as vibrações de todas as suas outras versões já contadas.

Por isso a história continua se repetindo o tempo todo.

Assim, mil heróis roubaram o fogo dos deuses. Mil lobos comeram a vovozinha, e mil princesas foram beijadas. Um milhão de atores passaram, alheios, pelos trajetos da história.

Hoje é impossível para o terceiro e mais jovem filho de qualquer rei – caso ele embarque numa busca em que seus irmãos tenham fracassado — não ser bem-sucedido. As histórias não se importam com quem toma parte nelas.

O importante é que sejam contadas, que se repitam. Ou, se você preferir colocar nestes termos, as histórias são parasitas que manipulam vidas a serviço apenas de si mesmos. *(Somente um tipo especial de pessoa pode reagir e se tornar o bicarbonato da história.)*

Era uma vez...

Mãos cinzentas seguraram e ergueram o martelo, e acertaram a estaca com tanta força que ela afundou na terra macia.

Mais dois golpes, e ela se encontrava fixa e imóvel.

Nas árvores ao redor da clareira, as cobras e os pássaros observavam em silêncio. No pântano, os jacarés deslizavam como se fossem pedaços malvados da água. As pessoas enganam-se em relação aos mitos urbanos. A lógica e a razão dizem que são criações fictícias recontadas várias vezes por pessoas sedentas de indícios de coincidências estranhas, justiça natural e coisas do tipo. Não é verdade. Eles acontecem sempre, em todo lugar, à medida que as

histórias saltam de um lado para o outro no universo. A qualquer momento, centenas de avós mortas são despachadas no bagageiro de carros roubados e cães pastores fiéis se engasgam com dedos de ladrões na madrugada. E eles não se encontram confinados em algum mundo específico. Centenas de jivpts mercurianas reviram os quatro olhos diante do seu salvador e dizem: "Meu marido-reprodutor ficará furioso – a unidade móvel era dele". Os mitos urbanos são vivos. Mãos cinzentas pegaram a cruz de madeira e a colocaram no lugar, prendendo-a com cipós e puxando-os com tanta força que soltaram um rangido. Ela o observou. Depois pegou um pedaço de espelho e o amarrou no alto da estaca.

— O paletó – ela pediu.

Ele pegou o paletó e o ajustou sobre a cruz de madeira.

A peça horizontal não era longa o suficiente, de modo que os últimos centímetros das mangas ficaram caídos, vazios.

— E o chapéu – ela disse.

Era alto, redondo e preto. Brilhava.

O pedaço de espelho cintilava entre o escuro do chapéu e o do paletó.

— Vai funcionar? – ele perguntou.

— Sim. Até os espelhos têm o seu reflexo. Conseguimos combater espelhos com espelhos. – Ela olhou fixamente, por entre as árvores, para uma torre branca e delgada a distância.

— Temos que encontrar o reflexo dela.

— Precisa ter um longo alcance, então.

— Sim. Precisamos de todo auxílio possível.

Ela olhou para a clareira à sua volta.

Recorrera ao Senhor Caminho Seguro, à Dama Bom Anna, à Hotaloga Andrews e ao Homem do Passo Largo. Eles provavelmente não eram deuses muito bons.

Mas era o melhor que conseguira.

Esta é uma história sobre histórias.

Ou sobre o que realmente significa ser uma fada madrinha.

Mas é, especificamente, sobre reflexos e espelhos.

Por todo o multiverso, há tribos atrasadas que desconfiam de espelhos e imagens porque – dizem – eles roubam um pedaço da alma: justamente a parte que faz a pessoa andar por aí. As pessoas que usam mais roupas acham que é apenas uma superstição, apesar do fato de que pessoas que passam a vida aparecendo em imagens de algum tipo parecem ficar mais finas.

Atribui-se o fenômeno a excesso de trabalho e, por incrível que pareça, imagem desgastada.

Apenas superstição. Mas uma superstição não está necessariamente errada. O espelho pode sugar uma parte da alma. Ele pode conter o reflexo do universo inteiro, um céu cheio de estrelas num pedaço de vidro prateado da espessura de um sopro.

Conheça os espelhos, e você conhecerá quase tudo.

Olhe para o espelho...

... mais fundo...

... até uma luz alaranjada no alto de uma montanha fria, a milhares de quilômetros do calor vegetal daquele pântano...

Os moradores do local a apelidaram de Montanha de Lobo.

Não porque tinha lobos, mas porque era uma montanha de lodo, cheia de lodo escorregadiço. Isso causou certa confusão

lucrativa. As pessoas vinham até a aldeia mais próxima com bestas pesadas, armadilhas e redes, e exigiam a presença de guias nativos que os levassem até os lobos. (*Já que todo mundo se sustentava muito bem desse jeito, sem falar na venda de guias, mapas das tocas, relógios de cucos com enfeites de lobos, bengalas de lobos e bolos em forma de lobos, ninguém jamais teve tempo de corrigir a grafia da palavra.*) Essa era a montanha mais lodosa de que se teve notícia. A maioria das árvores parava de crescer antes de chegar à metade da altura máxima, restando apenas alguns pinheiros que produziam efeito semelhante aos patéticos fios penteados na cabeça de um careca que não quer assumir a calvície. Era um local onde as bruxas se reuniam.

Naquela noite, uma fogueira brilhava no topo da montanha. Vultos escuros andavam à luz bruxuleante.

A lua descia através de uma renda de nuvens.

Finalmente, uma figura alta com chapéu pontudo disse: – Quer dizer que todo mundo trouxe salada de maionese? Uma bruxa de Ramtop não comparecera ao sabá. Como toda pessoa, as bruxas gostam de sair à noite, mas nesse caso ela tinha um compromisso mais urgente. E não era do tipo que se poderia adiar facilmente.

Desiderata Hollow estava preparando o seu testamento.

Quando menina, sua avó lhe dera quatro conselhos importantes para guiar seus jovens passos pelos caminhos inesperadamente sinuosos da vida.

Eram eles: nunca confie num cachorro com sobrelha laranja; sempre pergunte o nome e o endereço do rapaz (*erros de ortografia podem ser fatais. Por exemplo, o ganancioso Serifa de Al-Ybi foi*

amaldiçoado por uma divindade de pouca instrução e, durante dias, tudo o que ele tocava virava Oruo – que por acaso era o nome de um pequeno anão de uma comunidade montanhosa, a centenas de quilômetros, que se viu magicamente arrastado até o reino e multiplicado de modo implacável. Cerca de dois mil Oruos depois, o encanto perdeu o efeito. Hoje em dia, o reino de Al-Ybi é famoso por ter os habitantes mais baixos e esquentadinhos da região); nunca fique entre dois espelhos; e sempre use roupas íntimas completamente limpas, porque nunca se sabe quando um cavalo em fuga irá derrubá-la e matá-la, e, se as pessoas perceberem que você está com roupas de baixo insatisfatórias, você morrerá de vergonha. Desiderata cresceu e tornou-se uma bruxa. Uma das pequenas vantagens de ser uma bruxa consiste em saber exatamente quando vai morrer, o que lhe permite usar a roupa íntima que quiser. (Aquilo ocorrera oitenta anos antes, quando a ideia de saber o momento exato da morte parecia bastante interessante porque no fundo, é claro, você sabia que viveria para sempre.)

Aquilo foi antes.

E isso era agora.

Hoje em dia, para sempre não parece mais tão duradouro quanto antigamente. Outra tora virou cinza na fogueira. Desiderata não se preocupara em pedir combustível para o inverno. Não faria muito sentido, mesmo.

Além disso, é claro, tinha outra coisa...

Que ela embrulhara, formando um pacote longo e fino...

Dobrou a carta, pôs o endereço e a empurrou por baixo do barbante. O trabalho estava feito.

Olhou para cima. Desiderata era cega havia trinta anos, mas isso nunca se mostrou um problema. Ela sempre foi abençoada, se é que se pode dizer isso, com o dom da vidência. Quando os olhos comuns pararam de funcionar, só precisou treinar para ver o presente, o que, de qualquer maneira, era mais fácil que ver o futuro. Uma vez que o globo ocular espiritual não dependia da luz, economizava em velas. Existia sempre um lado positivo, por assim dizer. [5]

O que explica muitas coisas sobre as bruxas.

Havia um espelho na parede a sua frente.

O rosto refletido não era o dela, redondo e rosado.

Era o rosto de uma mulher acostumada a mandar. Desiderata não costumava dar ordens. Muito pelo contrário, na verdade.

A mulher disse: — Você está morrendo, Desiderata.

— E não é que estou mesmo? — Você envelheceu. As do seu tipo sempre envelhecem. Seu poder está quase acabando.

— É verdade, Lilith – concordou Desiderata, num tom suave.

— Então sua proteção está se retirando dela.

— Infelizmente.

— Agora, somos apenas eu e a mulher malvada do pântano. E eu vencerei.

— Parece que sim, infelizmente.

— Você deveria ter encontrado uma sucessora.

— Nunca tive tempo. Não sou do tipo que planeja as coisas, sabe. O rosto do espelho aproximou-se como se a figura se movesse um pouco mais para perto da sua face do espelho.

— Você perdeu, Desiderata Hollow.

— Pois é. — Desiderata levantou-se, um pouco sem firmeza, e pegou um pano. A figura parecia ficar nervosa. Era óbvio que achava que as pessoas derrotadas deveriam ficar com aparência abatida, não como quem ria de uma piada às suas custas.

— Não entende o que significa perder?

— Algumas pessoas entendem muito bem disso — respondeu Desiderata. — Adeus, milady. — Ela pendurou o pano sobre o espelho.

Houve uma inspiração nervosa de ar e depois silêncio.

Desiderata permaneceu parada como se estivesse perdida em pensamentos. Depois ergueu a cabeça e disse:

— A água da chaleira começou a ferver. Gostaria de tomar uma xícara de chá?

— NÃO, OBRIGADO – respondeu uma voz logo atrás dela.

— Há quanto tempo está esperando?

— UMA ETERNIDADE.

— Não estou atrasando você, estou?

— É UMA NOITE SEM CORRERIA.

— Estou preparando uma xícara de chá. Acho que sobrou um biscoito.

— NÃO, OBRIGADO.

— Se mudar de ideia, está no pote, em cima da lareira. É cerâmica genuína de Klatch, sabe. Feita por um artesão klatchiano genuíno. De Klatch.

— VERDADE?

— Eu costumava viajar muito na juventude.

— MESMO?

— Bons tempos. — Desiderata mexeu na lenha. — Era o trabalho, sabe. É claro, imagino que com você seja a mesma coisa.

— SIM.

— Nunca sabia quando me chamariam. Bem, é claro que você sabe disso, não? Cozinhas, principalmente. Bailes, às vezes, mas geralmente eram cozinhas. — Ela pegou a chaleira e derramou a água fervente no bule sobre a lareira.

— É VERDADE.

— Eu realizava seus desejos.

Morte pareceu confuso.

— O QUÊ? QUER DIZER... ARMÁRIOS EMBUTIDOS? PIAS NOVAS? ESSE TIPO DE COISA?

— Não, não. Desejos das pessoas: — Desiderata suspirou. — É uma grande responsabilidade ser fada madrinha. Quer dizer, saber quando parar. As pessoas cujos desejos são realizados geralmente se revelam pessoas não muito legais. Então, deve-se dar o que elas querem ou o que precisam? Morte concordou por educação. Na visão dele, as pessoas recebiam o que lhes era dado.

— Como essa coisa de Genua... — começou Desiderata.

Morte ergueu a cabeça num movimento preciso.

— GENUA?

— Você conhece? Bem, é claro que sim.

— EU... CONHEÇO TODOS OS LUGARES, É CLARO.

A expressão de Desiderata ficou mais suave. Seus olhos internos voltavam-se para outro lugar.

— Éramos duas. As fadas madrinhas andam em dupla, sabe. Eu e Lady Lilith. Ser fada madrinha representa muito poder. É como

fazer parte da História. Bom, a menina nasceu. Fora do matrimônio, mas isso não desmerece ninguém, nunca chegaram a mencionar isso... e Lilith desejou que ela possuísse beleza, poder e se casasse com um príncipe. Rá! Desde então, tenta realizar isso. O que eu poderia fazer? Não se pode discutir desejos assim. Lilith conhece o poder de uma história. Fiz o melhor que pude, mas ela tem o poder. Ouvi dizer que está governando a cidade, agora. Mudar um país inteiro apenas para fazer uma história dar certo! Enfim, agora é tarde demais. Para mim. Por isso, estou passando a responsabilidade adiante. Funciona assim com as fadas madrinhas. Ninguém jamais quer ser fada madrinha. Exceto Lilith, é claro. É uma ideia fixa para ela. Então estou mandando outra no meu lugar. Pode ser que eu tenha demorado demais.

Desiderata era uma alma bondosa. As fadas madrinhas desenvolvem uma compreensão muito profunda da natureza humana, o que faz com que as boas se tornem amáveis e as más, poderosas. Ela não costumava usar uma linguagem extrema, mas era certo que, quando empregava uma expressão suave como "é uma ideia fixa para ela", definia alguém que acreditava se encontrar alguns quilômetros além do limite da loucura e acelerando.

Ela pôs o chá na xícara.

— Esse é o problema da vidência. Você consegue ver o que acontecerá, mas não sabe o que significa. Eu vi o futuro. Há uma carruagem feita de abóbora. Isso é impossível. E um cocheiro feito de ratos, o que é improvável. Há um relógio batendo meia-noite e uma coisa que parece um chinelo de vidro. Tudo isso acontecerá.

Porque as histórias têm que funcionar assim. Aí eu pensei: conheço algumas pessoas que fazem as histórias funcionarem do jeito delas.

Ela suspirou mais uma vez.

— Quem me dera eu estivesse indo a Genua. Estou precisando do calor. E o carnaval está chegando. Sempre ia a Genua no carnaval, nos velhos tempos. Houve um silêncio cheio de expectativa.

— VOCÊ CERTAMENTE NÃO ESTÁ ME PEDINDO QUE LHE CONCEDA UM DESEJO, ESTÁ?

— Ah! Ninguém realiza os desejos das fadas madrinhas. — Desiderata voltou a ficar com aquele olhar para dentro, falando consigo mesma. — Tá vendo? Tive que fazer as três irem para Genua. Tive que levá-las pra lá porque as vi lá. Deveriam ir as três. Isso não é fácil, com pessoas como elas. Usei cabeçologia. Fiz com que mandassem a si mesmas. Se você disser a Esme Cera do Tempo que ela tem que ir a um lugar, ela não vai, só para contrariar. Mas diga para não ir, e ela corre lá nem que seja pisando em cacos de vidro. Esse é o problema das Cera do Tempo, sabe. Elas não sabem perder.

Ela pareceu achar graça em alguma coisa.

— Mas uma delas terá que aprender.

Morte não disse nada. Na perspectiva dele, Desiderata refletiu, perder era algo que todos tinham que aprender.

Ela esvaziou a xícara. Levantou-se, pôs o chapéu pontudo com alguma cerimônia e saiu mancando pela porta dos fundos.

Havia uma trincheira funda, cavada perto da casa, dentro da qual alguém colocara uma pequena escada de modo muito sensato.

Ela desceu e, com alguma dificuldade, ergueu a escada e a colocou entre as folhas. Deitou. Depois se sentou.

— O senhor Sílice, o troll lá da serraria, vende caixões por preços muito bons, se você não se incomodar com pinho.

— DEFINITIVAMENTE NÃO ME ESQUECEREI DISSO.

— Pedi a Hurker, o invasor de terrenos, que cavasse o buraco pra mim – explicou, num tom descontraído. Ele virá para me tampar aqui quando estiver voltando para casa. Gosto das coisas arrumadas. Pode levar embora, maestro!

— O QUÊ? AH. UMA FIGURA DE LINGUAGEM.

Ele ergueu a foice.

Desiderata Hollow foi para o seu descanso.

— Bem — ela disse —, até que foi fácil. O que acontecerá agora?

Esta é Genua. O reino mágico. A cidade do diamante. A terra da prosperidade. No centro da cidade havia uma mulher entre dois espelhos, vendo seu reflexo por todo o caminho até o infinito.

Os espelhos localizavam-se no centro de um octógono de espelhos, diante do céu, sobre a torre mais alta do palácio.

Havia tantos reflexos, na verdade, que apenas com extrema dificuldade se poderia dizer onde os espelhos acabavam e onde começava a pessoa real. Seu nome era Lady Lilith de Tempscire, embora tivesse atendido por muitos outros no decorrer de sua vida longa e agitada. Isso era algo que se aprendia desde cedo, ela descobriu.

Se você quiser chegar a algum lugar, neste mundo – e decidira, desde o começo, que iria o mais longe possível –, tem que trocar de

nome com facilidade, o que possibilitaria tomar o poder em qualquer lugar que encontrasse. Ela enterrou três maridos, e ao menos dois deles já haviam morrido.

Era possível andar muito por aí. A maioria das pessoas não andava muito. Mude de país e de nome, e, se agir do jeito certo, o mundo abrirá as portas a você. Ela teve que viajar meros cem quilômetros, por exemplo, para se tornar uma Dama. Percorria qualquer distância agora...

Os dois espelhos principais se posicionavam quase de frente um para o outro, mas não exatamente, de modo que Lilith conseguia ver o que estava atrás dela e observar as imagens fazendo uma curva pelo universo dentro do espelho. Ela podia se ver derramando-se em si mesma, multiplicando-se por meio dos reflexos sem fim.

Quando suspirou e saiu com um passo do Espaço entre os espelhos, o efeito foi espantoso. As imagens de Lilith por um momento pairaram no ar atrás dela, como sombras tridimensionais, antes de desaparecerem.

Então... Desiderata morria. Carga velha e inoportuna.

Merecia a morte. Nunca entendeu o tipo de poder que tinha.

Era uma dessas pessoas que têm medo de fazer o bem por receio de causar danos, que levam tudo tão a sério que se travam diante da angústia moral antes de realizar o desejo de uma única formiga.

Lilith olhou para baixo e viu a cidade. Bom, não havia mais barreiras. A macumbeira idiota do pântano constituía mera distração, era só uma ignorante. Nada se colocava no caminho entre Lilith e aquilo de que ela gostava mais que qualquer outra coisa.

Um final feliz.

No alto da montanha, o sabá sossegara um pouco.

Artistas e escritores sempre tiveram uma ideia bastante exagerada sobre o que ocorre num sabá de bruxas. Isso é efeito do tempo excessivo que passam em quartos pequenos com as cortinas fechadas, em vez de saírem ao ar fresco e saudável. Há, por exemplo, a dança sem roupas. No clima temperado médio ocorrem poucas noites em que alguém dançaria nu à meia-noite, sem falar na questão das pedras, plantas com espinhos e até mesmo porcos-espinhos saindo do nada. Também se fala nos deuses com cabeça de bode. A maioria das bruxas não acredita em deuses. Até lidam com eles de vez em quando. Mas não acreditam neles. Elas os conhecem muito bem. Seria como acreditar no carteiro.

E há ainda a comida e a bebida – pedaços de répteis e coisas do tipo. Na verdade, as bruxas não vão longe nesse tipo de coisa. O pior que se pode dizer sobre os hábitos alimentares da espécie mais velha de bruxa é que elas tendem a gostar de biscoitos de gengibre molhados no chá com tanto açúcar que a colher não consegue sair do lugar e que bebem do pires se acharem que está quente demais. Fazem isso emitindo ruídos apreciadores mais comumente associados a um sistema de encanamento barato. Pernas de sapo e coisas do tipo devem ser melhores que isso. Há, também, os unguentos místicos. Por pura sorte, os artistas e escritores pisam em solo firme, nesse caso. A maioria das bruxas tem idade avançada, condição em que os unguentos começam a exercer atração. Nesta noite, pelo menos duas das presentes usam o famoso bálsamo de gordura de ganso e sálvia para o peito da Vovó Cera do Tempo. Ele

não faz a pessoa voar e ter visões, mas realmente previne resfriados, ainda que seja pelo fato de que o cheiro infeliz que aparece por volta da segunda semana mantém as pessoas tão longe que não é possível pegar nada dos outros. Finalmente, há os próprios sabás. A bruxa comum não é, por natureza, um ser sociável em relação a outras bruxas. Existe um conflito de personalidades dominantes. E como um grupo de caciques sem índios. O regulamento oral básico da bruxaria diz: "Faça o que eu digo, mas não o que eu faço". O tamanho normal de uma convenção é de um membro. As bruxas só se reúnem quando não têm alternativa.

Como agora.

A conversa, dada a ausência de Desiderata (*Desiderata enviara um bilhete pela Velha Mãe Dismass em que pedia para se ausentar alegando que estava morta. A vidência permite manter um bom controle sobre seus compromissos sociais.*), se voltara para a diminuição do número de bruxas.

— O que, ninguém? – perguntou Vovó Cera do Tempo.

— Ninguém – respondeu Velha Brevis.

— Eu acho isso terrível – comentou Vovó. – É repugnante.

— Hã? – perguntou Velha Mãe Dismass.

— Ela acha repugnante! – gritou Velha Brevis.

— Hã?

— Não há nenhuma garota para seguir adiante! Para tomar o lugar de Desiderata!

— Ah.

A conclusão da conversa perdeu-se de vista.

— Se ninguém mais quiser as torradas, vou comer – avisou Tia Ogg.

— Nunca tivemos esse tipo de coisa no meu tempo de jovem – começou Vovó.

— Havia uma dúzia de bruxas apenas deste lado da montanha. E claro que foi antes de toda essa coisa – ela fez uma careta – de criar sua própria diversão. Essa coisa de criar a própria diversão está demais hoje em dia. Nunca criávamos nossa própria diversão quando eu era menina. Nunca tínhamos tempo.

— Tempers fuggit — comentou Tia Ogg.

— Quê? — Tempers fuggit. Significa: isso era antes, agora é diferente.

— Não preciso de ninguém para me dizer isso, Gytha Ogg. Eu sei quando é agora.

— Você tem que mudar com os tempos.

— Não vejo por quê. Não vejo por que temos...

— Acho que devemos mudar as fronteiras novamente — sugeriu Velha Brevis.

— Não podemos fazer isso — discordou Vovó Cera do Tempo, rapidamente. — Já estou em quatro aldeias. A vassoura mal tem tempo de esfriar.

— Bem, com a Mãe Hollow morta, estamos definitivamente com falta de mão de obra — disse Velha Brevis. — Sei que ela não fazia muita coisa, ainda mais com o outro trabalho, mas estava sempre lá. Isso é o que conta. Estar presente. Tem que haver uma bruxa desta área.

As quatro bruxas pararam com olhares melancólicos voltados para o fogo. Bom, pelo menos três delas. Tia Ogg, que tinha a tendência de ver as coisas de maneira positiva, preparava torradas.

— Um mago assumiu lá na Fonte das Urdideiras — comentou Velha Brevis. — Não tinha ninguém para entrar no lugar da Vovó Hopliss quando ela faleceu, então mandaram chamar um mago de Ankh-Morpork. Um mago de verdade. Com cajado. Ele tem até uma oficina lá, com uma placa de bronze na porta. Está escrito: "Mago". As bruxas suspiraram.

— Dona Chamusca faleceu — continuou Velha Brevis. — E Velha Pombeira faleceu.

— É mesmo? Velha Mabel Pombeira? — perguntou Tia Ogg, com uma chuva de migalhas. — Quantos anos ela tinha? — Cento e dezenove — respondeu Velha Brevis. — Eu disse a ela: "Não é bom ficar escalando montanhas na sua idade", mas não quis me ouvir.

— Tem gente que é assim — ponderou Tia. — Teimosa feito uma mula. É só dizer para não fazer algo, que a pessoa não para até testar o que você disse.

— Eu mesma ouvi as últimas palavras dela — disse Velha.

— O que foi que ela disse? — perguntou Tia.

— Pelo que me lembro: "Ai, saco".

— Foi do jeito como ela gostaria de ter ido — avaliou Tia Ogg. As outras bruxas concordaram.

— Sabe... pode ser que a gente esteja assistindo ao fim da bruxaria por essas bandas — sentenciou Velha Brevis.

Elas voltaram a olhar fixamente para o fogo.

— Acho que ninguém trouxe marshmallow, né? — perguntou Tia Ogg, esperançosa.

Vovó Cera do Tempo olhou para as suas irmãs bruxas. Ela não conseguia suportar Velha Brevis. Velha dera aulas do outro lado da montanha e tinha o péssimo hábito de ser racional quando provocada. E Velha Mãe Dismass provavelmente era a irmã mais inútil de toda a História da revelação oracular.

Vovó não conseguia tolerar de maneira alguma Tia Ogg, sua melhor amiga.

— E a jovem Margrete? — perguntou Velha Mãe Dismass, com inocência. — O terreno dela fica bem ao lado do de Desiderata. Será que poderia assumir um pouco de trabalho extra? Vovó Cera do Tempo e Tia Ogg trocaram olhares.

— Ela ficou meio doida da cabeça — comentou Vovó.

— Ora, pare com isso, Esmé — disse Tia Ogg.

— Bom, eu acho isso. Vai me dizer que toda aquela conversa sobre parentes não é coisa de quem ficou doida da cabeça?

— Ela não disse aquilo — discordou Tia Ogg. — Ela disse que queria ser parente dela mesma.

— Foi o que eu disse — argumentou Vovó Cera do Tempo. — Eu disse a ela: Simplicity Alho era sua mãe, Araminta Alho era sua avó. Yolande Alho é sua tia, e você é sua... você é seu eu.

Ela se recostou com a expressão satisfeita de quem disse tudo o que qualquer um jamais quis saber sobre uma crise pessoal de identidade.

— Ela não quis ouvir — acrescentou.

Velha Brevis franziu a testa.

— Margrete? — perguntou. Ela tentou formar uma imagem mental da bruxa mais jovem das Ramtops e lembrou-se de... bem, não um rosto, somente uma expressão de afeição desanimada com olhos levemente úmidos entre um corpo que lembrava um Mastro de Maio* e um cabelo que parecia um monte de feno após um temporal. Uma realizadora incansável de boas ações. Sempre preocupada. O tipo de pessoa que socorria filhotes de passarinhos perdidos e chorava quando morriam, sendo que essa é a finalidade geralmente reservada pela gentil Mãe Natureza para filhotes de passarinhos perdidos.

— Não parece estar falando dela — concluiu.

— E ela disse que queria ser mais autoconfiante — continuou Vovó.

— Não há nada de errado em ser autoconfiante — comentou Tia Ogg. — Autoconfiança tem tudo a ver com a vida de bruxa.

— Nunca disse que havia algo errado nisso. Eu lhe disse que não havia nada errado nisso. Você pode ser tão autoconfiante quanto quiser, eu disse, desde que faça o que os outros mandarem.

— Esfregue isso, e vai sarar em uma ou duas semanas — disse Velha Mãe Dismass.

As outras três bruxas a observavam com expectativa, aguardando para ver se havia mais alguma coisa. Ficou claro que não havia.

— E ela está fazendo... o que ela está fazendo, Gytha? — perguntou Vovó.

— Aulas de defesa pessoal.

— Mas ela é uma bruxa — lembrou Velha Brevis.

— Eu lhe disse isso — reforçou Vovó Cera do Tempo, que andara à noite, sem medo, pelas florestas das montanhas assombradas por bandidos durante toda a sua vida na certeza de que a escuridão não traria nada mais terrível do que ela mesma.

— Ela disse que essa não era a questão. Não era a questão. Foi o que ela disse.

— Ninguém vai às aulas mesmo — observou Tia Ogg.

— Eu achei que ela ia se casar com o rei — comentou Velha Brevis.

— Todo mundo achou — disse Tia Ogg. — Mas você conhece Margrete. Ela tem uma tendência a ser aberta a Ideias. Agora diz que se recusa a ser um objeto sexual. Todas pararam para pensar nisso. Finalmente, Velha Brevis disse, devagar, como alguém que emerge das profundezas de uma reflexão fascinante: — Mas ela nunca foi um objeto sexual.

— Fico feliz em dizer que nem sei o que é um objeto sexual — disse Vovó Cera do Tempo, com firmeza.

— Eu sei — disse Tia Ogg.

As duas olharam para ela.

— Shane trouxe um para casa quando voltou de terras estrangeiras, uma vez. Continuaram olhando para ela.

— Era marrom, gordo e tinha contas, um rosto e dois buracos para a corda. A descrição não foi capaz de distrair os olhares.

— Bem, ele disse que era um.

— Acho que você está falando de um ídolo da fertilidade — arriscou Velha Brevis, tentando ajudar.

Vovó balançou a cabeça.

— Não parece muito a cara da Margrete, na minha opinião... — começou.

— Não me diga que isso vale dois centavos — disse Velha Mãe Dismass a partir de sabe-se lá que momento no tempo ela estava ocupando naquela hora. Ninguém nunca tinha total certeza de que momento era esse.

Eram ossos do ofício, para quem possuía o dom da vidência.

A mente humana não foi projetada para ser enviada vertiginosamente para a frente e para trás pela grande auto-estrada do tempo e pode ficar, por assim dizer, desligada do seu ancoradouro por conseguir ver o futuro, o passado e, de vez em quando, o presente. Velha Mãe Dismass ficava temporariamente sem foco. Isso significava que, se você falasse com ela em agosto, ela provavelmente ouviria em março. O melhor era apenas dizer alguma coisa agora e esperar que ela ouvisse da próxima vez que sua mente estivesse de passagem.

Vovó experimentou passar as mãos diante do olhar vago de Velha Mãe Dismass.

— Ela foi embora de novo.

— Bom, se Margrete não puder assumir, tem Millie Pulabem, lá de Slice — sugeriu Velha Brevis. — É uma moça trabalhadora. Vejam bem, o estrabismo dela é ainda pior que o de Margrete.

— Nada de errado nisso. Estrabismo fica bem numa bruxa — disse Vovó Cera do Tempo.

— Mas você tem que saber usá-lo — comentou Tia Ogg.

— Velha Gertie Simmons era vesga e sempre colocava a influência maligna na ponta do próprio nariz. Não podemos deixar

que as pessoas pensem que, se você irritar uma bruxa, ela vai praguejar e murmurar para fazer o próprio nariz cair. Todas voltaram a olhar para o fogo.

— Será que Desiderata já não teria escolhido a própria sucessora? — perguntou Velha Brevis.

— Não dá pra ficar fazendo isso — respondeu Vovó Cera do Tempo. — Não é como fazemos as coisas destes lados.

— É, mas Desiderata não passava muito tempo por estes lados. Fazia parte do trabalho. Ela sempre ia para terras estrangeiras.

— Não suporto terras estrangeiras — comentou Vovó Cera do Tempo.

— Você esteve em Ankh-Morpork — lembrou Tia Ogg, num tom delicado. — É terra estrangeira.

— Não é, não. Só é longe daqui. Não é o mesmo que estrangeiro. Estrangeiro é quando tagarelam com você numa língua bárbara, comem besteiras estrangeiras e cultuam, sabe, objetos — explicou Vovó Cera do Tempo, a diplomata da boa vontade. — O estrangeiro pode estar bem perto também, se você não tomar cuidado. Hã — acrescentou, num tom ameaçador. — É, ela trazia todo tipo de coisa de terras estrangeiras.

— Ela trouxe um belo prato azul e branco uma vez — disse Tia Ogg.

— Isso é uma ideia — começou Velha Brevis. — Alguém deveria ver o chalé dela. Havia muita coisa boa lá. Seria horrível imaginar algum ladrão entrando e fazendo uma limpeza.

— Não consigo imaginar por que um ladrão queira invadir a casa de uma bru... — começou Vovó e parou de repente. — Sim —

concordou, num tom suave. — Boa ideia. Vou cuidar disso imediatamente.

— Não, eu vou cuidar disso — interrompeu Tia Ogg, que também tivera tempo de captar alguma coisa. — Fica bem no caminho da minha casa. Sem problemas.

— Não, você vai querer ir mais cedo para casa — ponderou Vovó. — Não se incomode com isso. Não seria transtorno algum pra mim.

— Ah, não será incômodo nenhum — disse Tia Ogg.

— Você não deveria ficar se cansando na sua idade — aconselhou Vovó Cera do Tempo.

Elas se entreolharam.

— Acho que, na verdade, não importa — disse Velha Brevis.

— Vocês podem muito bem ir juntas, em vez de ficarem brigando para ver quem vai.

— Amanhã estou um pouco ocupada — lembrou Vovó. — Que tal depois do almoço?

— Certo — concordou Tia Ogg. — Nos encontramos no chalé dela. Logo depois do almoço.

— Nós já tivemos um, mas a parte que você desatarraxou caiu e se perdeu — disse Velha Mãe Dismass.

Hurker, o invasor de terrenos, jogou a última pá de terra no buraco. Ele sentiu que deveria dizer algumas palavras.

— Bom, é isso, então.

Ela fora, com certeza, uma das melhores bruxas, pensou, enquanto voltava para o chalé, na escuridão da madrugada.

Algumas das outras — além de seres humanos maravilhosos, acrescentou para si mesmo rapidamente, um belo grupo de mulheres que qualquer um esperava não encontrar — eram somente um pouco opressoras. A dona Hollow sabia escutar. Sobre a mesa da cozinha havia um pacote comprido, uma pequena pilha de moedas e um envelope.

Abriu o envelope, embora não estivesse endereçado a ele.

Dentro havia um envelope menor e um bilhete.

Estava escrito: "Estou de zóiu em você, Albert Hurker.

Entregue o pacoti e o envelopi e, se ousar fuçar pra ver o que tem dentro, algo terrível vai acontecer com você. Como boa Fadamadrinha profiscional não tenho permissão pra amaldiçoar ninguém, mas posso Prever que provavelmente tem a ver com ser murdido por um lobo raivoso e ficar com a perna verde e mole até cair, não me pergunte comu eu sei e não pode perguntar mesmo porque tô morta. Tudo di bom, Desiderata." Ele pegou o pacote de olhos fechados.

A luz viaja devagar no vasto campo mágico do Disco, o que significa que o tempo faz o mesmo. Como diria Tia Ogg, quando é a hora do chá em Genua, aqui é terça-feira...

Na verdade, amanhecia em Genua. Lilith sentou-se em sua torre e usou um espelho, enviando sua própria imagem para examinar o mundo. Ela buscava algo. Onde quer que houvesse um clarão na crista de uma onda, onde quer que houvesse uma lâmina de gelo, ou um espelho, ou um reflexo, Lilith sabia que sua visão conseguiria alcançar.

Não era preciso um espelho mágico. Qualquer espelho servia, se você soubesse como usá-lo. Lilith, tinindo com o poder de um milhão de imagens, sabia disso muito bem.

Havia apenas uma dúvida inoportuna. Era de se supor que Desiderata havia se livrado daquilo. Gente da espécie dela era assim. Cuidadosa. Possivelmente dera para aquela garota estúpida de olhos lacrimejantes que às vezes a visitava no chalé, a que usava um monte de bijuterias e roupas de mau gosto.

Fazia bem o tipo.

Mas Lilith queria ter certeza. Não chegara onde se encontrava hoje sem ter certeza das coisas.

Em poças e janelas em toda Lancre, o rosto de Lilith surgiu momentaneamente e seguiu adiante...

Agora amanhecia em Lancre. As névoas do outono rolavam pela floresta. Vovó Cera do Tempo empurrou a porta do chalé. Não estava trancada. O único visitante que Desiderata esperava não era do tipo que se mantinha afastado por meio de trancas.

— Ela pediu que fosse enterrada nos fundos — comentou uma voz atrás dela. Era Tia Ogg.

Vovó pensou em qual seria seu próximo movimento.

Observar que Tia Ogg chegara mais cedo de propósito para vasculhar o chalé sozinha e depois responder a perguntas sobre por que ela também já estava lá? Certamente poderia responder, se tivesse tempo suficiente. Provavelmente, o melhor era seguir conforme o planejado.

— Ah — ela disse, balançando a cabeça. — Sempre tão organizada, ao seu modo, assim era Desiderata.

— Bom, fazia parte do trabalho — continuou Tia Ogg, passando na frente dela e examinando os conteúdos da sala com olhar atento. — Você tem que saber onde estão as coisas, num trabalho como o dela. Nossa, que gato gigantesco.

— É um leão — corrigiu Vovó Cera do Tempo, olhando para a cabeça empalhada acima da lareira.

— O que quer que seja, deve ter batido na parede numa velocidade alucinante — observou Tia Ogg.

— Alguém o matou — explicou Vovó Cera do Tempo, inspecionando a sala.

— Eu devia ter imaginado. Se visse uma coisa dessa atravessando a parede com os dentes, bateria nela com o atizador de fogo.

É claro que não existe algo que se possa chamar de um típico chalé de bruxa, mas, se existisse um chalé de bruxa nada típico, esse seria o caso. Além das diversas cabeças de animais com olhos vidrados, as paredes encontravam-se cheias de estantes de livros e pinturas em aquarela. Havia uma lança no porta-guarda-chuva. Em vez das cerâmicas e louças mais usuais, o armário continha painéis de bronze e porcelanas finas azuis com aparência de peças estrangeiras. Não havia nenhuma erva seca em qualquer parte da casa, mas uma enorme quantidade de livros, a maioria cheios de anotações com a letrinha nítida de Desiderata. Uma mesa inteira permanecia coberta do que provavelmente seriam mapas meticulosamente desenhados.

Vovó Cera do Tempo não gostava de mapas. Ela tinha uma sensação instintiva de que subestimavam as paisagens.

— Ela certamente viajou um bocado — observou Tia Ogg, pegando um leque entalhado em marfim e balançando-o com ar coquete. (*Tia Ogg não sabia o que significava coquete, embora provavelmente pudesse arriscar um palpite.*)

— Bem, para ela era fácil — disse Vovó, abrindo algumas gavetas. Ela passou os dedos pela moldura da lareira e olhou para eles com expressão crítica. — Podia ter encontrado tempo para passar um espanador pela casa — comentou, num tom vago. — Eu não morreria deixando a minha casa neste estado.

— Queria saber onde será que ela deixou... sabe... aquilo — disse Tia Ogg, abrindo a porta do grande relógio de parede e espiando lá dentro.

— Que vergonha, Gytha Ogg. Não estamos aqui para procurar aquilo.

— É claro que não. Eu só estava imaginando... — Tia Ogg tentou ficar na ponta dos pés disfarçadamente para ver em cima do armário.

— Gytha! Não tem vergonha? Anda, vai preparar uma xícara de chá pra gente! — Ah, está bem.

Tia Ogg foi para a cozinha resmungando e desapareceu.

Após alguns segundos, ouviu-se o rangido de uma bomba d'água.

Vovó Cera do Tempo aproximou-se aos poucos de uma cadeira e apalpou depressa o assento abaixo da almofada.

Houve um tinido de louças no cômodo ao lado. Ela se esticou correndo.

— Também não acredito que esteja debaixo da pia — gritou.

A resposta de Tia Ogg foi inaudível.

Vovó esperou um momento e depois rastejou rapidamente até a grande chaminé. Ergueu a mão e tateou com cautela.

— Procurando alguma coisa, Esme? — perguntou Tia Ogg, atrás dela.

— A fuligem aqui em cima está terrível — respondeu Vovó, levantando-se rápido. — Fuligem terrível mesmo.

— Quer dizer que não está aí, então? — disse Tia Ogg, com delicadeza.

— Não sei do que está falando.

— Não precisa fingir. Todo mundo sabe que ela devia ter uma. Faz parte do trabalho. Praticamente é o trabalho.

— Bem... talvez eu só quisesse olhar — admitiu Vovó. — Só segurar um pouco. Não usá-la. Eu não usaria uma coisa dessas. Eu só cheguei a ver uma ou duas vezes. Não há muitas por aí, hoje em dia.

Tia Ogg concordou.

— Não dá pra encontrar a madeira.

— Você não acha que foi enterrada com ela, acha?

— Acho que não. Eu não gostaria de ser enterrada com uma. Coisas como essa representam muita responsabilidade. De todo modo, ela não ficaria enterrada. Uma coisa dessas quer ser usada. Ficaria chacoalhando dentro do caixão o tempo todo. Você sabe como causam problemas.

Ela relaxou um pouco.

— Vou ver as coisas pro chá. Você acende o fogo.

Ela voltou para a cozinha.

Vovó Cera do Tempo estendeu o braço acima da lareira para pegar os fósforos e depois percebeu que não havia nenhum.

Desiderata sempre dizia ser ocupada demais para não usar magia em casa. Até suas roupas se lavavam sozinhas.

Vovó não aprovava o uso da magia para fins domésticos.

Mas ficou incomodada. Ela queria o seu chá.

Jogou algumas toras dentro da lareira e ficou olhando fixamente para elas até pegarem fogo por puro constrangimento.

Nesse momento seu olhar foi capturado pelo espelho encoberto.

— Cobrir com um cobertor? — murmurou. — Não sabia que a velha Desiderata tinha medo de tempestades.

Ela arrancou a coberta com um puxão.

Olhou fixamente.

Poucas pessoas no mundo possuíam mais autocontrole que Vovó Cera do Tempo. Ela era tão rígida quanto uma barra de ferro fundido. E quase tão flexível quanto.

Então despedaçou o espelho.

Lilith permanecia sentada com as costas eretas em sua torre de espelhos. Ela? O rosto era diferente, é claro. Mais velho. Muito tempo se passara. Mas olhares não mudam, e as bruxas sempre olham para os olhos.

Ela! Margrete Alho, bruxa, também permanecia parada diante de um espelho. No caso dela, tratava-se de um objeto nada mágico. Ainda estava inteiro, mas já escapou por pouco, uma ou duas vezes.

Ela franziu a sobrancelha diante do próprio reflexo. Depois consultou o pequeno panfleto gravado em madeira barata que chegara no dia anterior. Murmurou algumas palavras em voz baixa,

esticou-se, estendeu a mão à sua frente, deu um soco enérgico no ar e disse: — HAAAAiiiiieeeeeeeehgh! Hum.

Margrete seria a primeira a admitir que tinha mente aberta. Tão aberta quanto um campo, tão aberta quanto o céu.

Nenhuma mente poderia ser mais aberta sem antes passar por procedimentos cirúrgicos especiais. E ela sempre esperava algo para preencher a sua. Naquele momento, sua mente era preenchida pela busca por paz espiritual, harmonia cósmica e pela essência verdadeira do Ser.

Quando as pessoas dizem "Me veio uma ideia", não se trata apenas de uma metáfora. Inspirações em estado bruto — partículas minúsculas de pensamento independentes de influências externas — são descarregadas pelo cosmos o tempo todo. São atraídas por mentes como a de Margrete da mesma forma como a água corre para um buraco no deserto.

Tudo se devia à falta de atenção de sua mãe em relação à ortografia das palavras, ela refletiu. Uma mãe cuidadosa teria soletrado Margarete corretamente. Aí ela poderia ser uma Marga ou Maggie — nomes fortes, robustos, confiáveis. Não havia muito o que fazer com Margrete. Soava como algo que vivia num buraco na ribanceira de um rio e era expelido pela cheia.

Pensou em mudar de nome, mas sabia, no fundo do seu coração, que não funcionaria. Mesmo se ela se tornasse uma Cloé ou Isabel por fora, no íntimo continuaria Margrete. Mas seria interessante tentar. Seria bom não ser uma Margrete, ainda que por algumas horas.

Pensamentos assim fazem as pessoas pegarem a estrada para Encontrarem a Si Mesmas. Uma das primeiras coisas que Margrete havia aprendido era que qualquer pessoa que Encontrasse a Si Mesma não deveria ser imprudente a ponto de contar à Vovó Cera do Tempo, que achava que a emancipação feminina era uma reclamação das mulheres que não deveria ser discutida na frente dos homens. Tia Ogg era mais solidária, mas tinha a tendência de soltar o que Margrete acreditava serem frases de duplo sentido, embora, no caso de Tia Ogg, geralmente tivessem um único sentido, do qual ela se orgulhava.

Em resumo, Margrete perdera a esperança de aprender alguma coisa com as bruxas mais experientes e estava atirando sua rede mais ao longe. Muito mais ao longe. Mesmo que o longe nunca conseguisse agarrá-la.

E uma coisa estranha que acontece com aqueles que buscam a sabedoria com determinação. Não importa onde estejam, sempre buscarão a sabedoria que está bem distante. A sabedoria é uma das poucas coisas que parecem maiores quanto mais longe estão. (*Por esse motivo existe, por exemplo, o Caminho da Senhora Cosmopolite, muito conhecido entre os jovens que vivem nos vales escondidos acima da linha da neve nas altas Ramtops.*) Naquele momento, Margrete encontrava-se no meio do Caminho do Escorpião, que oferecia harmonia cósmica, unidade interior e a possibilidade de arrancar os rins de um agressor pelos seus ouvidos. Ela fizera a encomenda pelo correio. Desdenhando a expressão cultural dos mais velhos — que se vestem de açafrão e giram as rodas de orações — sempre que podem, eles viajam até o número 3

da rua Quirm, na Ankh-Morpork plana e nebulosa, para buscar a sabedoria aos pés da senhora Marietta Cosmopolite, costureira. Ninguém sabe a razão disso, a não ser a já mencionada atração pela sabedoria distante, uma vez que não conseguem entender uma palavra que ela diz ou, mais frequentemente, grita para eles. Muitos são os monges carecas que retornam à sua alta fortaleza para meditar sobre os estranhos mantras revelados a eles, tais como: "Cai fora!", "Se eu pegar mais um desses danadinhos alaranjados olhando para mim, ele vai sentir o peso da minha mão, entendeu?" e "Por que é que vocês ficam vindo pra cá pra ficar olhando para os meus pés?". Eles até inventaram um novo estilo de arte marcial baseado em suas experiências, no qual gritam coisas incompreensíveis uns para os outros e depois batem no oponente com uma vassoura. Houve problemas. O autor, Grande Mestre Lobsang Dibbler, tinha endereço em Ankh-Morpork. Essa não parecia uma sede provável de sabedoria cósmica. Além disso, embora ele mencionasse muita coisa sobre o fato de que o Caminho não deveria ser usado para a agressão, somente para a sabedoria cósmica, isso aparecia em letras bem pequenas entre desenhos entusiasmados de pessoas batendo umas nas outras com mangual de debulhar arroz, gritando: "Hai!" Mais adiante, aprendia-se a partir tijolos ao meio com as mãos, a andar sobre carvões em brasa e outras coisas cósmicas. Margrete achou que Ninja seria um belo nome para uma menina.

Ela novamente se colocou diante de si no espelho.

Ouviu uma batida na porta. Margrete abriu.

— Hai? — disse.

Hurker, o invasor de terrenos, deu um passo para trás.

Ele já estava bastante abalado. Um lobo enraivecido o seguira durante parte do trajeto pela floresta.

— Hum — ele disse e se inclinou para a frente. Seu estado de choque mudou para preocupação. — Machucou a cabeça, senhorita? Ela ficou olhando sem compreender. Depois se deu conta.

Tirou da cabeça a faixa com a estampa de crisântemos, sem a qual é quase impossível buscar devidamente a sabedoria cósmica ao torcer os cotovelos do oponente em 360 graus.

— Não. O que você quer? — Tem um pacote pra você — respondeu Hurker, entregando-o.

Tinha cerca de cinquenta centímetros e era muito fino.

— E um bilhete — continuou Hurker, querendo ajudar. Ele arrastou os pés de um lado para o outro enquanto ela abria o papel e tentou ler por cima dos ombros dela.

— É particular — observou Margrete.

— É? — perguntou Hurker, conformado.

— Sim!

— Me disseram que você ia me dar um centavo pela entrega — disse o invasor. Margrete encontrou uma moeda na bolsa.

— O dinheiro forja as correntes que aprisionam as classes trabalhadoras — ela alertou, entregando o pagamento. Hurker, que nunca na vida pensara em si mesmo como sendo da classe trabalhadora, mas estava sempre disposto a ouvir praticamente qualquer tipo de bobagem em troca de um centavo, balançou a cabeça com inocência.

— E eu espero que a sua cabeça melhore, senhorita.

Quando Margrete ficou sozinha na sua cozinha-dojo, desembulhou o pacote. Continha uma vara fina e branca.

Ela olhou para o bilhete novamente. Estava escrito: "Nuca tive tempo di Trenar uma subistituta, então você vai ter que Fazer. Você tenque ir até a cidade de Genua. Eu mesma teria feto issu, só que não posso por causa de está morta. Ella Saturday NAUM devi se casar com o príncipi.

PS Isto é emportante."

Margrete olhou para o seu reflexo no espelho.

Voltou a olhar para o bilhete.

"PSPS Diga praquelas Veias Corocas que Nãum é pra elas irem coum Você, elas só Estragam tudo."

Tinha mais.

"PSPSPS Ela tem a tendêncea a voltar para abóbora, mas você pega o jeito rapidiu."

Margrete olhou para o espelho novamente. Depois para a varinha.

Num minuto, a vida está simples e, de repente, ela se apresenta cheia de complicações.

— Ai, ai. Sou uma fada madrinha!

Vovó Cera do Tempo continuava parada, olhando para os fragmentos unidos por uma estranha teia, quando Tia Ogg entrou correndo.

— Esme Cera do Tempo, o que foi que você fez? Isso dá azar, isso dá... Esme?

— Ela?

— Você está bem? Vovó Cera do Tempo apertou os olhos por um momento e chacoalhou a cabeça, como se tentasse expelir um pensamento impensável.

— O quê?

— Você ficou toda pálida. Nunca vi você ficar toda pálida assim. Vovó retirou lentamente um caco de vidro do seu chapéu.

— Bem... uma pequena reviravolta, com o espelho quebrando desse jeito... — murmurou.

Tia Ogg olhou para a mão de Vovó Cera do Tempo. Estava sangrando. Olhou para o rosto de Vovó Cera do Tempo e decidiu que nunca admitiria que olhou para a mão.

— Pode ser um sinal — começou, escolhendo um assunto seguro qualquer. — Quando alguém morre, acontece esse tipo de coisa. Quadros caem da parede, relógios param... grandes guarda-roupas caem escada abaixo... esse tipo de coisa.

— Nunca acreditei nessas coisas, são... como assim, guarda-roupas caem escada abaixo? — perguntou Vovó. Ela respirava fundo. Se não se conhecesse bem a resistência de Vovó Cera do Tempo, até se poderia pensar que acabara de ter o maior choque da sua vida e se encontrava praticamente desesperada para ficar batendo boca sobre coisas triviais do dia-a-dia.

— Foi o que aconteceu quando a minha tia-avó Sophie morreu — explicou Tia Ogg. — Três dias, quatro horas e seis minutos após o exato minuto em que ela morreu, seu guarda-roupa caiu escada abaixo. Darren e Jason tentavam incliná-lo e ele meio que escorregou, do nada. Sinistro. Beeem, eu não ia deixá-lo ali para a Ágata, ia? Só visitava a mãe na noite de Vigília do Porco, e fui eu

que cuidei de Sophie até o fim... Vovó deixou a ladainha conhecida e relaxante de Tia Ogg sobre rixas familiares tomar sua atenção enquanto tentava pegar as xícaras de chá.

Os Ogg eram o que se chama de família extensa — na verdade, não apenas extensa, como alongada, prolongada e persistente. Uma folha de papel normal não conseguiria abranger toda a sua árvore genealógica, que mais parecia um manguezal. Cada galho possuía uma briga crônica e não muito séria com todos os outros galhos, baseada em causas célebres tais como O Que O Kevin Disse Sobre O Nosso Stan No Casamento Da Prima Di e Quem Pegou O Faqueiro De Prata Que A Tia Prometeu Dar A Nossa Doreen Quando Morresse, Eu Gostaria De Saber, Muito Obrigada, Se Você Não Se Importar.

Tia Ogg, como matriarca incontestável, apoiava todos os lados sem discriminação. Era o que possuía de mais próximo a um hobby.

Os Ogg tinham, numa única família, rixas suficientes para manter uma Ozark cheia de caipiras normais por um século.

Às vezes, isso encorajava um forasteiro tolo a se aproximar e, talvez, fazer um comentário indelicado sobre um Ogg a outro Ogg. Diante disso, todos os Ogg se voltavam contra ele, com todos os lados da família se fechando num círculo que lembrava as peças de um motor de aço lubrificado conduzindo uma destruição impiedosa e imediata do intruso.

O povo das Ramtops acreditava que as rixas dos Ogg constituíam uma bênção. A ideia de que pudessem voltar sua imensa energia para o mundo parecia terrível. Felizmente, não havia

ninguém com quem um Ogg preferisse brigar a não ser outro Ogg. Família em primeiro lugar.

Famílias são coisas estranhas, se você parar para pensar...

— Esme? Está tudo bem?

— Quê? — Está fazendo essas xícaras chacoalharem feito loucas! E derramando chá na bandeja toda.

Vovó olhou perplexa para a bagunça e se recompôs da melhor forma que pôde.

— Não é minha culpa que as malditas xícaras sejam pequenas demais — resmungou.

A porta abriu.

— Bom dia, Margrete — acrescentou, sem olhar. — O que está fazendo aqui? Foi alguma coisa na maneira como as dobradiças rangeram.

Margrete conseguia até mesmo abrir uma porta como quem se desculpa. A bruxa mais jovem entrou na sala de lado e silenciosa, com o rosto vermelho feito uma beterraba, braços para trás.

— Acabamos de entrar para organizar as coisas de Desiderata, como é nossa obrigação perante uma bruxa irmã — disse Vovó, em voz alta.

— E não para procurar sua varinha mágica — completou Tia Ogg.

— Gytha Ogg! Tia Ogg pareceu se sentir culpada por um momento e tombou a cabeça de lado.

— Desculpe, Esme.

Margrete trouxe os braços para a frente, cruzados.

— É... — ela começou e corou ainda mais.

— Você encontrou! — exclamou Ogg.

— Hã, não — disse Margrete, sem ousar olhar Vovó nos olhos.

— Desiderata a deu a... mim.

Ouviram-se o estalo e o zumbido do silêncio.

— Ela deu a você? — repetiu Vovó Cera do Tempo.

— Hã. Sim.

Tia e Vovó se entreolharam.

— É...! — começou Tia Ogg.

— Ela conhece você, não? — perguntou Vovó, voltando a olhar para Margrete.

— Eu costumava vir bastante aqui para ver os livros dela — confessou Margrete. — E... e ela gostava de fazer pratos estrangeiros, e ninguém mais por aqui comia, então eu vinha fazer companhia a ela.

— Arrá! Bajulação ao curry! — gritou Vovó.

— Mas eu nunca achei que ela fosse me deixar a varinha. Não achei mesmo! — Provavelmente houve algum engano — observou Tia Ogg, num tom cordial. — Ela provavelmente queria que você a desse para alguma de nós.

— Deve ser isso mesmo, você está certa — concordou Vovó.

— Ela sabia que você era boa em fazer entregas e coisas do tipo.

Vamos dar uma olhada.

Ela estendeu a mão.

Os dedos de Margrete apertaram-se em volta da varinha.

— ... Ela deu pra mim... — disse, com voz minúscula.

— Ela definitivamente estava delirando quando chegou perto do fim — comentou Vovó.

— ... Ela deu pra mim...

— Ser fada madrinha é uma responsabilidade terrível — observou Tia Ogg. — Você tem que ser desinibida, flexível, discreta e capaz de lidar com questões complicadas do coração e coisas assim. Desiderata devia saber disso.

— ... E, mas ela deu pra mim...

— Margrete Alho, como a bruxa mais experiente, eu ordeno que você me dê a varinha — disse Vovó. — Elas só causam problemas! — Espera um pouco — interrompeu Tia Ogg. — Está indo um pouco longe...

— ... Não... — respondeu Margrete.

— Além do mais, você não é a bruxa mais experiente — continuou Tia Ogg. — A Velha Mãe Dismass é mais velha que você.

— Cala a boca. Além do mais, ela é não compôs mentes** — disse Vovó.

— ... Vocês não podem me dar ordens. As bruxas não têm relações hierárquicas... — observou Margrete.

— Esse é um comportamento imoral, Margrete Alho!

— Não é, não — discordou Tia Ogg, tentando manter a ordem. — Comportamento imoral é quando você anda por aí sem usar...

Ela parou. As duas bruxas mais velhas viram um pequeno pedaço de papel cair da manga de Margrete e ir até o chão num zigue-zague. Vovó correu na direção dele e o catou.

— Arrá! — exultou, triunfante. — Vamos ver o que Desiderata realmente disse...

Seus lábios moveram-se enquanto lia o bilhete. Margrete assumiu postura mais firme.

Alguns músculos do rosto de Vovó tremeram. Depois, calmamente, amassou o bilhete: — Exatamente como imaginei. Desiderata diz que devemos dar a Margrete todo auxílio possível, ainda mais por ela ser jovem e tudo mais. Não é, Margrete? Margrete ergueu a cabeça para encarar Vovó.

Você poderia desafiá-la, pensou. O bilhete era muito claro... bem, pelo menos a parte sobre as bruxas mais velhas... Você poderia dizer a ela para ler em voz alta. Está claro como água. Você quer ser a terceira bruxa para sempre? Então, a chama da rebeldia, que ardeu numa fornalha muito familiar, se apagou.

— Sim — murmurou, desanimada —, alguma coisa assim.

— Diz aqui que é muito importante que a gente vá a algum lugar não sei onde para ajudar alguém a se casar com um príncipe — disse Vovó.

— É Genua — observou Margrete. — Eu consultei os livros de Desiderata. Temos que fazer de tudo para ela não se casar com um príncipe.

— Uma fada madrinha impedindo uma garota de se casar com um príncipe? — perguntou Tia Ogg. — Soa meio... ao contrário.

— Deve ser um desejo bem fácil de realizar, pelo menos — ponderou Vovó. — Milhões de garotas não se casam com príncipes.

Margrete fez um esforço: — Genua fica realmente muito longe.

— Espero que sim — disse Vovó Cera do Tempo. — A última coisa que queremos são terras estrangeiras aqui por perto.

— O que estou dizendo é que será preciso viajar muito — continuou Margrete, abatida. — E vocês não são mais... tão jovens como eram. Houve um silêncio longo e tumultuado.

— Começamos amanhã — sugeriu Vovó Cera do Tempo, com firmeza.

— Olha — começou Margrete, desesperadamente —, por que eu não vou sozinha?

— Porque você não tem experiência em ser fada madrinha — disse Margrete.

— Bem, nem vocês.

— É verdade — Vovó admitiu. — Mas a questão é... a questão é... a questão é que somos inexperientes há muito mais tempo que você.

— Somos muito experientes em não ter experiência alguma — concordou Tia Ogg, contente.

— E é isso o que conta — disse Vovó.

Havia apenas um espelho pequeno e manchado na casa de Vovó. Quando chegou em casa, ela o enterrou no fundo do jardim.

— Pronto. Tenta me espionar agora.

As pessoas nunca acharam possível que Jason Ogg, ferreiro e ferrador, fosse filho de Tia Ogg. Ele não parecia ter nascido era como se tivesse sido construído num estaleiro. Para a sua natureza essencialmente lenta e delicada, a genética achou apropriado colocar músculos que deveriam pertencer a alguns louros, braços que lembram troncos de árvore e pernas que parecem quatro barris de cerveja empilhados dois a dois.

Eram levados à sua forja incandescente os garanhões dos haras, os reis encrespados e de olhos vermelhos do mundo dos cavalos, as feras com ferraduras de prato de sopa que fizeram homens frágeis atravessar a parede com seus coices. Mas Jason Ogg conhecia os segredos da Linguagem Mística dos Cavalariços. Ele entrava sozinho na forja, fechava a porta com educação e saía novamente meia hora depois, guiando a criatura recém-ferrada e estranhamente mansa. *(Uma vez, Vovó Cera do Tempo o questionou a respeito disso e, como não se pode guardar segredo para bruxas, ele respondeu, com timidez: "Bem, dona, o que acontece é que nós pega eles, dá uma pancada no meio do zóio co martelo antes deles vê o que tá acontecenu e depois fala baixinho na oreia: "Fica de brincadeira comigo, seu danadinho, qu'eu ponho tuas bola na bigorna, cê sabe qu'eu ponho".)*

Atrás de seu corpo imenso e sombrio estavam aglomerados o resto da infinita família Ogg e muitas das outras pessoas da cidade, que, ao imaginarem alguma atividade interessante envolvendo bruxas, não conseguiam resistir à oportunidade de darem o que era conhecido nas Ramtops como uma boa espiadela.

— Tamos indo, então, Jasonzinho — disse Tia Ogg. — Dizem até que as ruas no estrangeiro são pavimentadas com ouro. Acho que dava pra ficar rica, hein? As sobrancelhas peludas de Jason arquearam-se num instante de pensamento intenso.

— Nós tamo precisando de uma bigorna nova lá na forja — sugeriu.

— Se eu voltar rica, você nunca mais terá que ir lá pra forja de novo — prometeu Tia Ogg.

Jason franziu a testa.

— Mas nós gosta da forja — ele disse, devagar.

Tia Ogg pareceu perplexa por um momento.

— Bom, então... então você terá uma bigorna feita de prata maciça.

— Num vai ser boa, não, mãe. Ia ser mole demais — observou Jason.

— Se eu trazer uma bigorna de prata maciça, você vai ganhar uma bigorna de prata maciça, meu rapaz, queira você ou não! Jason tombou a cabeça enorme.

— Sim, mamãe.

— Arrume alguém pra vir e deixar a casa arejada todo dia, sem falta — pediu Tia Ogg. — Quero uma fogueira acesa naquela lareira todas as manhãs.

— Sim, mamãe.

— Todo mundo tem que passar pela porta dos fundos, tá me ouvindo? Eu pus um feitiço na varanda da frente. Aonde aquelas meninas vão com a minha bagagem? — Ela saiu correndo, e parecia uma pequena codorna cinza dando sermão num bando de galinhas.

Margrete ouvia tudo com interesse. Suas preparações resumiam-se a um saco grande com algumas trocas de roupas prontas para receber qualquer tipo de clima que o estrangeiro apresentasse e um saco bem pequeno com alguns livros aparentemente úteis do chalé de Desiderata Hollow. Desiderata era muito boa em fazer anotações e enchera dúzias de livrinhos com sua letrinha caprichada e títulos como "Atravessando o Grande Deserto Nef com Varinha e Vassoura".

Ela nunca se preocupara, aparentemente, em escrever qualquer instrução para o uso da varinha. Até onde Margrete sabia, era só balançar e desejar. No caminho até o chalé, algumas abóboras imprevistas foram testemunhas de que essa não era uma estratégia confiável.

Uma delas ainda acreditava ser um arminho.

Margrete foi deixada a sós com Jason, que olhava para cima e assobiava. Ele passou a mão no topete. Fora criado para ser respeitoso com as mulheres, e Margrete entrava claramente nessa categoria.

— Você vai cuidar da mamãe, não vai, dona Alho? — perguntou, com um toque de preocupação na voz. — Ela tá agindo de um jeito esquisito demais. Margrete passou a mão com delicadeza em seu ombro.

— Esse tipo de coisa acontece muito. Sabe, depois que a mulher cria os filhos e tal, ela tem vontade de começar a viver a própria vida.

— Ela tava vivendo a vida de quem, então? Margrete olhou para ele perplexa. Não havia questionado o grau de erudição do pensamento quando ele veio à sua mente.

— Sabe, é o seguinte — começou, inventando uma explicação à medida que falava —, chega um momento na vida da mulher em que ela precisa se encontrar.

— Por que ela num começa a procurar aqui? — queixou-se Jason. — Sabe, num tô querendo fazer ela mudar de rumo, dona Alho, mas a gente távamos pensando que você podia convencer ela e a dona Cera do Tempo a não ir.

— Eu tentei. Tentei mesmo. Eu disse: vocês não devem ir. Anno Domini, eu disse. Não são mais tão jovens, eu disse. Besteira percorrer centenas de quilômetros por causa de uma coisa dessas, especialmente na idade de vocês.

Jason pôs a cabeça para o lado. Jason Ogg não chegaria às finais da prova de velocidade de compreensão do All-Discworld Games, mas conhecia a própria mãe.

— Você disse tudo isso pra mãe? — perguntou.

— Olha, não se preocupe, tenho certeza de que nada de mau... Houve um estrondo em algum lugar acima de suas cabeças.

Algumas folhas de outono desceram numa espiral suave até o chão.

— Maldita árvore... quem pôs essa maldita árvore aí? — uma voz veio de cima.

— É a Vovó — disse Margrete.

Esse constituía um dos pontos fracos da personalidade de Vovó Cera do Tempo, que, fora isso, era bem desenvolvida.

Nunca se preocupara em aprender a dirigir as coisas. Era algo estranho à sua natureza. Ela assumiu a opinião de que tinha a obrigação de mover as coisas, e o resto do mundo deveria se organizar para que ela chegasse ao seu destino. Isso significava que, de vez em quando, descia de árvores nas quais nunca havia subido. Exatamente o que fez naquele momento, soltando-se nos últimos metros e desafiando qualquer um a fazer algum tipo de comentário.

— Bom, agora estamos todas aqui — observou Margrete, animada.

Não funcionou. O olhar de Vovó Cera do Tempo concentrou-se imediatamente em algum lugar ao redor dos joelhos de Margrete.

— E o que você acha que está usando? — perguntou.

— Ah. Hum. Eu achei... quer dizer, faz frio lá em cima... ainda mais com o vento e tudo mais — começou Margrete. Ela já temia isso e se odiava por ser tão fraca. Afinal, a peça era, sim, muito prática. Tivera a ideia uma noite. Além do mais, era quase impossível dar os chutes mortais de harmonia cósmica do senhor Lobsang Dibbler com as pernas enroscando na saia.

— Calça? — Não é exatamente igual à calça comum...

— E tem homem aqui vendo isso — comentou Vovó. — Acho vergonhoso! — O quê? — perguntou Tia Ogg, aproximando-se por trás dela.

— Margrete Alho, bifurcada aí na nossa frente — respondeu Vovó, empinando o nariz.

— Desde que ela tenha ficado cora o nome e o endereço do rapaz — comentou Tia Ogg, num tom cordial.

-Tia! — Acho que deve ser bem confortável — continuou Tia Ogg. — Só meio folgada demais.

— Eu não aceito isso — disse Vovó. — Todo mundo pode ver as pernas dela.

— Não pode, não — discordou Tia Ogg. — E o motivo é que o material está na frente.

— É, mas dá para ver onde as pernas dela estão — insistiu Vovó Cera do Tempo.

— Isso é bobagem. É o mesmo que dizer que todo mundo está nu debaixo das roupas — desdenhou Margrete.

— Margrete Alho, que você seja perdoada — disse Vovó Cera do Tempo.

— Mas é verdade! — Eu não estou — observou Vovó, em tom categórico. — Estou com duas túnicas por baixo.

Ela olhou para Tia Ogg de cima a baixo. Gytha Ogg também fizera preparativos de alfaiataria para ir a terras estrangeiras.

Vovó não conseguiu encontrar muita coisa que desaprovasse, mas não por falta de esforço.

— E olha só o seu chapéu — murmurou.

Tia Ogg, que conhecia Esme Cera do Tempo havia setenta anos, deu apenas um sorriso malicioso.

— Última moda, hein? Feito pelo senhor Vernissage, em Slice. Possui reforço de salgueiro até a ponta e dezoito bolsos internos. Consegue parar um golpe de martelo, este chapéu. E o que acham disso? Tia Ogg ergueu a barra da saia. Ela usava botas novas.

Como botas, Vovó Cera do Tempo não encontrou nada de que pudesse reclamar. Tinham estrutura adequada para bruxas, o que significa dizer que uma carroça carregada poderia passar por cima delas sem deixar marca de amassado no couro espesso.

Como botas, a única coisa errada com elas era a cor.

— Vermelho? — perguntou Vovó. — Isso não é cor de bota de bruxa! — Eu gosto — disse Tia Ogg.

Vovó torceu o nariz.

— Pode fazer como achar melhor. Tenho certeza de que no estrangeiro eles são loucos por todo tipo de coisa bizarra. Mas você sabe o que dizem sobre mulheres que usam botas vermelhas.

— Desde que também digam que elas ficam com o pé seco — emendou Tia Ogg, animada. Ela pôs a chave de sua casa na mão de Jason.

— Vou escrever pra você, se prometer que encontrará alguém pra ler pra você — disse.

— Sim, mamãe. E o gato, mãe? — Ah, Greebo vem com a gente.

— O quê? Mas ele é um gato! — gritou Vovó Cera do Tempo. — Não pode levar um gato com você! Eu não vou viajar com gato nenhum! Já é ruim o suficiente ter que viajar com alguém de calças e alguém com botas provocantes! — Ele vai ficar com saudade da mamãe, se for deixado aqui. Não vai? — disse Tia Ogg, num tom sentimental, pegando Greebo no colo. Ele ficou todo mole, como um saco de água preso pelo meio.

Para Tia Ogg, Greebo era o gatinho fofo que corria atrás de novelos de lã pelo chão.

Para o resto do mundo, era um gato enorme, um pacote de forças vitais incrivelmente indestrutíveis dentro de um couro que não parecia pele de animal, mas um pedaço de pão deixado num lugar úmido durante quinze dias. Os estranhos sempre ficavam com pena dele porque suas orelhas não existiam e sua cara dava a impressão de que um urso acampara em cima dela.

Não sabiam que ela era assim porque, por uma questão de orgulho felino, tentava violentar ou brigar com absolutamente qualquer coisa, incluindo uma carroça para transporte de toras puxada por quatro cavalos. Cães ferozes gemiam e se escondiam

debaixo da escada quando Greebo passava pela rua. Raposas mantinham-se distantes da aldeia. Lobos davam meia-volta.

— Ele é só um velho molengão mesmo — comentou Tia Ogg.

Greebo lançou um olhar malévolos, amarelo e convencido para Vovó Cera do Tempo — aquele olhar que os gatos sempre reservam para as pessoas que não gostam deles — e ronronou.

Era provavelmente o único gato que conseguia ronronar com escárnio.

— Além do mais — continuou Tia Ogg —, bruxas devem gostar de gatos.

— Não de gatos como ele. Não devem.

— Você simplesmente não gosta de gatos, Esme — observou Tia Ogg, abraçando Greebo com força.

Jason Ogg puxou Margrete para o lado.

— O Seanzinho leu pra mim no almanaque que tem um monte de feras selvagens assustadoras no estrangeiro — sussurrou. — Coisas enormes e peludas que pulam em cima dos viajantes. Odeio pensar o que aconteceria se elas pulassem em cima da mamãe e da Vovó.

Margrete esticou o pescoço para olhar para o seu grande rosto vermelho.

— Você vai cuidar para que não aconteça nada de ruim com elas, não vai? — Não se preocupe — ela disse, esperando que realmente não precisasse. — Farei o possível.

Jason acenou com a cabeça.

— No almanaque dizia que algumas delas estão quase extintas mesmo. O sol estava bem alto quando as três bruxas subiram ao céu

numa espiral. Elas tinham se atrasado um pouco por causa da teimosia da vassoura de Vovó Cera do Tempo, cuja partida sempre exigia muita galopada de um lado para o outro. Ela nunca entendia o recado até ser empurrada pelo ar a uma velocidade frenética. Anões engenheiros de toda parte haviam se confessado totalmente boquiabertos com ela. Chegaram a substituir o cabo e as cerdas dezenas de vezes.

Quando finalmente subia, ouvia-se um coro de vivas e aplausos.

O minúsculo reino de Lancre ocupava pouco mais que um corte amplo, mas superficial, na lateral das montanhas Ramtops.

Atrás dele, picos afiados e vales escuros e tortuosos subiam até a sólida espinha dorsal das cordilheiras centrais.

À frente, a terra caía de modo abrupto na planície Sto, uma neblina azul sobre florestas, uma extensão mais ampla de oceano e, em algum lugar no meio de tudo isso, um borrão marrom conhecido como Ankh-Morpork.

Uma cotovia cantava, ou pelo menos tentava cantar. A ponta do chapéu de Vovó Cera do Tempo em ascensão logo abaixo dela deixou-a completamente fora de ritmo.

— Não vou subir mais do que isso — disse.

— Se formos alto o suficiente, poderemos ver aonde estamos indo — observou Margrete.

— Você disse que tinha visto os mapas de Desiderata — lembrou Vovó.

— Mas daqui de cima as coisas parecem diferentes. Mais... salientes. Mas acho que vamos... por ali.

— Tem certeza? Era a pergunta errada a se fazer a uma bruxa. Especialmente se a pessoa que fazia a pergunta era Vovó Cera do Tempo.

— Absoluta — respondeu Margrete.

Tia Ogg ergueu a cabeça e olhou para os picos altos.

— Há muitas montanhas grandes no caminho.

Elas se elevavam camada por camada, cobertas de neve, revelando infinitas flâmulas de cristais de gelo no alto. Ninguém esquiava nas altas Ramtops, ao menos não por mais de alguns metros e de um grito se esvaecendo. Ninguém subia correndo por elas cantando e usando corpetes justos e saias rodadas. Não eram montanhas amigáveis. Eram o tipo de montanha onde os invernos gostavam de passar as férias de verão.

— Há desfiladeiros e coisas assim entre elas — observou Margrete, indecisa.

— Só podia ser assim — disse Tia Ogg.

Você pode usar dois espelhos desse jeito, se souber como fazer: coloque-os numa posição em que um reflita o outro. Porque, se as imagens tiverem o poder de roubar um pouco de você, então elas podem ampliá-lo, fazendo com que retorne a si mesmo, lhe dando poder...

E sua imagem se expande para sempre, em reflexos de reflexos de reflexos, e cada imagem é a mesma por toda a curva da luz.

Mas não é.

Os espelhos contêm o infinito.

O infinito contém mais coisas do que você imagina.

Tudo, para começar.

Inclusive desejo.

Porque há um milhão de bilhões de imagens, e apenas uma alma para lhes dar vida.

Os espelhos dão bastante, mas retiram muito.

As montanhas desdobravam-se e revelavam mais montanhas.

Nuvens se acumulavam, pesadas e cinzentas.

— Tenho certeza de que estamos indo na direção certa — disse Margrete. Rochas glaciais estendiam-se diante delas. As bruxas voavam por um labirinto de pequenos desfiladeiros sinuosos, todos iguais.

— É — concordou Vovó.

— Ora, você não me deixa voar alto o suficiente — protestou Margrete.

— Vai nevar canivete logo, logo — observou Tia Ogg.

A noite começava. A luz escorria para fora dos altos vales feito pudim.

— Achei... que haveria aldeias e coisas do tipo — começou Margrete — onde poderíamos comprar artigos nativos interessantes e buscar abrigo em cabanas toscas.

— Você não encontraria nem trolls aqui em cima — disse Vovó.

As três vassouras deslizaram na direção de um vale ermo, um mero entalhe na encosta da montanha.

— E tá um frio desgraçado — continuou Tia Ogg. Ela abriu um sorriso. — Por que será que chamam elas de toscas? Vovó Cera do Tempo desceu da vassoura e examinou o rochedo à sua volta. Catou uma pedra e a cheirou. Andou até um monte de rochas soltas —

que, para Margrete, era igual a qualquer outro monte de rochas soltas — e o cutucou.

— Hum.

Alguns cristais de neve se assentaram em seu chapéu.

— Ora, ora — acrescentou.

— O que está fazendo, Vovó? — perguntou Margrete.

— Tô cogitando.

Vovó foi até a parte íngreme do vale e caminhou examinando a pedra. Tia Ogg juntou-se a ela.

— Aqui em cima? — perguntou.

— Acho que sim.

— Um pouco alto para eles, não acha? — Os danadinhos chegam a todo lugar. Teve um que apareceu na minha cozinha uma vez — lembrou Vovó. — Estava seguindo uma fenda no solo.

— São loucos por essas coisas — concordou Tia Ogg.

— Será que poderiam fazer o favor de me dizer — começou Margrete — o que estão fazendo? O que há de tão interessante em montes de rochas quebradas? A neve começou a cair um pouco mais rápido.

— Não são rochas, são restos de escavação — corrigiu Vovó.

Ela foi até uma parede de rocha lisa coberta de gelo. Nada diferente, aos olhos de Margrete, das rochas disponíveis por toda parte nas montanhas, numa variedade de tamanhos bons-para-se-morrer-em-cima. Vovó parou como se tentasse escutar algo. Depois recuou, bateu forte na rocha com a vassoura e pronunciou as seguintes palavras: — Abram, seus danadinhos! Tia Ogg chutou a rocha. Elas ouviram um ruído oco.

— Tem gente morrendo de frio aqui fora! — acrescentou.

Nada aconteceu por alguns instantes. Em seguida, um segmento de rochas deslocou-se alguns centímetros. Margrete avistou o lampejo de um olho desconfiado.

— Sim? — Anões? — perguntou Margrete.

Vovó Cera do Tempo abaixou-se até ficar com o nariz no mesmo nível do olho que a espiava.

— Meu nome é Vovó Cera do Tempo.

Ela se endireitou novamente, com o rosto radiante de orgulho.

— Que é quem? — perguntou a voz que vinha de algum lugar abaixo de seu olho. A expressão de Vovó congelou.

Tia Ogg cutucou a parceira.

— Devemos estar a mais de oitenta quilômetros de casa. Pode ser que não tenham ouvido falar de você por estes lados.

Vovó abaixou-se mais uma vez. Flocos de neve acumulados caíram do seu chapéu em forma de cascata.

— Não culpo você, mas sei que tem um rei aí dentro. Vai lá e diz a ele que Vovó Cera do Tempo está aqui, está bem? — Ele está muito ocupado — respondeu a voz. — Acabamos de ter alguns problemas.

— Então tenho certeza de que não querem ter ainda mais.

O dono da voz pareceu considerar o que ouviu.

— Colocamos dizeres na porta — ele observou, aborrecido. — Em runas invisíveis. E muito caro conseguir quem faça runas invisíveis bem-feitas.

— Eu não ando por aí lendo portas — disse Vovó.

O dono da voz hesitou: — Você disse Cera do Tempo? — Sim. Com C. De "Caldeirão de bruxa".

A porta bateu. Fechada, a fenda na rocha era quase imperceptível. A neve caía rápido nesse momento. Vovó Cera do Tempo deu alguns pulinhos para se manter aquecida.

— Os estrangeiros são assim — ela disse para o mundo congelado em geral.

— Acho que não se pode chamar anões de estrangeiros — ponderou Tia Ogg.

— Não vejo por que não. Um anão que vive num lugar muito distante tem que ser estrangeiro. É isso o que estrangeiro significa.

— Ê? Engraçado ver a coisa dessa maneira.

Elas ficaram olhando para a porta. Sua respiração formava três nuvenzinhas no ar cada vez mais escuro. Margrete examinou a porta de pedra.

— Não vi nenhuma runa invisível.

— Claro que não — disse Tia Ogg. — É porque elas são invisíveis.

— É — concordou Vovó Cera do Tempo. — Não seja doida.

A porta se abriu mais uma vez.

— Falei com o Rei — disse a voz.

— E o que ele disse? — perguntou Vovó, cheia de expectativa.

— Ele disse: "Oh, não! Mais essa ainda hoje!" Vovó abriu um sorriso.

— Sabia que ele já ouvira falar de mim.

Do mesmo modo como há mil Reis dos Ciganos, há também mil Reis dos Anões. O termo significa algo como "engenheiro sênior".

Não existe Rainha dos Anões. Eles são muito reservados quando se trata de revelar o próprio sexo, o que a maioria deles não considera tão importante, comparado a coisas como metalurgia e hidráulica.

Esse rei encontrava-se parado no meio de uma multidão de mineiros, gritando. (*Muitas das tribos mais tradicionais de anões não possuem pronomes femininos como "ela" ou "a". Logo, a paquera entre anões é uma questão incrivelmente delicada.*)

Ele olhou para as bruxas com a expressão de quem está se afogando e vê um copo de água.

— Você é boa mesmo? — perguntou.

Tia Ogg e Vovó Cera do Tempo se entreolharam.

— Acho que ele está falando com você, Margrete — disse Vovó.

— Acontece que tivemos uma queda grande na galeria nove — começou o Rei. — A coisa está feia. Um veio muito promissor de quartzo com ouro está irreparavelmente inacessível.

Um dos anões perto dele murmurou algo.

— Ah, sim. E também alguns dos rapazes — completou o Rei, num tom vago.

— Aí, vocês aparecem. Do modo como vejo, provavelmente é o destino. Vovó Cera do Tempo sacudiu a neve do seu chapéu e olhou ao redor. Contra a sua vontade, sentia-se impressionada. Não se viam muitos alojamentos de anões decentes ultimamente. A maioria dos anões estava nas grandes cidades, ganhando muito dinheiro nas planícies, onde era bem mais fácil ser anão — para começar, não precisavam passar a maior parte do tempo debaixo da terra acertando o dedão com o martelo e se preocupando com as flutuações do mercado internacional de metais. Falta de respeito

pela tradição, esse era o problema nos dias atuais. Veja os trolls, por exemplo. Havia mais trolls em Ankh-Morpork do que em toda a cadeia montanhosa. Vovó Cera do Tempo não tinha nada contra os trolls, mas sua intuição dizia-lhe que, se mais trolls parassem de usar terno, de andar eretos e voltassem a viver debaixo de pontes, saltando de repente para comer as pessoas, como é de sua natureza, o mundo seria um lugar mais feliz.

— E melhor nos mostrar onde está o problema — ela pediu.

— Muitas rochas desmoronaram, é?

— Perdão? — perguntou o Rei.

Com frequência se ouve dizer que os esquimós têm cinquenta palavras para neve. (*Bem, não com frequência. Pelo menos não todo dia. Nem em todo lugar. Mas, provavelmente, em alguns países frios as pessoas dizem "Ei, aqueles esquimós! Que povo! Cinquenta palavras para neve! Dá pra acreditar nisso? Incrível!" muitas vezes. Não possuem. Eles não têm nenhuma palavra para pedra, da mesma forma como os peixes não têm palavras para água.*) Isso não é verdade.

Também dizem que os anões possuem duzentas palavras para rocha.

Eles têm, sim, palavras para rocha ígnea, rocha sedimentar, rocha metamórfica, rocha embaixo do chão, rocha do alto caindo no seu capacete e rocha que parecia interessante e que eles poderiam jurar que deixaram aqui ontem. Mas não têm uma palavra que signifique "rocha". Mostre uma rocha a um anão e ele verá, por exemplo, uma porção de sulfato de bário cristalino.

Ou, neste caso, cerca de duzentas toneladas de xisto de baixa qualidade. Quando as bruxas chegaram ao local do desastre, dúzias de anões trabalhavam fervorosamente para escorar o teto rachado e carregar o entulho para fora. Alguns estavam aos prantos.

— Terrível... terrível — murmurou um deles. — Que coisa terrível. Margrete emprestou-lhe seu lenço. Ele assoou o nariz fazendo barulho.

— Pode ter sido um grande deslizamento na fenda, e, nesse caso, vamos perder o veio inteiro — explicou, balançando a cabeça. Outro anão bateu nas suas costas.

— Veja pelo lado positivo. É possível puxar um poço horizontal a partir da galeria quinze. Com certeza retomaremos essa área, não se preocupe.

— Desculpe — interrompeu Margrete — existem anões por trás de toda essa coisa, não?

— Ah, sim — respondeu o Rei. Seu tom de voz sugeria que aquele era apenas um efeito colateral lamentável do desastre.

Conseguir anões novos era apenas questão de tempo, ao passo que boas rochas contendo ouro era um recurso não-renovável.

Vovó Cera do Tempo fez uma inspeção crítica das rochas desmoronadas.

— Teremos que tirar todo mundo daqui. Isso terá que ser particular.

— Sei como é — concordou o Rei. — Segredos do ofício, imagino? — Algo do tipo — respondeu Vovó.

O Rei enxotou os outros anões para fora do túnel, deixando as bruxas a sós, à luz do lampião. Alguns pedaços de rocha caíram do

teto.

— Hum — começou Vovó.

— Agora você vai e faz — disse Tia Ogg.

— Qualquer coisa é possível quando se deseja intensamente — comentou Vovó, sem muita certeza.

— Então é melhor você desejar muito, Esme. Se o Criador quisesse que usássemos bruxaria para mudar rochas de lugar, ele não teria inventado a pá. Saber quando usar a pá é o segredo da bruxaria. E você largue esse carrinho de mão, Margrete. Você não sabe nada de maquinaria.

— Está bem, então — disse Margrete. — Por que não tentamos a varinha? Vovó Cera do Tempo bufou.

— Rá! Aqui? Quem é que já ouviu falar numa fada madrinha dentro de uma mina? — Se estivesse encurralada por um monte de rochas debaixo de uma montanha, eu gostaria de encontrar uma — observou Margrete, ansiosa. Tia Ogg concordou.

— Ela tem razão, Esme. Não existe nenhuma regra sobre onde a fada madrinha pode atuar.

— Não confio na varinha — disse Vovó. — Parece coisa de mago, pra mim.

— Ah, que é isso? — começou Margrete. — Gerações de fadas mdrinhas têm usado as varinhas.

Vovó ergueu as mãos no ar.

— Está bem, está bem, está bem — concordou, com irritação.

— Vá em frente! Faça papel de louca! Margrete tirou a varinha do saco. Aquele era o momento que ela mais temia. A varinha era feita de osso ou marfim. Margrete torcia para que não fosse de

marfim. Um dia, existiram algumas inscrições nela, mas várias gerações de fadas madrinhas de mãos rechonchudas a haviam deixado quase lisa. Diversos anéis de ouro e prata se encontravam encravados nela. Não havia instruções em lugar algum. Nem sequer uma runa ou símbolo em toda a sua extensão que indicasse o que fazer com ela.

— Acho que você tem que balançar ela — sugeriu Tia Ogg. — Tenho quase certeza de que é alguma coisa assim.

Vovó Cera do Tempo cruzou os braços.

— Uma bruxa não pode fazer as coisas desse jeito — disse.

Margrete experimentou balançar a varinha. Nada aconteceu.

— Será que você tem que dizer alguma coisa? — ponderou Tia Ogg.

Margrete parecia entrar em pânico: — O que as fadas madrinhas dizem? — gritou.

— É... — começou Tia Ogg. — Não sei.

— Hã! — disse Vovó.

Tia Ogg suspirou.

— Desiderata não lhe disse nada?.

— Nada! Tia Ogg encolheu os ombros.

— Faça o que puder, então.

Margrete olhou fixamente para o monte de rochas. Fechou os olhos. Respirou fundo. Tentou fazer da sua mente uma paisagem serena de harmonia cósmica. Para os monges, era muito fácil falar em harmonia cósmica, refletiu, bem aconchegados em montanhas cobertas de neve apenas com o abominável homem-das-neves com

que se preocupar. Eles nunca tentaram buscar a paz interior com Vovó Cera do Tempo olhando fixamente para eles.

Ela balançou a varinha de modo vago e tentou não pensar em abóboras. Sentiu o ar se movimentar. Ouviu a respiração ofegante de Tia Ogg. Margrete perguntou: — Aconteceu alguma coisa? Depois de algum tempo, Tia Ogg disse: — Sim. Pode-se dizer que sim. Só espero que eles estejam com fome. E Vovó Cera do Tempo disse: — Isso é ser fada madrinha, é? Margrete abriu os olhos.

Ainda havia um monte, mas não de rochas.

— Acho que, olha só, acho que você falou abobrinha — disse Tia Ogg. Margrete abriu mais os olhos.

— Ainda abóboras? — Acho que você falou abobrinha. Abobrinha — repetiu Tia Ogg, caso alguém não tivesse entendido.

A parte de cima do monte se moveu. Algumas abóboras pequenas rolaram quase até os pés de Margrete, e um pequeno rosto de anão apareceu no buraco. Ele ficou encarando as bruxas.

Finalmente, Tia Ogg disse: — Está tudo bem, então? O anão fez que sim com a cabeça. Sua atenção voltava-se para a pilha de abóboras que preenchia o túnel do chão ao teto.

— É... sim. Papai está aí? — Papai? — O Rei.

— Ah. — Tia Ogg pôs as mãos em volta da boca e virou-se para a abertura do túnel. — Ei, Rei! Os anões apareceram. Eles também olharam para as abóboras. O Rei deu um passo à frente e olhou para o alto, para o rosto do filho.

— Está tudo bem, filho? — Tudo bem, papai. Nenhum deslizamento na fenda nem nada do tipo. O Rei relaxou aliviado. Em

seguida, com um pensamento tardio, acrescentou: — Todo mundo bem? — Ótimos, papai.

— Fiquei bastante preocupado por aqui. Achei que tivéssemos atingido uma seção de conglomerados ou algo assim.

— Só um trecho de xisto deslocado, papai.

— Ótimo. — O Rei olhou para o monte mais uma vez. Coçou a barba. — Não posso deixar de notar que encontrou abóbora.

— Achei que fosse uma espécie estranha de arenito, papai.

O Rei voltou até onde as bruxas estavam.

— Vocês conseguem transformar qualquer coisa em qualquer coisa? — perguntou, esperançoso.

Tia Ogg olhou de canto de olho para Margrete, que ainda olhava para a varinha, em estado de choque.

— Acho que estamos só fazendo abóboras no momento — respondeu, com cautela.

O Rei pareceu um pouco desapontado.

— Está bem, então. Se houver algo que eu possa fazer pelas senhoritas... uma xícara de chá ou algo assim...

Vovó Cera do Tempo deu um passo à frente.

— Estava mesmo pensando em algo nesse sentido.

O Rei deu um sorriso.

— Só que mais caro — acrescentou Vovó.

O Rei parou de sorrir.

Tia Ogg aproximou-se discretamente de Margrete, que estava fazendo a varinha tremer e olhando-a fixamente.

— Muito inteligente — sussurrou. — Por que você pensa em abóboras? — Eu não pensei! — Não sabe como controlá-la? — Não!

Achei que só precisasse... sabe... querer que alguma coisa acontecesse! — Deve ter mais coisa por trás do que apenas desejar algo — observou Tia Ogg, tentando ser o mais solidária possível. — Geralmente tem.

Em algum momento perto do amanhecer — do que havia de amanhecer dentro das minas —, as bruxas foram levadas a um rio, no fundo das montanhas, onde algumas barcaças permaneciam atracadas. Um pequeno barco foi puxado até um píer de pedras.

— Ele vai levá-las através das montanhas — disse o Rei.

— Acho que vai direto até Genua, para dizer a verdade. — Ele pegou uma cesta grande com um anão que o acompanhava.

— Embalamos algumas comidas adoráveis para vocês.

— Faremos todo o percurso de barco? — perguntou Margrete.

Ela fez alguns floreios escondidos com a varinha. — Não sou boa com barcos.

— Ouça — começou Vovó, subindo no barco —, o rio sabe o caminho para fora das montanhas, e isso é mais do que nós sabemos. Podemos usar as vassouras depois, quando a paisagem agir de maneira um pouco mais sensata.

— E poderemos descansar um pouco — disse Tia Ogg, recostando-se. Margrete olhou para as duas bruxas mais velhas, que se acomodavam na popa feito duas galinhas instalando-se no ninho.

— Vocês sabem como conduzir um barco a remo? — perguntou.

— Não precisamos — respondeu Vovó.

Margrete concordou com expressão pessimista. Depois, uma porção ínfima de autoconfiança cintilou.

— Acho que eu também não preciso — arriscou.

— Tá bem — começou Tia Ogg. — Se nós virmos você fazendo alguma coisa errada, com certeza te falamos. Até logo, seu rei! Margrete suspirou e pegou os remos.

— As partes mais finas ficam na água — disse Vovó, querendo ajudar. Os anões acenaram. O barco saiu deslizando no meio do rio, movendo-se lentamente dentro de um círculo de luzes de lampião. Margrete descobriu que tudo o que realmente precisava fazer era mantê-lo apontado na direção certa na corrente. Ela ouviu Tia Ogg dizer: — Não sei por que eles estão sempre colocando runas invisíveis nas portas. Sabe, cê paga um mago pra colocar runas invisíveis na sua porta e como vai saber se não jogou dinheiro fora? Ela ouviu Vovó dizer: — Isso não tem problema. Se você não enxergar, é porque as runas são invisíveis de verdade.

Ela ouviu Tia Ogg dizer: — Ah, deve ser isso. Certo, vamos ver o que temos para o almoço.

Houve um ruído de coisas sendo desembulhadas.

— Ora, ora, ora.

— O que é, Gytha? — Abóbora.

— Abóbora o quê? — Abóbora nada. Só abóbora abóbora.

— Bem, acho que eles têm muita abóbora — observou Margrete. — Sabe como é no fim do verão, sempre sobra tanta coisa na horta. Estou sempre quebrando a cabeça pra inventar novos tipos de conservas e molhos pra dar um fim em tudo o que... Na luz turva, ela pôde ver a expressão de Vovó, que parecia sugerir que, se Margrete quebrasse a cabeça com alguma coisa, o prejuízo seria baixo.

— Eu — começou Vovó — nunca fiz uma conserva em toda a minha vida.

— Mas você gosta de conservas — disse Margrete. — Bruxas e conservas são uma combinação tão boa quanto... — ela hesitou diante da fórmula de queimar o estômago com pêssego mais creme de leite e fez uma substituição mental — as coisas que são excelentes combinações. -A visão do único dente remanescente de Tia Ogg mandando ver numa cebola em conserva conseguia fazer seus olhos lacrimejarem.

— Eu até gosto mesmo — concordou Vovó. — Mas eu como as que me dão de presente.

— Sabe de uma coisa — começou Tia Ogg, investigando o fundo da cesta –, sempre que lido com anões, as palavras "mão" e "vaca" me passam pela cabeça.

— São uns avarentozinhos. Você devia ver os preços que eles tentam cobrar quando levo minha vassoura pra consertar disse Vovó.

— E, mas você nunca paga — observou Margrete.

— Não é essa a questão — disse Vovó Cera do Tempo. — Não devia ser permitido cobrar tanto dinheiro. Isso é roubo, isso sim.

— Não sei como pode ser roubo se você não paga mesmo — insistiu Margrete.

— Eu nunca pago por nada. As pessoas nunca me deixam pagar. Não tenho culpa se as pessoas me dão coisas o tempo todo, tenho? Quando ando pelas ruas, as pessoas sempre saem de casa com bolos tirados do forno, cerveja fresca e roupas velhas que quase não foram usadas. "Oh, dona Cera do Tempo, faça o favor de levar esta cesta de ovos", dizem. As pessoas são sempre muito

gentis. Trate bem as pessoas, e elas te tratam bem. Isso é respeito. Não ter que pagar — terminou categoricamente —, isso é que é ser bruxa.

— Olha, o que é isso? — perguntou Tia Ogg, mostrando um pacote pequeno. Ela tirou o papel e encontrou vários discos marrons e duros.

— Minha nossa — começou Vovó Cera do Tempo —, retiro tudo o que disse. Esse é o famoso pão dos anões. Eles não dão isso pra qualquer um. Tia Ogg bateu de leve com o pão na beirada do barco. Ele fez um barulho muito semelhante ao que você obtém quando segura uma régua de madeira na ponta de uma carteira e bate nela. Uma espécie de som toioioing oco.

— Dizem que ele nunca fica amanhado, mesmo se ficar guardado durante anos — disse Vovó.

— Pode sustentar a pessoa por dias e dias — comentou Tia Ogg.

Margrete estendeu o braço e pegou um dos pães achatados.

Tentou parti-lo e desistiu.

— E pra comer? — perguntou.

— Ah, acho que não é pra comer — disse Tia Ogg. — E mais para tipo...

— ... sustentar a pessoa — completou Vovó. — Dizem que...

Ela parou.

Acima do barulho do rio e do eventual gotejamento de água no teto, todas ouviam, agora, o chap-chap constante de outra embarcação seguindo na direção delas.

— Tem alguém seguindo a gente! — sussurrou Margrete.

Duas luzes fracas apareceram no limite do alcance do lampião. Por fim, identificaram os olhos de uma pequena criatura cinzenta, que lembrava vagamente uma rã, remando sobre uma tora na direção delas.

Ela alcançou o barco. Dedos longos e pegajosos agarraram a lateral e um rosto melancólico ergueu-se na altura do rosto de Tia Ogg.

— Ulá. Hoje é meu aniverssário.

As três ficaram encarando-a por algum tempo. Então, Vovó Cera do Tempo pegou um remo e bateu com firmeza na cabeça da criatura. Houve um som de água espirrando e um xingamento distante.

— Bichinho horroroso — comentou Vovó quando Margrete voltou a remar. — Pra mim parecia um encenqueiro.

— É — concordou Gytha. — E com os viscosos que a gente tem que ter cuidado.

— O que será que ele queria? — perguntou Margrete.

Meia hora depois, o barco saiu pela abertura de uma gruta e entrou num vale estreito entre desfiladeiros. O gelo reluzia nas paredes e havia neve acumulada nas camadas de rocha que chegavam à superfície.

Tia Ogg olhou ao redor com expressão ingênua, mexeu em algum lugar no fundo de suas muitas saias e retirou uma pequena garrafa. Houve um barulho de gargarejo.

— Aposto que aqui tem um bom eco — ela disse, após alguns instantes.

— Ah, não, você não... — começou Vovó, com firmeza.

— Não o quêêê? — Não vai cantar Aquela Música.

— Perdão, Esme? — EU não vou mais, se você insistir em cantar Aquela Música.

— Que música seria essa? — perguntou Tia Ogg, num tom sincero.

— Você sabe a que música me refiro — respondeu Vovó, com indiferença. — Você sempre fica bêbada, me deixa na mão e canta essa música.

— Não consigo me lembrar de música alguma, Esme — disse Tia Ogg, docilmente.

— Aquela, do roedor que não consegue... que não consegue nunca fazer com que ele se preocupe com coisa alguma.

— Ah — começou Tia Ogg, sorrindo quando a ficha caiu —, você está falando de O Porco-Espinho Não Fica de Saco Che...

— Essa mesmo! — Mas é tradicional. De qualquer modo, no estrangeiro as pessoas não vão entender o que as palavras significam.

— Vão entender por causa do modo como você canta — discordou Vovó. — Do jeito que você canta, até as criaturas que vivem no fundo dos lagos entenderiam o que significa.

Margrete olhou para a lateral do barco. Aqui e ali, as ondulações na água ficavam brancas nas extremidades. A corrente encontrava-se um pouco mais forte e havia partes com gelo.

— É só uma canção folclórica, Esme — comentou Tia Ogg.

— Rá! — disse Vovó Cera do Tempo. — Até parece que é uma canção folclórica! Sei tudo sobre canções folclóricas. Rá! Você acha que tá ouvindo uma bela canção sobre... sobre cucos, violinistas,

cotovias e essas coisas e, quando vai ver, é sobre... sobre outra coisa completamente diferente — acrescentou, num tom de mistério.

— Não se pode confiar em canções folclóricas. Elas são traiçoeiras. Margrete evitou que uma rocha batesse nelas. Um redemoinho fez com que girassem lentamente.

— Eu sei uma sobre dois passarinhos azulões — disse Tia Ogg.

— Hum — começou Margrete.

— Pode ser que comece falando de azulões, mas aposto que termina com algum tipo de metáfora — observou Vovó.

— E... Vovó — chamou Margrete.

— Já não basta a Margrete me falando dos Mastros de Maio e o que tem por trás deles — disse Vovó. Ela ainda acrescentou, pensativa: — Antes eu até gostava de olhar para os Mastros de Maio nas manhãs de primavera.

— Acho que o rio está ficando meio agitado — disse Margrete.

— Não sei por que as pessoas não podem simplesmente deixar as coisas serem como são — continuou Vovó.

— Quer dizer, bastante agitado mesmo, na verdade... — corrigiu Margrete, empurrando o barco para longe de uma rocha acidentada.

— Ela está certa, hein — reforçou Tia Ogg. — Tá ficando meio encrespado. Vovó olhou para o rio à frente delas, por cima dos ombros de Margrete. Dava a impressão de ter uma interrupção adiante, daquelas que podem ser associadas, por exemplo, a uma catarata iminente. O barco começou a oscilar com as ondas. Havia um rumor de estrondo em volume baixo.

— Eles não disseram nada sobre cachoeiras — ela reclamou.

— Acho que imaginaram que descobriríamos sozinhas — observou Tia Ogg, juntando seus objetos pessoais e puxando Greebo do fundo do barco pelo cangote. — Muito econômicos para dar informações, esses anões. Ainda bem que bruxa bóia. De todo modo, eles sabiam que a gente tinha as vassouras.

— Vocês têm vassouras — lembrou Vovó Cera do Tempo. — Como é que eu vou dar a partida na minha dentro de um barco? Não dá pra correr de um lado para o outro, dá? E pára de se mexer desse jeito, vai fazer a gente cair...

— Tira o pé da frente, Esmé...

O barco balançou violentamente.

Margrete conseguiu reagir para enfrentar a situação. Ela pegou a varinha assim que uma pequena onda passou por cima do barco.

— Não se preocupem, vou usar a varinha. Acho que agora peguei o jeito...

— Não! — Vovó Cera do Tempo e Tia Ogg gritaram juntas.

Houve um barulho lento e úmido. O barco mudou de forma. Também mudou de cor. Mudou para uma espécie de laranja vivo.

— Abóboras! — gritou Tia Ogg ao ser derrubada com suavidade na água. — Mais abóboras malditas! Lilith recostou-se. O gelo em torno do rio não tinha sido um espelho muito bom, mas foi o suficiente.

Bem. Uma garota sem personalidade, mais adequada para receber os cuidados de uma fada madrinha do que para ser uma, e uma mulherzinha velha com aspecto de lavadeira que cantava quando ficava bêbada. E uma varinha que a garota idiota não sabia usar.

Era irritante. Mais que isso, era uma afronta. Com certeza, Desiderata e a senhora Gogol teriam conseguido algo melhor.

O status de uma pessoa podia ser determinado pela força dos seus inimigos. É claro que havia ela. Depois de todo esse tempo...

É claro. Isso ela aprovava. Porque teria que haver três.

Três era um número importante nas histórias. Três desejos, três príncipes, três bodes, três tentativas para adivinhar algo... três bruxas. A donzela, a mãe e... aquela outra. Essa era a história mais velha de todas.

Esme Cera do Tempo nunca entendeu as histórias. Nunca entendeu como eram reais os reflexos. Se tivesse entendido, provavelmente estaria governando o mundo agora.

— Você está sempre olhando para o espelho! — disse uma voz petulante. — Odeio quando você fica o tempo todo olhando para o espelho! O Duque permanecia no canto, largado sobre uma cadeira, todo de seda preta e com pernas bem torneadas. Normalmente, Lilith não permitiria que alguém ficasse dentro do ninho de espelhos, mas aquele era, tecnicamente, o castelo dele. Além disso, ele era burro e vaidoso demais para saber o que acontecia.

Ela comprovava isso. Pelo menos achava que sim. Ultimamente, ele parecia descobrir algumas coisas...

— Não sei por que você tem que fazer isso — ele resmungou. — Achei que magia fosse apenas uma questão de apontar para as coisas e fazer plim. Lilith pegou o seu chapéu e deu um olhar rápido para o espelho enquanto o ajeitava.

— Assim é mais seguro — ela explicou. — É um método mais independente. Quando se usa magia de espelho não é preciso

confiar em ninguém, a não ser em si. É por isso que ninguém jamais conquistou o mundo por meio da magia... ainda. Tentam obtê-la de... outros lugares. E tem sempre um preço. Mas, com espelhos, você não fica devendo nada a ninguém, a não ser à própria alma.

Ela baixou o véu da aba do chapéu. Gostava da privacidade proporcionada pelo véu quando estava fora da segurança dos espelhos.

— Odeio espelhos — murmurou o Duque.

— É porque eles dizem a verdade, meu caro.

— Trata-se de uma magia cruel, então.

Lilith deu um puxão no véu para forjar uma aparência mais atraente.

— Ah, sim. Com espelhos, todo o poder é seu. Não há nenhum outro lugar de onde ele possa vir.

— A mulher do pântano o obtém do pântano — lembrou o Duque.

— Rá! E um dia ele vai querer dominá-la. Ela não entende o que está fazendo.

— E você entende? Ela sentiu uma fisgada de orgulho. Ele tentava ofendê-la! Lilith realmente havia feito um bom trabalho com ele.

— Eu entendo as histórias. E tudo de que preciso.

— Mas você não me trouxe a garota — observou o Duque. — Você me prometeu a garota. Aí estará tudo acabado e poderei dormir numa cama de verdade. Não precisarei mais da magia dos reflexos...

Mas até um bom trabalho pode ir longe demais.

— Já está cansado de magia? — perguntou Lilith, num tom suave. — Gostaria que eu parasse? Seria a coisa mais fácil do mundo. Eu o encontrei na sarjeta. Gostaria que o mandasse de volta? O rosto dele transformou-se numa máscara de pânico.

— Não foi isso o que quis dizer! Só quis dizer... bem... aí então tudo será de verdade. Só um beijo, você disse. Não entendo por que isso é tão difícil de se providenciar.

— O beijo certo na hora certa — corrigiu Lilith. — Tem que ser na hora certa, senão não funciona. — Ela sorriu. Ele estava trêmulo, em parte pela excitação, mas principalmente pelo pavor e levemente por questões hereditárias.

— Não se preocupe — ela continuou. — Não pode não acontecer.

— E essas bruxas que você me mostrou? — Elas são apenas... parte da história. Não se preocupe com elas. A história as engolirá. E você ficará com ela por causa das histórias. Não será ótimo? E agora... vamos? Acho que você tem que governar um pouco, não? Ele notou a entonação. Era uma ordem. Levantou-se, estendeu o braço para segurar os dela e, juntos, foram até a câmara de conferências do palácio. Lilith sentia-se orgulhosa do Duque. É claro que ele tinha o probleminha do constrangimento noturno, porque seu campo mórfico enfraquecia quando ele dormia, mas essa não era a maior dificuldade. E o problema com os espelhos, que o mostravam como ele realmente era, mas isso era facilmente reparado banindo-se todos os espelhos com exceção dos dela.

E os olhos dele. Ela não podia fazer nada em relação aos olhos.

Não havia praticamente magia alguma que pudesse fazer algo em relação aos olhos de alguém. Tudo o que conseguira pensar nesse sentido eram os vidros enfumaçados.

Apesar disso, ele era um triunfo. E tão gracioso. Ela tinha sido boa para ele. Havia feito dele um homem, para começar.

* * *

Em algum lugar rio abaixo, depois da cachoeira — que era a segunda maior de todo o Disco e fora descoberta no Ano do Siri Giratório pelo célebre explorador Guy de Yoyo —, Vovó Cera do Tempo permanecia sentada diante de uma pequena fogueira, com uma toalha sobre os ombros, exalando vapor. *(É claro que muitos anões, trolls, nativos, caçadores e os simplesmente muito perdidos a descobriram quase diariamente durante milhares de anos. Mas não eram exploradores e, por isso, não contam.)*

— Ah, mas veja pelo lado positivo — começou Tia Ogg.

— Pelo menos consegui segurar a minha vassoura e você ao mesmo tempo. E Margrete estava com a dela. Caso contrário, estaríamos todas olhando para a cachoeira por baixo dela.

— Ah, que ótimo. Um consolo — disse Vovó, com os olhos cintilando de malícia.

— É meio que uma aventura, na verdade — explicou Tia Ogg, com um sorriso encorajador. — Um dia vamos nos lembrar disso e dar risada.

— Ah, que ótimo.

Tia Ogg passou um pano úmido nos arranhões em seu braço. Greebo, com o verdadeiro instinto de autopreservação dos gatos, escalara a dona com as unhas e dera um salto voador para a

segurança do alto de sua cabeça. Naquele momento, estava enrolado perto da fogueira, sonhando sonhos de gatos.

Uma sombra passou acima deles. Era Margrete, que vasculhava os barrancos do rio.

— Acho que consegui encontrar quase tudo — disse, ao pousar. — Aqui está a vassoura de Vovó. E... ah, sim... a varinha.

— Ela deu um sorrisinho corajoso. — Havia pequenas abóboras balançando na superfície. Foi assim que a encontrei.

— Minha nossa, que sorte — observou Tia Ogg, num tom animador. — Ouviu isso, Esme? Pelo menos não vamos passar fome.

— E achei a cesta com o pão de anão dentro — continuou Margrete —, mas infelizmente deve ter estragado.

— Não estragou, vai por mim — comentou Tia Ogg. — Não dá pra estragar pão de anão. Ora, ora — ela começou, sentando-se novamente. — Temos um belo piqueniquezinho, hein? E uma ótima fogueira luminosa e... e um ótimo lugar para sentar e... tenho certeza de que tem muita gente pobre em lugares como Howondaland e outros que daria qualquer coisa para estar aqui neste momento...

— Se você não parar de ficar tão animada, Gytha Ogg, eu lhe darei um tapa com a mão aberta na orelha — disse Vovó Cera do Tempo.

— Tem certeza de que não está se resfriando? — perguntou Tia Ogg.

— Eu tô me secando — respondeu Vovó Cera do Tempo — por dentro.

— Olha, sinto muito — lamentou Margrete. — Eu disse que sentia muito. Não que tivesse certeza do que havia feito de errado, disse a si mesma. O barco não tinha sido ideia sua. Ela não colocara a cachoeira ali. Não estava nem em condições de prevê-la.

Havia transformado o barco numa abóbora, mas não tivera a intenção. Poderia ter acontecido com qualquer um.

— Consegui salvar os livros de Desiderata também — observou.

— Bem, isso é que é sorte — disse Tia Ogg. — Agora sabemos onde estamos perdidas.

Ela olhou ao redor. Estavam no meio da pior parte das montanhas, mas ainda havia alguns picos por perto e prados altos que se estendiam até a linha da neve. De algum lugar distante, vinha o som de sinos de cabras batendo.

Margrete abriu um mapa. Estava enrugado, úmido, e o lápis havia desbotado. Ela apontou com cuidado para uma área borrada.

— Acho que estamos aqui.

— Minha nossa — disse Tia Ogg, cuja compreensão dos princípios da cartografia era ainda mais duvidosa que a de Vovó. — Impressionante como podemos caber nesse pedacinho de papel.

— Acho que talvez fosse uma boa ideia, neste momento, se apenas seguíssemos o rio — sugeriu Margrete. — Sem, de modo algum, entrarmos nele — acrescentou rapidamente.

— Acho que você não encontrou a minha bolsa, encontrou? — perguntou Vovó Cera do Tempo. — Tinha objetos de uso pessoal.

— Deve ter afundado como uma pedra — observou Tia Ogg.

Vovó Cera do Tempo levantou-se feito um general que acabou de saber que seu exército não venceu a batalha.

— Vamos — disse. — Para onde, agora? O destino seguinte era uma floresta — sombria e ferozmente conífera. As bruxas a sobrevoaram em silêncio. Havia um ou outro chalé isolado, meio escondido pelos pinheiros. Aqui e ali, um rochedo surgia acima da escuridão selvagem, envolto pela névoa, mesmo no meio da tarde. Uma ou duas vezes passaram por castelos, se é que podiam ser chamados assim. Não pareciam ter sido construídos, mas expelidos pela paisagem.

Era o tipo de paisagem que possuía uma história específica vinculada a ela, com lobos, alho e mulheres assustadas. Uma história misteriosa e sedenta, uma história que batia as asas com a lua ao fundo...

— Der stupeffator — murmurou Tia Ogg.

— O que é isso? — perguntou Margrete.

— E uma palavra estrangeira que significa morcego.

— Sempre gostei de morcegos — disse Margrete. — De modo geral.

As bruxas perceberam que, por um acordo tácito, voavam mais próximas umas das outras.

— Estou ficando com fome — comentou Vovó Cera do Tempo.
— E que ninguém me fale em abóbora.

— Tem o pão de anão — lembrou Tia Ogg.

— Sempre tem pão de anão — disse Vovó. — Eu estava pensando em alguma coisa feita neste ano, mas obrigada assim mesmo.

Elas passaram voando por mais um castelo, que ocupava o topo inteiro de um rochedo.

— Precisamos é de uma boa cidadezinha ou algo assim — disse Margrete.

— Mas essa aí embaixo serve — observou Vovó.

Elas olharam para a cidade. Não chegava a ser uma cidade, e sim uma aglomeração de casas que se amontoavam junto às árvores. Parecia tão desanimada quanto uma lareira vazia, mas a sombra das montanhas já começava a cobrir a floresta com rapidez e alguma coisa implícita na paisagem desencorajava um vôo noturno.

— Não vejo muita gente — disse Vovó.

— Talvez as pessoas se recolham mais cedo por aqui — sugeriu Tia Ogg.

— O sol ainda nem se pôs totalmente — observou Margrete. — Será que a gente não devia ir até aquele castelo? Todas olharam o castelo.

— Nã-ã-ão — respondeu Vovó devagar, falando por todas elas. — Sabemos qual é o nosso lugar.

Em vez disso, pousaram no que supostamente era a praça da cidade. Um cachorro latiu em algum lugar atrás das casas.

Uma janela foi fechada com força.

— Muito acolhedora — disse Vovó. Ela andou até uma construção grande que tinha uma placa, ilegível sob a fuligem, acima da porta. Ela desferiu algumas batidas na madeira.

— Abra! — Não, não, não se fala assim — explicou Margrete. Ela se colocou à frente e bateu à porta. — Com licença! Viajantes bona fide! [*de boa fé*]

— Bona quê? — perguntou Tia Ogg.

— É o que se deve dizer — respondeu Margrete. — Qualquer hospedaria tem que abrir para viajantes bona fide e prestar auxílio.

— Tem? — disse Tia Ogg, interessada. — Isso é o tipo de coisa que vale a pena saber.

A porta permaneceu fechada.

— Deixa eu tentar — pediu Tia Ogg. — Sei algumas palavras estrangeiras. Ela deu pancadas na porta.

— Abrii vous, gunga bum, send more a, bem rápido.

Vovó Cera do Tempo ouviu com atenção.

— Isso é falar língua estrangeira, é? — Meu neto Shane é marinheiro — explicou Tia Ogg. — Você ia ficar besta com as palavras que ele aprende no estrangeiro.

— Imagino que sim — concordou Vovó. — E espero que pra ele funcione melhor.

Ela bateu na porta de novo. Dessa vez abriu, muito devagar.

Um rosto pálido apareceu ao lado.

— Com licença... — começou Margrete.

Vovó empurrou a porta. O dono do rosto estava apoiado nela. Elas ouviram suas botas raspando no chão quando ele foi levemente empurrado para trás.

— Que esta seja uma Casa de bênçãos — disse Vovó, de modo automático. Era sempre um bom comentário inicial para uma bruxa. Fazia com que as pessoas se concentrassem em que outras coisas poderia haver na casa, além de bênçãos, e se lembrassem de bolos caseiros, pão saindo do forno ou roupas velhas que ainda servissem, coisas que pudessem temporariamente ter escapado de sua mente. Parecia haver uma das outras coisas na casa.

Tratava-se de uma hospedaria, por assim dizer. As três bruxas nunca tinham visto um lugar tão melancólico como aquele. Mas estava bastante cheio. Vinte ou mais pessoas de rosto pálido as observavam com ar solene em bancos encostados nas paredes.

Tia Ogg deu uma fungada.

— Nossa — disse. — Isso é que é cheiro de alho! — E realmente havia tranças de alho penduradas em todas as vigas. — Alho nunca é demais, é o que eu sempre digo. Vejo que vou gostar daqui.

Ela acenou para um homem de rosto branco atrás do balcão.

— Buon dia, amigo meu hospedeiro! Trois cervejas pour favour avec nós, sal vou prê.

— Você vai querer sal também?

— Sal vou prê quer dizer por favor, em estrangeiro.

— Aposto como na verdade não é — disse Vovó. — Você só está inventando e improvisando.

O dono da hospedagem, que raciocinou com base no princípio de que qualquer um que passe pela porta quer beber alguma coisa, tirou três cervejas.

— Viu? — disse Tia Ogg, triunfante.

— Não gosto do jeito como todos olham para nós — comentou Margrete, enquanto Tia Ogg tagarelava no esperanto dela diante do homem perplexo. — Um homem ali deu um sorriso malicioso para mim.

Vovó Cera do Tempo sentou-se num banco, esforçando-se para achar uma posição em que a menor área possível do seu corpo ficasse em contato com a madeira, caso ser estrangeiro fosse algo contagioso.

— Pronto — disse Tia Ogg, apressando-se em pegar a bandeja — , nada de mais. Só xinguei ele até ele entender.

— Tá com uma cara horrível — observou Vovó.

— Linguíça de alho e pão de alho — disse Tia Ogg. — Meus favoritos.

— Você tem que comer alguma hortaliça — sugeriu Margrete, a nutricionista.

— Estou comendo. Alho — retrucou Tia Ogg, contente, cortando uma fatia generosa de linguíça de fazer os olhos lacrimejarem. — E tenho quase certeza de que vi alguma coisa parecida com cebola em conserva numa das prateleiras.

— É? Então vamos precisar de pelo menos dois quartos para esta noite — disse Vovó, com firmeza.

— Três — emendou Margrete, muito rápido.

Ela arriscou olhar mais uma vez pelo salão. Os aldeões silenciosos as observavam atentamente, com um olhar que ela só conseguia descrever como uma espécie de tristeza esperançosa.

É claro que qualquer um que passasse muito tempo na companhia de Vovó Cera do Tempo e de Tia Ogg se acostumava a ser observado. Elas eram o tipo de pessoa que preenche todo o espaço, de ponta a ponta. E claro que as pessoas por esses lados não vêem estrangeiros com frequência, principalmente com as florestas densas e tudo mais. E a visão de Tia Ogg comendo uma linguíça com extremo prazer superaria a posição da cebola em conserva como maior entretenimento em qualquer parte do mundo.

Ainda assim... o modo como as pessoas olhavam...

Do lado de fora, escondido no meio das árvores, um lobo uivou.

Os aldeões reunidos arrepiaram-se em uníssono, como se tivessem ensaiado. O proprietário murmurou alguma coisa para eles. Eles se levantaram, relutantes, e marcharam em fila pela porta, tentando se manter próximos. Uma senhora pôs a mão no ombro de Margrete por um momento, balançou a cabeça com uma expressão de tristeza, suspirou e saiu apressada. Mas Margrete estava acostumada a isso também. As pessoas geralmente ficavam com pena dela quando a viam na companhia de Vovó. Por fim, o proprietário foi cambaleando na direção delas com uma tocha acesa e fez um sinal para que o seguissem.

— Como fez com que ele entendesse que eram três camas? — perguntou Margrete.

— Eu disse: "Ei, senhor, wa tem son dju tudo igual número 3 — explicou Tia Ogg.

Vovó Cera do Tempo tentou repetir aquilo em voz baixa e concordou com a cabeça.

— Seu garoto Shane realmente é muito viajado, hein? — comentou.

— Ele disse que sempre dá certo.

Na verdade havia apenas dois quartos, após uma longa e sinuosa escada que rangia muito. Margrete ficou com um só para ela. Até mesmo o proprietário parecia querer que fosse assim. Prestava muita atenção nelas.

Ela preferiria que ele não tivesse fechado as venezianas com tanta veemência. Margrete gostava de dormir com a janela aberta. Daquele jeito, ficava muito escuro e abafado.

Em todo o caso, pensou, eu sou a fada madrinha. As outras estão apenas me acompanhando.

Ela se observou sem muita animação no espelho minúsculo e rachado do quarto, depois se deitou para ouvi-las perto da outra parede, fina como um papel.

— Por que você está virando o espelho para a parede, Esme? — Simplesmente não gosto do jeito como os espelhos ficam olhando pra gente.

— Eles só olham se você estiver olhando pra eles, Esme.

Silêncio. Depois: — É... pra que serve essa coisa redonda? — Imagino que deva ser um travesseiro, Esme.

— Rá! Eu não chamo isso de travesseiro. E não tem nenhum cobertor decente também. Como você acha que se chama isso aqui? — Acho que é um edredom, Esme.

— Na minha terra isso se chama acolchoado. Rá! Houve uma pausa. Depois: — Escovou o dente? Mais uma pausa. Depois: — Hm... seus pés não estão nem um pouco frios, Esme.

— Não estão, não. Estão agasalhados e confortáveis.

E mais silêncio. Depois: — As botas! As suas botas! Você está de bota! — Com certeza tô de bota, Gytha Ogg.

— E as roupas! Você nem tirou as roupas! — Cuidado nunca é demais no estrangeiro. Pode ter todo tipo de gente por aqui, se escondendo pelos cantos.

Margrete se cobriu com o — o que era aquilo? — edredom e se virou. Vovó Cera do Tempo parecia precisar de uma hora de sono por noite, enquanto Tia Ogg era capaz de roncar sobre uma cerca.

— Gytha? Gytha! GYTHA! — Quê? — Tá acordada? — Agora tô...

— Tô ouvindo um barulho! — ... eu também...

Margrete cochilou por um momento.

— Gytha? GYTHA! — ... que foi, agora?...

— Tenho certeza de que alguém mexeu na nossa veneziana! — ... não enquanto estivermos vivas... gora vai dormi...

O ar no quarto estava ficando mais quente e abafado a cada minuto. Margrete levantou-se da cama, destrancou as venezianas e as empurrou para fora com um gesto dramático.

Houve um grunhido e um baque distante de algo batendo no chão.

A lua cheia derramou-se dentro do quarto. Ela se sentiu muito melhor por isso e voltou para a cama.

Pareceu não ter passado tempo algum quando a voz no quarto ao lado a despertou novamente.

— Gytha Ogg, o que está fazendo? — Fazendo um lanche.

— Não consegue dormir? — Só sei que não consigo pegar no sono, Esme. Não sei por quê.

— Olha, você tá comendo linguiça de alho! Eu tô dividindo a cama com alguém que tá comendo linguiça de alho.

— Ei, é minha! Me dá...

Margrete conseguiu ouvir passos de botas na boca da noite e o som de uma veneziana sendo aberta no quarto ao lado.

Ela achou ter ouvido um "uuf" e outro baque surdo.

— Achei que você gostasse de alho, Esme — disse Tia Ogg, com ressentimento.

— Linguença é bom no lugar certo, e o lugar certo não é na cama. E não diga uma palavra. Agora chega pra lá. Você fica pegando o edredom só pra você. Após algum tempo, o silêncio aveludado foi interrompido pelo ronco grave e ressonante de Vovó Cera do Tempo. Logo depois, passou a ser acompanhado pelo ronco bem comportado de Tia Ogg, que havia dormido acompanhada por muito mais tempo que Vovó e desenvolvera uma orquestra nasal mais harmônica. O ronco de Vovó era capaz de derrubar árvores.

Margrete dobrou o terrível travesseiro duro e redondo para tapar os ouvidos e se afundou debaixo das cobertas.

Em algum lugar, no solo frio, um morcego muito grande tentava pegar velocidade para levantar voo mais uma vez. Ele já havia perdido os sentidos duas vezes — uma quando fora atingido por uma veneziana aberta de forma displicente e outra por uma linguença de alho balística — e não se sentia nem um pouco bem. Mais um contratempo, estava pensando, e o negócio é voltar para o castelo. Além disso, o sol logo ia nascer.

Seus olhos vermelhos cintilaram quando viu a janela aberta do quarto de Margrete. Ele se esticou.

Uma pata caiu sobre ele.

*No interior da Inglaterra e da Irlanda, nos festejos de 1º de maio, costuma-se dançar ao redor do Maypole (mastro de maio). Os rapazes dançam num sentido, e as garotas, no outro. A conotação sensual original dessa tradição é evidente pela complementação da dança entre os sexos, ao redor de um símbolo fálico que representa o princípio masculino fértil da Natureza. (N. T.)

**Non compos mentis: expressão latina que significa, não literalmente, "sem o domínio das faculdades mentais". (N. T.)

O MORCEGO OLHOU AO REDOR.

Greebo não teve uma noite muito boa. Ele examinara toda a área, no que se referia a gatas, e não encontrou nenhuma. Perambulava entre os montes de lixo e não tivera sorte. As pessoas dessa cidade não jogavam o lixo fora. Elas o comiam. Dera uma volta pela floresta e encontrou lobos. Sentou e ficou sorrindo para eles até ficarem constrangidos e irem embora.

Sim, a noite tinha sido monótona. Até agora.

O morcego se contorceu sob a sua pata. Para o pequeno cérebro de gato de Greebo parecia que o morcego tentava mudar de forma, e ele não aceitaria isso de um rato com asas.

Especialmente agora, que tinha alguém com quem brincar.

Genua era uma cidade de contos de fadas. As pessoas sorriam e ficavam alegres o dia inteiro. Especialmente se quisessem viver mais um dia inteiro. Lilith cuidava para que fosse assim. É claro que as pessoas provavelmente já tinham pensado que eram felizes no tempo em que ela ainda não havia providenciado a substituição do velho Barão pelo Duque, mas era uma felicidade aleatória, desordenada. Por isso havia sido tão fácil para ela instalar-se ali. Mas aquilo não era jeito de viver. Não havia padrão algum.

Um dia eles a agradeceriam.

É claro que havia sempre alguns mais difíceis. Às vezes, as pessoas simplesmente não sabem como agir. Você faz o melhor que pode por elas, governa suas cidades devidamente, garante que sua vida valha a pena e que seja cheia de felicidade a cada hora do dia e aí, sem nenhuma razão, atacam você.

Os guardas estavam enfileirados na câmara de audiências. E acontecia uma audiência. Em termos técnicos, é claro, bastava que o governante presidisse a audiência, mas Lilith gostava de ver as pessoas assistindo. Um centavo de exemplo valia por uma libra de punição.

Não havia muitos crimes em Genua nessa época. Pelo menos não o que seria considerado crime em outros lugares.

Coisas como roubo eram resolvidas com facilidade e quase não exigiam processo judicial. Muito mais importantes, nos registros de Lilith, eram os crimes contra a expectativa da narrativa. As pessoas pareciam não saber como deveriam se comportar. Lilith segurava um espelho diante da Vida e cortava todas as partes que não cabiam...

O Duque permanecia largado, sem ossos, com uma perna pendendo do braço da poltrona. Ele nunca entendeu as cadeiras.

— E o que esse aí fez? — perguntou e bocejou. Abrir muito a boca era algo que sabia fazer bem, pelo menos.

Um homenzinho idoso agachou-se entre dois guardas.

Tem sempre alguém disposto a se tornar um guarda, até em lugares como Genua. Além de tudo, podia-se usar uniformes muito elegantes, com uma calça azul, um casaco vermelho e um chapéu preto e alto com um laço.

— Mas eu... eu não sei assobiar — disse o velho, com a voz trêmula. — Eu... eu não sabia que era obrigatório...

— Mas você é um fabricante de brinquedos — observou o Duque. — Fabricantes de brinquedos assobiam e cantam o dia todo. — Ele olhou de relance para Lilith. Ela acenou com a cabeça, concordando.

— Não conheço nenhuma... mú-música — explicou o fabricante de brinquedos. — Nunca me ensinaram mú-músicas.

Só como fazer brinquedos. Fui empregado como aprendiz de fabricante de brinquedos. Sete anos com o martelinho, homem e menino...

— Aqui diz — começou o Duque, fazendo uma imitação convincente de alguém lendo o registro de acusação formal — que você não conta histórias para as crianças.

— Ninguém nunca me falou nada sobre co-contar... histórias — disse o fabricante de brinquedos. — Olha, eu só faço brinquedos. Brinquedos. Só sou bom nisso. Brinquedos. Faço bons b-brinquedos. Sou apenas um fabricante de b-brinquedos.

— Não pode ser um bom fabricante de brinquedos se não conta histórias para as crianças — discordou Lilith, inclinando — se para a frente.

O fabricante de brinquedos ergueu a cabeça para olhar para o rosto com o véu.

— Não conheço nenhuma.

— Não conhece nenhuma? — Eu poderia contar às crianças como são feitos os brinquedos — sugeriu o velho, com a voz trêmula.

Lilith encostou as costas na cadeira. Era impossível ver sua expressão sob o véu.

— Acho que seria uma boa ideia se a Guarda do Povo aqui o levasse embora para um lugar onde você certamente aprenderia a cantar. E é possível que, depois de algum tempo, você aprenda até a

assobiar. Não será ótimo? Os calabouços do velho Barão antes estavam repugnantes.

Lilith ordenou que fossem pintados e redecorados. Com muitos espelhos. Quando a audiência terminou, alguém na plateia saiu rapidamente pelas cozinhas do palácio. Os guardas do portão lateral não tentaram detê-la. Era uma pessoa muito importante na pequena esfera da vida deles.

— Olá, senhora Amável.

Ela parou, enfiou a mão na cesta e retirou duas coxas de frango assado.

— Só testando uma cobertura de amendoim — disse. — Agradeceria a opinião de vocês, rapazes.

Eles pegaram as coxas com prazer. Todo mundo gostava de ver a senhora Amável. Ela conseguia fazer coisas com um frango que quase o deixaria feliz por ter sido morto.

— Agora estou saindo apenas para comprar algumas ervas.

Eles a observaram enquanto caminhava como uma flecha corpulenta e determinada na direção do mercado, que ficava bem à margem do rio. Depois comeram as coxas de frango.

A senhora Amável andava com afobação entre as barracas do mercado. E tomava muito cuidado para andar com afobação. Até mesmo em Genua havia sempre alguém pronto para contar uma história. Especialmente em Genua. Ela era cozinheira, portanto, era afobada. Fazia questão de continuar gorda e, felizmente, possuía uma alegria natural. Esforçava-se para sempre ficar com os braços cheios de farinha. Se sentisse que desconfiavam dela, dizia coisas

como: "Com mil madrastas!" Até o momento, parecia convencer a todos.

Ela procurou o sinal. E o encontrou. Empoleirado na estaca do teto de uma barraca com pilhas de caixas de galinhas, grous, garças e outras aves havia um galo preto. A especialista em vodu estava lá.

Quando o olhar dela o encontrou, a cabeça do galo virou — se para ela. Um pouco afastada das barracas, havia uma pequena tenda, parecida com muitas outras pelo mercado. Um caldeirão borbulhava na frente dela, numa fogueira feita com carvão. Havia tigelas, uma concha e, ao lado delas, um prato com moedas. Muitas moedas. As pessoas pagavam pela comida da senhora Gogol o quanto achavam que valia, e o prato quase não era grande o suficiente.

O líquido espesso no caldeirão era de um marrom apagado. A senhora Amável serviu-se com uma tigela e aguardou. A senhora Gogol possuía certos talentos. Após algum tempo, uma voz de dentro da tenda disse: — O que conta, senhora Amável? — Ela prendeu o fabricante de brinquedos — respondeu a senhora Amável para o ar. — E ontem foi o velho Devereaux, o dono da hospedaria, por não ser gordo e não ter um rosto grande e vermelho. Já é a quarta vez este mês.

— Entre, senhora Amável.

Estava escuro e quente dentro da tenda. Havia lá outra fogueira e outra panela. A senhora Gogol encontrava-se curvada sobre ela, mexendo o caldo. Levou a cozinheira até um fole.

— Assopre os carvões um bocado e vamos ver o que é o quê.

A senhora Amável obedeceu. Ela não usava magia, a não ser a necessária para virar a farinha ou fazer o pão crescer, mas respeitava quem usava. Especialmente gente como a senhora Gogol.

O carvão ardeu e ficou branco. O líquido espesso da panela começou a se agitar. A senhora Gogol examinou o vapor.

— O que está fazendo, senhora Gogol? — perguntou a cozinheira, ansiosa.

— Tentando ver o que irá acontecer — respondeu a feiticeira. A voz transformou-se no murmúrio ressonante dos sensitivos.

A senhora Amável apertou os olhos em direção à massa turva.

— Alguém comerá camarão? — tentou ajudar.

— Tá vendo aquele pedaço de quiabo? Tá vendo o jeito como as patas de siri ficam subindo bem ali? — A senhora nunca foi de economizar na carne de siri — observou a senhora Amável.

— Vê como estão grossas as bolhas perto das folhas de couve? Vê o modo como elas formam uma espiral em volta da cebola roxa? — Estou vendo! Estou vendo! — E sabe o que isso significa? — Significa que ficará com um sabor delicioso.

— Claro — concordou a senhora Gogol, com delicadeza. — E que algumas pessoas estão chegando.

— Uau! Quantas? A senhora Gogol enfiou uma colher na massa em ebulição e provou.

— Três pessoas. — Ela estalou os lábios, pensativa. — Mulheres. Afundou a colher mais uma vez.

— Prove. Há um gato também. Dá pra saber pelas cascas — preciosas. — Estalou os lábios. — Cinza. Um olho. — Ela explorou a cavidade de um dente com a língua. — O... esquerdo.

A senhora Amável ficou de queixo caído.

— Elas vão te encontrar antes de me encontrar — disse a senhora Gogol. — Traz elas aqui.

A senhora Amável ficou olhando o sorriso rígido da senhora Gogol. Depois voltou a olhar para a mistura na panela.

— Elas vão vir até aqui só pra provar sua comida? — perguntou.

— Claro — a senhora Gogol recostou-se na cadeira. — Cê foi ver a menina na casa branca? A senhora Amável respondeu que sim com a cabeça.

— A Jovem Brasa. Sim. Quando posso. Quando as Irmãs saem para ir ao palácio. Elas a deixaram morrendo de medo, senhora Gogol.

Ela olhou para a panela mais uma vez e novamente para a senhora Gogol.

— A senhora realmente consegue ver...? — Imagino que você tenha coisas para marinar — sugeriu a senhora Gogol.

— Sim, sim. — A senhora Amável foi se afastando, mas com relutância. E parou. Não era fácil fazê-la, uma vez que parasse, voltar a se mover, a menos que ela quisesse.

— Aquela tal de Lilith diz que consegue ver o mundo todo em espelhos — disse, num tom levemente acusador.

A senhora Gogol balançou a cabeça.

— Tudo o que qualquer pessoa pode obter de um espelho é a si mesma. Mas de uma boa sopa de quiabo é possível obter tudo.

A senhora Amável concordou. Isso era um fato conhecido.

Não podia contestar.

A senhora Gogol balançou a cabeça com tristeza depois que a cozinheira se foi. Uma feiticeira-vodu tinha que utilizar toda espécie de estratagemas para parecer astuta, mas ela se sentia levemente envergonhada por deixar uma mulher honesta acreditar que poderia ver o futuro num caldeirão de sopa.

Porque tudo o que se podia ver no caldeirão de sopa de quiabo da senhora Gogol era que o futuro certamente continha uma refeição muito boa. Na verdade, vira aquilo tudo numa tigela de risoto jambalaia que havia preparado antes.

Margrete permanecia deitada com a varinha debaixo do travesseiro. Oscilava suavemente entre o sono e a vigília.

Com certeza era a melhor pessoa para a varinha. Não havia dúvida quanto a isso. Às vezes — e raramente ousava parar e pensar nisso quando estava sob o mesmo teto que Vovó Cera do Tempo — , realmente se perguntava sobre o comprometimento que as outras tinham com a bruxaria. Durante metade do tempo, pareciam não se importar.

Veja os remédios, por exemplo. Margrete sabia que era muito melhor que elas em ervas. herdara de Goodie Whemper, sua antecessora no chalé, vários livros enormes sobre o assunto e também ensaiara algumas anotações experimentais próprias. Era capaz de dizer coisas sobre a Escabiosa com Parte com o Diabo que deixaria as pessoas interessadas a ponto de sair correndo, provavelmente para procurar outras pessoas para quem contar. Sabia fazer destilação fracionada, destilação dupla e coisas que dependiam de uma noite toda acordada observando a cor da chama sob a retorta. Ela se esforçava muito.

Tia Ogg, por sua vez, tinha a tendência de aplicar cataplasma quente em tudo e recomendar um copo grande de qualquer coisa que o paciente mais gostasse com base no fato de que, como ficará doente de qualquer jeito, deve ao menos poder se divertir um pouco. (Margrete proibia o álcool para seus pacientes por causa de seus efeitos no fígado. Quando não sabiam quais os males para o fígado, ela explicava para eles.) E Vovó... ela apenas dava uma garrafa de água colorida para as pessoas e dizia-lhes que se sentiriam muito melhor. O que mais perturbava era que geralmente se sentiam.

O que havia de bruxaria nisso? Com uma varinha, porém, as coisas poderiam ser diferentes. Era possível ajudar muito as pessoas ao usar uma varinha.

A magia existia para melhorar a vida. Margrete sabia disso no fundo do budoar cor-de-rosa e alvoroçado do seu coração.

Ela imergiu sob a superfície do sono mais uma vez.

E teve um sonho estranho. Nunca contava a ninguém porque... bem... isso não se conta. Não esse tipo de coisa.

Mas achou que se levantou no meio da noite, despertada pelo silêncio, para tomar mais ar. Quando passou pelo espelho, viu um movimento nele. Não era o seu rosto. Parecia muito com Vovó Cera do Tempo. Sorriu para ela — um sorriso muito mais agradável e simpático do que Vovó jamais dirigira a ela, Margrete se lembrou — e desapareceu, encoberto pela superfície prateada e nebulosa. Ela voltou correndo para a cama e acordou ao som de uma banda de sopros absorta num ritmo incessante. As pessoas riam e gritavam.

Margrete vestiu-se rapidamente, saiu para o corredor e bateu na porta das bruxas mais velhas. Não houve resposta.

Experimentou virar a maçaneta.

Depois de sacudi-la algumas vezes, ouviu um baque quando a cadeira presa sob a maçaneta do outro lado — a melhor coisa para deter raptos, ladrões e demais invasores noturnos — tombou.

As botas de Vovó Cera do Tempo estavam para fora das cobertas, numa ponta da cama. Os pés descalços de Tia Ogg — e Tia Ogg não parava um segundo na cama — permaneciam ao lado delas. Roncos fracos faziam o jarro tremer na bacia. Não havia mais os fortes estrondos nasais da leve soneca, mas o rosnado ritmado de quem pretende ficar assim a noite toda.

Margrete bateu na sola da bota de Vovó.

— Ei, acordem! Tem alguma coisa acontecendo.

A visão de Vovó Cera do Tempo acordando era algo bastante impressionante e não visto por muita gente. A maioria das pessoas, ao acordar, passa por um rápido estado de pânico e de verificação pré-consciente: quem sou eu, onde estou, quem é ele/ela, meu deus, por que estou abraçando o capacete de um policial, o que aconteceu ontem à noite? É assim porque as pessoas são dominadas pela Dúvida. Esse é o motor que as impulsiona ao longo da vida. É o elástico na hélice do aviõzinho de plástico da sua alma, e passam o tempo enrolando-o até dar um nó. As primeiras horas da manhã são o pior momento — aquele breve momento em que você sente medo de ter vagueado para longe durante a noite e alguma outra coisa tenha se alojado em seu corpo. Isso nunca acontecia com Vovó Cera do Tempo. Ela passava direto do sono profundo para o

funcionamento instantâneo a seis cilindros. Nunca precisava se achar porque sempre sabia quem estava procurando.

Ela deu uma fungada.

— Tem alguma coisa queimando — observou.

— Eles fizeram uma fogueira.

Vovó deu outra fungada.

— Estão assando alho? — perguntou.

— Pois é. Não consigo imaginar por quê. Estão arrancando todas as venezianas das janelas, queimando-as na praça e dançando em volta do fogo.

Vovó Cera do Tempo deu um cutucão violento com o cotovelo em Tia Ogg.

— Acorda, ô.

— Osft? — Não fechei o olho a noite toda — disse Vovó, em tom de acusação. — Também, com o ronco dessa aí.

Tia Ogg ergueu as cobertas com cuidado.

— É cedo demais pra já ser de manhã cedo — disse.

— Vamos — chamou Vovó. — A gente vai precisar da sua habilidade em línguas.

O dono da hospedaria bateu os braços para cima e para baixo e correu em círculos. Depois apontou para o castelo que se elevava acima da floresta. Chupou o pulso com força. Caiu de costas.

Finalmente, olhou para Tia Ogg com expressão de expectativa enquanto, atrás dele, a fogueira de alho, estacas de madeira e venezianas pesadas ardia alegremente.

— Não — disse Tia Ogg após algum tempo. — Ainda non comprendy, meu hair.

O homem levantou-se e bateu a terra do calção de couro.

— Acho que ele está dizendo que alguém morreu — sugeriu Margrete. — Alguém do castelo.

— Bem, eu diria que todo mundo parece estar contente demais com isso — observou Vovó Cera do Tempo com seriedade.

A luz do novo dia, a aldeia parecia muito mais animada.

Todo mundo acenava com alegria para as bruxas.

— Isso é porque deve ter sido o proprietário — disse Tia Ogg. — Era meio sanguessuga, acho que está dizendo isso.

— Ah. Deve ser isso, então. — Vovó esfregou as mãos e lançou um olhar de aprovação para a mesa do café da manhã, que fora arrastada para fora, para a luz do sol.

— Bom, a comida melhorou mesmo. Me passa o pão, Margrete.

— Todo mundo fica sorrindo e acenando pra gente — comentou Margrete. — E olhem toda essa comida! — É o mínimo que se pode esperar — disse Vovó de boca cheia. — Só estamos aqui há uma noite e já estão vendo que dá sorte tratar bem as bruxas. Agora me ajuda a tirar a tampa deste pote de mel.

Debaixo da mesa, Greebo sentou-se para se limpar. De vez em quando, soltava um arrote.

Vampiros já retornaram da morte, do túmulo e da cripta, mas nunca conseguiram voltar de um gato.

Querido Jason e todos do número 21, 34, 15, 87 e 61, menos a do número 18 até me devolver a tigela que com certeza pegou emprestada, por mais que diga que não pegou, Bem, aqui estamos, nossa que folia até agora, nem me fale em abóboras, mesmo assim, nenhum dano causado. Tô fazendo um desenho de onde ficamos na

noite passada pus um X no nosso quarto onde fica o nosso quarto. O tempo...

— O que está fazendo, Gytha? Estamos prontas para partir.

Tia Ogg ergueu a cabeça com o rosto ainda enrugado pelo esforço para compor a redação.

— Achei que seria bom enviar alguma coisa pro meu Jason. Sei lá, pra deixar ele menos preocupado. Então fiz um desenho deste lugar num cartão e Meu Hair aqui vai entregar a alguém que estiver indo prós nossos lados. Nunca se sabe, pode ser que chegue lá.

... continua Ótimo.

Tia Ogg mordeu a ponta do lápis. Não era a primeira vez na história do universo que alguém que normalmente se comunicava com a mesma facilidade com que respirava se via sem inspiração diante de algumas linhas na parte de trás de um cartão.

Bem que o tempo dos agasalhos acabou por enquanto, vou inscrever inscrever de novo em breve

MAMÃE.

P.S. o Gato parece muito desconfiado acho que está com saudade de Casa.

— Anda logo, Gytha. Margrete está fazendo a minha vassoura pegar.

P.P.S. Vovó manda Lembranças.

Tia Ogg afastou-se um pouco do cartão, satisfeita por saber que fizera um bom trabalho. (*Tia Ogg enviou vários cartões para a sua família, nenhum dos quais chegou antes dela. Isso é uma tradição e acontece em todo lugar do universo.*)

Margrete chegou ao fim da praça da cidade e parou para descansar. Uma plateia e tanto se juntara para ver a mulher com pernas. Eles eram muito educados quanto a isso, o que, por algum motivo, só tornava a coisa pior.

— Ela não voa a não ser que você corra muito rápido — explicou, sabendo, enquanto falava, que aquilo soava ridículo, especialmente quando no estrangeiro. — Acho que se chama pegar no tranco.

Ela respirou fundo, concentrou-se franzindo a testa e correu mais uma vez. Desta vez a vassoura pegou. Ela sacudia nas suas mãos.

As cerdas roçavam no chão. Conseguiu passá-la para o ponto morto antes que fosse arrastada pela praça. Uma característica da vassoura de Vovó Cera do Tempo — era antiga, fabricada no tempo em que as vassouras eram feitas para durar, e não para cair aos pedaços após dez anos por causa de carunchos — consistia no fato de que podia demorar para dar a partida, mas, quando dava, não ficava parada esperando. Margrete pensou uma vez em explicar o simbolismo da vassoura das bruxas para Vovó Cera do Tempo, mas decidiu não fazê-lo. Teria sido pior do que o alvoroço sobre o significado do Mastro de Maio.

A partida levou algum tempo. Os moradores da aldeia insistiram em dar de presente a elas pequenas porções de comida. Tia Ogg fez um discurso que ninguém entendeu, mas foi aplaudido de modo geral. Greebo, soluçando de vez em quando, se largou no seu lugar de costume entre as cerdas da vassoura de Tia Ogg. Quando

estavam acima da floresta, uma fina pluma de fumaça pairou acima do castelo. Depois houve chamas.

— Estou vendo pessoas dançando na frente dele — comentou Margrete.

— É sempre um negócio perigoso, o aluguel de imóveis — observou Vovó Cera do Tempo. — Imagino que alguém tenha sido um pouco negligente quanto a redecorar, consertar o telhado e coisas assim. As pessoas se revoltam contra esse tipo de coisa.

O proprietário do meu chalé não fez uma pintura nas paredes desde que me mudei pra lá — acrescentou. — É uma vergonha.

Ainda mais eu sendo uma mulher de idade.

— Achei que a casa fosse sua — disse Margrete, enquanto as vassouras voavam sobre a floresta.

— Ela só não paga o aluguel há sessenta anos — explicou Tia Ogg.

— Eu tenho culpa? — disse Vovó Cera do Tempo. — Não é minha culpa. Eu estaria muito disposta a pagar. — Ela deu um sorriso lento e confiante. — Ele só precisa pedir — acrescentou.

Este é o Disco, visto de cima, com suas formações nebulosas circulando em longos padrões curvos.

Três pontinhos emergiram da camada de nuvens.

— Estou vendo por que viajar não agrada muita gente. Pra mim, é um tédio. Nada além de florestas por horas e horas.

— É, mas voar faz você chegar rápido aos lugares, Vovó.

— Há quanto tempo estamos voando mesmo? — Cerca de dez minutos desde a última vez que você perguntou, Esme.

— Tá vendo? Tédio.

— Não gosto é de ficar sentada no cabo. Acho que deveria ter uma vassoura especial para percorrer longas distâncias, certo? Que desse pra dar uma esticada e tirar um cochilo.

As três pararam para pensar nisso.

— E fazer as refeições — acrescentou Tia Ogg. — Refeição de verdade, quero dizer. Com molho. Não só sanduíche e essas coisas. — Um experimento em cozinha aérea com um fogão a óleo de um bocal havia sido interrompido às pressas após a ameaça de incêndio na vassoura de Tia Ogg.

— Acho que daria pra fazer isso se você tivesse uma vassoura bem grande — disse Margrete. — Mais ou menos do tamanho de uma árvore, talvez. Aí uma de nós poderia cuidar da direção e outra poderia cozinhar.

— Nunca daria certo — discordou Tia Ogg. — Os anões cobrariam uma fortuna por uma vassoura tão grande.

— Sim, mas daria — começou Margrete, tomando gosto pelo assunto — para fazer as pessoas pagarem para alguém dirigir para elas. Deve ter muita gente que não aguenta mais os salteadores e... ficar com enjoo no mar, esse tipo de coisa.

— Que tal, Esme? — perguntou Tia Ogg. — Eu cuido da direção e Margrete cuida da comida.

— O que eu vou fazer, então? — disse Vovó Cera do Tempo, desconfiada.

— Ah... bem... tem que ter alguém pra... assim... receber as pessoas no cabo e dar as refeições pra elas — sugeriu Margrete.

— E dizer a elas o que fazer se a magia falhar, por exemplo.

— Se a magia falhar, todo mundo se espatifa no chão e morre — observou Vovó.

— Sim, mas alguém terá que dizer às pessoas como fazer isso insistiu Tia Ogg, piscando para Margrete. — Elas não vão saber porque não têm experiência em voos.

— E poderíamos nos chamar... — ela fez uma pausa. Como sempre, no Disco, que ficava bem no limite da irrealidade, pequenos pedaços de real insinuavam-se sempre que a mente de alguém ressoava da forma apropriada. Isso aconteceu nesse instante. — ... Três Bruxas Aéreas. Que tal? — Vassouras Aéreas — sugeriu Margrete. — Ou Pan... no Ar...

— Não precisa misturar religião nisso — discordou Vovó.

Tia Ogg olhou com expressão maliciosa para Vovó e para Margrete.

— Poderíamos nos chamar Virg... — começou.

Uma rajada de vento bateu nas três vassouras e as lançou para cima. Houve um breve momento de pânico até as bruxas retomarem o controle.

— Quanta besteira — murmurou Vovó.

— Bom, pelo menos o tempo passa mais rápido — disse Tia Ogg.

Vovó olhou com mau humor para a folhagem abaixo.

— Seria impossível convencer as pessoas a voarem nisso — disse. — Quanta besteira.

Querido Jason ifamilha, No verso do outro lado por favor veja anexo o desenho de um lugar em que algum rei morreu e foi enterrado, não me pergunte pur quê. E numa aldeia que ficamos

ontem anoite. Comemos uma coisa era mastigável você nunca vai adivinhar que era caramujo, e não era ruim e Esme comeu três porções antes de saber o que era e depois fez um Escarcéu com o cozinheiro e Margrete passou mal a noite toda só de pensar naquilo e teve dia réa.

Pensando em você sua MAE que te ama.

P.S. as latrinas aqui são NOJENTAS, elas ficam DENTRO DECASA, IGIENI nem pensar.

Vários dias se passaram.

Numa hospedaria pequena e sossegada num pequeno país, Vovó Cera do Tempo permanecia sentada e examinava a comida com muita desconfiança. O dono andava de um lado para o outro com a expressão nervosa de quem sabe, antes de tudo começar, que não vai se dar bem no final.

— Boa comida, simples e caseira — começou Vovó. — É tudo o que eu peço. Vocês me conhecem. Não sou uma pessoa exigente. Ninguém pode dizer que sou uma pessoa exigente. Só quero uma comida simples. Não toda gordurosa e tal. Chega uma hora em que você reclama de uma coisa que veio na sua alface e, quando vai ver, é o que você tinha pedido.

Tia Ogg enfiou o guardanapo na parte de cima do vestido e não disse nada.

— Como aquele lugar ontem à noite — continuou Vovó.

— Você chegou a pensar que ficaria bem só com sanduíches, não? Sabe... sanduíche! A comida mais simples que existe no mundo. E de se pensar que nem os estrangeiros conseguirão errar num sanduíche. Rá! — Eles não chamavam aquilo de sanduíche,

Vovó — corrigiu Margrete, sem tirar os olhos da frigideira do proprietário. — Eles chamavam de... Acho que chamavam de maxi bobs.

— Tava gostoso — disse Tia Ogg. — Gosto especialmente de manjuba em conserva.

— Mas devem pensar que a gente é louca de não notar que tiraram a fatia de cima — continuou Vovó, triunfante. — Bom, de mim eles ouviram poucas e boas! Da próxima vez, pensarão duas vezes antes de surrupiar a fatia de pão a que a pessoa tem direito! — Acho que sim — concordou Margrete, abatida.

— E não tolero essa coisa de dar nome esquisito pra tudo, pra pessoa não saber o que tá comendo — disse Vovó, decidida a explorar as desvantagens da cozinha internacional de uma vez por todas. — Gosto de coisas que falam claramente o que são, tipo... é... Buchada de Bode ou... ou...

— Baba de Moça — completou Tia Ogg, distraída. Ela observava o andamento das panquecas com ansiedade.

— Isso mesmo. Comida honesta, decente. Por exemplo, aquela coisa que comemos no almoço. Não estou dizendo que não estava bom — disse Vovó, com benevolência. — Pro padrão estrangeiro, é claro. Mas chamavam o negócio de Cwuiesses dee Grenolly, e quem vai saber o que isso significa? — Patas de rã — traduziu Tia Ogg, sem pensar.

O silêncio foi preenchido com Vovó Cera do Tempo respirando fundo, e um verde pálido atravessou o rosto de Margrete.

Tia Ogg pensava mais rápido do que conseguia havia muito tempo.

— Não perna de rã de verdade — corrigiu rápido. — É como CachorroQuente, que é apenas salsicha no pão. É só um nome de brincadeira.

— Eu não acho muito engraçado — disse Vovó. Ela se virou para olhar as panquecas. — Pelo menos não dá pra estragar uma panqueca decente. Como é que chamam panqueca aqui?

— Crap Suzette*, acho — respondeu Tia Ogg. Vovó conteve o comentário. Mas observou com satisfação controlada o proprietário terminar o prato e dar um sorriso esperançoso para ela.

— Ah, agora ele quer que a gente coma. Ele vai e bota fogo nelas e depois ainda espera que a gente coma! Pode ser que mais tarde tenha sido possível mapear o avanço das bruxas pelo continente por meio de uma espécie de pesquisa demográfica. Muito tempo depois, em cozinhas silenciosas e cheias de cebolas penduradas, em aldeias sossegadas e aninhadas entre colinas aconchegantes, poder-se-ia encontrar cozinheiros que não se contorcessem nem tentassem se esconder atrás da porta ao verem um estrangeiro entrar na cozinha.

Querido Jason, Está definitivamente mais quente aqui, Margrete disse que é porque estamos ficando mais longe do Círculo Central e, engraçado, o dinheiro é todo diferente. Você tem que trocar por outro dinheiro que tem forma toda diferente e não é dinheiro de verdade de jeito nenhum na minha opinião. Geralmente deixamos Esme resolver essas coisas, ela consegue uma taxa de troca muito boa, é impressionante, Margrete disse que vai escrever um livro chamado Viaje Gastando Um Dólar por Dia, sempre com o mesmo dólar. Esme está começando a agir igual a uma estrangeira, ontem

*ela tirou o xale, o próximo passo vai ser dançar em cima das mesas.
Esta é uma foto de umas pontes famosas.*

Muito amor;

MAMÃE.

O sol bateu nas ruas de paralelepípedo, especialmente no pátio de uma pequena hospedaria.

— É difícil imaginar — começou Margrete — que é outono lá na nossa terra.

— Parkon? Mucho vino aveck zeí, grassy ass.

O dono da hospedaria, que não entendeu uma palavra, era um homem bom e certamente não merecia ser chamado de parkon. Ele sorriu para Tia Ogg. Sorria para qualquer um que tivesse tal capacidade ilimitada para beber.

— Mas eu não aprovo essa coisa de colocar as mesas todas do lado de fora do restaurante — disse Vovó Cera do Tempo, embora sem muita seriedade. O tempo estava quente e agradável. Não que não gostasse do outono, mas, na sua idade, era bom saber que acontecia a centenas de quilômetros, quando não estava lá. Debaixo da mesa, Greebo cochilava sobre as costas e com as pernas para o alto. De vez em quando, fazia um movimento brusco quando brigava com lobos nos sonhos.

— Nas anotações de Desiderata — começou Margrete, virando as páginas rígidas com cuidado — está escrito que no fim do verão, aqui, eles têm uma cerimônia tradicional especial em que deixam muitos touros correrem soltos pelas ruas.

— Acho que vale a pena a gente ver — disse Vovó Cera do Tempo. — Por que fazem isso? — Para que todos os jovens possam

persegui-los e mostrar como são corajosos — respondeu Margrete. — Parece que arrancam as rosetas deles. Uma variedade de expressões passou pelo rosto enrugado de Tia Ogg, como a mudança de tempo ao longo de trechos de terreno vulcânico erodido.

— Isso soa meio estranho — disse, por fim. — Pra que fazem isso? — Ela não explica muito bem — respondeu Margrete. Virou mais uma página. Seus lábios se mexiam enquanto ela lia. — O que significa cojones? Elas encolheram os ombros.

— Olha, é melhor você ir devagar com essa bebida — sugeriu Vovó quando o garçom pôs mais uma garrafa na frente de Tia Ogg. — Eu não confiaria em nenhuma bebida que fosse verde.

— Não é bebida de verdade — disse Tia Ogg. — No rótulo diz que é feita com ervas. Não se pode fazer uma bebida séria só com ervas. Prove um pouquinho. Vovó cheirou a garrafa aberta.

— Tem cheiro de anis — observou.

— Está escrito "Absinto" na garrafa — explicou Tia Ogg.

— Ah, isso é o mesmo que losna — disse Margrete, que entendia de ervas. — Meu livro sobre ervas medicinais diz que é bom para desarranjos intestinais e que previne enjoos estomacais após as refeições.

— Táí, então — começou Tia Ogg. — Ervas. Isto é praticamente um remédio.

— Ela serviu uma dose generosa para as outras duas. — Experimenta, Margrete. Vai esquentar o seu peito.

Vovó Cera do Tempo afrouxou as botas disfarçadamente.

Questionava-se se deveria tirar a túnica. Provavelmente não precisaria das três.

— Temos que ir andando — disse.

— Ai, estou cansada das vassouras — reclamou Tia Ogg. — Mais umas duas horas sobre um cabo de vassoura e a minha desirrê fica rígida.

Ela olhou para as outras duas esperando comentários.

— É a palavra estrangeira pra dizer bunda — acrescentou. — Mas o engraçado é que, em alguns lugares estrangeiros, "bunda" significa "coisa ordinária", e "ordinário" significa "habitual". Palavra é uma coisa engraçada.

— Não dá pra parar de rir — observou Vovó.

— O rio é bem largo aqui — disse Margrete. — Tem barcos grandes. Nunca andei num barco de verdade. Sabe? Do tipo que não afunda fácil? — Vassoura tem mais cara de bruxa — insistiu Vovó, mas sem muita convicção. Ela não possuía o vocabulário anatômico internacional de Tia Ogg, mas algumas partes de seu corpo, cujos nomes nem sequer admitiria saber, definitivamente sofriram.

— Eu vi esses barcos — comentou Tia Ogg. — Parecem umas balsas enormes com casas em cima. Nem dá pra sentir que você está num barco, Esmé. Ei, o que ele tá fazendo? O dono da hospedaria havia saído às pressas para levar as belas mesinhas para dentro. Ele acenou com a cabeça para Tia Ogg e disse algumas palavras com certo tom de urgência.

— Acho que ele quer que a gente entre — explicou Margrete.

— Eu gosto de ficar do lado de fora — disse Vovó.

— EU GOSTO DE FICAR DO LADO DE FORA, 'BRIGADA — repetiu. O método de Vovó Cera do Tempo para lidar com línguas estrangeiras era repetir o que dizia mais alto e devagar.

— Ei, para de tentar levar a nossa mesa embora! — gritou Tia Ogg, batendo nas mãos do homem.

O dono da hospedaria disse mais alguma coisa com pressa e apontou para a rua.

Vovó e Margrete olharam para Tia Ogg querendo saber o que ele dissera. Ela encolheu os ombros.

— Não entendi nada — admitiu.

— VAMOS FICAR PARADAS AQUI, 'BRIGADA — insistiu Vovó. O proprietário a olhou nos olhos. Ele desistiu, balançou as mãos irritado e entrou.

— As pessoas acham que podem se aproveitar da gente porque somos mulheres — disse Margrete. Ela abafou um arroteo com discrição e pegou a garrafa verde mais uma vez. Já estava com uma sensação bem melhor no estômago.

— É isso mesmo. Quer saber de uma coisa? — começou Tia Ogg — Eu pus umas barreiras na porta do meu quarto, ontem à noite, e um homem nem tentou arrombar.

— Gytha Ogg, às vezes você... — Vovó parou de falar ao avistar algo por cima do ombro de Tia Ogg. — Tem um monte de vacas vindo pela rua.

Tia Ogg virou a cadeira para ver.

— Deve ser aquela coisa do touro que a Margrete mencionou. Deve valer a pena ver isso.

Margrete olhou. Ao longo de toda a rua as pessoas esticavam o pescoço para fora de todas as janelas do segundo andar das casas. Uma confusão de chifres, cascos e corpos em fuga se aproximava muito rápido.

— Tem gente lá em cima rindo da gente — observou, em tom de acusação. Debaixo da mesa, Greebo se agitou e rolou no chão. Ele abriu o seu olho bom, focalizou os touros cada vez mais próximos e se sentou. Aquilo parecia divertido.

— Rindo? — perguntou Vovó. Ela olhou para cima. As pessoas no alto realmente pareciam gostar de alguma piada.

Ela apertou os olhos.

— Vamos apenas continuar como se nada estivesse acontecendo — declarou.

— Mas os touros são bem grandes — disse Margrete, nervosa.

— Eles não têm nada a ver com a gente — insistiu Vovó. — Não tem nada a ver com a gente se um bando de estrangeiros ficar empolgado com alguma coisa. Agora me passa o vinho de ervas.

De acordo com as lembranças que Lagro te Kabona, o dono da hospedaria, conseguiu ter dos acontecimentos daquele dia, parecem ter ocorrido da seguinte forma:

Era a época da Coisa com os Touros. E as mulheres loucas ficaram ali sentadas, bebendo absinto como se fosse água! Ele tentou convencê-las a entrar na hospedaria, mas a mais velha, a magrela, só fazia gritar com ele. Então deixou que elas demorassem mais, mas manteve a porta aberta — as pessoas geralmente entendiam a situação quando os touros vinham descendo a rua com os jovens da aldeia atrás deles. Quem arrancasse a grande roseta

vermelha que ficava entre os chifres do touro maior ganhava o assento de honra no banquete daquela noite, além — Lagro deu um sorriso com uma lembrança de quarenta anos — de certa relação informal, porém altamente agradável, com as jovens da cidade durante algum tempo...

E as mulheres loucas simplesmente continuaram sentadas ali.

O touro que vinha à frente sentiu-se um pouco incerto com a situação. Sua atitude normal seria rosnar e bater um pouco com a pata no chão para fazer os alvos correr de um modo interessante. Sua mente não foi capaz de lidar com essa falta de atenção, mas esse ainda não era o problema maior, porque seu principal problema eram os outros vinte touros atrás dele.

Até mesmo isso deixou de ser o seu principal problema porque a velha terrível, a que estava toda de preto, se levantara, resmungara alguma coisa para ele e dera um tapa no meio dos seus olhos. Depois, a atarracada e horrorosa, cujo estômago possuía a elasticidade e a capacidade de um tanque de água galvanizado, caiu da sua cadeira para trás, rindo, e a jovem — ou melhor, a que era mais jovem que as outras duas — começou a espantar os touros batendo os braços como se fossem patos. Então a rua ficou cheia de touros enraivecidos e confusos, e muitos jovens gritando apavorados. Uma coisa é correr atrás de um monte de touros em pânico, outra muito diferente é perceber que, de repente, eles estão tentando correr na direção contrária.

O dono da hospedaria, da segurança da janela do seu quarto, pôde ouvir as terríveis mulheres gritando umas com as outras. A atarracada não parava de rir e gritar uma espécie de grito de guerra

— "TentaaEspadadoCavaleiroEsme!". Depois, a mais jovem, que tentava passar entre os animais como se levar chifradas até morrer fosse algo que só acontecia com os outros, encontrou o touro líder e arrancou a roseta dele com o mesmo ar de preocupação de uma senhora tirando um espinho da pata do seu gato. Ela ficou segurando a roseta como se não soubesse o que era aquilo ou o que deveria fazer...

O silêncio repentino afetou até mesmo os touros. Seus minúsculos cérebros dilatados detectavam que alguma coisa estava errada. Os touros ficaram desconcertados. Felizmente, as terríveis mulheres foram embora num barco, naquela mesma tarde, depois que uma delas resgatou o seu gato, que encurralara duzentos quilos de touro confuso e tentava jogá-lo para cima para brincar com ele.

Naquela noite, Lagro te Kabona fez questão de ser muito, muito gentil com sua velha mãe.

A aldeia promoveu um festival de flores no ano seguinte e ninguém jamais mencionou a Coisa com os Touros. Nunca mais.

Pelo menos, não na frente dos homens.

A grande roda de pá revirava o espesso caldo marrom do rio. A força motriz era composta por algumas dúzias de trolls sob um guarda-sol, arrastando-se ao longo de uma correia sem fim. Pássaros cantavam nas árvores das margens distantes. O aroma dos hibiscos flutuava sobre as águas quase se sobrepondo ao aroma do próprio rio, mas infelizmente não chegando a fazê-lo.

— Agora, sim — comentou Tia Ogg. — Isto é bem melhor.

Ela se esticou na espreguiçadeira e se virou para olhar para Vovó Cera do Tempo, cuja testa se encontrava franzida pela intensa

concentração da leitura. A boca de Tia Ogg estendeu-se num sorriso malvado.

— Sabe como se chama este rio? — perguntou. — Não.

— Chama-se rio Vieux.

— É? — Sabe o que significa? — Não.

— Rio Velho, no masculino.

— É? — As palavras têm sexo, em outras línguas — observou Tia Ogg, esperando alguma reação.

Vovó não se abalou.

— Não me surpreende nem um pouco — murmurou.

Gytha desistiu.

— Esse é um dos livros da Desiderata, não? — Sim — respondeu Vovó. Ela lambeu o polegar de forma decente e virou a página.

— Pra onde foi Margrete? — Está descansando na cabine — disse Vovó, sem erguer a cabeça.

— Distúrbio estomacal? — É a cabeça, desta vez. Agora fica quieta, Gytha. Estou fazendo uma leitura.

— Sobre o quê? — perguntou Tia Ogg, animada.

Vovó Cera do Tempo suspirou e pôs o dedo na página para marcar o trecho em que estava.

— Sobre esse lugar pra onde estamos indo. Genua. Desiderata diz que é um lugar decadente.

Tia Ogg permaneceu com o mesmo sorriso.

— É? Que bom, não? Nunca estive numa cidade antes.

Vovó Cera do Tempo fez uma pausa. Ela vinha refletindo havia algum tempo. Não tinha nenhuma certeza sobre o significado da

palavra "decadente". Havia rejeitado a possibilidade de que significasse "algo com dez dentes" no sentido de que Tia Ogg, por exemplo, era unidente. O que quer que significasse, era algo que Desiderata sentira a necessidade de escrever. Vovó Cera do Tempo geralmente não confiava em livros como um meio de obter informações, mas agora não tinha escolha.

Ela tinha uma vaga ideia de que "decadente" tinha algo a ver com não abrir as cortinas o dia todo.

— Ela diz que também é uma cidade de artes, inteligência e cultura — disse Vovó.

— Vamos ficar bem, então — observou Tia Ogg, confiante.

— Especialmente conhecida pela beleza de suas mulheres, ela diz aqui.

— Vamos passar despercebidas, sem problemas.

Vovó virou as páginas com cuidado. Desiderata prestara muita atenção a certas questões por toda parte no Disco. Por outro lado, não escrevia para outras pessoas, mas para ela mesma. Assim, suas anotações tinham tendência a ganhar um tom enigmático, constituindo mais auxílios à memória do que relatos coerentes.

Vovó leu:

"Agora L. governa a cidade como o poder por trás do trono e dizem que o Barão S. foi assassinado, afogado no rio. Ele era um homem perverso embora eunão ache que tão perverso quanto L., pois ela diz que quer fazer deste lugar um Reino Mágico, um lugar Feliz e Agradável, e quando as pessoas fazem isso cuidado com Espiões em cada esquina e nenhum ornem ousa falar o que pensa, pois quem ousa se pronunciar contra o Mall feito em nome da

Felicidade e da Paiz? Todas as Ruais estão limpas e os Machados a fiados. Mas pelos menos E. está segura, por enquanto. L. tem planos para ela. E a sra. G. que era o amour do Barão está escondida no pântano e contra — ataca com magia do pântano, mas não dá para lutar contra a magia de espelho que é toda Reflexo.” Fadas madrinhas andavam em duplas, isso Vovó sabia.

Então era Desiderata e... e L... Mas quem era essa pessoa no pântano?

— Gytha? — chamou Vovó.

— Queem...? — respondeu Tia Ogg, que cochilava.

— Desiderata diz que uma mulher aqui é amour de alguém.

— Provavelmente é uma metáfroa — sugeriu Tia Ogg.

— Ah — disse Vovó, sem muita clareza —, essas coisas.

Continuou lendo: "*Mais ninguém pode interromper o Mardi Gras. Se alguma coisa poder ser feita, que seja na Samedi Nuit Morte, a última noite de carnavaie, anoite a meio caminho entre os Vivos e os Mortos, quando a magia flui pelas ruas. Se L. for vulnerável é nesse momento, pois o carnavaie é tudo o que ela mais odeia...*

Vovó Cera do Tempo puxou o chapéu sobre os olhos para protegê-los do sol.

— Diz aqui que eles têm um grande carnaval todo ano — observou. — Mardi Gras é o nome.

— Isso significa Almoço Gordo — explicou Tia Ogg, a linguista internacional.

— Garkon! Etcetra Tulipa de Menta toda avec petit tigela de amendoins, pour favouere! Vovó Cera do Tempo fechou o livro.

É claro que não admitiria isso a uma terceira pessoa, muito menos a outra bruxa, mas à medida que Genua ficava mais próxima, Vovó sentia-se cada vez menos confiante.

Ela aguardava em Genua. Depois de todo esse tempo! Olhando fixamente para ela por meio de um espelho! Sorrindo! O sol ficou mais forte. Tentou desafiá-lo. Mais cedo ou mais tarde, no entanto, teria que ceder. Chegaria a hora de retirar mais uma túnica.

Tia Ogg sentou-se e desenhou cartões para seus parentes durante algum tempo. Depois bocejou. Ela gostava de barulho e pessoas ao redor. Tia Ogg estava ficando entediada. O barco era grande, parecia mais uma hospedaria flutuante, e ela tinha certeza de que havia alguma coisa emocionante acontecendo em algum lugar. Pôs a bolsa na cadeira e saiu em busca de agitação.

Os trolls seguiam trabalhando duramente.

O sol estava vermelho, gordo e baixo quando Vovó Cera do Tempo acordou. Olhou em volta com sentimento de culpa, protegida pela aba do seu chapéu, com receio de que alguém a tivesse visto dormir. Cair no sono no meio do dia consistia em algo que só as mulheres idosas faziam, e Vovó Cera do Tempo era uma mulher idosa apenas quando lhe convinha.

O único espectador era Greebo, aconchegado na cadeira de Tia Ogg. Seu olho bom permanecia fixo nela, mas não era tão aterrorizante quanto o olhar penetrante e leitoso do seu olho cego.

— Apenas refletindo sobre a nossa estratégia — murmurou, por segurança. Ela fechou o livro e dirigiu-se à sua cabine com ar pomposo. A cabine não era grande. Alguns dos compartimentos pareciam enormes, mas, com o vinho de ervas e tudo mais, Vovó

não se sentiu em condições de tentar usar o seu prestígio para conseguir um.

Margrete e Tia Ogg permaneciam sentadas num beliche, num silêncio sombrio e carregado.

— Eu tô com um pouco de fome — disse Vovó. — Senti cheiro de ensopado quando vinha pra cá. Vamos dar uma olhada, hein? O que acham? As outras duas continuaram olhando para o chão.

— Acho que a gente tem que pensar nas abóboras — respondeu Margrete. — E na opção do pão de anão.

— O pão de anão é uma alternativa — sugeriu Tia Ogg de um jeito automático. E ergueu o rosto, que era uma máscara de vergonha.

— É... Esmé... é... sabe o dinheiro...

— O dinheiro que nós te demos pra ficar na sua calcinha por segurança? — perguntou Vovó. Alguma coisa no modo como a conversa se desenvolvia lembrava as primeiras pedrinhas escorregando antes de um grande deslizamento de terra.

— É desse dinheiro mesmo que estou falando... é...

— O dinheiro que está no saco grande de couro e temos muito cuidado ao gastar? — perguntou Vovó.

— Sabe... o dinheiro...

— Ah, aquele dinheiro — disse Vovó.

— ... já era... — completou Tia Ogg.

— Roubado? — Ela andou jogando — dedurou Margrete, num tom de horror e piedade. — Com homens.

— Aquilo não era jogo! — gritou Tia Ogg. — Eu nunca jogo! Eles eram péssimos nas cartas! Eu ganhei um monte de partidas! — Mas

perdeu dinheiro — observou Vovó.

Tia Ogg voltou a olhar para baixo e murmurou alguma coisa.

— Quê? — perguntou Vovó.

— Eu disse que ganhei quase todos os jogos — respondeu Tia Ogg. — Aí eu disse... ei... poderíamos ter um pouco de dinheiro para... sabe como é... gastar na cidade... E eu sempre fui muito boa em Aleije o Sr. Cebola...

— Aí você decidiu apostar muito — adivinhou Vovó.

— Como é que você sabe? — Tive um pressentimento — explicou Vovó, abatida. — E, de repente, todos os outros ficaram com sorte, estou certa? — Foi estranho — disse Tia Ogg.

— Hum.

— Olha, isso não é jogar — insistiu Tia Ogg. — Eu não via aquilo como jogo. Eles eram muito ruins quando comecei a jogar. Não é jogo quando se joga contra alguém que não sabe jogar. Todo mundo sabe disso.

— Tinha quase catorze dólares naquele saco — lembrou Margrete — , sem contar o dinheiro estrangeiro.

— Hum.

Vovó Cera do Tempo sentou-se no beliche e ficou tamborilando os dedos na madeira. Seu olhar permanecia distante.

A expressão "trapaça" nunca chegara ao seu lado das Ramtops, onde as pessoas eram simpáticas, diretas e, caso encontrassem um trapaceiro profissional, tinham a tendência de pregar sua mão à mesa de uma maneira simples e expansiva sem perguntar a ele o que fazia ou o que era. Mas a natureza humana era a mesma em todo lugar.

— Você não ficou chateada, ficou, Esme? — perguntou Tia Ogg, ansiosa.

— Hum.

— Acho que eu posso conseguir uma vassoura nova quando voltarmos pra casa.

— Hum... quê? — Depois que perdeu todo o dinheiro, ela apostou a vassoura — dedurou Margrete, triunfante.

— Ficamos com algum dinheiro? — perguntou Vovó.

Uma geral em diversos bolsos e calcinhas resultou em quarenta e sete centavos.

— Certo — começou Vovó. Ela recolheu as moedas. — Isso deve ser suficiente. Pra começar, pelo menos. Onde estão esses homens? — O que você vai fazer? — perguntou Margrete.

— Vou jogar baralho — respondeu Vovó.

— Não pode fazer isso! — protestou Margrete, que reconheceu o brilho nos olhos de Vovó. — Você vai usar magia para vencer! Não se deve usar magia para vencer! Não para afetar as leis do acaso! Isso é perverso! O barco era praticamente uma cidade flutuante e, com o ar perfumado da noite, ninguém se dava ao trabalho de ficar do lado de dentro. O convés plano da embarcação fluvial encontrava-se cheio de grupos de anões, trolls e humanos relaxando ao lado da carga. Vovó passou entre eles com dificuldade e seguiu para o salão comprido que tinha quase o mesmo comprimento do barco. Havia um barulho de folia do lado de dentro.

Os barcos fluviais constituíam o meio de transporte mais rápido e mais fácil para centenas de quilômetros. Neles você tinha, como diria Vovó, gente de todo tipo, e os barcos que desciam o rio ficavam

sempre cheios de certo tipo de oportunista quando o Almoço Gordo se aproximava.

Ela entrou no salão. Um observador poderia ter pensado que ele possuía uma porta mágica. Vovó Cera do Tempo, ao se aproximar dela, caminhou com passos largos, como de costume.

Assim que passou pela porta, no entanto, passou a ser uma velha curvada, mancando, uma visão para comover a todos, menos os perversos de coração. Ela se aproximou do bar e parou. Atrás dele, encontrava-se o maior espelho que Vovó já vira. Ela o olhou fixamente, mas pareceu seguro o bastante. Bem, teria que arriscar.

Ficou um pouco mais corcunda e se dirigiu ao barman.

— Excuzee moir, jovem homme — começou.

O barman a olhou sem interesse e continuou lustrando um copo.

— O que posso fazer pela senhora, velha encarquilhada? Houve apenas uma leve insinuação de um movimento trêmulo na expressão de imbecilidade senil de Vovó.

— Oh... consegue me entender? — perguntou.

— Temos todo tipo de gente no rio — disse o barman.

— Então gostaria de saber se poderia fazer a gentileza de me emprestar um baralho, acho que é assim que se chama, de cartas — continuou Vovó, com a voz trêmula.

— Não é melhor jogar Jogo da Velha? — perguntou o barman.

Mais uma vez, houve uma leve menção de movimento contido nos olhos de Vovó quando ela disse: — Não. Vou jogar Paciência mesmo. Queria tentar pegar o jeito.

Ele pôs a mão debaixo do balcão e jogou um baralho engordurado na direção dela.

Ela o agradeceu entusiasmada e saiu titubeando até uma pequena mesa, num canto escuro, onde distribuiu ao acaso algumas cartas sobre a superfície com marcas de copos e ficou olhando para elas.

Passaram-se apenas alguns minutos, e uma mão suave foi colocada em seu ombro. Ela ergueu a cabeça e viu um rosto simpático e franco para o qual qualquer um emprestaria dinheiro.

Um dente de ouro cintilou quando o homem falou.

— Com licença, querida senhora, mas meus amigos e eu — ele fez um gesto na direção de alguns rostos cordiais numa mesa próxima — nos sentiríamos muito mais confortáveis se a senhora pudesse se juntar a nós. Pode ser muito perigoso para uma mulher viajar sozinha.

Vovó Cera do Tempo deu um sorriso bondoso para ele e fez um gesto vago para as cartas.

— Nunca consigo me lembrar se os números valem mais ou menos que as figuras — disse. — Só falta eu esquecer a própria cabeça, acho! Todos riram. Vovó foi mancando até a outra mesa. Ficou no assento vago, que deixava o espelho exatamente atrás de seus ombros.

Ela sorriu para si mesma e se inclinou para a frente, toda ansiosa.

— Bom, digam-me — começou — , como é que se joga isso, então? Todas as bruxas possuem muito conhecimento das histórias.

Elas são capazes de sentir as histórias da mesma forma que um banhista numa lagoa é capaz de sentir uma truta inesperada.

Saber como as histórias funcionam já é meio caminho andado.

Por exemplo, quando alguém obviamente inocente se senta ao lado de três trapaceiros no jogo e diz: "Como é que se joga isso, então?", quer dizer que alguém está prestes a ser roubado até a última peça de roupa.

Margrete e Tia Ogg encontravam-se sentadas uma ao lado da outra no beliche estreito. Tia Ogg fazia cócegas na barriga de Greebo distraidamente enquanto ele ronronava.

— Ela vai se meter numa encrenca terrível se usar magia para vencer — disse Margrete. — E você sabe como ela odeia perder — acrescentou.

Vovó Cera do Tempo não era uma boa perdedora. Do seu ponto de vista, perder era algo que só acontecia aos outros.

— É o égol dela — explicou Tia Ogg. — Todo mundo tem isso.

Um égol. E ela tem um bem grande. E claro que isso tem a ver com o fato de ser bruxa, ter um égol grande.

— Com certeza ela vai usar magia — insistiu Margrete.

— É desafiar o Destino usar magia num jogo de azar — observou Tia Ogg. — Trapacear, tudo bem. É praticamente justo.

Quer dizer, qualquer um pode trapacear. Mas usar magia... bom, isso é desafiar o Destino.

— Não, o Destino não — corrigiu Margrete, num tom misterioso.

Tia Ogg sentiu um arrepio.

— Venha — chamou Margrete. — Não podemos deixá-la fazer isso.

— E o égol dela — continuou Tia Ogg, sem muito ânimo.

— E uma coisa terrível um égol muito grande.

— Eu tenho — começou Vovó — três desenhos de reis e esse tipo de coisa e três dessas cartas engraçadas de número um.

Os três homens sorriram e piscaram uns para os outros.

— É um Cebola Triplo! — explicou o que havia apresentado Vovó à mesa e que, por acaso, se chamava senhor Franco.

— E isso é bom, é? — perguntou Vovó.

— Significa que a senhora ganhou outra vez, minha querida! — Ele empurrou uma pilha de moedas na direção dela.

— Nossa. Isso significa que tenho... como é que é... quase cinco dólares agora? — Não dá pra entender — disse o senhor Franco. — Deve ser a velha sorte de principiante, hein? — Logo vamos ficar pobres, se continuar desse jeito — emendou um de seus companheiros.

— Ela vai acabar deixando a gente sem roupa, sem sombra de dúvida — concordou o terceiro homem. — Ha, ha.

— Acho que devemos desistir agora mesmo — sugeriu o senhor Franco. — Ha, ha.

— Ha, ha.

— Ha, ha.

Ah, eu quero continuar — pediu Vovó, com sorriso ansioso.

— Estou só começando a pegar o jeito.

— Bom, é melhor a senhora dar uma chance pra gente ganhar um pouco de volta, ha, ha — disse o senhor Franco.

— ha, ha.

— Ha, ha.

— Ha, ha.

— Ha, ha. Que tal meio dólar a aposta? Ha, ha? — Ah, imagino que ela vai querer uma aposta de um dólar, do jeito que é esportiva — disse o terceiro homem.

— Ha, ha! Vovó olhou para a sua pilha de moedas. Por um momento, pareceu estar na dúvida, mas depois, eles perceberam, ela se deu conta: quanto ela poderia perder, do jeito que as cartas estavam vindo? — Sim! — ela concordou. — Um dólar por aposta! — Ela corou.

— Que emocionante, não? — É — concordou o senhor Franco. Ele puxou o baralho para perto de si. Houve um barulho horrível. Os três homens olharam para o bar, onde cacos de espelho caíam em forma de cascata no chão.

— O que aconteceu? Vovó deu um sorriso meigo para ele. Ela não pareceu ter olhado à sua volta.

— Imagino que o copo que ele lustrava deva ter escorregado da mão e batido bem no espelho — ela disse. — Espero que não tenha que pagar com o salário dele, pobre rapaz.

Os homens se entreolharam.

— Vamos — insistiu Vovó. — Meu dólar já está pronto.

O senhor Franco olhou com nervosismo para a moldura destruída. Depois deu de ombros.

O movimento deslocou alguma coisa em algum lugar.

Houve um som de estalo abafado, como o de uma ratoeira realizando os últimos movimentos. O senhor Franco ficou pálido e agarrou a manga da camisa. Um pequeno dispositivo de metal, cheio

de molas e peças retorcidas, caiu para fora. Um Às de copas amassado enroscava-se nele.

— Opa — disse Vovó.

* * *

Margrete espiou pela janela do salão.

— O que ela está fazendo agora? — sussurrou Tia Ogg.

— Está sorrindo novamente — respondeu Margrete.

Tia Ogg balançou a cabeça.

— Égol.

Vovó Cera do Tempo possuía aquele método de jogo que causa fúria incoerente nos jogadores profissionais por todo o multiverso.

Ela segurou as cartas bem espremidas nas mãos, a poucos centímetros do rosto, deixando para fora apenas uma pequena fração de cada uma. Encarava-os como se os estivesse desafiando a ofendê-la. E não parecia tirar os olhos deles por um segundo, exceto para observar a distribuição das cartas.

Ela demorou muito. E jamais, em momento algum, se arriscou.

Após vinte e cinco minutos, ela só tinha perdido um dólar e o senhor Franco transpirava. Vovó já havia observado três vezes, atenciosamente, que ele começara a distribuir as cartas da parte de baixo do baralho sem querer e ela havia pedido outro baralho "porque, olha, este aqui tá cheio de marquinhos na parte de trás". Era o olhar dela, era isso. Duas vezes ele havia corrido do jogo com um Cebola de três cartas perfeitamente bom para descobrir que ela tinha uma Rosca dupla quase sem valor na mão. Então, na terceira vez, achando que sabia qual era o jogo dela, pagou para ver, mostrou um flush respeitável e se deparou com uma cilada de um

Cebola de quatro cartas que a danada da velha devia estar construindo com paciência havia séculos.

Depois — as juntas dos dedos dele ficaram brancas —, a rabugenta horrorosa e terrível disse: "Eu ganhei? Com todas essas cartinhas? Nossa, como sou sortuda!" Aí ela começou a cantarolar ao olhar para as suas cartas.

Normalmente, os três teriam até gostado desse tipo de comportamento. As batidinhas nos dentes, as sobrelanceiras erguidas, a esfregação nos ouvidos — eram tão bons quanto dinheiro na meia debaixo do colchão para um homem que soubesse interpretar tais gestos. Mas a bruxa pavorosa era tão transparente quanto um pedaço de carvão. E a musiquinha que ela murmurava era... insistente. Você se via tentando acompanhar a melodia. Fazia os seus dentes tremerem. Quando se dava conta, assistia de mau humor enquanto ela mostrava um reles Flush Meia-Boca diante do seu Cebola de duas cartas mais reles ainda e dizia: "O quê, eu de novo?" O senhor Franco tentava desesperadamente se lembrar como jogar cartas sem o dispositivo na manga, um espelho favorável e um baralho marcado. Tendo que encarar uma cantoria que parecia uma unha raspando um quadro-negro.

O pior era que a criatura caquética e medonha nem sequer sabia jogar direito. Uma hora depois, ela estava com quatro dólares a mais e, quando disse "Eu sou uma garota de sorte!", ele mordeu a língua várias vezes.

Então ele conseguiu uma bela Grande Cebola. Não havia nenhuma forma realista de se derrotar uma Grande Cebola. Era algo que acontecia apenas uma ou duas vezes na vida.

Ela correu do jogo! A velha safada correu! Ela tinha apostado só um maldito dólar e depois correu! Margrete espiou pela janela mais uma vez.

— O que está acontecendo? — perguntou Tia Ogg.

— Todos parecem muito zangados.

Tia Ogg tirou o chapéu e retirou o seu cachimbo. Ela o acendeu e jogou o fósforo.

— Ah, ela deve estar cantarolando, pode apostar. Ela tem um jeito muito irritante de cantarolar, a Esme. — Tia Ogg parecia satisfeita. — Já começou a limpar os ouvidos? — Acho que não.

— Ninguém limpa os ouvidos como Esme.

* * *

Estava limpando os ouvidos! Ela o fazia com muita elegância, e a doida provavelmente nem tinha consciência de que fazia isso. Apenas ficava inserindo o dedo mindinho e girando. O barulho que emitia era como o de alguém passando giz num pequeno taco de bilhar. Era um comportamento para distrair a atenção, isso sim.

Eles nunca resistiriam até o fim...

Ela correu mais uma vez! E ele tinha levado malditos cinco malditos minutos para juntar um maldito Cebola duplo! — Eu me lembro — começou Tia Ogg — quando ela veio para a nossa casa, quando o rei Verence foi coroado e nós jogamos Persiga o Meu Vizinho pelo Corredor com as crianças apostando moedas de um centavo. Ela acusou o caçula de Jason de trapacear e ficou emburrada durante semanas.

— Ele estava trapaceando? — Espero que sim — respondeu Tia Ogg, com orgulho.

— O problema de Esme é que não sabe perder. Nunca praticou muito.

— Lobsang Dibbler diz que, às vezes, você tem que perder para poder ganhar — observou Margrete.

— Parece loucura pra mim — discordou Tia Ogg. — Isso é Ien Budismo, é?

— Não. Esses são os que dizem que você tem que ter muito dinheiro para poder ganhar — explicou Margrete. *(No Caminho do Escorpião, a maneira de ganhar é perder todas as lutas com exceção da última. Você usa a força do inimigo contra ele mesmo. Os Ien Budistas são a seita religiosa mais rica do universo. Eles afirmam que o acúmulo de dinheiro é um grande mal e um peso para a alma. Portanto, apesar dos riscos, eles têm a desagradável obrigação de adquirir o máximo possível para reduzir o risco para as pessoas inocentes.)*

— Quê, você faz ele bater em si mesmo, assim? — perguntou Tia Ogg. — Parece loucura.

Margrete fez uma expressão de irritação.

— O que é que você sabe dessas coisas? — disse, com uma aspereza fora de costume.

— Quê?

— Ah, estou de saco cheio! — reclamou Margrete. — Pelo menos estou fazendo um esforço para aprender as coisas! Não fico só andando por aí provocando as pessoas e agindo sempre de mau humor! Tia Ogg tirou o cachimbo da boca.

— Eu não sou mal-humorada — disse, num tom suave.

— Eu não me referia a você! — Bem, Esme sempre foi mal-humorada — disse Tia Ogg. — É a natureza dela.

— E ela quase nunca usa magia de verdade. De que adianta ser bruxa, se você não usa magia de verdade? Por que ela não usa magia pra ajudar as pessoas? Tia Ogg olhou para ela através da fumaça do cachimbo.

— Porque ela sabe como seria se fizesse isso, acho. De todo modo, já a conheço há muito tempo. Conheci a família toda. Todos os Cera do Tempo são bons com magia, até os homens. Eles têm um vestígio de magia. Uma espécie de maldição. Enfim... ela acha que não dá pra ajudar as pessoas com magia. Não da maneira correta. E é verdade.

— Então de que adianta...? Tia Ogg cutucou o cachimbo com um palito de fósforo.

— Acho que me lembro que ela foi te ajudar quando você estava com aquele foco de peste na sua aldeia. Trabalhou sem parar, eu me lembro. Nunca ouvi dizer que não tratou de alguém doente quando precisaram dela, até mesmo quando a pessoa estava... sabe... escorrendo muito. E, quando o velho troll que mora debaixo da Montanha Quebrada foi pedir ajuda porque a esposa estava mal e todo mundo jogou pedra nele, lembro que foi Esme quem o acompanhou e fez o parto. Rá... e aí, quando o velho Hopkins Tela de Galinheiro jogou uma pedra em Esme, pouco tempo depois, todos os celeiros dele foram misteriosamente esmagados à noite. Ela sempre diz que não se pode ajudar as pessoas com magia, mas se pode ajudá-las com a pele. Fazendo coisas reais, ela quis dizer.

— Não estou dizendo que de modo geral ela não seja boa pessoa... — começou Margrete.

— Rá! Eu estou. Você tem que fazer uma longa viagem pra encontrar alguém que seja basicamente mais horrível que Esme — observou Tia Ogg. — E olha que sou eu que digo isso. Ela sabe exatamente o que ela é. Nasceu pra ser boa e não gosta disso.

Tia Ogg bateu o cachimbo no parapeito e virou-se novamente para o salão.

— O que você tem que entender sobre Esme, minha garota, é que ela tem psicologia, além de um grande égo. Ainda bem que eu não tenho. Vovó tinha doze dólares a mais. Todo o resto do salão havia parado. Era possível ouvir o som distante das pás dos remos batendo na água e o grito do líder. Vovó ganhou mais cinco dólares com um Cebola de três cartas.

— Como assim, psicologia? — perguntou Margrete. — Você andou lendo algum livro? Tia Ogg a ignorou.

— O que a gente tem que tomar cuidado, agora, é quando ela faz "tch, tch, tch" bem baixinho. Isso vem depois da limpeza do ouvido. Geralmente quer dizer que tá planejando alguma coisa.

O senhor Franco tamborilou os dedos na mesa, percebeu horrorizado que fazia isso e pediu mais três cartas novas para disfarçar sua confusão. A velha safada não pareceu notar.

Ele olhou fixamente para as novas cartas.

Arriscou dois dólares e pediu mais uma carta.

Ele examinou as cartas de novo.

Quais eram as chances, pensou, de se pegar um Grande Cebola duas vezes no mesmo dia? O importante era não entrar em pânico.

— Eu acho — ele se ouviu dizer — que posso arriscar mais dois dólares. Ele olhou rapidamente para os companheiros. Eles correram do jogo obedientemente, um após o outro.

— Bem, eu não sei — começou Vovó, aparentemente falando com as suas cartas. Ela limpou o ouvido mais uma vez. — Tch, tch, tch. Como é que se chama quando, sabe, quando quer pôr mais dinheiro, esse tipo de coisa assim? — Você diz que quer aumentar a aposta — respondeu o senhor Franco, com as juntas dos dedos cada vez mais brancas.

— Vou fazer um ao menta posta desses, então. Cinco dólares, acho. O senhor Franco esfregou um joelho no outro.

— Eu pago os cinco e aumento dez dólares — gritou.

— Faço o mesmo — disse Vovó.

— Posso botar mais vinte dólares.

— Eu... — Vovó baixou a cabeça, subitamente abatida. — Eu... tenho uma vassoura.

Um alarme minúsculo tocou em algum lugar no fundo da mente do senhor Franco, mas agora ele galopava com tudo rumo à vitória.

— Certo! Ele espalhou as cartas sobre a mesa.

A multidão suspirou.

Ele começou a puxar a bolada na sua direção.

A mão de Vovó fechou no pulso dele.

— Não baixei as minhas cartas ainda — ela disse, num tom malicioso.

— Não é necessário — observou o senhor Franco, rapidamente.

— Não existe nenhuma chance de vencer diante disto, senhora.

— Eu venço se eu Aleijar isso — disse Vovó. — É por isso que se chama Aleije o Sr. Cebola, não é? Ele hesitou.

— Mas... mas... você só poderia fazer isso se tivesse uma sucessão perfeita de nove cartas — ele balbuciou olhando no fundo dos olhos dela.

Vovó encostou as costas na cadeira.

— Sabe — começou calmamente —, eu achei que tinha bastante desses pretinhos pontudos. Isso é bom, né? Ela espalhou as cartas sobre a mesa. A plateia reunida fez uma espécie de som de engasgo, em uníssono.

O senhor Franco olhou ao redor enfurecido.

— Ah, muito bem, madame — disse um senhor de idade.

Houve uma salva de palmas educada da multidão. A grande e inconveniente multidão.

— É... sim — concordou o senhor Franco. — Sim. Muito bem. A senhora aprende muito rápido, não? — Mais rápido que você. Você me deve cinquenta e cinco dólares e uma vassoura — cobrou Vovó.

Margrete e Tia Ogg a aguardavam quando ela saiu com firmeza.

— Aqui está a sua vassoura — disse rápido. — E espero que estejam com as coisas todas arrumadas porque estamos indo embora.

— Por quê? — perguntou Margrete.

— Porque assim que tudo ficar calmo, alguns homens virão procurar pela gente.

Elas foram correndo atrás de Vovó, na direção de sua cabine minúscula.

— Não estava usando magia? — perguntou Margrete. — Não.

— E não estava trapaceando? — perguntou Tia Ogg.

— Não. Usei apenas cabeçologia.

— Onde aprendeu a jogar daquele jeito? — perguntou Tia Ogg.

Vovó parou. Elas se chocaram contra ela.

— Lembra do inverno passado, quando a Velha Mãe Dismass ficou muito mal e eu ia ficar toda noite com ela, durante quase um mês? — Sim? — É só passar as noites jogando Aleije o Sr. Cebola com alguém que teve um descolamento da retina do terceiro olho que você aprende rapidinho.

Querido Jason e todo mundo: O que você mais encontra no estrangeiro são cheiros, estou ficando boa de olfato. Esme grita com todo mundo, acho que ela pensa que as pessoas agem como estrangeiras só para Ofendê-la, não me lembro da última vez que a vi se divertir tanto. Veja bem a gente precisa falar Duro com eles mesmo na minha opinião, paramos em algum lugar para o almoço e fizeram quibe curu e foram MUITO arrogantes só porque eu queria o meu bempaçado

Tudo de bom,

MAMÃE.

Aqui, a lua estava mais próxima.

A órbita da lua do Disco encontrava-se bastante alta quando passava acima das altas Ramtops. Aqui, mais perto da Borda, ficava maior. E mais alaranjada.

— Como uma abóbora — observou Tia Ogg.

— Pensei que tivéssemos combinado de não mencionar mais as abóboras — lembrou Margrete.

— Bom, não tivemos ceia nenhuma — disse Tia Ogg.

E tinha outra coisa. Exceto durante o auge do verão, as bruxas não estão acostumadas a noites quentes. Não parecia certo ficar planando sob uma grande lua alaranjada, acima de folhagens escuras cheias de insetos estalando, zumbindo e sussurrando.

— Devemos estar bem longe do rio — observou Margrete. — Não podemos pousar, Vovó? Ninguém iria nos seguir até aqui! Vovó Cera do Tempo olhou para baixo. O rio naquela região ondulava, formando enormes curvas reluzentes, percorrendo vinte quilômetros para avançar cinco. A terra no meio da água em forma de serpente era uma colcha de retalhos de declives e florestas. Um brilho distante poderia ser a própria cidade de Genua.

— Dirigir um cabo de vassoura a noite toda é um verdadeiro pé no itinerante — disse Tia Ogg.

— Ah, tá bom.

— Tem uma cidadezinha ali — sugeriu Margrete. — E um castelo.

— Ah, mais um, não...

— É um belo castelinho — insistiu Margrete. — Não podemos fazer uma parada? Estou cheia de hospedarias.

Vovó olhou para baixo. Ela tinha uma visão noturna muito boa.

— Tem certeza de que é um castelo? — perguntou.

— Dá pra ver as torres e tudo — disse Margrete. — É claro que é um castelo.

— Hmm. Eu consigo ver mais do que torres — comentou Vovó. — Acho melhor darmos uma olhada nisso, Gytha.

Não havia jamais qualquer barulho no castelo adormecido, exceto no fim do verão, quando uma fruta madura caía do pé e

estourava suavemente no chão. Às vezes, os pássaros tentavam fazer ninho nas moitas espinhentas que agora enchiam a sala do trono, do chão ao teto, mas nunca iam muito longe antes de também adormecerem. Fora isso, seria preciso uma audição realmente muito aguçada para ouvir o crescimento dos brotos e os botões de flor se abrindo.

Fora assim durante dez anos. Não havia nenhum som dentro do...

— Ei, abre aí! — Viajantes bom na fede buscando asilo! ... nenhum som dentro do...

— Vem, segura a nossa perna, Margrete. Isso. Agora...

Houve um tinido de vidro quebrado.

— Você quebrou a janela deles! ... nem um som sequer dentro do...

— Você terá que se oferecer pra pagar, sabe.

O portão do castelo foi se abrindo lentamente. Tia Ogg ficou olhando para as outras duas bruxas, ao lado dele, enquanto tirava espinhos e pedrinhas do cabelo.

— Tá um horror isto aqui — ela disse. — Tem gente dormindo por todo lado com teias de aranha por cima. Cê tava certa, Esmé. Tá rolando magia, sim. As bruxas abriram caminho pelo castelo coberto de vegetação. Poeira e folhas cobriam os carpetes. Plátanos novos tentavam tomar conta do pátio com determinação. Trepadeiras coroavam todas as paredes.

Vovó Cera do Tempo pôs de pé um soldado que tirava um cochilo. A poeira subiu em ondas da roupa dele.

— Acorda — ordenou.

— Fzhtft — disse o soldado, e caiu para trás.

— Está assim por toda parte — observou Margrete, abrindo passagem entre samambaias trançadas que vinham crescendo de dentro da cozinha. — Os cozinheiros estão todos roncando e só tem bolor nas panelas! Tem até camundongo dormindo na despensa! — Hum — começou Vovó. — Deve ter uma roca por trás disso tudo, presta atenção no que eu tô dizendo.

— Coisa de Negra Alisse? — perguntou Tia Ogg.

— E o que parece — respondeu Vovó. Depois acrescentou, num tom discreto — Ou alguém parecida com ela.

— Essa, sim, era uma bruxa que sabia como as histórias funcionavam — disse Tia Ogg. — Ela aparecia em umas três histórias ao mesmo tempo.

Até Margrete sabia quem era Negra Alisse. Diziam ter sido a maior bruxa que já existiu — não exatamente má, mas tão poderosa que às vezes era difícil saber a diferença. Quando se tratava de deixar um palácio adormecido por cem anos ou fazer princesas fiar palha para virar Oruo, ninguém era melhor que Negra Alisse. (*Negra Alisse também não era muito boa com as palavras. Tiveram que dar muito dinheiro para que ela fosse embora e não desse vexame.*)

— Eu cheguei a conhecê-la — disse Tia Ogg enquanto subiam as escadarias principais do castelo, que era uma cachoeira de cipós. — A velha Deliria Skibbly me levou para visitá-la uma vez, quando eu era menina. É claro que ela estava ficando bastante... excêntrica nessa época. Casas confeitadas, esse tipo de coisa. — Ela falava com tristeza, como quem fala de um parente idoso que adquiriu o hábito de usar as peças íntimas por cima das roupas.

— Isso deve ter sido antes de aquelas duas crianças a trancarem dentro do próprio forno, não? — perguntou Margrete desembrançando sua manga de uma roseira brava.

— É. Triste isso. Quer dizer, ela nem chegou a comer ninguém, na verdade — observou Tia Ogg. — Bem... Não com frequência. Quer dizer, houve uma conversa, mas...

— É o que acontece — interrompeu Vovó. — A gente fica envolvida demais com histórias, fica confusa. Não sabe o que é real e o que não é. E elas te pegam no final. Elas te deixam ruim da cabeça. Eu não gosto de histórias. Não são reais. Não gosto de coisas que não são reais.

Ela empurrou uma porta.

— Ah. Um quarto de dormir — disse, num tom amargo. — Poderia até mesmo ser um caramanchão.

— Mas como essa coisa cresce rápido! — exclamou Margrete.

— Faz parte do encanto do tempo — explicou Vovó. — Ah.

Lá está ela. Sabia que teria alguém em algum lugar.

Havia um vulto deitado na cama, dentro de uma moita de roseiras entrelaçadas.

— E tem uma roca — observou Tia Ogg, apontando para uma forma pouco visível entre montes de hera.

— Não toque nisso! — ordenou Vovó.

— Não se preocupe, eu vou pegá-la pelo fio e arremessar pela janela.

— Como é que você sabe de tudo isso? — perguntou Margrete.

— Porque é um mito rural — respondeu Tia Ogg. — Já aconteceu muitas vezes.

Vovó Cera do Tempo e Margrete olharam para a figura de uma garota deitada, de cerca de 13 anos, quase prateada sob a poeira e o pólen.

— Ela não é linda? — suspirou Margrete, cheia de generosidade no coração. De trás delas veio o estrondo de uma roca batendo em pedras distantes, e em seguida Tia Ogg apareceu, esfregando as mãos.

— Já vi isso acontecer dezenas de vezes — disse.

— Não viu, não — duvidou Vovó.

— Uma vez, pelo menos — corrigiu Tia Ogg, sem se incomodar. — E ouvi dezenas de vezes. Todo mundo já ouviu. Mito rural, como eu disse. Todo mundo sabe que aconteceu na aldeia do vizinho do amigo do primo...

— E porque acontece — observou Vovó.

Vovó pegou o pulso da garota.

— Está adormecida porque tem um... — começou Tia Ogg.

Vovó se virou.

— Eu sei, eu sei. Eu sei, está bem? Sei tão bem quanto você. Acha que não sei? — Ela dobrou a mão amolecida. — Isso é coisa de fada madrinha, isso sim — acrescentou, em parte para si mesma. — Sempre fazem isso de uma maneira comovente. Sempre se intrometendo, sempre tentando controlar as coisas! Rá! Alguém tá com um pouco de veneno? Mandam todo mundo dormir por cem anos! Fazem a coisa da forma mais simples. Tudo isso por causa de uma picada. Como se fosse o fim do mundo. — Ela fez uma pausa. Tia Ogg encontrava-se parada atrás dela. Não era possível que

tivesse visto a expressão no rosto dela. — Gytha? — Sim, Esme? — respondeu Tia Ogg, num tom inocente.

— Estou sentindo que você está sorrindo. Pode deixar a psicologia barata pra eles, se quiser.

Vovó fechou os olhos e murmurou algumas palavras.

— Devo usar a minha varinha? — Margrete perguntou, hesitante.

— Não se atreva — respondeu Vovó, e voltou a murmurar.

Tia Ogg concordou.

— Ela está definitivamente retomando a cor aos poucos.

Alguns minutos depois, a garota abriu os olhos e encarou Vovó Cera do Tempo com um olhar indefinido.

— Hora de se levantar — disse Vovó, com voz animada como nunca — , está perdendo a melhor parte da década.

A garota tentou focar a visão em Tia Ogg, depois em Margrete e voltou a olhar para Vovó Cera do Tempo.

— Você? — ela perguntou.

Vovó ergueu as sobrancelhas e olhou para as outras duas.

— Eu? — Você ainda... está aqui? — Ainda? — repetiu Vovó. — Nunca estive aqui na minha vida, senhorita.

— Mas... — a garota pareceu atordoada. E assustada, Margrete notou.

— Também fico assim de manhã, querida — disse Tia Ogg, pegando a outra mão e acariciando-a. — Nunca fico muito bem até tomar uma xícara de chá. Imagino que todos os outros vão acordar a qualquer momento. É claro que vai levar um tempo pra tirar os ninhos de rato das chaleiras... Esme? Vovó estava olhando fixamente

para um objeto coberto de poeira na parede. — Enxerida... — murmurou.

— Que foi, Esme? Vovó Cera do Tempo atravessou o quarto com passos decididos e tirou a poeira de um espelho enorme cheio de ornamentos.

— Rá! — disse e se virou. — Vamos embora agora.

— Mas eu achei que iríamos descansar. Quer dizer, já está quase amanhecendo — observou Margrete.

— Não faz sentido abusar da hospitalidade — disse Vovó, ao sair do quarto.

— Mas nós ainda nem fomos... — começou Margrete. Ela olhou para o espelho. Era grande e oval, com moldura dourada.

Parecia perfeitamente normal. Não era da índole de Vovó Cera do Tempo se assustar diante do próprio reflexo.

— Está tendo um de seus acessos de mau humor mais uma vez — comentou Tia Ogg. — Vamos. Não faz sentido ficar aqui.

— Ela passou as mãos na cabeça da princesa atordoada. — Anime-se, mocinha. Algumas semanas com uma vassoura e um machado e a casa velha ficará como nova.

— Ela parecia ter reconhecido Vovó — disse Margrete, enquanto seguiam o vulto rígido e apressado de Vovó Cera do Tempo descendo a escadaria.

— Bem, nós sabemos que ela não a reconheceu, não sabemos? Esme nunca esteve por aqui em toda a sua vida.

— Mas ainda não entendo por que temos que sair correndo — Margrete insistiu. — Acho que as pessoas ficarão superagradecidas por termos quebrado o encanto e tudo mais.

O resto do palácio despertava. Elas passaram correndo por guardas que olhavam com assombro para os uniformes cheios de teias de aranha e para o mato que crescia por toda parte.

Quando atravessaram o pátio arborizado, um homem mais velho vestindo túnicas desbotadas saiu cambaleando por uma porta e se encostou na parede, tentando se localizar. Então viu o vulto apressado de Vovó Cera do Tempo.

— Você? — ele gritou e — Guardas! Tia Ogg não hesitou. Agarrou Margrete pelo cotovelo e saiu correndo, alcançando Vovó Cera do Tempo nos portões do castelo. Um guarda que lidava melhor com as manhãs do que seu colega cambaleou para a frente e tentou barrar a passagem delas com a sua lança, mas Vovó apenas empurrou-a e fez o homem dar um leve giro.

Então elas estavam do lado de fora, correndo até as vassouras, que permaneciam apoiadas numa árvore oportuna. Vovó passou a mão na sua sem parar, e ela pegou de uma vez, quase na primeira tentativa.

Uma flecha passou fazendo vento em seu chapéu e ficou presa numa moita.

— Não chamo isso de gratidão — disse Margrete quando as vassouras já planavam acima das árvores.

— Muita gente simplesmente não fica bem logo que acorda — sugeriu Tia Ogg.

— Todo mundo parecia pensar que conhecia você, Vovó — observou Margrete. A vassoura de Vovó dava trancos ao vento.

— Não conheciam! — ela gritou. — Nunca me viram antes, está bem? Elas seguiram voando num silêncio conturbado durante algum

tempo. Margrete, que, na opinião de Tia Ogg, tinha um talento inocente para pisar em solo perigoso, disse: — Será que fizemos a coisa certa? Tenho certeza de que aquilo era trabalho para um príncipe bonito.

— Rá! — disse Vovó, que estava na frente das outras. — E de que adiantaria isso? Dá pra saber se será um bom marido se conseguir abrir passagem no meio de uns galhos espinhentos, é? Isso é ideia de fada madrinha, isso sim! Sair por aí impondo finais felizes às pessoas, querendo elas ou não, é? — Não há nada de errado com finais felizes — protestou Margrete, irritada.

— Olha, final feliz não tem problema, desde que acabe feliz — disse Vovó, sem tirar os olhos do céu. — Mas não pode fazer o final feliz para os outros. Como se a única maneira de fazer um casamento feliz fosse cortando a cabeça deles assim que dissessem "Sim", certo? Não se pode criar felicidade... Vovó Cera do Tempo olhou fixamente para uma cidade distante.

— O máximo que você pode fazer é criar um final.

Elas tomaram café-da-manhã numa clareira da floresta. Abóbora torrada. O pão de anão foi servido para ser inspecionado. Mas era uma coisa milagrosa, o pão de anão. Ninguém jamais ficava com fome quando tinha pão de anão para recusar. Bastava olhar um pouco para ele e era possível pensar, num instante, dezenas de coisas que você preferiria comer. Suas botas, por exemplo. Montanhas. Carneiro cru. Seu próprio pé. Depois tentaram dormir. Ao menos Tia Ogg e Margrete tentaram. Mas isso só significou que ficaram deitadas ouvindo Vovó Cera do Tempo resmungar baixinho. Nunca a tinham visto tão perturbada.

Mais tarde, Tia Ogg sugeriu que andassem um pouco. O dia estava bonito, ela disse. Aquela era uma floresta interessante, com muitas ervas novas que podiam dar um jeito de encontrar.

— Todo mundo se sentiria melhor passeando ao sol, ela disse. Melhoraria o humor delas.

Era, realmente, uma bela floresta. Depois de cerca de meia hora, até mesmo Vovó Cera do Tempo estava disposta a admitir que, sob alguns aspectos, não era totalmente estrangeira e ordinária. Margrete desviava-se da trilha de vez em quando, colhendo flores. Tia Ogg até cantou alguns versos de "O Cajado do Mago Tem uma Maçaneta na Ponta" com apenas alguns protestos parciais das outras duas. Mas ainda havia alguma coisa errada. Tia Ogg e Margrete podiam sentir algo entre elas e Vovó Cera do Tempo, uma espécie de muro mental, alguma coisa importante escondida e evitada de forma proposital. As bruxas geralmente tinham poucos segredos umas com as outras, talvez porque fossem tão curiosas que nunca tinham chance alguma de ter segredos. Era preocupante.

Então elas fizeram uma curva ao lado de um grupo de carvalhos enormes e encontraram a garotinha com a capa vermelha.

Ela saltitava pelo meio da trilha cantando uma música mais simples e bem mais limpa que qualquer uma do repertório de Tia Ogg. Só viu as bruxas quando se encontrava quase em cima delas. Parou e deu um sorriso inocente.

— Olá, velhas.

— Arrã — disse Margrete.

Vovó Cera do Tempo curvou-se.

— O que está fazendo aqui na floresta totalmente só, mocinha?
— Estou levando esta cesta de doces para a minha vovó —
respondeu a menina.

Vovó se endireitou com olhar distante.

— Esme — começou Tia Ogg, com urgência.

— Eu sei. Eu sei.

Margrete inclinou-se e fez a expressão com a careta idiota geralmente usada por adultos que adorariam ter jeito com crianças e não têm a mínima chance de um dia chegarem a alcançar isso.

— E... Diga, mocinha... sua mãe lhe disse para tomar cuidado com lobos maus que possam por acaso estar nas redondezas? —
Isso mesmo.

— E a sua vovozinha... — começou Tia Ogg. — Imagino que esteja meio impossibilitada de sair da cama no momento, certo? — E por isso que estou levando esta cesta de doces para ela...

— começou a criança.

— Imaginei.

— Você conhece minha vovozinha? — perguntou a criança.

— Siiim — respondeu Vovó Cera do Tempo. — De certo modo.

— Isso aconteceu perto de Skund, quando eu era menina —
começou Tia Ogg, discretamente. — Nunca mais encontraram a vovó...

— E onde fica o chalé da sua vovó, garotinha? — perguntou Vovó Cera do Tempo bem alto, cutucando Tia Ogg com precisão nas costelas.

A garota apontou para uma trilha lateral.

— Você não é a bruxa malvada, é? — perguntou.

Tia Ogg tossiu.

— Eu? Não. Nós somos... Nós somos... — começou Vovó.

— Fadas — emendou Margrete.

O queixo de Vovó Cera do Tempo caiu. Tal explicação jamais lhe teria ocorrido.

— E que a minha mamãe me alertou sobre a bruxa malvada também — disse a menina. Ela lançou um olhar penetrante para Margrete. — Que tipo de fada? — É... Fadas das flores? — disse Margrete. — Olha, eu tenho uma varinha...

— Quais? — O quê? — Quais flores? — E... — começou Margrete. — Bem. Eu sou... Fada das Tulipas, e esta é... — ela evitou olhar diretamente para Vovó — ... Fada das... Margaridas... e esta é...

— Fada dos Porcos-Espinhos — disse Tia Ogg.

Esse acréscimo ao panteão sobrenatural foi devidamente avaliado.

— Você não pode ser a Fada dos Porcos-Espinhos — discordou a criança depois de pensar um pouco. — Porco-Espinho não é flor.

— Como é que você sabe? — Porque ele tem espinho.

— Azevinho também tem. E cardo. — Ah.

— E eu tenho uma varinha — insistiu Margrete. Só nesse momento ela arriscou olhar para a Fada das Margaridas.

— Temos que ir andando — disse Vovó Cera do Tempo. — Fique aqui com a Fada das Tulipas, acho que é isso, e nós vamos lá ver se está tudo bem com a sua vovozinha. Está bem? — Aposto que não é uma varinha de verdade — duvidou a criança, ignorando-a e encarando Margrete com a habilidade infalível que as crianças

possuem para encontrar o elo fraco de qualquer cadeia. — Aposto que não consegue transformar coisas em coisas.

— Ora... — começou Margrete.

— Aposto — insistiu a menina. — Eu aposto que não consegue fazer aquele toco de árvore virar um... um... uma abóbora. Ha, ha, aposto qualquer coisa como não consegue. Aposto um trilhão de dólares como não consegue transformar aquele toco numa abóbora.

— Estou vendo que vocês duas vão se dar muito bem — comentou a Fada dos Porcos-Espinhos. — Não vamos demorar.

Duas vassouras deslizaram acima da trilha da floresta.

— Poderia ser apenas uma coincidência — disse Tia Ogg.

— Num é — respondeu Vovó. — A criança tá até com uma capa vermelha! — Eu tinha uma capa vermelha, quando tinha 15 anos — lembrou Tia Ogg.

— E, mas a sua vovó morava na casa ao lado. Você não tinha que se preocupar com lobos quando ia visitá-la.

— Só com o velho Sumpkins, o inquilino dela.

— É, mas isso é apenas uma coincidência.

Um rastro de fumaça azul pairava entre as árvores adiante.

Em algum lugar mais à frente, ouviu-se o som de uma árvore caindo.

— Lenhadores! — exclamou Tia Ogg. — Está tudo bem, se tem um lenhador! Um deles entra correndo...

— Isso é apenas o que dizem para as crianças — interrompeu Vovó, enquanto aceleravam. — De qualquer modo, isso não é nada bom para a avó, certo? Ela já tá sendo comida! — Sempre odiei essa

história — disse Tia Ogg. — Ninguém nunca se importa com o que acontece com pobres velhinhas indefesas.

A trilha desapareceu de forma brusca diante de uma clareira.

Cercada pelas árvores, havia uma pequena horta dispersa, na qual alguns talos patéticos lutavam pelo pouco sol. No meio da horta, encontrava-se o que só poderia ser um chalé de sapê, porque ninguém construiria um monte de feno tão mal feito. Elas pularam das vassouras, deixando-as flutuando até pararem sozinhas, e bateram com força à porta do chalé.

— Podemos ter chegado tarde demais — lamentou Tia Ogg.

— O lobo pode...

Após algum tempo, ouviu-se o som abafado de alguém se arrastando pelo chão. A porta abriu uma fenda. Um olho desconfiado ficou visível na escuridão.

— Sim? — perguntou uma voz fraca de algum lugar detrás do olho.

— Você é a avó? — Vovó Cera do Tempo perguntou.

— Vocês são as coletoras de impostos, querida? — Não, senhora, nós somos...

— ... fadas — emendou a Fada dos Porcos-Espinhos, rapidamente.

— Não abro a porta pra pessoas que não conheço, querida — disse a voz, que depois ganhou um tom levemente petulante.

— Especialmente pessoas que nunca lavam o que usam mesmo depois que deixo uma tigela de leite quase fresco para elas.

— Gostaríamos de falar com a senhora por alguns minutos — pediu a Fada das Margaridas.

— Sim? Possuem alguma identificação, querida? — Eu sei que estamos com a avó certa — disse a Fada dos Porcos-Espinhos.

— Existe uma semelhança que é de família. Ela tem orelhas grandes.

— Olha, não é ela que tem as orelhas grandes — discordou a Fada das Margaridas, irritada. — O lobo é que terá orelhas grandes. Essa é a questão. Você nunca presta atenção? A avó observou-as com interesse. Após uma vida inteira acreditando nelas, via fadas pela primeira vez e aquilo era uma experiência interessante. Vovó Cera do Tempo flagrou sua expressão de perplexidade.

— Vamos colocar as coisas da seguinte maneira, senhora... — começou num tom de voz tirânico e racional. — O que a senhora acharia de ser comida por um lobo? — Acho que eu não ia gostar, querida — respondeu a avó escondida.

— Nós somos a alternativa.

— Caramba. Tem certeza? — Damos nossa palavra de fada — disse a Fada dos Porcos-Espinhos.

— Bom. Sério? Está bem. Podem entrar. Mas nada de truques. E não se esqueçam de lavar os pratos que usarem. Não tem um pote de ouro com vocês, tem? — Isso é coisa de duende, não? — Não, esses são os que ficam nos poços. Ela está querendo falar de elfos.

— Não seja louca. Esses são os que ficam debaixo das pontes.

— Esses são os trolls. Todo mundo sabe que são os trolls.

— Não somos nós, pelo menos.

— Ah — disse a avó. — Acho que eu sabia.

Margrete gostava de achar que tinha jeito com crianças e se preocupava porque não tinha. Não gostava muito de criança, e se

preocupava também com isso. Tia Ogg parecia ter jeito com as crianças sem se esforçar, alternando de modo aleatório balas e puxões de orelha, enquanto Vovó Cera do Tempo as ignorava na maior parte do tempo, e isso parecia funcionar muito bem.

Ao passo que Margrete se importava. Não parecia justo.

— Aposto um milhão de trilhões de zilhões de dólares como não consegue transformar aquela moita numa abóbora — desafiou a criança.

— Mas, olha, todas as outras já viraram abóboras — observou Margrete.

— Alguma hora vai parar de funcionar — disse a criança, com tranquilidade. Margrete olhou para a varinha sem saber o que fazer. Ela tentara de tudo — desejar, falar em voz baixa e até, quando achou que as outras bruxas estavam bem longe, bater com ela nas coisas e gritar: "Qualquer coisa menos abóboras!" — Você não sabe usar isso de verdade, não é? — afirmou a criança.

— Conte uma coisa — começou Margrete — , você disse que a sua mamãe sabe que existe um lobo grande e mau na floresta, não disse? — Isso mesmo.

— Mas, ainda assim, mandou você sair sozinha para levar esses doces para a sua vovozinha?

— Isso mesmo. Por quê?

— Nada. Estava só pensando. E você me deve um milhão de trilhões de zilhões de quadrilhões de dólares.

As avós possuem certa simpatia acolhedora, com a vantagem de que ninguém tinha de ficar num pé só nem fazer juramentos para desfrutar delas. Uma vez dentro do chalé, e com uma chaleira no

fogo, Tia Ogg sentiu-se bastante à vontade. Greebo se espreguiçou diante do fogo escasso e cochilou enquanto as bruxas tentavam dar explicações.

— Não vejo como um lobo pode entrar aqui, querida — disse a avó, num tom amável. — Eles são lobos. Não sabem abrir a porta.

Vovó Cera do Tempo puxou um farrapo de cortina para o lado e olhou apreensiva para a clareira.

— Sabemos disso.

Tia Ogg apontou com a cabeça para uma pequena cama numa alcova ao lado da lareira.

— E ali onde a senhora sempre dorme? — perguntou.

— Quando estou me sentindo indisposta, querida. Nos outros dias, durmo no sótão.

— Eu me mandaria lá pra cima agora se fosse você. E leva o meu gato junto, por favor? Não queremos que ele atrapalhe.

— Esta é a parte em que vocês limpam toda a casa e lavam toda a louça por um pires de leite? — perguntou a avó, esperançosa.

— Poderia ser. Nunca se sabe.

— Engraçado, querida. Eu esperava que você fosse mais baixa...

— Nós andamos muito ao ar livre — disse Tia Ogg. — Agora vai.

Com isso, restaram apenas as duas. Vovó Cera do Tempo olhou para a sala-caverna ao seu redor. Os juncos do chão pareciam muito próximos de virar adubo. As teias de aranha do teto encontravam-se incrustadas de fuligem.

O único modo de fazer a faxina daquela casa seria com uma pá ou, de preferência, um fósforo.

— Engraçado, realmente — começou Tia Ogg, depois que a velha subiu a escada bamba. — Ela é mais jovem que eu. E olha que eu faço exercícios.

— Você nunca fez exercício na sua vida — discordou Vovó Cera do Tempo, ainda observando o mato. — Você nunca fez nada que não quisesse fazer.

— Foi isso o que eu quis dizer — disse Tia Ogg, toda contente. — Olha, Esme, ainda acho que isso tudo pode ser apenas...

— Num é! Consigo sentir a história. Alguém tá fazendo as histórias acontecerem por estes lados, eu sei.

— E sabe quem também. Não sabe, Esme? — perguntou Tia Ogg, num tom malicioso.

Ela viu Vovó olhar desesperadamente para as paredes imundas.

— Imagino que seja pobre demais pra comprar um espelho — comentou Tia Ogg. — Eu não sou cega, Esme. E sei que espelhos e fadas madrinhas andam juntos. Então, o que está acontecendo? — Num vô dizer. Não quero ficar com cara de idiota, se estiver enganada. Não vou... tem alguma coisa se aproximando! Tia Ogg encostou o nariz na janela suja.

— Não vejo nada.

— O mato se mexeu. Vai pra cama! — Eu? Achei que era você quem ia pra cama! — Não sei por que você pensaria isso.

— É. Pensando bem, nem eu — disse Tia Ogg, desanimada.

Ela pegou a touca desengonçada na cabeceira da cama, vestiu e se enfiou debaixo da colcha de retalhos.

— Olha, este colchão é feito com palha! — Você não terá que ficar deitada nele por muito tempo.

— Pinica! E eu acho que tem coisas dentro dele.

Alguma coisa bateu na parede da casa. As bruxas ficaram em silêncio. Ouviram um barulho de fungadas sob a porta dos fundos.

— Sabe — sussurrou Tia Ogg enquanto esperavam — , a área de serviço está um horror. Não tem lenha. E quase não tem comida na despensa. Tem uma jarra de leite que deve tá fazendo aniversário...

Vovó andou rápido e em silêncio até a lareira. Depois voltou ao seu posto ao lado da porta da frente.

Após alguns momentos houve um barulho de algo raspando o trinco, como se ele fosse tocado por alguém que não tinha intimidade com portas ou com dedos. A porta rangeu e abriu devagar.

Houve um cheiro fortíssimo de almíscar e pêlo úmido.

Passos incertos titubearam pelo chão na direção do vulto aconchegado sob as cobertas.

Tia Ogg ergueu o babado da touca desengonçada apenas o suficiente para ver do lado de fora.

— Alô — disse, e depois: — Oh, nossa, nunca percebi que você tinha dentes tão grandes...

Vovó Cera do Tempo empurrou a porta e avançou com vigor. O lobo deu um giro, a pata erguida para se proteger.

— Nããaaaiii! Vovó hesitou por um segundo e bateu com muita força na cabeça dele, com uma frigideira de ferro fundido.

O lobo desabou.

Tia Ogg pulou para fora da cama.

— Quando isso aconteceu lá perto de Skund, disseram que era um lobisomem ou algo do tipo. Nunca achei que fosse um lobo de verdade. Levei um susto danado.

— Lobos de verdade não andam sobre as patas traseiras nem abrem portas — observou Vovó Cera do Tempo. — Vem, me ajuda a levar ele pra fora.

— Foi um choque ver uma coisa grande, peluda e pegajosa vindo na minha direção — insistiu Tia Ogg, pegando a criatura atordoada pelo outro lado. — Você chegou a conhecer o velho Sumpkins? Tratava-se, na verdade, de um lobo de aparência normal, exceto pelo fato de ser mais magro que a maioria. As costelas apareciam claramente sob a pele, e o pêlo era emaranhado. Vovó puxou um balde de água turva do poço que ficava ao lado do banheiro e o virou sobre a cabeça dele.

Depois se sentou sobre um toco de árvores e o observou com atenção. Alguns pássaros cantavam nos galhos mais altos.

— Ele falou. Ele tentou dizer "não".

— Também percebi isso — disse Tia Ogg. — Mas achei que talvez estivesse imaginando coisas.

— Não tem por que imaginar coisas. As coisas já estão ruim do jeito que estão. O lobo gemeu. Vovó passou a frigideira para Tia Ogg.

Após algum tempo, disse: — Acho que vou dar uma olhada dentro da cabeça dele.

Tia Ogg balançou a cabeça.

— Eu não faria isso se fosse você.

— Eu sou eu, e eu tenho que saber. Você fique apenas do lado com a frigideira na mão.

Tia Ogg deu de ombros.

Vovó se concentrou.

E muito difícil ler a mente humana. A maioria dos seres humanos está sempre pensando em tantas coisas que é quase impossível seguir um fluxo no meio da enchente. A mente dos animais é diferente. Muito menos tumultuada.

As mentes carnívoras são as mais fáceis de todas, especialmente antes das refeições. As cores não existem no mundo mental, mas, se existissem, a mente carnívora faminta seria quente, roxa e afiada como uma flecha. As mentes herbívoras são simples também — molas prateadas, enroladas e prontas para voar. Mas esta estava longe de ser uma mente normal. Era formada por duas mentes. Vovó, às vezes, captava a mente de caçadores da floresta, quando ficava sentada à noite, deixando a mente vagar. Apenas de vez em quando elas apareciam daquele modo, ou pelo menos de modo levemente parecido com aquele. Apenas algumas vezes, quando o caçador se encontrava prestes a abater um animal, os fluxos aleatórios de pensamentos se juntavam.

Mas aquilo era diferente. Aquilo era o oposto — aquilo eram tentativas doidas e estropiadas de ideias descolando-se da flecha lisinha que era a intenção predatória. Aquilo era uma mente predatória tentando pensar.

Não era de se admirar que estivesse ficando louco.

Ela abriu os olhos.

Tia Ogg segurava a frigideira no alto. Seu braço tremia.

— Bem — ela começou — , quem é você? — Eu estou precisando de um copo d'água — pediu Vovó.

A precaução natural atravessou o tumulto de sua mente. — Só que não desse poço, veja bem.

Tia Ogg relaxou um pouco. Quando uma bruxa começava a vasculhar a mente de alguém, nunca se sabia quem voltaria. Mas Vovó Cera do Tempo era a melhor nisso. Margrete pode estar sempre tentando se encontrar, mas Vovó nem sequer entendia a ideia da procura. Se ela não conseguisse encontrar o caminho de volta para a sua própria mente, não havia caminho.

— Tem aquele leite lá no chalé — sugeriu Tia Ogg.

— De que cor ele estava mesmo? — Bem... ainda completamente branco.

— Então tá.

Quando as costas de Tia Ogg ficaram viradas com segurança, Vovó se permitiu um pequeno arrepio.

Ela ficou olhando para o lobo, perguntando-se o que poderia fazer por ele. Um lobo normal não entraria num chalé, ainda que pudesse abrir a porta. Os lobos não se aproximavam dos humanos em hipótese alguma, exceto se houvesse muitos deles e estivessem no final de um inverno muito rigoroso. E não faziam isso porque eram grandes, maus e perversos, mas porque eram lobos.

Aquele lobo tentava ser humano.

Provavelmente não havia cura.

— Aqui está o seu leite — disse Tia Ogg.

Vovó pegou o leite e tomou sem ver.

— Alguém fez este lobo pensar que é gente. Fizeram ele pensar que era gente e depois não pensaram mais nele. Aconteceu alguns anos atrás.

— Como é que você sabe? — Estou com... as lembranças dele — respondeu Vovó. E os instintos também, pensou. Ela sabia que somente após alguns dias pararia de querer perseguir trenós pela neve.

— Oh.

— Está travado entre duas espécies. Na sua mente.

— Podemos ajudá-lo? — perguntou Tia Ogg.

— Está assim há tempo demais. Virou um hábito. E está faminto. Não consegue ir numa direção, não pode ir na outra.

Não pode agir como um lobo e não consegue ser humano. Não pode continuar desse jeito.

Ela se virou e encarou Tia Ogg pela primeira vez. Tia Ogg deu um passo para trás.

— Não pode imaginar como ele se sente. Vagando por aí durante anos. Incapaz de agir como humano e sem ter como ser lobo. Não pode imaginar como é isso.

— Suponho que talvez eu possa — disse Tia Ogg. — Pelo seu rosto. Talvez eu possa. Quem faria isso a uma criatura? — Tenho minhas suspeitas.

Elas olharam ao redor.

Margrete se aproximava com a criança. Ao lado delas vinha um dos lenhadores.

— Rá — disse Vovó. — Sim. Claro. Tem sempre que ter... — ela começou, num tom de desprezo — um final feliz.

Uma pata tentou agarrar o seu tornozelo.

Vovó Cera do Tempo olhou para o rosto do lobo.

— Purfavoooo — ele gemeu. — Ummm finalll? Agoaaara? Ela se ajoelhou e segurou a pata.

— Sim? — Siiiiim! Ela se levantou, cheia de autoridade, e acenou para o trio que se aproximava.

— Seu Lenhador? Um trabalho para o senhor...

O lenhador nunca entendeu por que o lobo pôs a cabeça sobre o toco com tanta prontidão.

Ou por que a velha, aquela em quem a raiva se agitava feito cevada num ensopado borbulhante, insistiu que ele fosse enterrado de forma apropriada, em vez de esfolado e jogado no mato. Insistira muito nisso.

E aquele foi o fim do grande lobo mau.

* * *

Uma hora se passara. Vários lenhadores tinham chegado ao chalé, onde parecia haver muita coisa interessante acontecendo.

Cortar árvores não é um trabalho que normalmente ofereça muito em termos de diversão.

Margrete lavava o chão com o máximo de auxílio mágico que um balde de água com sabão e uma escova poderiam proporcionar. Até Tia Ogg, cujo interesse volúvel no papel orgulhoso da dona de casa desapareceu completamente assim que sua filha mais velha teve idade suficiente para segurar um espanador, limpava as paredes. A velha avó, que não estava totalmente a par dos eventos, seguia as duas ansiosamente, com um pires de leite. As aranhas que

vinham herdando o teto havia gerações foram incitadas com educação, porém com firmeza, a saírem pela porta.

E Vovó Cera do Tempo andava pela clareira com o lenhador chefe, um jovem de peito largo que claramente imaginava ficar melhor com seus braceletes de couro e tachas do que na verdade ficava.

— Ele andava por aí fazia anos, entende? — ele disse. — Sempre espreitando perto dos limites da aldeia e tal.

— E você nunca tentou falar com ele? — perguntou Vovó.

— Falar com ele? É um lobo, entende? Não se fala com lobos.

Animais não sabem falar.

— Hum. Entendo. E a velha? Tem muitos lenhadores. Vocês já... assim... passaram para visitá-la? — Hã? Nem a pau! — Por quê? O lenhador chefe inclinou-se para a frente com ar conspirador.

— Bem, dizem que ela é bruxa, entende? — Sério? — disse Vovó. — Como vocês sabem? — Ela tem todos os sinais, entende? — Que sinais são esses? O lenhador foi tomado por um leve desconforto.

— Bom... ela é... ela mora totalmente sozinha na floresta, entende? — Sim...? — E... e... ela tem nariz pontudo e está sempre murmurando baixinho...

— Sim...? — E não tem nenhum dente, entende? — Caramba. Posso imaginar por que vocês não queriam se aproximar de alguém como ela, entende? — Isso! — respondeu o lenhador, aliviado.

— Bem provável que você seja transformado em qualquer coisa só de ela olhar pra você, entende? — Vovó enfiou o dedo no ouvido e o girou, pensativa.

— Elas são capazes de fazer isso, sabia? — Aposto que sim. Aposto que sim. Fico feliz de ter todos vocês, rapazes grandes e fortes, por perto. Tsc, tsc. Hum. Posso dar uma olhada no seu machado, meu jovem? Ele passou o machado para ela. Vovó curvou-se num gesto dramático quando o segurou. Ainda havia vestígios de sangue de lobo na lâmina.

— Minha nossa, este é grande. E você é bom nisso, imagino.

— Ganhei o cinturão de prata dois anos seguidos nas festas da floresta — respondeu o lenhador, com orgulho.

— Dois anos seguidos? Dois anos seguidos? Caramba. Isso é ótimo. Isso é muito bom. E eu aqui, mal conseguindo erguer isto. — Vovó agarrou o machado com uma mão e o virou com toda a sua inexperiência. O lenhador pulou para trás quando a lâmina passou zunindo pelo seu rosto e se enterrou um centímetro de profundidade numa árvore.

— Desculpe por isso aí — disse Vovó Cera do Tempo. — Que mulher louca eu sou! Nunca fui boa com nada que precise de técnica! Ele abriu um sorriso para ela e tentou puxar o machado.

Ele caiu de joelhos, com o rosto subitamente pálido.

Vovó inclinou-se até ficar no nível da orelha dele.

— Você poderia ter vindo ver a pobre velha — disse calmamente. — Você poderia ter falado com o lobo. Mas não fez nada disso, entende? Ele tentou falar, mas seus dentes pareciam não se afastar.

— Estou vendo que está muito triste com tudo isso. Estou vendo que é capaz de perceber que agiu errado. Aposto que não vê a hora de se levantar para consertar o chalé para ela e arrumar a horta, ver

se ela tem leite fresco todos os dias e um bom estoque de lenha, entende? Na verdade, não me surpreenderia se você fosse tão generoso a ponto de construir um novo chalé para ela, com um poço decente e tudo mais. Em algum lugar perto da aldeia para que ela não tenha que viver sozinha, entende? Sabe, às vezes consigo ver o futuro e simplesmente sei que isso vai acontecer, entendi. O suor escorria pelo rosto dele. Agora seus pulmões também pareciam ter parado de funcionar.

— E sei que cumprirá sua palavra, e fico tão feliz com isso que cuidarei para que seja especialmente sortudo — disse Vovó, com a voz ainda no mesmo tom monótono e agradável. — Sei que pode ser um trabalho perigoso, cortar madeira. As pessoas se machucam. Uma árvore pode cair por acidente em cima delas. Ou a parte de cima do machado pode sair de repente e abrir a cabeça delas. — O lenhador estremeceu quando Vovó prosseguiu: — Então, vou fazer um pequeno encanto para me certificar de que nada disso aconteça com você. Pelo fato de me sentir tão grata. Por você ajudar a senhora. Entende? Apenas mexa a cabeça.

Ele conseguiu mover a cabeça um centímetro. Vovó Cera do Tempo sorriu.

— Pronto! — ela disse, endireitando-se e tirando um pedacinho de folha do vestido. — Está vendo como a vida pode ser doce se ajudarmos uns aos outros? As bruxas foram embora por volta da hora do almoço. A essa altura, o jardim da velha encontrava-se cheio de gente, e o ar trazia o som de serrotes e martelos. Notícias como Vovó Cera do Tempo viajam rápido. Três lenhadores faziam a horta, dois brigavam para ver quem limparia a chaminé e quatro estavam

na metade da construção de um novo poço cavado com uma velocidade impressionante. A velha avó, que era o tipo de pessoa que se apega a uma ideia até outra desalojá-la à força, estava ficando sem pires para pôr leite.

As bruxas saíram de mansinho no meio da agitação.

— Pronto — começou Margrete enquanto elas caminhavam pela trilha — , isso só serve pra mostrar como as pessoas se interessam em ajudar, bastando alguém dar o exemplo. Não é preciso ficar ameaçando as pessoas o tempo todo, sabe. Tia Ogg olhou para Vovó.

— Eu vi você falando com o chefe dos lenhadores — ela disse.

— De que cês tavam falando? — Serragem — respondeu Vovó.

— Ah, é? — Um dos lenhadores me contou — continuou Margrete — que aconteceram outras coisas estranhas na floresta. Animais agindo como humanos, ele disse. Tinha uma família de ursos morando não muito longe daqui.

— Nada de anormal numa família de ursos vivendo junto — observou Tia Ogg. — São animais muito sociáveis.

— Num chalé? — Isso é anormal.

— Foi o que eu quis dizer.

— Você definitivamente se sentiria meio sem jeito pra sair pedindo uma xícara de açúcar — comentou Tia Ogg. — Imagino que os vizinhos tenham alguma coisa a dizer a respeito.

— Sim — disse Margrete. — Eles disseram "óinc".

— E disseram "óinc" por quê? — Porque não sabiam dizer mais nada. Eram porcos.

— A gente tinha uns vizinhos assim, quando morava em... — Tia Ogg começou.

— Estou falando de porcos. Sabe? Quatro patas? Rabo enrolado? O que o toucinho é antes de virar toucinho. Porcos.

— Não imagino ninguém deixando porcos viverem num chalé — ponderou Vovó.

— Disseram que não deixaram. Os porcos construíram o chalé. Eram três. Porquinhos.

— O que aconteceu com eles? — perguntou Tia Ogg.

— O lobo os comeu. Eram os únicos animais burros o suficiente para deixá-lo chegar perto, parece. Nada foi encontrado deles, a não ser a trena.

— É uma pena.

— O lenhador disse que não construíram casas muito boas, na verdade.

— Bem, não se podia esperar outra coisa. Ainda mais do jeito que são os pés dos porcos — lembrou Tia Ogg.

— Ele disse que o telhado tem um vazamento horroroso, bem em cima da cama dele.

As bruxas seguiram andando em silêncio.

— Lembro de ter ouvido uma vez — começou Tia Ogg, olhando de vez em quando para Vovó Cera do Tempo — que havia uma velha feiticeira histórica, vivendo numa ilha, que transformou marinheiros naufragados em porcos.

— Que terrível fazer uma coisa dessas — disse Margrete, diante da deixa.

— Acho que isso depende do que você é por dentro, na verdade — ponderou Tia Ogg. — Olha o Greebo aqui. — Greebo, enrolado em volta do pescoço dela feito uma pele fedida, ronronou. — Ele é praticamente humano.

— Você fala muita besteira mesmo, Gytha — disse Vovó Cera do Tempo.

— É porque as pessoas não querem me dizer o que realmente estão pensando — retrucou Tia Ogg, de cara amarrada.

— Eu disse que não tenho certeza.

— Você leu a mente do lobo.

— Sim. Li.

— Bom, então...

Vovó deu um suspiro.

— Alguém esteve aqui antes da gente. De passagem. Alguém que sabe do poder das histórias e faz uso delas. E as histórias têm... meio que ficado por aqui. Elas fazem isso, quando são alimentadas...

— Para que alguém iria querer fazer isso? — perguntou Tia Ogg.

— Pra treinar.

— Treinar? Pra quê? — perguntou Margrete.

— Imagino que a gente não vá demorar pra descobrir — respondeu Vovó, em tom profético.

— Você tem que me contar o que está pensando — pediu Margrete. — Eu sou a madrinha oficial aqui, sabe. É melhor eu ficar sabendo das coisas. Vocês têm que me contar as coisas.

Tia Ogg sentiu um arrepião. Aquele era o tipo de região emocional extremamente familiar para ela, por ser líder dos Ogg. Aquele tipo de comentário naquele tipo de situação assemelhava-se

ao pequeno deslizamento de neve do galho mais alto de uma árvore alta no alto das montanhas, durante a estação do degelo. Consistia no extremo de um processo que, sem dúvida, terminaria com uma dúzia de aldeias soterradas.

Ramos inteiros da família Ogg haviam parado de falar com outros ramos por causa de um "Muito obrigado" no tom errado e no lugar errado, e aquilo era muito pior.

— Bom — ela disse, rápido —, por que nós não...

— Eu não tenho que explicar nada — respondeu Vovó Cera do Tempo.

— Mas nós devemos ser três bruxas — insistiu Margrete. — Se é que podemos ser chamadas de bruxas — acrescentou.

— Quer fazer o favor de me contar o que você quer dizer com isso? — pediu Vovó.

— Quer fazer o favor? — pensou Tia Ogg. Alguém começou uma frase com "quer fazer o favor?" E como aquela hora em que alguém bate na outra pessoa com uma luva e depois a joga no chão. Não tem volta, quando alguém começa uma frase com "quer fazer o favor". Mas ela tentou mesmo assim.

— Que tal uma boa...

Margrete seguiu em frente com o mesmo desespero corajoso de quem dança à luz da própria ponte em chamas.

— Bem, me parece...

— Sim? — disse Vovó.

— Me parece — Margrete tentou novamente — que a única magia que a gente faz é pura... bem, cabeçologia. Não o que qualquer outra pessoa chamaria de magia. É só encarar as pessoas e

enganá-las. Tirar vantagem de sua ingenuidade. Não era o que eu esperava quando eu decidi me tornar uma bruxa...

— E quem disse — começou Vovó Cera do Tempo, devagar e com ponderação — que agora você é uma bruxa? — Minha nossa, o vento está subindo, talvez a gente deva... — começou Tia Ogg.

— O que foi que você disse? Tia Ogg pôs as mãos sobre os olhos. Pedir a alguém para repetir um frase que você não só escutou muito claramente, como também ficou extremamente nervoso ao ouvir, estava classificado por volta do Defcon II no vocabulário de brigas.

— Tenho a impressão de que minha voz estava bastante clara — respondeu Vovó. — Fico muito surpresa que minha voz não esteja clara o suficiente. Estava clara o suficiente para mim.

— O ar tá um pouco agitado, por que não...? — Bom, acho mesmo que devo ser presunçosa, mal-humorada e imprudente o suficiente para ser uma bruxa — disse Margrete. — E só isso que é preciso, não? — Imprudente? Eu? — Você gosta de pessoas que precisam de ajuda porque, quando elas precisam de ajuda, estão frágeis, e ajudá-las faz com que você se sinta forte\ Que mal faria um pouco de magia? — Porque nunca se para só com um pouco, sua garota idiota! Margrete recusou, com o rosto corado. Enfiou a mão na sacola e tirou um livro fino, que exibiu como se fosse uma arma.

— Posso até ser idiota — disse, ofegante —, mas pelo menos estou tentando aprender as coisas! Você sabe pra que tipo de coisa as pessoas podem usar a magia? Não apenas para iludir e provocar! Tem pessoas aqui neste livro que são capazes de... de... andar sobre

brasas e enfiar a mão no fogo sem se queimar! — Ilusões baratas! — exclamou Vovó.

— Conseguem mesmo! — Impossível. Ninguém é capaz de fazer isso! — Demonstra que conseguem controlar as coisas! Magia tem que ser mais do que apenas saber as coisas e manipular as pessoas! — Ah? Então é fazer pedidos pras estrelas e pó de pirlimpimpim, é? Fazer as pessoas mais felizes? — Tem que ter um pouco disso! Senão, de que adianta qualquer coisa? Aliás... quando eu fui para o chalé de Desiderata, você procurava a varinha, não? — Só não queria que ela caísse nas mãos erradas! — Tipo quaisquer mãos que não sejam as suas, imagino! Elas se encararam com raiva.

—Você não tem nenhum romantismo na alma? — perguntou Margrete, em tom de queixa.

— Não — respondeu Vovó. — Não tenho. E as estrelas não estão nem aí pro que você deseja, a magia não torna as coisas melhores e ninguém deixa de se queimar quando põe a mão no fogo. Se você quiser chegar a algum lugar como bruxa, Margrete Alho, tem que aprender três coisas. O que é real, o que não é real e qual a diferença...

— E sempre pegue o nome e o endereço do rapaz — completou Tia Ogg. — Isso me ajudou em todas as vezes... Brincadeira — ela emendou, quando as duas a encararam com raiva.

O vento ficava mais forte no extremo da floresta. Gramas e folhas rodopiavam pelo ar.

— Estamos indo pelo caminho certo, pelo menos — disse Tia Ogg, enlouquecida, buscando qualquer coisa que pudesse ser uma distração. — Olha, tá escrito "Genua" na placa do poste.

Realmente estava. Era um poste velho e carcomido bem no limite da floresta. A ponta da placa havia sido esculpida de forma a parecer um dedo apontando algo.

— Uma estrada de verdade também — Tia Ogg não queria parar de falar. A briga esfriou um pouco simplesmente porque as duas partes não falavam uma com a outra. Não simplesmente não trocando comunicação vocal, o que seria apenas ausência de fala. O que acontecia passava por isso e ia lá para o outro lado, para o mundo terrível e furioso dos que Não Estão Falando Um com o Outro.

— Tijolos amarelos — continuou Tia Ogg. — Quem é que já ouviu falar de alguém que construísse estradas com tijolos amarelos? Margrete e Vovó Cera do Tempo permaneciam paradas, olhando em direções opostas e de braços cruzados.

— Alegria o local, imagino — disse Tia Ogg. No horizonte, Genua cintilava entre mais folhagens. No meio, a estrada se abria num vale amplo pontilhado por pequenas aldeias. Um rio serpenteava entre elas, a caminho da cidade. O vento chicoteava as saias delas.

— Nunca vamos conseguir voar assim — observou Tia Ogg, ainda tentando conversar por três pessoas, Como uma mulher de verdade. — Então vamos andar, hein? — ela disse, e acrescentou, porque existe uma partícula de malícia até mesmo numa alma inocente como a de Tia Ogg: — E vamos cantar enquanto caminhamos, que tal? — Tenho certeza de que não cabe a mim me importar com o que qualquer pessoa decida fazer — começou Vovó. — Não tem nada a ver comigo. Espero que alguém com varinhas e grandes ideias possa ter algo a dizer.

— Hunf! — disse Margrete.

Elas seguiram pela estrada de tijolos rumo à cidade distante em fila indiana, com Tia Ogg funcionando como uma espécie de estado-tampão no meio.

— O que algumas pessoas precisam — começou Margrete para o mundo em geral — é ter um pouco mais de coração.

— O que algumas pessoas precisam — emendou Vovó Cera do Tempo para o céu com ameaça de tempestade — é de um pouco mais de cérebro.

Depois segurou o chapéu com força para impedir que o vento o carregasse. O que eu preciso, pensou Tia Ogg fervorosamente, é de uma bebida. Três minutos depois, uma casa de fazenda caiu na sua cabeça.

A essa altura, as bruxas encontravam-se bem espaçadas. Vovó Cera do Tempo seguia a passos largos na frente, Margrete ficara para trás com seu mau humor e Tia Ogg estava no meio.

Como ela mesma diria, nem sequer estava cantando.

Aconteceu simplesmente que, num minuto, havia uma bruxa baixinha e rechonchuda e, no momento seguinte, havia restos de madeira de uma casa de fazenda desmoronada.

Vovó Cera do Tempo virou para trás e se viu diante de uma porta grande caindo aos pedaços e sem pintura. Margrete quase entrou numa porta dos fundos da mesma madeira cinza desbotada.

Não houve som algum, a não ser o estalo da madeira se assentando.

— Gytha? — perguntou Vovó.

— Tia Ogg? — chamou Margrete.

Cada uma abriu a sua porta.

Era uma casa de estilo muito simples, com dois cômodos no andar de baixo separados por um corredor que ia da frente para trás. No meio do corredor, cercada por tábuas estilhaçadas e infestadas de cupim, debaixo do chapéu pontudo que fora enterrado até o seu queixo, encontrava-se Tia Ogg. Não havia sinais de Greebo.

— Que que aconteceu? — ela perguntou. — Que que aconteceu? — Uma casa de fazenda caiu sobre sua cabeça — respondeu Margrete.

— Ah. Isso — disse Tia Ogg, vagamente.

Vovó agarrou-a pelos ombros.

— Gytha? Quantos dedos tem aqui? — perguntou com urgência.

— Que dedos? Tá tudo escuro.

Margrete e Vovó agarraram a aba do chapéu de Tia Ogg e meio que o ergueram e desatarraxaram de sua cabeça. Ela pestanejou para elas.

— E o revestimento de salgueiro — disse, enquanto o chapéu pontudo retomava sua forma com um rangido, como um guarda-chuva ressuscitado. Ela balançava levemente de um lado para o outro. — Um chapéu com revestimento de salgueiro é capaz de segurar um golpe de martelo. São essas escoras, tá vendo? Distribuem a força do impacto. Vou escrever para o senhor Vernissage. Margrete, confusa, ficou olhando para o interior da pequena casa.

— Ela simplesmente caiu do céu! — Pode ter sido um furacão dos grandes ou alguma coisa em algum lugar — sugeriu Tia Ogg. —

Levantou a casa, sabe, depois o vento diminuiu e ela veio abaixo. Acontecem coisas esquisitas quando o vento está agitado. Lembra do vendaval que teve no ano passado? Uma das minhas galinhas pôs o mesmo ovo quatro vezes.

— Ela está delirando — observou Margrete.

— Não tô, não. É o meu jeito normal de falar.

Vovó Cera do Tempo examinou um dos quartos.

— Será que não tem alguma comida ou bebida pela casa? — Acho que eu poderia me obrigar a engolir um pouco de conhaque — disse Tia Ogg, rapidamente.

Margrete examinou a escada.

— Alôô — chamou com a voz abafada de quem quer ser ouvida sem gritar para não parecer mal-educada. — Tem alguém aqui? Tia Ogg, por sua vez, olhou debaixo da escada. Greebo era uma bola de pelo assustada num canto. Ela o arrastou para fora pelo cangote e lhe fez um carinho meio desnorteado. Apesar da obra-prima em confecção de chapéus do senhor Vernissage, apesar do piso comido pelos cupins e apesar até mesmo do lendário crânio espesso dos Ogg, ela estava definitivamente longe de se sentir na sua melhor forma e sofria de uma leve saudade de casa que parecia afetar sua natureza radiante habitual. Nunca batiam nela com uma casa na cabeça lá na sua terra.

— Sabe, Greebo — começou — , acho que não estamos em Lancre.

— Encontrei um pouco de geleia — disse Vovó Cera do Tempo, da cozinha. Não era preciso muita coisa para animar Tia Ogg.

— Ótimo — ela gritou. — Ficaré muito bom com o pão de anão.

Margrete entrou no quarto.

— Não acho que está certo ficarmos pegando mantimentos de outras pessoas. Quer dizer, esta casa deve pertencer a alguém.

— Oh. Tem alguém falando, Gytha? — perguntou Vovó Cera do Tempo, em tom malicioso.

Tia Ogg revirou os olhos.

— Apenas dizia, Tia Ogg — começou Margrete —, que esta não é nossa propriedade.

— Ela está dizendo que isso não pertence a nós, Esmé.

— Diga a quem quiser saber, Gytha, que é como as coisas que se salvam de um naufrágio — respondeu Vovó.

— Ela está dizendo que achado não é roubado, Margrete.

Alguma coisa agitada passou pela janela. Margrete foi espiar pelo vidro sujo.

— Engraçado. Tem um monte de anões dançando em volta da casa.

— Ah, é? — disse Tia Ogg, abrindo um armário.

Vovó ficou tensa.

— Eles estão... quer dizer, pergunta pra ela se eles estão cantando.

— Estão cantando, Margrete? — Dá pra ouvir alguma coisa. Parece algo como "dingdong, dingdong".

— Isso é música de anão mesmo — observou Tia Ogg. — Eles são os únicos que conseguem fazer o mesmo lálálá durar o dia todo.

— Parecem muito contentes com a música — continuou Margrete, incerta.

— Provavelmente a casa de fazenda era deles e estão felizes por tê-la de volta. Alguém bateu com força na porta dos fundos. Margrete abriu. Uma multidão de anões envergonhados e vestidos com roupas coloridas recuou rapidamente e ficou olhando para ela.

— É... — começou o que parecia ser o líder — A... a bruxa velha está morta? — Qual bruxa velha? — perguntou Margrete.

O anão ficou olhando para ela por alguns segundos com a boca aberta. Ele se virou e fez uma conferência aos sussurros com seus colegas. Depois se voltou para ela novamente.

— Quantas você tem? — Há duas opções — respondeu Margrete. Ela não se sentia muito animada e não estava disposta a cooperar para o diálogo mais que o necessário. Uma maldade atípica fez com que acrescentasse: — Pode escolher à vontade.

— Oh. — O anão parou para pensar. — Bem, a casa caiu em cima de qual bruxa? — Tia Ogg? Não, ela não está morta. Apenas um pouco atordoada. Mas obrigada por perguntar — disse Margrete. — É muito gentil da sua parte. Aquilo pareceu ter deixado os anões intrigados. Eles se juntaram para mais uma conferência. Houve muita discussão em voz baixa.

Então, o líder dos anões virou-se para Margrete novamente. Ele tirou o capacete e o virou várias vezes nas mãos, com nervosismo.

— E... Podemos ficar com as botas dela? — O quê? — As botas dela? — repetiu o anão, vermelho. — Podemos ficar com elas, por favor? — Pra que precisam das botas dela? O anão olhou para ela. Depois se virou e se amontoou com os colegas mais uma vez. Voltou-se para Margrete.

— Estamos apenas com uma... sensação... de que devemos ficar com as botas dela.

Ele ficou ali parado, pestanejando.

— Bem, vou pedir. Mas acho que ela não vai concordar.

Quando foi fechar a porta, o anão girou o capacete mais algumas vezes.

— Elas são da cor do rubi, não? — perguntou.

— Bom, são vermelhas. Tudo bem serem vermelhas? — Elas têm que ser vermelhas. — Todos os outros anões concordaram. — Não adianta nada se não forem vermelhas.

Margrete o olhou com espanto e fechou a porta.

— Tia Ogg — ela foi dizendo, devagar, quando voltou à cozinha — , tem uns anões lá fora querendo as suas botas.

Tia Ogg ergueu a cabeça. Ela encontrara um pão amanhecido num armário e o mastigava arduamente. Era impressionante as coisas que se era capaz de comer quando a alternativa era pão de anão.

— Pra que eles querem as botas? — Não disseram. Apenas disseram que têm a sensação de que precisam das suas botas.

— Isso está me soando altamente suspeito — observou Vovó.

— O velho Sacudido Wistley, lá de Creel Springs, era louco por botas — disse Tia Ogg, colocando a faca de pão sobre a mesa. — Especialmente botas com botões pretos. Ele colecionava. Se visse alguém passando com botas novas, tinha que ir se deitar.

— Creio que isso é um pouco sofisticado demais para anões — ponderou Vovó.

— Talvez queiram beber alguma coisa nelas — sugeriu Tia Ogg.

— Como assim, beber nelas? — perguntou Margrete. — Ah, bem, é o que as pessoas fazem em lugares estrangeiros. Bebem vinho espumante nas botas das moças. As três olharam para as botas de Tia Ogg.

Nem mesmo Tia Ogg conseguia imaginar o que alguém ia querer beber nelas ou o que fariam depois.

— Minha nossa. Isso é mais sofisticado até que o velho Sacudido Wistley — disse Tia Ogg, pensativa.

— Eles pareciam meio confusos — observou Margrete.

— Imagino que sim. Não é comum alguém ter a sensação de que deve sair por aí arrancando as botas de uma bruxa decente. Isso está me soando como mais uma história solta por aí. Eu acho — disse Vovó Cera do Tempo — que temos que ter uma conversa com esses anões.

Ela atravessou o corredor com passos largos e abriu a porta.

— Sim? Os anões recuaram diante da visão dela. Houve muito cochicho, cotoveladas e comentários sussurrados do tipo "Não, você" e "Eu perguntei da última vez". Finalmente, um anão foi empurrado para a frente. Pode ter sido o primeiro anão. Era difícil saber, em se tratando de anões.

— É... É... Botas? — Para que?. — perguntou Vovó.

O anão coçou a cabeça.

— E eu lá vou saber? Estávamos mesmo nos perguntando isso, pra dizer a verdade. Tínhamos acabado de sair do nosso turno na mina de carvão, uma hora atrás, quando vimos uma casa de fazenda cair em cima da... em cima da bruxa e... aí...

— Simplesmente tiveram a certeza de que tinham que correr e roubar as botas dela? — completou Vovó.

O rosto do anão alargou-se com um sorriso aliviado.

— Isso mesmo! E cantar a música do Ding-dong. Só que era para ela ter sido esmagada. Sem querer ofender — acrescentou rapidamente.

— E o revestimento de salgueiro — disse uma voz atrás de Vovó. — Vale o seu peso em ouro.

Vovó ficou olhando por alguns segundos e depois sorriu.

— Acho que os rapazes deveriam entrar. Tenho algumas perguntas para fazer. Os anões pareciam muito incertos.

— Hum — disse o anão porta-voz.

— Nervoso por ter que entrar numa casa com bruxas? — perguntou Vovó Cera do Tempo.

O porta-voz admitiu e depois ficou vermelho. Margrete e Tia Ogg se entreolharam nas costas de Vovó. Alguma coisa definitivamente dera errado era algum momento. Nas montanhas, os anões certamente não tinham medo de bruxas. O problema era impedir que ficassem escavando o seu chão.

— Vocês saíram das montanhas há algum tempo, imagino — comentou Vovó.

— Tem um veio de carvão muito promissor aqui embaixo — murmurou o porta-voz, mexendo no capacete.

— Aposto que faz muito tempo que não comem um verdadeiro pão de anão, então.

Os olhos do porta-voz se encheram de lágrimas.

— Assado com o melhor cereal mal moído na pedra de moinho, como o que a mamãe costumava ficar pulando em cima — continuou Vovó.

Uma espécie de suspiro coletivo saiu dos anões.

— Aqui embaixo não se encontra pão decente — disse o porta-voz, olhando para o chão. — E a água, não sei. Ele se esfarela depois de poucos anos.

— Eles põem farinha nele — emendou alguém atrás dele, num tom aborrecido.

— E pior que isso. O padeiro lá de Genua põe fruta seca — disse outro anão.

— Pois então — começou Vovó, esfregando as mãos — talvez eu possa ajudar quanto a isso. Pode ser que eu tenha alguns pães de anão sobrando aqui.

— Nah. Não pão de anão de verdade — duvidou o porta-voz, mal-humorado.

* "Crap" significa "bosta" em inglês. A famosa sobremesa francesa, Crêpe Suzette. (N. T.)

** A escala Defcon (Defence Readiness Condition, algo como Estado de Prontidão para a Defesa) é usada entre militares para descrever o nível de alerta. Defcon I descreveria um estado de ataque iminente e Defcon II está abaixo apenas do estado de guerra. (N. T.)

— PÃO DE ANÃO DE VERDADE

tem que ser jogado em rios, secado, sentado em cima, deixado de lado, observado e guardado novamente. Aqui embaixo não se encontra esse pão de jeito nenhum.

— Pode ser que hoje seja o seu dia de sorte.

— Pra ser sincera — começou Tia Ogg — , acho que o gato fez um pouco de xixi em cima.

O porta-voz olhou para elas com olhar radiante.

— Quentinho!

Querido Jason et todo mundo, Qui vida, muita coisas acontecendo, ainda mais com lobos que falam e mulheres adormecidas em castelos, terei algumas histórias pra te contar quando agente voltarmos sem sobra de dúvida. Além disso, não me fale em casas de fazenda, o que me fez lembrar de outra coisa, por favor mande a alguém falar com o sr Vernissage lá em Slice pra apresentar os cumprimentos da sra Ogg e dizer que maravilha de chapéu que ele faz, ele pode colocar "Aprovado por Tia Ogg", ele aguenta 100% das casas de fazenda conhecidas, se você escreve pras pessoas dizendo que as coisas delas são muito boas às vezes você consegue coisas de graça, pode ser que tenha um chapéu novo pra mim nessa história, então cuide disso.

Lilith saiu da sua sala de espelhos. Imagens indistintas dela mesma a seguiram até desaparecerem.

Bruxas deveriam ficar esmagadas quando uma casa de fazenda cai sobre elas. Lilith sabia disso. Totalmente esmagadas, com

exceção das botas, que ficam para fora. Às vezes, ela se desesperava. As pessoas simplesmente não pareciam ser capazes de fazer o seu papel direito.

Ela se perguntou se haveria algo que pudesse ser considerado o oposto de fada madrinha. A maioria das coisas tinha o seu oposto, afinal. Se fosse o caso, não seria uma fada madrinha má porque isso nada mais é do que uma fada madrinha boa sob um ponto de vista diferente.

O oposto seria alguém que fosse o veneno das histórias e, pensou Lilith, basicamente a pessoa mais cruel do mundo.

Bem, aqui em Genua havia uma história que ninguém poderia interromper. Essa tinha força. Tente interrompê-la e ela o absorverá, o tornará parte do enredo. Não precisaria fazer nada. A história agiria por ela. E tinha o conforto de saber que não poderia perder. Afinal, ela era a boazinha.

Lilith passou ao lado das muralhas e desceu as escadas até o seu próprio quarto, onde as duas irmãs aguardavam. Elas sabiam esperar. Conseguiram ficar sentadas durante horas sem piscar.

O Duque recusava-se até mesmo a ficar no mesmo cômodo que elas.

Suas cabeças viraram-se quando ela entrou.

Nunca havia dado voz a elas. Não era necessário. Bastava que fossem bonitas e que conseguissem se fazer entender.

— Agora vocês têm que ir para a casa. E isso é muito importante. Ouçam. Algumas pessoas virão para ver Ella amanhã.

Devem deixar isso acontecer, entenderam? Elas observavam seus lábios. Observavam qualquer coisa que se movesse.

— Precisaremos delas para a história. Não funcionará direito, a menos que elas tentem interromper. E depois... talvez eu lhes dê voz. Vocês vão gostar disso, não? Elas olharam uma para a outra e depois para ela. Depois para a jaula no canto do quarto.

Lilith sorriu, pôs a mão lá dentro e retirou dois camundongos brancos.

— A bruxa mais jovem deve ser exatamente o seu tipo. Verei o que posso fazer com ela. E agora... abram...

As vassouras deslizavam pelo ar vespéral.

Para variar, as bruxas não discutiam.

Os anões tinham ajudado a matar um pouco a saudade de casa. Teria feito bem ao coração de qualquer pessoa ver o modo com que se sentaram e ficaram olhando para o pão de anão, como se o consumissem com os olhos, que era a melhor forma de se consumir pão de anão. O que quer que os tenha levado a perseguir botas da cor do rubi pareceu ter desaparecido diante dessa simples influência. Como disse Vovó, era preciso procurar muito para encontrar algo mais real que pão de anão.

Depois ela saiu para conversar a sós com o chefe dos anões.

Não quis dizer às outras o que ele lhe contou, e elas não criaram coragem suficiente para perguntar. Agora, voava um pouco à frente das outras. Volta e meia murmurava algo como "Madrinhas!" ou "Treinando!". Mas até Margrete, que não tinha muita experiência, era capaz de sentir Genua agora, como um barômetro sente a pressão atmosférica. Em Genua, as histórias ganhavam vida. Em Genua, alguém estava prestes a fazer sonhos se tornarem realidade. Lembra alguns dos seus sonhos? Genua localizava-se no delta do rio

Vieux, que era a origem de sua riqueza. E a cidade era rica. Genua um dia controlou a foz do rio e cobrou impostos pelo tráfego ali, de modo que não se podia chamar de pirataria porque era feito pelo governo da cidade. Portanto, soava como um procedimento econômico perfeitamente normal. Os pântanos e lagos do delta forneciam os ingredientes que rastejavam, nadavam e voavam para uma cozinha que teria se tornado mundialmente famosa, se, como já foi indicado, as pessoas viajassem muito.

Genua era rica, preguiçosa, livre de ameaças e gastara bastante tempo se envolvendo naquele tipo especial de política municipal que surge com muita naturalidade em algumas cidades soberanas. Por exemplo, tinha sido sede da maior filial do Grêmio dos Assassinos fora de Ankh-Morpork, e seus membros eram tão atarefados que, às vezes, a espera chegava a meses. *(Já em Ankh-Morpork os negócios costumavam ser tão lentos que alguns dos membros mais empreendedores do Grêmio colocaram anúncios em vitrines de lojas oferecendo negócios como "Mate dois a faca, envenene um de graça".)*

Mas os Assassinos tinham ido embora havia anos. Há coisas que deixam até os chacais enjoados.

A cidade era um choque. De longe, parecia um cristal branco intrincado surgindo do verde e do marrom do pântano.

Mais perto, resumia-se a, primeiramente, um anel externo de prédios menores; depois, um anel interno de casas brancas, grandes e imponentes; e, por fim, bem no centro, um palácio.

Alto, belo e cheio de pequenas torres, como um castelo de brinquedo ou alguma espécie de extravagância de confeitaria.

Cada torre delgada parecia ter sido projetada para manter uma princesa encarcerada.

Margrete sentiu um arrepio. Depois lembrou-se da varinha.

Uma madrinha tinha responsabilidades.

— Isso me lembra mais uma das histórias de Negra Alisse — disse Vovó Cera do Tempo. — Eu me lembro de quando ela trancou aquela menina com trancas compridas numa torre igualzinha a essas. Rampelstiltzel ou algo do tipo.

— Mas ela escapou — lembrou Margrete.

— É, às vezes é uma boa ideia deixar os cabelos pra fora — observou Tia Ogg.

— Ah. Mitos rurais — disse Vovó.

Elas se aproximaram dos muros da cidade. Margrete disse: — Tem guardas no portão. Vamos passar voando por cima? Vovó olhou fixamente para a torre mais alta, com olhos apertados.

— Não. Vamos aterrissar e entrar andando. Para não deixar ninguém preocupado.

— Tem um belo trecho plano de grama bem atrás daquelas árvores — apontou Margrete.

Vovó andou de um lado para o outro num gesto experimental.

Suas botas rangiam e gorgolejavam acusando a presença de água.

— Olha, eu pedi desculpas — começou Margrete. — Parecia tão plano! — A água geralmente parece plana — disse Tia Ogg, sentada num toco de árvore e torcendo o vestido.

— Mas nem você percebeu que era água — prosseguiu Margrete. — Parece tanto... tanto com grama, com todas essas

plantas e coisas boiando.

—Acho que a terra e a água por aqui não conseguem decidir quem é quem — ponderou Tia Ogg. Ela olhou para a paisagem sombria à sua volta. As árvores cresciam no pântano. Tinham aparência recorta-da e estrangeira, e pareciam apodrecer à medida que cresciam.

Onde a água era visível, mostrava-se preta como tinta. De vez em quando, algumas bolhas estouravam na superfície como os vestígios de feijão na banheira, à noite. Em algum lugar distante havia o rio, se é que era possível ter qualquer certeza, nessa terra de águas espessas e chão que balançava ao toque do pé. Ela piscou.

— Que estranho.

— O quê? — perguntou Vovó.

— Achei ter visto... alguma coisa correndo... — murmurou Tia Ogg. — Ali. Entre as árvores.

— Deve ser um pato, então, num lugar destes.

— Era maior que um pato — disse Tia Ogg. — O engraçado é que parecia um pouco com uma casinha.

— Ah, sim, correndo por aí com fumaça saindo pela chaminé, imagino — ironizou Vovó com acidez destruidora.

Tia Ogg animou-se.

— Você também viu? Vovó revirou os olhos.

— Venham. Vamos para a estrada.

— É... — começou Margrete. — Como? Elas olharam para o chão inconsistente entre o seu refúgio razoavelmente seco e a estrada. Tinha aparência amarelada.

Havia galhos flutuantes e tufo de grama verde suspeita. Tia Ogg puxou um galho da árvore caída sobre a qual estava sentada e o arremessou a alguns metros. Ele ficou preso, abafado pela água, e afundou emitindo o som de alguém tentando absorver o resto de um Milk-shake.

— Voando até ela, é claro — disse Tia Ogg.

— Vocês duas podem — começou Vovó. — Não tem nenhum lugar pra eu correr e fazer a minha vassoura pegar.

No fim, Margrete a atravessou na sua vassoura, com Tia Ogg ajudando a erguer a ponta de trás e rebocando a de Vovó pelo cabo errante.

— Só espero que ninguém tenha visto a gente, só isso — disse Vovó quando alcançaram a segurança relativa da estrada.

Mais perto da cidade, outras estradas juntavam-se à área mais elevada do pântano. Elas estavam cheias e havia uma longa fila diante do portão. Do nível do chão, a cidade era ainda mais impressionante.

Com a névoa do pântano ao fundo, brilhava como uma pedra polida. Bandeiras coloridas tremulavam acima dos muros.

— Parece muito agradável — observou Tia Ogg.

— Muito limpa — emendou Margrete.

— Só tem essa aparência do lado de fora — disse Vovó, que já vira uma cidade antes. — Quando você entra, só tem mendigos e sarjetas cheias de não sei o quê, ouçam o que estou dizendo.

— Estão mandando muita gente embora — disse Tia Ogg.

— Disseram, lá no barco, que muita gente vem aqui para o Almoço Gordo — lembrou Vovó. — Provavelmente tem muita gente

que não é do tipo adequado. Meia dúzia de guardas observavam as bruxas se aproximarem.

— Mandam as pessoas embora com muita elegância — observou Vovó. — Gostei de ver. Não é como na nossa terra.

Havia apenas seis trajes de malha de ferro em toda Lancre, feitos na base do um-tamanho-serve-para-quase-todo-mundo.

Pedaços de barbante e arame tinham que ser empregados para acertarem as medidas, uma vez que a função de guarda palaciano geralmente era exercida por qualquer cidadão que não tinha muito o que fazer no momento.

Esses guardas tinham todos um metro e oitenta e, até mesmo Vovó teve que admitir, chamavam bastante atenção com seus uniformes vermelhos e azuis. Os únicos guardas municipais de verdade que ela havia visto eram os de Ankh-Morpork. A visão da guarda municipal de Ankh-Morpork fazia as pessoas atentas refletirem se quem poderia atacá-los poderia ser pior do que eles. Certamente não eram muito impressionantes.

Para o seu espanto, duas lanças barraram seu caminho quando ela pôs os pés sob a passagem em forma de arco.

— Não estamos atacando, viu — ela disse.

Um cabo bateu continência para ela.

— Não, senhora. Mas temos ordens de deter casos incertos.

— Incertos? — repetiu Tia Ogg. — O que é que nós temos de incerto? O cabo engoliu seco. Encarar o olhar fixo de Vovó Cera do Tempo era uma experiência difícil.

— Bem... Vocês estão meio... encardidas.

Houve um silêncio ressonante. Vovó respirou fundo.

— Tivemos um pequeno acidente no pântano — explicou Margrete, rapidamente.

— Tenho certeza de que não haverá problemas — disse o cabo, sentindo-se mal. — O capitão estará aqui em breve. E que pode dar um monte de problemas, se eu deixar entrar o tipo errado de gente. Vocês ficariam espantadas com as pessoas que aparecem aqui.

— Não dá pra deixar o tipo errado de gente entrar — concordou Tia Ogg. — Não gostaríamos que você deixasse o tipo errado entrar. Ouso dizer que não gostaríamos de entrar numa cidade que deixa o tipo errado de gente entrar, não é, Esme? Margrete deu um chute no tornozelo dela.

— Ainda bem que somos do tipo certo — disse Tia Ogg.

— O que está acontecendo, cabo? O capitão da guarda saiu por uma porta ao lado do portão e aproximou-se das bruxas.

— Estas... senhoras querem entrar, senhor. — E? — Elas estão meio... assim... não cem por cento limpas — continuou o cabo, encolhendo-se diante do olhar de Vovó.

— E uma delas está descabelada...

— E?! — gritou Margrete.

— ... e uma delas parece que usa linguagem vulgar.

— O quê? — exclamou Tia Ogg, o sorriso evaporando do seu rosto. — Olha que o bicho vai pegar, seu pirralhinho! — Mas, cabo, elas estão com vassouras — observou o capitão.

— E muito difícil para o pessoal da limpeza ficar arrumado o tempo todo.

— Pessoal da limpeza? — repetiu Vovó.

— Tenho certeza de que estão tão ansiosas quanto você para se arrumarem — continuou o capitão.

— Com licença — disse Vovó, dando às palavras o mesmo peso sugerido por palavras como "Atacar!" e "Matem!". — Com licença, mas este chapéu pontudo que estou usando significa alguma coisa para vocês? Os soldados olharam para o chapéu com educação.

— Pode me dar uma dica? — o capitão pediu, por fim.

— Significa...

— Vamos seguir andando, se vocês não se importarem — interrompeu Tia Ogg. — Temos muita faxina pra fazer. — Ela balançou a vassoura. — Vamos, senhoras. Ela e Margrete seguraram Vovó com firmeza pelos braços e a impulsionaram pela passagem antes que começasse a salivar.

Vovó Cera do Tempo sempre defendeu que se deve contar até dez antes de perder a calma. Ninguém sabe por que isso, já que o único efeito é aumentar a pressão e fazer com que a explosão resultante seja muito pior.

As bruxas não pararam até não poderem mais ser vistas do portão.

— Olha, Esme — começou Tia Ogg, com calma — , você não deve tomar isso como pessoal. Nós estamos um pouquinho imundas, admita. Eles estavam apenas fazendo o trabalho deles, certo? O que acha disso? — Eles nos trataram como se fôssemos pessoas ordinárias — respondeu Vovó, chocada.

— No estrangeiro é assim — explicou Margrete. — Você mesma disse que os homens no barco também não tinham reconhecido o chapéu.

— Mas eu não queria que reconhecessem. É diferente.

— É apenas um... um incidente, Vovó — disse Margrete.

— Eram apenas soldados idiotas. Não sabem nem reconhecer um corte de cabelo desfiado.

Tia Ogg olhou à sua volta. Multidões passavam por elas de maneira confusa, quase em silêncio.

— E você tem que admitir que é uma cidade bonita e limpa — completou. Elas examinaram o ambiente ao seu redor.

Certamente, era o lugar mais limpo que já tinham visto.

Até os paralelepípedos reluziam.

— Daria pra fazer um lanche na rua — ponderou Tia Ogg, enquanto caminhavam.

— É, mas você faria um lanche na rua de qualquer jeito — disse Vovó.

— Eu não comeria tudo. Até as sarjetas foram lavadas. Nem um à vista, veja. (*Ronald Terceiro, de Lancre, tido como um monarca extremamente desagradável, ficou para a posteridade devido a essa rima que se faz com o seu nome*).

— Gytha! — Bom, você disse que em Ankh-Morpork...

— Aqui é outro lugar! — E tão impecável — admirou-se Margrete. — Faz você se arrepender de não ter limpado as sandálias.

— É. — Tia Ogg olhou para as ruas com os olhos apertados.

— Faz você desejar ser uma pessoa melhor, na verdade.

— Por que vocês duas estão sussurrando? — perguntou Vovó.

Ela seguiu o olhar delas. Havia um guarda parado na esquina. Quando as viu olhando para ele, tocou o capacete e deu um breve

sorriso.

— Até os guardas são educados — observou Margrete.

— E há tantos deles também — constatou Vovó.

— É realmente impressionante necessitar de todos esses guardas numa cidade onde as pessoas são tão limpas e sossegadas — continuou Margrete.

— Talvez haja tanta gentileza a ser espalhada que eles precisem de muitas pessoas pra fazer isso — ponderou Tia Ogg.

As bruxas ficaram andando pelas ruas lotadas.

— Belas casas, hein? — disse Margrete. — Muito bem decoradas e em estilo velho-mundo.

Vovó Cera do Tempo, que vivia num chalé o mais velho — mundo possível sem chegar a ser um amontoado de rochas metamórficas, não fez nenhum comentário. Os pés de Tia Ogg começaram a reclamar.

— Temos que encontrar um lugar para passar a noite — ela disse. — Podemos procurar essa menina de manhã. Poderemos nos sair muito melhor depois de uma boa noite de sono.

— E um banho — completou Margrete. — Com ervas suavizantes.

— Boa ideia. Eu tô pronta pra entrar na banheira também — disse Tia Ogg.

— Minha nossa, como o outono passou rápido — comentou Vovó, num tom ácido.

— Ah, é? Quando foi a última vez que você tomou banho, Esme? — Como assim, última?.

— Tá vendo? Então não tem nenhum motivo pra fazer comentários sobre as minhas abluções.

— Banhos são anti-higiênicos — declarou Vovó. — Você sabe que eu nunca concordei com banhos. Ficar parado, imerso na própria sujeira daquele jeito.

— O que você faz, então? — perguntou Margrete.

— Só me lavo — respondeu Vovó. —Todas as partes. Assim. Sempre que elas estão acessíveis.

Por mais acessíveis que estivessem, e mais nenhuma informação foi concedida sobre essa questão, certamente estavam mais acessíveis que as acomodações em Genua, no Almoço Gordo.

Todas as tavernas e hospedarias se encontravam cheias.

Pouco a pouco, a pressão da multidão as empurrou para fora das ruas principais, na direção dos bairros menos elegantes da cidade. Ainda assim, não havia lugar para as três ficarem.

Vovó Cera do Tempo não aguentou mais.

— No próximo lugar onde formos — disse, com firmeza — vamos entrar. O que é aquela taverna ali? Tia Ogg olhou para a placa.

— Hotel... Lot... Ado — murmurou, e depois abriu um sorriso. — Hotel Lot Ado — repetiu. — Isso significa "muito... é... Ado" em estrangeiro — acrescentou, querendo ser útil.

— Esse serve — disse Vovó.

Ela empurrou a porta. Um homem rechonchudo e de rosto vermelho na recepção se virou para elas. Era novo no emprego e estava muito nervoso. O último encarregado desaparecera por não ser rechonchudo e não ter rosto vermelho o suficiente.

Vovó não perdeu tempo.

— Está vendo este chapéu? — perguntou. — Está vendo esta vassoura? O homem olhou para ela, para a vassoura e para ela novamente.

— Sim? O que isso significa?

— Significa que queremos três quartos para a noite — respondeu Vovó, olhando para as outras duas com ar convencido.

— Com salsicha — emendou Tia Ogg.

— E uma refeição vegetariana — completou Margrete.

O homem olhou para as três. Depois foi até a porta.

— Estão vendo esta porta? Estão vendo esta placa?

— Não ligamos para placas — retrucou Vovó.

— Bom, então — começou o homem — eu desisto. O que significam um chapéu pontudo e uma vassoura?

— Significam que eu sou uma bruxa — respondeu Vovó.

O homem pendeu a cabeça para o lado.

— É? Isso é sinônimo de velha doida?

Querido Jason e todo mundo, escreveu Tia Ogg, Sabia que as pessoas não sabem o que é bruxa por aqui, pra você ver como são atrasados no estrangeiro. Um homem foi muito Descarado com Esme e ela ter ia perdido a paciência então eu, Margrete e eu a seguramos e levamos pra fora porque se você faz alguém pensar que foram transformados em alguma coisa, sempre dá problema, você se lembra do que aconteceu da última vez quando depois você teve que ir cavar um laguinho para o sr. Wilkins morar...

Elas conseguiram encontrar uma mesa numa taverna. Estava lotada de pessoas de todas as espécies. O barulho alcançava o nível

do grito, e a fumaça fechava o cerco.

— Quer parar de rabiscar, Gytha Ogg? Tá me dando nos nervos — pediu Vovó, irritada.

— Tem que haver bruxas aqui — disse Margrete. — Em todo lugar há bruxas. Tem que haver bruxas no exterior. Você encontra bruxas em todo lugar.

— É como barata — concordou Tia Ogg, animada.

— Você devia ter me deixado fazer ele acreditar que era um sapo — murmurou Vovó.

— Não pode fazer isso, Esmé. Não pode sair por aí fazendo as pessoas acreditarem que são certas coisas só porque foram descaradas e não sabem quem você é — disse Gytha. — Senão estaríamos até aqui de pessoas pulando de um lado para o outro.

Apesar das muitas ameaças, Vovó Cera do Tempo nunca transformara ninguém em sapo. Na sua opinião, era possível fazer algo tecnicamente menos cruel, mais barato e muito mais satisfatório. Era possível deixar a pessoa em forma humana e fazê-la achar que é um sapo, o que também proporcionava uma diversão bastante inocente para transeuntes.

— Sempre senti pena do senhor Wilkins — lamentou Margrete, olhando melancólica para a mesa. — Era tão triste vê-lo tentando pegar moscas com a língua.

— Ele não deveria ter dito o que disse — lembrou Vovó.

— O quê, que você era uma velha intrometida e dominadora? — perguntou Tia Ogg, com inocência.

— Não me importo com críticas. Você me conhece. Nunca fui de me ofender com críticas. Ninguém pode dizer que sou do tipo que se

ofende com críticas...

— Não duas vezes, pelo menos — disse Tia Ogg. — Não sem espumar.

— Acontece apenas que não suporto injustiças. E você para de sorrir! De qualquer modo, não entendo por que fazer tanto estardalhaço por causa disso. O efeito passa depois de alguns dias.

— A senhora Wilkins diz que ele ainda sai muito para nadar — observou Margrete. — Adquiriu um interesse totalmente novo pela coisa, ela disse...

— Talvez tenha um tipo diferente de bruxa nesta cidade — ponderou Margrete, desanimada. — Talvez usem um tipo diferente de roupa.

— Só existe um tipo de bruxa — discordou Vovó. — E somos nós.

Ela olhou ao redor. É claro que, pensou, se alguém estivesse mantendo as bruxas a distância, as pessoas não poderiam conhecê-las. Alguém que não quisesse nenhuma outra pessoa se intrometendo. Mas ela nos deixou entrar...

— Ai, ai, pelo menos estamos no seco — disse Tia Ogg. Um homem que bebia de pé num grupo atrás dela jogou a cabeça para trás para rir e derramou cerveja nas costas dela.

Ela murmurou alguma coisa.

Margrete viu o homem baixar a cabeça para tomar outro gole e parar de olhos arregalados, olhando para dentro da caneca. Depois ele a largou e saiu da taverna com dificuldade, apertando o pescoço.

— O que você fez com a bebida dele? — perguntou.

— Você é nova demais para saber — respondeu Tia Ogg.

Onde elas moravam, se uma bruxa quisesse uma mesa para ela, a mesa... simplesmente aparecia. A visão de um chapéu pontudo era suficiente. As pessoas mantinham distância respeitosa, mandando bebidas de graça, de vez em quando. Até Margrete era respeitada, não particularmente porque alguém se sentisse intimidado com ela, mas porque o menosprezo a uma bruxa era um menosprezo a todas, e ninguém queria que Vovó Cera do Tempo tivesse que vir explicar isso. Ali, elas eram acotoveladas como se fossem pessoas ordinárias. Apenas a mão preventiva de Tia Ogg no braço de Vovó Cera do Tempo impedia que uma dúzia de jovens bebedores passasse ao estado de anfibismo artificial. Até mesmo o humor normalmente muito flexível de Tia Ogg começava a dar sinais de desgaste. Ela sempre se orgulhou de ser tão ordinária quanto o lixo, mas havia ordinário e ordinário. Era como ser aquele Príncipe NãoSeiDasQuantas, na história infantil, que gostava de andar pelo seu reino vestido como plebeu. Ela sempre teve uma desconfiança astuta de que o pervertidozinho se certificava de que as pessoas soubessem quem ele era com antecedência, para evitar que alguém ficasse plebeu demais com ele. Era como ficar enlameado. Ficar enlameado quando se pode esperar por uma bela banheira de água quente é divertido. Ficar enlameado quando tudo o que se pode esperar é mais lama não é nada divertido. Ela chegou a uma conclusão.

— Ei, por que não pedimos uma bebida? — sugeriu Tia Ogg, animada. — Nós todas nos sentiríamos melhor com uma bebida.

— Ah, não — disse Vovó. — Você me pegou de jeito com aquela bebida de ervas da última vez. Tenho certeza de que tinha álcool

naquilo. Com certeza fiquei meio alta depois do sexto copo. Não vou beber mais nenhum lixo estrangeiro.

— Você tem que beber alguma coisa — disse Margrete, com calma. — Eu, pelo menos, estou com sede. — Ela lançou um olhar vago para o bar lotado. — Talvez eles façam alguma espécie de vitamina de frutas ou algo assim.

— Com certeza — concordou Tia Ogg. Ela se levantou, olhou para o bar e tirou um alfinete do chapéu discretamente.

— Não vai demorar nada.

As outras duas foram deixadas no seu desânimo particular.

Vovó ficou sentada com o olhar fixo para a frente.

— Você não deveria ficar tão mal só porque as pessoas não estão demonstrando respeito por você — disse Margrete, derramando mais óleo suavizante sobre a sua chama interna.

— Quase nunca demonstraram qualquer respeito por mim. Não é um problema.

— Se você não tem respeito, você não tem nada — ponderou Vovó, com ar distante.

— Ah, não sei, não. Sempre consegui me virar bem — observou Margrete.

— Isso porque você é uma galinha choca, Margrete Alho — disse Vovó. Houve um silêncio curto e difícil, ressoando as palavras que não deveriam ter escapado e alguns grunhidos de surpresa atormentada vindos da direção do bar. Eu sei que ela sempre achou isso, Margrete disse a si mesma dentro dos muros incandescentes da sua vergonha. Só nunca pensei que ela fosse dizer. E nunca vai pedir desculpas, porque não é o tipo de coisa que faz. Ela simplesmente

espera que as pessoas esqueçam coisas assim. Eu só estava tentando voltar a ser sua amiga. Se é que um dia ela teve algum amigo.

— Aqui está, então — começou Tia Ogg, saindo de dentro da aglomeração com uma bandeja. — Bebidas de fruta.

Ela se sentou e olhou para uma e para a outra.

— Feitas com banana — explicou, na esperança de despeitar um leve interesse em uma das duas. — Eu me lembro de que o nosso Shane trouxe uma banana pra casa, uma vez. Nossa, a gente riu tanto disso. Agora, eu disse para o homem: "Que tipo de bebida de fruta as pessoas bebem por aqui?", e foi isso o que ele me deu. Feita com banana. Uma bebida de banana. Vocês vão gostar. É o que todo mundo bebe aqui. Tem banana.

— Certamente tem um gosto... muito forte — disse Margrete, bebericando a sua com cuidado. — Tem açúcar também? — Muito provavelmente — respondeu Tia Ogg. Ela olhou para a expressão carrancuda meio distante de Vovó por um momento, depois pegou o seu lápis e lambeu a ponta com ar profissional.

Em fim uma coisa boa aqui é que a bebida é m. barata tem uma chamada Bananana dakry que basicamente é Rum com bananana. Posso sentir que está me fazendo bem. É muito úmido aqui. Espero que a gente encontre algum lugar para passar a noite e imagino que vamos porque Esme sempre dá sorte ou pelo menos toma a sorte dos outros. Fiz um desenho de um bananana dakry. você pode ver que está completamente vazio.

Com amor,

MAMÃE BEIJOS. (Tia Ogg sabia começar a escrever "banana", mas não sabia como parar.)

No final, encontraram um estábulo. Provavelmente era, como Tia Ogg comentou alegremente, mais quente e mais higiênico do que qualquer uma das hospedarias. Havia milhões de pessoas no estrangeiro que dariam o braço direito por um lugar tão aconchegante e seco para dormir.

Pensar assim ajudava a melhorar a situação tanto quanto colocar panos quentes para secar gelo.

Não era preciso muito para fazer uma bruxa perder a calma.

Margrete ficou acordada, usando o saco de roupas como travesseiro e escutando a chuva quente e suave batendo no telhado.

Tudo deu errado antes mesmo de começarmos, pensou.

Não sei por que deixei que elas viessem comigo. Sou perfeitamente capaz de fazer algo sozinha pelo menos uma vez, mas sempre me tratam como se eu fosse uma... uma galinha choca.

Não entendo por que tenho que tolerar o mau humor dela e as patadas que dá em mim o tempo todo. O que ela tem de tão especial, afinal? Quase nunca faz alguma coisa que possa ser considerada magia de verdade, por mais que Tia Ogg diga o contrário. O que ela faz mesmo é gritar muito e provocar as pessoas. Quanto a Tia Ogg, é bem-intencionada, mas não tem nenhum senso de responsabilidade. Achei que fosse morrer quando ela começou a cantar a Canção do Porco-Espinho na taverna, Só espero que as pessoas não tenham entendido o que dizia a letra.

Eu sou a fada madrinha aqui. Não estamos mais em casa. Deve haver maneiras diferentes de se fazer as coisas no estrangeiro.

Ela se levantou com a primeira luz do dia. As outras duas dormiam, embora "dormir" seja uma palavra muito moderada para os sons que Vovó Cera do Tempo emitia.

Margrete vestiu sua melhor roupa, o vestido verde de seda que agora, infelizmente, era um monte amassado. Retirou um pacote de papel de seda do saco e desembulhou cuidadosamente suas jóias secretas. Margrete comprava joias secretas como uma forma de esquecer que era Margrete. Tinha três caixas grandes do material e continuava sendo exatamente a mesma pessoa.

Fez o possível para retirar as palhas do cabelo. Depois desempacotou a varinha mágica.

Ela desejou ter um espelho para se examinar.

— Eu tenho a varinha — disse, baixinho. — Não entendo por que preciso de qualquer ajuda. Desiderata disse que deveria dizer a elas para não me ajudarem. Passou pela sua cabeça o fato de que Desiderata fora bastante negligente quanto a essa questão. Uma coisa de que era possível ter certeza, quando se pedia a Vovó Cera do Tempo e Tia Ogg para não ajudarem, era que elas correriam para ajudar, nem que fosse por pura maldade. Era muito espantoso para Margrete que alguém tão inteligente quanto Desiderata tropeçasse naquele pequeno detalhe. Ela provavelmente tinha uma boa psicologia também, o que quer que isso fosse. Movendo-se com cautela para não acordar as outras duas, abriu a porta e saiu com leveza para o ar úmido. Varinha a postos, estava pronta para dar ao mundo o que quer que ele desejasse.

Ajudaria muito se os desejos incluíssem abóboras.

Tia Ogg abriu um olho quando a porta se fechou com um rangido.

Ela se sentou, bocejou e se coçou. Remexeu no seu chapéu e pegou o cachimbo. Cutucou Vovó Cera do Tempo nas costelas.

— Num tô dormindo — disse Vovó.

— Margrete foi pra algum lugar. — Rá! — E eu vou sair pra comprar alguma coisa pra comer — murmurou Tia Ogg. Não havia conversa com Esmé quando ela estava naquele humor.

Quando saiu, Greebo se soltou com leveza de uma viga e parou no seu ombro. Tia Ogg, uma das pessoas mais otimistas que já existiu, saiu para enfrentar o que quer que o futuro tivesse para oferecer.

De preferência com rum e banana.

A casa não era difícil de encontrar. Desiderata fizera anotações muito precisas. O olhar de Margrete abrangeu os altos muros brancos e as sacadas de metal adornadas. Tentou esticar algumas rugas de seu vestido, puxou algumas palhas teimosas do cabelo, depois marchou pela pista de entrada e bateu à porta. A argola da porta soltou-se na sua mão.

Olhando ao redor apreensivamente para ver se alguém notara aquele ato de vandalismo, Margrete tentou encaixar a argola de volta. Ela caiu e quebrou um pedaço do degrau de mármore.

Por fim, bateu à porta suavemente com as juntas dos dedos.

Uma fina nuvem de poeira subiu da porta e flutuou até o chão.

Aquele foi o único efeito.

Margrete pensou no seu próximo passo. Tinha toda certeza de que as fadas madrinhas não empurravam cartõezinhos por debaixo

da porta com coisas escritas do tipo: "Passei por aqui hoje, mas você não estava. Favor entrar em contato com o terminal para marcar outro horário". De todo modo, aquele não era o tipo de casa que ficava vazia. Um lugar como aquele estaria infestado de criados. Ela andou sobre os cascalhos e espiou a lateral da casa.

Quem sabe a porta dos fundos... as bruxas geralmente ficam mais à vontade com as portas dos fundos...

Tia Ogg sempre ficava. Ela se dirigia a uma que pertencia ao palácio. Parecia muito fácil entrar. Aquele castelo não era como os da sua terra, que expressavam ideias muito claras sobre dentro e fora, e eram construídos para manter os dois lados separados.

Aquele era... bem... um castelo de contos de fadas, todo feito de muralhas de glacê e altíssimas torres em miniatura. De qualquer modo, ninguém notava muito a presença de velhinhas. As velhinhas são, por definição, inofensivas, embora essa definição fosse modificada numa série de aldeias a milhares de quilômetros do outro lado do continente.

Castelos, na experiência de Tia Ogg, assemelhavam-se aos cisnes. Pareciam deslizar com esplendor pelas águas do Tempo, mas na verdade ocorria um pandemônio de atividades em andamento do outro lado. Havia um labirinto de cozinhas e lavanderias, estábulos e cervejarias — e as pessoas nunca notavam mais uma galinha velha no local, comendo qualquer resto de comida que estivesse por ali. Além disso, tinha a fofoca. Tia Ogg gostava de fofoca também.

Vovó Cera do Tempo andava desconsolada pelas ruas limpas.

Ela não estava à procura das outras duas. Tinha certeza disso.

E claro que poderia até encontrar com elas por acaso, meio que acidentalmente, e lançar um olhar significativo. Mas com certeza não estava procurando por elas. Havia uma multidão no fim da rua. Com base no pressuposto lógico de que Tia Ogg poderia estar no meio, Vovó Cera do Tempo seguiu em frente.

Tia Ogg não se encontrava lá. Mas havia um palanque. E um pequeno homem acorrentado. E alguns guardas vestindo uniformes reluzentes. Um deles segurava um machado.

Não era preciso ser um grande viajante internacional para entender que o propósito daquele quadro não consistia em dar ao homem acorrentado uma dedicatória com assinaturas e uma doação de todo o pessoal do escritório.

Vovó cutucou um observador.

— O que tá acontecendo? O homem a olhou sem virar a cabeça.

— Os guardas o pegaram roubando.

— Ah. Bem, ele parece bastante culpado — disse Vovó.

Pessoas acorrentadas têm a tendência de parecer culpadas. — O que vão fazer com ele? — Dar uma lição.

— E como fazem isso? — Tá vendo o machado? Vovó não tirara os olhos dele o tempo todo. Mas, neste momento, ela prestou atenção na multidão, recolhendo fragmentos de pensamento.

É fácil ler o pensamento de uma formiga. Existe apenas uma linha de pensamentos simples e grandes: Carregar, Carregar, Morder, Entrar nos Sanduíches, Carregar, Comer. Um cachorro, por exemplo, é mais complicado — um cachorro pode ter vários pensamentos ao mesmo tempo. Mas uma mente humana é uma grande nuvem carregada e cheia de relâmpagos de pensamentos, todos eles

ocupando uma parcela transitória de tempo do processamento cerebral. Descobrir o que o dono pensa que está pensando no meio da neblina e da fumaça de preconceitos, lembranças, preocupações e medos é quase impossível.

Mas bastante gente pensando praticamente a mesma coisa é algo que pode ser ouvido, e Vovó Cera do Tempo percebeu o medo.

— Parece que será uma lição que ele não vai esquecer tão cedo — murmurou.

— Acho que vai esquecer bem rápido — discordou o curioso.

Depois foi se afastando de Vovó, da mesma forma como as pessoas se afastam de para-raios numa tempestade.

A essa altura, Vovó captou a nota dissonante na orquestra de pensamentos. No meio dela havia duas mentes que não eram humanas.

Suas formas eram tão simples, limpas e determinadas quanto uma lâmina afiada. Ela sentira mentes assim antes, e nunca fora uma experiência agradável. Examinou a multidão com cuidado e encontrou os donos das mentes. Eles observavam sem piscar as figuras sobre a plataforma.

Os observadores eram mulheres, ou pelo menos tinham forma momentânea de mulher. Mais altas que ela, delgadas como varas e usando chapéus amplos com véus que cobriam o rosto.

Seus vestidos refletiam um pouco a luz do sol — talvez azuis, talvez amarelos, talvez verdes. Talvez estampados. Era impossível saber. O mais ínfimo movimento modificava as cores.

Ela não conseguia distinguir os rostos.

Havia bruxas em Genua, sim. Uma bruxa, pelo menos.

Um som vindo da plataforma a fez se virar.

E ela entendeu por que as pessoas em Genua eram quietas e simpáticas. Havia países no estrangeiro, Vovó ouviu dizer, onde se cortavam as mãos dos ladrões para que não roubassem novamente.

Ela nunca ficara feliz com aquela ideia.

Eles não faziam isso em Genua. Cortavam a cabeça, para que não pensassem em roubar novamente.

Agora, Vovó sabia exatamente onde estavam as bruxas de Genua.

Estavam no comando.

Margrete chegou à porta do fundo da casa. Encontrava-se entreaberta. Ela se ajeitou mais uma vez.

Bateu à porta de um jeito educado e reservado.

— É... — disse.

Uma tigela de água suja foi despejada direto no seu rosto.

Por meio do som de água escorrendo nos ouvidos cheios de espuma, escutou uma voz dizendo: — Nossa, me desculpe. Não sabia que tinha alguém aí.

Margrete enxugou os olhos e tentou focalizar o vulto escuro na sua frente. Uma espécie de certeza narrativa surgiu em sua mente.

— Seu nome é Ella? — perguntou.

— Isso mesmo. Quem é você? Margrete olhou para a sua afilhada recém-descoberta de cima a baixo. Ela era a jovem mais atraente que Margrete já vira — pele bronzeada como uma noz e cabelo tão loiro que chegava a ser quase branco, uma combinação não totalmente incomum numa cidade sossegada como Genua foi um dia.

O que se deveria dizer num momento como aquele? Ela tirou um pedaço de casca de batata do nariz.

— Sou sua fada madrinha. Engraçado que parece uma coisa boba, agora que estou dizendo isso para alguém...

Ella olhou bem para ela.

— Você? — Hum. Sim. Estou com a varinha e tudo. — Margrete balançou a varinha para ver se ajudava. Não ajudou.

Ella pôs a cabeça para o lado.

— Achei que vocês aparecessem com uma chuva de luzinhas cintilantes e um barulho de sininhos — disse, desconfiada.

— Olha, a gente só ganha a varinha — respondeu Margrete, desesperada. — Não recebemos um manual de instruções.

Ella a olhou fazendo mais uma inspeção. Depois disse: — Acho que é melhor você entrar, então. Chegou na hora certa. Estava mesmo fazendo uma xícara de chá.

As mulheres furta-cor entraram numa carruagem conversível.

Apesar de bonitas, Vovó reparou, andavam de modo desajeitado.

Bem, tinham que andar assim. Não estavam acostumadas com pernas. Ela também notou que as pessoas não olhavam para a carruagem. Não que não a estivessem vendo. Simplesmente não deixavam seu olhar se demorar muito nela, como se o mero fato de reconhecê-la pudesse lhes causar problemas. E reparou nos cavalos da carruagem. Possuíam sentidos melhores do que os humanos. Sabiam o que estava atrás deles e não gostavam nem um pouco. Ela os seguiu enquanto corriam, com as orelhas caídas e o olhar

selvagem, pelas ruas. Finalmente, foram guiados até a entrada de uma casa grande e dilapidada perto do palácio.

Vovó ficou à espreita ao lado do muro e notou os detalhes.

Havia gesso caindo das paredes da casa e até a argola da porta caíra no chão. Vovó Cera do Tempo não acreditava em atmosferas. Não acreditava em auras psíquicas. Ser bruxa, sempre pensou, tinha mais a ver com o que você não acreditava. Mas se sentia pronta para acreditar que aquela casa tinha algo muito desagradável.

Não mau. As duas não-exatamente-mulheres não eram más, da mesma maneira como um punhal ou penhasco abrupto não eram maus. Ser mau implica ser capaz de fazer escolhas.

Mas a mão que controlava o punhal ou empurrava um corpo de cima do penhasco poderia ser má, e algo desse tipo estava acontecendo.

Ela realmente não gostava da ideia de saber quem estava por trás daquilo. Pessoas como Tia Ogg aparecem em qualquer lugar. E como se houvesse uma espécie de gerador mórfico dedicado à produção de velhas que gostam de dar risada e não são avessas a beber socialmente, especialmente uma bebida que costuma ser vendida em copos muito pequenos. Elas são encontradas em toda parte, geralmente aos pares. (*Sempre na sua frente em uma fila, para começar.*) Tendem a atrair umas às outras. É possível que transmitam sinais inaudíveis indicando que lá está alguém capaz de ser convencida a fazer "Oooh" nas fotos dos netos dos outros.

Tia Ogg encontrara uma amiga. Seu nome era senhora Amável, era cozinheira e a primeira pessoa negra com quem ela conversou na vida. (*O racismo não era um problema no Disco porque — ainda*

mais com trolls, anões e assim por diante — o preconceito contra pessoas de outras espécies era mais interessante. Negros e brancos viviam em perfeita harmonia e se juntavam contra os verdes.)

Além disso, era daquele tipo muito superior de cozinheira que passa a maior parte do tempo recebendo as pessoas numa cadeira, no centro da cozinha, aparentando prestar pouca atenção às coisas que acontecem à sua volta.

Às vezes, dava uma ordem a alguém. E só precisava fazê-lo de vez em quando porque ela cuidara, ao longo dos anos, para que as pessoas ou fizessem as coisas à sua maneira, ou não fizessem nada. Uma ou duas vezes, com alguma cerimônia, 23. 24. levantava-se para provar alguma coisa e talvez adicionar uma pitada de sal. Tais pessoas estão sempre prontas para bater papo com qualquer vendedor ambulante, botânico ou velhinha com gato no ombro. Greebo ia de carona no ombro de Tia Ogg como se tivesse acabado de comer o papagaio.

— Então, você 'taria aqui pro Almoço Gordo, não? — perguntou a senhora Amável.

— Ajudando uma amiga com um assunto — explicou Tia Ogg. — Nossa, que biscoitos deliciosos.

— Quero lhe dizê que vejo no seu olhar — começou a senhora Amável, empurrando o prato para mais perto dela — que você é do gênero mágico.

— Então você vê muito mais longe que a maioria das pessoas por aqui — disse Tia Ogg. — Olha, o que ia melhorar esses biscoitos demais seria alguma coisa pra molhar eles, o que você acha? — Que tal uma coisa com banana? — Banana seria perfeito — respondeu

Tia Ogg, feliz. A senhora Amável fez um gesto imperioso para uma das empregadas, que começou a trabalhar. Tia Ogg sentou-se na cadeira dela, balançando suas pernas curtas e olhando para a cozinha com interesse. Um grupo de cozinheiros trabalhava com a determinação de um pelotão de artilharia abrindo fogo incessantemente. Bolos imensos eram construídos. Nos fornos a lenha, carcaças inteiras de animais eram assadas. Cães bassê galopavam em seus moinhos fazendo girar os espetos. Um homem enorme com a cabeça careca e uma cicatriz que atravessava o rosto introduzia pacientemente palitinhos dentro de salsichas.

Tia Ogg não tomara café-da-manhã. Greebo tomara alguma coisa, mas isso não fazia diferença alguma. Os dois passavam por uma espécie de tortura culinária intensa. Ambos se viraram, como que hipnotizados, para ver as empregadas passarem andando com dificuldade sob bandejas de canapés.

— Dá pra se ver que você é uma mulher muito da observadora, dona Ogg — disse a senhora Amável.

— Só um bocado — respondeu Tia Ogg, sem pensar.

— Também posso me concluir — começou a senhora Amável, algum tempo depois — que você tem um gato de raça muito pouco comum sobre o ombro aí.

— Acertou em cheio.

— Eu sei que tô certa.

Um copo cheio de uma espuma amarela deslizou na frente de Tia Ogg. Ela olhou para ele pensativa e tentou retornar ao assunto em questão.

— Então, aonde eu iria, você acha, para descobrir como se faz magia em...

— Gostaria de alguma coisa pra comer? — perguntou a senhora Amável.

— Quê? Puxa vida! A senhora Amável revirou os olhos.

— Não essa coisa. Eu não comeria essa coisa — disse, num tom áspero. Tia Ogg ficou frustrada.

— Mas foi você quem cozinhou — observou.

— Só porque mandaram. O velho Barão sabia o que era comida boa. Isso aqui? Não passa de carne de porco, vaca, carneiro e bobagens pra quem nunca provou nada melhor. A única coisa de quatro pernas que vale a pena comer é jacaré. Tô falando de comida de verdade.

A senhora Amável olhou para a cozinha.

— Sara! — gritou.

Uma das subcozinheiras se virou.

— Sim, si'ora? — Eu e esta dona vamos dar uma saída. Você cuide de tudo, tá? — Sim, s'ora.

A senhora Amável levantou-se e acenou com a cabeça de modo significativo para Tia Ogg.

— As paredes têm ouvidos — disse.

— Caramba! Têm mesmo? — A gente vamos dar uma voltinha.

Tia Ogg teve a impressão de que havia duas cidades em Genua.

A cidade branca, cheia de casas novas e palácios de telhado azul, e, ao redor dela, ainda mais abaixo, a cidade velha. A nova poderia não gostar da presença da velha, mas jamais conseguiria ficar sem ela. Alguém, em algum lugar, tem que cozinhar. Tia Ogg

gostava bastante de cozinhar, desde que houvesse outras pessoas para fazer coisas como descascar os legumes e lavar a louça depois. Ela sempre achou que era capaz de fazer coisas com carne que o boi jamais imaginou. Mas, agora, percebeu que aquilo não era cozinhar. Não comparado ao que era cozinhar em Genua. Tratava-se de apenas permanecer viva da forma mais agradável possível. Cozinhar em qualquer lugar fora de Genua era apenas esquentar coisas como partes de animais, aves, peixes e legumes até ficarem marrons.

Ainda assim, era estranho que os cozinheiros em Genua não tivessem nada comestível para cozinhar, ao menos não o que Tia Ogg considerava comida. Na sua cabeça, comida era algo que passava andando sobre quatro patas, ou talvez um par de pernas e outro de asas. Ou tinha que ter nadadeiras. A ideia de comida com mais de quatro patas é um verdadeiro balaio de ga... de coisas misturadas e agitadas. Não havia muita coisa para ser cozinhada em Genua. Então, cozinhavam tudo. Tia Ogg nunca ouvira falar em pitu, lagostim ou lagosta. Para ela, era como se os cidadãos de Genua passassem a rede no fundo do rio e fervessem o que quer que surgisse.

A questão é que um bom cozinheiro genuano era capaz de pegar o que saísse de um punhado de lama, umas folhas mortas e uma ou outra pitada de ervas de nomes impronunciáveis para produzir uma refeição de fazer um gourmet ir às lágrimas de gratidão e jurar se tornar uma pessoa melhor para o resto da vida, se puder comer só mais um prato.

Tia Ogg andava com passos lentos enquanto a senhora Amável a conduzia pelo mercado. Observou as gaiolas com cobras e as

prateleiras cheias de ervas com cachos misteriosos. Cutucou bandejas com moluscos. Parou para conversar com as senhoras em forma de Tia Ogg que eram as donas das barraquinhas que, por alguns centavos, ofereciam estranhos ensopados e pão com mariscos. Ela provou de tudo. Divertia — se imensamente. Genua, a cidade dos cozinheiros, encontrara o apetite que merecia. Ela terminou um prato de peixe e trocou um sorriso e um aceno de cabeça com a velhinha que tomava conta da barraca do peixe.

— Bom, tudo isso é... — começou, virando-se para a senhora Amável. A senhora Amável não estava mais lá.

Algumas pessoas teriam se apressado para procurá-la no meio da multidão, mas Tia Ogg apenas ficou parada e pensou.

Eu perguntei a ela sobre magia, pensou, e ela me trouxe aqui e me deixou. Por causa das tais paredes com ouvidos, imagino.

Talvez eu tenha que fazer o resto sozinha.

Ela olhou à sua volta. Havia uma tenda muito tosca um pouco afastada das barracas, bem ao lado do rio. Não tinha placa alguma do lado de fora, mas uma panela borbulhando levemente no fogo. Tigelas rústicas de barro tinham sido empilhadas ao lado da panela. Vez por outra, alguém saía do meio da multidão, se servia com uma concha cheia do que quer que houvesse na panela e depois jogava um punhado de moedas no prato em frente à tenda.

Tia Ogg foi andando até lá e olhou dentro da panela. Algumas coisas vinham até a superfície e depois afundavam de novo.

A coloração geral era marrom. As bolhas se formavam, cresciam e estouravam de modo viscoso com um "blop" orgânico. Tudo

poderia estar acontecendo naquela panela. Poderia haver uma geração espontânea de vida.

Tia Ogg provava tudo pelo menos uma vez. Algumas coisas provava milhares de vezes.

Ela desprendeu a concha, pegou uma tigela e se serviu.

No momento seguinte empurrou a cortina da tenda para o lado e olhou para a escuridão do seu interior.

Havia um vulto sentado de pernas cruzadas no breu, fumando um cachimbo.

— Se incomoda se eu entrar? — perguntou Tia Ogg.

O vulto assentiu com a cabeça.

Tia Ogg sentou-se. Após um intervalo considerável, sacou o próprio cachimbo.

— A senhora Amável é sua amiga, imagino.

— Ela me conhece. — Ah.

De fora vinha um ou outro tinido dos fregueses que se serviam.

Uma fumaça azul saía espiralada do cachimbo de Tia Ogg.

— Não creio — começou — que muita gente vá embora sem pagar.

— Não.

Depois de mais uma pausa, Tia Ogg disse: — Imagino que alguns tentem pagar com ouro, jóias e unguentos perfumados ou coisas do tipo? — Não.

— Impressionante.

Tia Ogg ficou sentada em silêncio durante algum tempo, ouvindo os sons distantes do mercado e reunindo os seus poderes.

— Como se chama isso?

— Gumbo.

— É bom.

— Eu sei.

— Creio que alguém que sabe cozinhar assim saiba fazer qualquer coisa... — Tia Ogg se concentrou — senhora... Gogol.

Ela esperou.

— Quase qualquer coisa, senhora Ogg.

As duas mulheres ficaram olhando para o contorno sombrio uma da outra, como dois conspiradores que tivessem dado a senha e a contra-senha e, agora, esperassem para ver o que aconteceria em seguida.

— No lugar de onde venho, chamamos isso de bruxaria — explicou Tia Ogg, em voz baixa.

— No lugar de onde venho, chamamos de vodu — retrucou a senhora Gogol. A testa franzida de Tia Ogg enrugou-se ainda mais.

— Isso não é aquele negócio de mexer com bonecos, gente morta, essas coisas? — E bruxaria não é correr por aí sem roupas enfiando alfinetes nas pessoas? — disse a senhora Gogol no mesmo tom.

— Ah. Entendi o que você quer dizer.

Ela ficou um pouco desconfortável. Era uma mulher fundamentalmente honesta.

— Mas tenho que admitir... — acrescentou. — Às vezes... rola só um alfinete... A senhora Gogol acenou com a cabeça com ar grave.

— Está bem. Às vezes... rola, sim, um zumbi.

— Mas somente quando não existe alternativa.

— Claro. Quando não se tem alternativa.

— Quando... sabe... as pessoas não demonstram respeito, assim.

— Quando a casa precisa de pintura.

Tia Ogg sorriu, mostrando os dentes. A senhora Gogol sorriu, levando vantagem no número de dentes, com uma diferença de trinta.

— Meu nome completo é Gytha Ogg. As pessoas me chamam de Tia Ogg.

— Meu nome completo é Erzulie Gogol. As pessoas me chamam de senhora Gogol.

— No meu modo de ver — começou Tia Ogg — , aqui é o estrangeiro, então talvez exista um tipo diferente de magia. Faz sentido. As árvores são diferente, as pessoas são diferentes, as bebida são diferentes e tem banana, então a magia tinha que ser diferente também. Então eu pensei... Gytha, minha garota, nunca é tarde para aprender.

— Com certeza.

— Tem algo errado nesta cidade. Senti assim que colocamos os pés aqui. A senhora Gogol concordou.

Não houve nenhum som durante algum tempo, a não ser uma eventual pitada no cachimbo.

Depois houve um tinido de fora, seguido por uma pausa refletida. Uma voz disse: — Gytha Ogg? Sei que você tá aí dentro.

O contorno da senhora Gogol tirou o cachimbo da boca.

— Isso é bom — ela disse. — Que paladar apurado.

A cortina da tenda abriu-se.

— Olá, Esme — cumprimentou Tia Ogg.

— Que esta... tenda seja abençoada — disse Vovó Cera do Tempo, tentando enxergar no escuro.

— Essa aqui é a senhora Gogol — apresentou Tia Ogg. — Trata-se de uma dama do vodu. É o que as bruxas são por aqui.

— Essas não são as únicas bruxas que existem por aqui — corrigiu Vovó.

— A senhora Gogol ficou muito impressionada com o fato de você ter me detectado aqui dentro — disse Tia Ogg.

— Não foi difícil. Depois que localizei aquele Greebo se limpando do lado de fora, o resto foi pura dedução.

Na escuridão da tenda, Tia Ogg formara a imagem mental da senhora Gogol como uma mulher velha. O que ela não esperava, quando a dama do vodu saiu ao ar livre, era uma senhora de meia-idade elegante mais alta que Vovó. A senhora Gogol usava brincos de ouro pesados, uma blusa branca e uma saia vermelha rodada com babados. Tia Ogg sentiu a reprovação de Vovó Cera do Tempo. O que diziam sobre mulheres com saias vermelhas era ainda pior que o que diziam sobre mulheres com botas vermelhas, o que quer que dissessem.

A senhora Gogol parou e ergueu um braço. Houve um som de asas agitadas. Greebo, que se esfregava de modo servil nas pernas de Tia Ogg, ergueu a cabeça e sibilou entre dentes. O galo maior e mais preto que Tia Ogg já vira estava acomodado no ombro da senhora Gogol. Ele se virou para ela com o olhar mais inteligente que já havia visto numa ave.

— Caramba — disse, perplexa. — Esse é o maior galo que eu já vi, maior até que todos os perus que já vi...

A senhora Gogol ergueu uma sobrancelha com olhar de desaprovação.

— Ela nunca teve uma criação adequada — explicou Vovó.

— Quando morava do lado de uma granja, era o que eu ia dizer em seguida — completou Tia Ogg.

— Este é Legba, um espírito obscuro e perigoso — apresentou a senhora Gogol. Ela se inclinou para perto delas e disse com o canto da boca: — Cá entre nós, ele é só um grande galo preto. Mas sabem como é...

— Vale a pena fazer propaganda — concordou Tia Ogg. — Este é Greebo. Cá entre nós, é um demônio dos infernos.

— Bom, ele é um gato — disse a senhora Gogol com generosidade. — Não se pode esperar outra coisa.

Querido Jason e todo mundo, Não é impressionante as coisas que acontece quando não estamos esperando, por exemplo conhecemos a senhora Gogol que trabalha de cozinheira de dia mas é bruxa de vodu, não se pode acreditar nessa coisa toda de magia negra, etcetera, que são Pretextos, ela é como a gente só que diferente. Se bem que o lance do zumbi é verdade mas não é o que você pensa...

Tia Ogg decidiu. Genua era uma cidade esquisita. Você saía das ruas principais, andava por uma via secundária, atravessava um portãozinho e de repente havia árvores por todo lado, com musgos e aquelas lhamas suspensas neles, e o chão começava a oscilar sob os pés e virava um pântano. Dos dois lados da trilha havia poças escuras nas quais, aqui e ali, entre os lírios, se encontravam toras de madeira de um tipo que as bruxas nunca haviam visto.

— Essas malditas salamandras gigantes — ela disse.

— São jacarés.

— Pelos deuses. Devem dar um bom rango. — É! A casa da senhora Gogol parecia uma coisa simples feita com madeira encontrada no rio, com telhado de musgo e construída acima do próprio pântano, sobre quatro estacas bem sólidas. Ficava tão perto do centro da cidade a ponto de Tia Ogg conseguir ouvir os barulhos das ruas e o som das patas dos lobos, mas a cabana no seu pequeno pântano ficava envolta pelo silêncio.

— As pessoas não a incomodam aqui? — perguntou Tia Ogg.

— Não as que eu não quero encontrar. — As folhas flutuantes dos lírios se moveram. Uma ondulação em forma de V atravessou a poça mais próxima.

— Autonomia — disse Vovó, em tom de aprovação. — E sempre muito importante.

Tia Ogg observou os répteis com olhar penetrante. Eles tentaram olhá-la do mesmo jeito e desistiram quando seus olhos começaram a lacrimejar.

— Acho que eu precisaria de uns dois desses lá em casa — disse, pensativa, enquanto eles deslizavam para longe. — Nosso Jason faria outro laguinho, sem problemas. O que foi que você disse que eles comiam? — Tudo o que quiserem.

— Eu conheço uma piada de jacaré — começou Vovó, como quem anuncia um fato solene e de grande importância.

— Você nunca...! Nunca ouvi você contar uma piada em toda a sua vida! — Só porque eu não conto não quer dizer que eu não conheça — disse Vovó, com orgulho. — E sobre um homem...

— Que homem? — interrompeu Tia Ogg.

— Um homem entrou numa taverna. Sim. Era uma taverna.

E viu uma placa. Na placa estava escrito: "Servimos todos os tipos de sanduíche". Então, ele disse "Me dá um sanduíche de jacaré... e bem rápido!" Elas olharam para Vovó.

Tia Ogg virou-se para a senhora Gogol.

— Bom... você mora sozinha aqui, então? — perguntou, animada. — Nem uma alma viva por perto? — Por assim dizer — respondeu a senhora Gogol.

— A questão é que, entendem, os jacarés são ágeis... — começou Vovó, em voz alta, e depois parou.

A porta da cabana se abriu.

Ali estava mais uma grande cozinha. (*Como Desiderata disse, fadas madrinhas tendem a se envolver intensamente com cozinhas.*)

Um dia, chegou a empregar meia dúzia de cozinheiros. Agora era uma caverna, seus cantos mais distantes eram sombrios, com panelas penduradas e terrinas opacas de tanta poeira. As mesas grandes tinham sido empurradas para um lado e traziam louças de barro empilhadas quase até a altura do teto. Os fogões, que pareciam grandes o suficiente para assarem vacas inteiras e cozinharem para um exército, estavam frios.

No meio da desolação cinzenta, alguém montara uma pequena mesa perto do fogão a lenha. Ela ficava sobre um tapete quadrado e colorido. Um pote de geleia continha flores arrumadas pelo simples método de catar um punhado delas e enfiá-las lá dentro. O efeito era uma pequena área de alegria levemente sentimental na solidão geral.

Ella remexeu em algumas coisas com distração desesperada e depois parou, olhando para Margrete com uma espécie de sorriso tímido e defensivo.

— Como fui boba, realmente. Imagino que esteja acostumada com esse tipo de coisa.

— Hum. Sim. Ah, sim. O tempo todo — disse Margrete.

— E que eu esperava que você fosse um pouco mais... velha? É claro que você esteve no meu batizado? — Ah. Sim? Bem, sabe, a questão é...

— Ainda assim, imagino que você pode ter a aparência que quiser — ponderou Ella, tentando melhorar a situação.

-Ah. Sim. É...

Ella pareceu levemente confusa por um momento, como se tentasse entender por que — se Margrete poderia ter a aparência que quisesse — ela escolhera ter a aparência que tinha.

— Bom, então. O que fazemos agora? — Você disse alguma coisa sobre chá — lembrou Margrete para ganhar tempo.

— Ah, claro. — Ella se virou para o fogão a lenha, onde uma chaleira enegrecida estava pendurada acima do que Vovó Cera do Tempo costumava chamar de fogo de otimista. (*Duas toras de madeira e esperança.*)

— Qual é o seu nome? — perguntou, olhando para trás.

— Margrete — respondeu Margrete, sentando-se.

— É um nome... interessante — disse Ella, com educação. — É evidente que você sabe o meu. Olha só, eu passo tanto tempo cozinhando nessa coisa imprestável que a senhora Amável me chama de Brasa. Que bobagem, não?

— Brasirella, pensou Margrete. Sou a fada madrinha de uma garota cujo nome parece uma mistura de brasa e gazela.

— Poderia ter caprichado um pouco mais — ela concordou.

— Não tenho coragem de dar uma bronca nela. Ela acha que soa alegre. Eu acho que soa como uma mistura de brasa e gazela.

— Ah, eu não diria isso. Hã... quem é senhora Amável?

— É a cozinheira do palácio. Ela vem aqui para me animar quando eles estão fora...

Ella deu um giro, segurando a chaleira enegrecida como se fosse uma arma.

— Eu não vou para aquele baile! — gritou. — Não vou me casar com o príncipe! Entendeu? A palavras saíram feito barras de aço.

— Está bem! Está bem! — concordou Margrete, espantada com a força das palavras.

— Ele parece viscoso. Ele me dá arrepios — disse Brasa, aborrecida. — Dizem que tem um olhar estranho. E todo mundo sabe o que ele faz à noite! Todo mundo exceto uma pessoa, pensou Margrete. Ninguém nunca me conta coisas desse tipo.

Em voz alta, ela disse: — Bom, não deve ser muito difícil de se arrumar. Quer dizer, normalmente casar com o príncipe é que é o difícil.

— Não para mim — disse Brasa. — Já está tudo arrumado. A minha outra madrinha disse que eu tenho que casar com ele.

Ela disse que é o meu destino.

— Outra madrinha? — perguntou Margrete.

— Todo mundo tem duas. A boa e a má. Você sabe. Qual delas é você? Margrete pensou rápido.

— Ah, a boa. Com certeza.

— Engraçado. Exatamente o que a outra disse.

Vovó Cera do Tempo permanecia sentada do seu jeito especial, joelhos presos e cotovelos para dentro, colocando-se o mínimo possível em contato com o mundo exterior.

— Caramba, isso é muito bom — disse Tia Ogg, limpando o prato com o que Vovó esperava que fosse só um pedaço de pão. — Você tem que provar um bocado, Esme.

— Mais uma porção, dona Ogg? — perguntou a senhora Gogol.

— Não repare se eu quiser, dona Gogol. — Tia Ogg cutucou Vovó nas costelas.

— É bom mesmo, Esme. Parece um ensopado.

A senhora Gogol olhou para Vovó com a cabeça para o lado.

— Acho que talvez a senhora Cera do Tempo não esteja preocupada com a comida. Acho que a senhora Cera do Tempo está preocupada com o atendimento. Tia Ogg foi encoberta por uma sombra. Uma mão cinzenta tomou o seu prato. Vovó Cera do Tempo deu uma tossidinha.

— Não tenho nada contra pessoas mortas — disse. — Alguns dos meus melhores amigos estão mortos. Só não me parece certo, no entanto, gente morta andando por aí.

Tia Ogg olhou para o vulto que até agora servia com a concha a terceira porção do líquido misterioso no prato dela.

— O que o senhor acha disso, senhor Zumbi? — E uma ótima vida, senhora Ogg — respondeu o zumbi.

— Aí. Tá vendo, Esme? Ele não se importa. Melhor do que ficar trancado num caixão abafado o dia todo, tenho certeza.

Vovó olhou para o zumbi. Ele era — ou, tecnicamente, tinha sido — um homem alto e bonito. Ainda era, só que agora parecia com alguém que atravessara um quarto cheio de teias de aranha.

— Qual é o seu nome, homem morto?

— Me chamam de Sábado.

— Aquele Sábado, é? — perguntou Tia Ogg.

— Não. Apenas Sábado, senhora Ogg. Apenas Sábado.

Vovó Cera do Tempo olhou nos olhos dele. Eram mais sensíveis que a maioria dos olhos que ela vira em pessoas que estavam, tecnicamente, vivas. Ela tinha uma vaga ideia de que havia coisas que você tinha que fazer com uma pessoa morta para transformá-la num zumbi, embora esse fosse um ramo da magia que nunca quisera investigar. Porém, eram necessários mais que um monte de vísceras de peixes estranhos e raízes estrangeiras — a pessoas tinha que querer voltar. Tinha que ter algum sonho terrível, desejo ou propósito que a possibilitaria superar a própria sepultura...

Os olhos de Sábado ardiam.

Ela chegou a uma decisão. Estendeu a mão.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor Sábado. E tenho certeza de que adoraria o seu excelente ensopado.

— Chama-se gumbo — disse Tia Ogg. — Tem pão de cuco dentro.

— Sei muito bem que pão-de-cuco é uma espécie de planta, muito obrigada. Não sou totalmente ignorante.

— Está bem, mas não deixe de pegar uma porção com cabeça de cobra também — sugeriu Tia Ogg. — E a melhor parte.

— Que tipo de planta é cabeça de cobra? — Melhor você só comer, acho — disse Tia Ogg.

Elas estavam sentadas no terraço de madeira empenada, nos fundos da cabana da senhora Gogol, com vista para o pântano.

Cachos de musgo pendiam de todos os galhos. Criaturas que não podiam ser vistas zumbiam entre as folhagens. E por toda parte havia ondulações em forma de V marcando levemente a água.

— Imagino que seja muito agradável aqui quando faz sol — observou Tia Ogg. Sábado arrastou-se para dentro da cabana e voltou com uma vara de pescar improvisada, na qual ele pôs uma isca. Depois a lançou por cima da grade. Então ficou em silêncio. Ninguém tem mais paciência que um zumbi.

A senhora Gogol inclinou-se na sua cadeira de balanço e acendeu o cachimbo.

— Esta costumava ser uma grande cidade.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Tia Ogg.

Greebo tinha muitos problemas com Legba, o galo.

Para começar, a ave negava-se a ficar aterrorizada. Greebo era capaz de aterrorizar a maior parte das coisas que se moviam sobre a face do Disco, até as criaturas teoricamente muito maiores e mais fortes que ele. Ainda assim, nenhuma de suas táticas bem testadas — o bocejo, o olhar fixo e, acima de tudo, o sorriso lento — pareciam funcionar. Legba simplesmente olhava para ele com o bico para cima e fingia arranhar o chão de um jeito que ressaltava ainda mais suas esporas de cinco centímetros. Só restava o salto voador, que funcionava praticamente com qualquer criatura. Eram raros os animais que permaneciam calmos diante de uma bola de garras

sussurrantes enfurecida na sua cara. No caso daquela ave, Greebo suspeitou, poderia resultar em sua transformação num espetinho de pêlo.

Mas aquilo tinha que ser resolvido. Caso contrário, gerações de gatos teriam motivo para rir dele.

Gato e ave circulavam pelo pântano, cada um aparentemente sem prestar nenhuma atenção no outro.

Havia coisas tagarelando de modo confuso nas árvores.

Pequenos pássaros iridescentes embaralhavam-se pelo ar. Greebo olhou para eles com raiva. Cuidaria deles mais tarde.

E o galo desaparecera.

As orelhas de Greebo colaram-se à sua cabeça.

Ainda havia o canto dos pássaros e o zumbido dos insetos, mas não estavam ali. Ali havia silêncio — quente, escuro e agressivo — e árvores que de alguma forma estavam muito mais próximas do que ele se lembrava.

Greebo olhou ao redor.

Ele estava numa clareira. Dos lados, havia coisas pendendo de galhos ou amarradas às árvores. Pedacos de fitas. Ossos brancos. Painéis de estanho. Coisas perfeitamente normais em qualquer outro lugar.

E, no centro da clareira, algo que parecia um espantalho.

Uma estaca de pé com uma vara na horizontal sobre a qual alguém havia colocado um fraque preto e velho. Acima do fraque, na ponta da estaca, havia uma cartola. Em cima da cartola, observando-o pensativamente, estava Legba. Uma brisa soprou pelo ar abafado, fazendo o fraque balançar de leve. Greebo lembrou-se

do dia em que seguiu um rato, entrando no moinho da aldeia e, de repente, se deu conta de que o que antes parecia ser apenas uma sala com uma mobília esquisita era uma grande máquina que, se colocasse uma pata no lugar errado, o esmagaria totalmente.

Havia um leve chiado no ar. Ele conseguia sentir seus pelos ficando de pé. Greebo virou-se e se afastou, fazendo uma pose arrogante até achar que estava fora do alcance da visão. Depois suas patas giraram tão rápido que ele derrapou. Ele foi até alguns jacarés e sorriu para eles, mas sem muita empolgação. Na clareira, o fraque moveu-se de leve e depois ficou parado.

De algum modo, assim era pior.

Legba observava. O ar ficou mais pesado, como antes de uma tempestade.

— Esta costumava ser uma grande cidade. Um lugar feliz. Ninguém tentou torná-la feliz. Simplesmente aconteceu, sem ajuda — começou a senhora Gogol. — Isso era quando o velho Barão estava vivo. Mas ele foi assassinado.

— Quem o assassinou? — perguntou Tia Ogg.

— Todo mundo sabe que foi o Duque — respondeu a senhora Gogol.

As bruxas se entreolharam. Estava óbvio que as intrigas reais eram diferentes no estrangeiro.

— Morto a bicadas, foi? — perguntou Tia Ogg.

— E quem pagou o pato? — emendou Vovó.

— Duque é um título, não uma ave — explicou a senhora Gogol, com paciência. — O Barão foi envenenado. Foi uma noite terrível. E,

pela manhã, o Duque estava no palácio. Depois veio a questão do testamento.

— Não diga nada — pediu Vovó. — Aposto que havia um testamento deixando tudo para esse Duque. Aposto que a tinta ainda estava úmida.

— Como é que você sabe? — perguntou a senhora Gogol.

— Parece lógico — respondeu Vovó, imponente.

— O Barão tinha uma filha jovem — disse a senhora Gogol.

— Ela ainda deve estar viva, suponho — sugeriu Vovó.

— Você sabe muita coisa mesmo — admirou-se a senhora Gogol. — Por que achou isso? — Bem... — começou Vovó. Ela estava prestes a dizer: porque sei como funcionam as histórias. Mas Tia Ogg a interrompeu.

— Se esse Barão era tão bom quanto você diz, devia ter muitos amigos na cidade, certo? — Isso é verdade. O povo gostava dele.

— Bem, se eu fosse um duque sem garantia alguma sobre as coisas além de um testamento borrado e um potinho de tinta ainda destampado, eu estaria procurando qualquer oportunidade de tornar as coisas um pouco mais oficiais — ponderou Tia Ogg.

— A melhor opção seria se casar com a herdeira real.

Depois disso, ele poderia botar o dedo na cara de qualquer um.

— Aposto que ela não sabe quem realmente é, né? — Isso mesmo — concordou a senhora Gogol. — O Duque tem amigos também. Guardas, talvez. Mas definitivamente não são pessoas com quem se deseja cruzar na rua. Eles a criaram e não a deixam sair muito de casa. As bruxas ficaram em silêncio durante algum tempo.

Vovó pensou: não. Alguma coisa não está certa. E assim que apareceria num livro de história. Mas essa não é a história.

Então Vovó disse: — Licença, dona Gogol, mas onde a senhora entra nisso tudo? Sem querer ofender, mas imagino que aqui no pântano não faz nenhuma diferença quem está governando.

Pela primeira vez desde que a conheceram, a senhora Gogol pareceu inquieta por um momento.

— O Barão era meu... amigo.

— Ah — disse Vovó, compreendendo.

— Ele não se interessava muito por zumbis, veja bem. Dizia que os mortos tinham direito ao seu descanso. Mas nunca insistiu. Ao passo que este novo...

— Não se interessa muito pelas Artes Interessantes? — perguntou Tia Ogg.

— Ah, acho que sim — disse Vovó. — Deve ser. Não pela sua magia, talvez, mas aposto que ele tem muita magia em volta dele.

— Por que diz isso, senhora? — perguntou a senhora Gogol.

— Bom — começou Tia Ogg — , imagino que a senhora, sendo uma dama cheia de vigor, não aguentaria tudo isso, se não fosse por obrigação. Existem muitas maneiras de resolver as coisas, imagino. Imagino que, se a senhora não gostasse de alguém, as pernas dessa pessoa poderiam cair de repente, ou ela poderia encontrar cobras misteriosas dentro das botas...

— Ou cocrodilos debaixo da cama — sugeriu Vovó.

— Sim. Ele tem proteção — disse a senhora Gogol.

— Ah.

— Magia poderosa.

— Mais poderosa que você?

— Sim.

— Ah.

— Por enquanto — acrescentou a senhora Gogol.

Houve mais uma pausa. Nenhuma bruxa gostava de admitir possuir poderes menos que quase, absolutos, nem de escutar outra bruxa fazendo isso.

— Você está esperando o momento certo, imagino — disse Vovó, num tom gentil.

— Juntando forças — explicou Tia Ogg.

— E uma proteção poderosa — disse a senhora Gogol.

Vovó recostou-se na cadeira. Quando falou, foi como uma pessoa que possui certas ideias e quer descobrir o que a outra pessoa sabe.

— Que tipo de proteção, exatamente? A senhora Gogol pôs a mão debaixo das almofadas da sua cadeira de balanço e, depois de uma busca, retirou uma bolsa de couro e um cachimbo. Acendeu o cachimbo e soltou uma nuvem de fumaça azulada no ar matinal.

— A senhora tem se olhado muito no espelho esses dias, senhora Cera do Tempo? A cadeira de Vovó tombou para trás, quase a atirando para fora do terraço e para dentro das águas pretas. Seu chapéu voou na direção das folhas dos lírios. Ela teve tempo de vê-lo assentar suavemente sobre a água.

Ele boiou por um momento e...

... foi comido. Um jacaré muito grande fechou as mandíbulas num movimento brusco e ficou olhando presunçoso para Vovó.

Era um alívio ter um motivo para gritar.

— Meu chapéu! Ele comeu o meu chapéu! Um dos seus cocroditos comeu o meu chapéu, era o meu chapéu! Faz ele me devolver! Ela agarrou um pedaço de cipó da árvore mais próxima e bateu com ele na água.

Tia Ogg recuou.

— Não deveria fazer isso, Esmé! Não deveria fazer isso! — ela disse, com a voz trêmula. O jacaré tentou fugir de ré.

— Posso bater em lagartos descarados a hora que eu quiser!

— Sim, pode, pode — disse Tia Ogg, para acalmá-la —, mas não... com uma... cobra...

Vovó ergueu o cipó para um exame. Uma Coita de Três Listras de tamanho médio olhou para ela assustada, pensou em morder seu nariz por um momento, mudou de ideia e depois fechou bem a boca na esperança de que ela entendesse a mensagem. Ela abriu a mão. A cobra caiu na água e saiu deslizando rapidamente. A senhora Gogol não se mexera na cadeira. Agora, virou-se um pouco. Sábado ainda olhava com paciência para a linha da sua vara de pescar.

— Sábado, vá pegar o chapéu da senhora.

— Sim, senhora.

Até Vovó hesitou diante disso.

— Não pode mandá-lo fazer isso! — Mas ele está morto — disse a senhora Gogol.

— É, mas já é ruim estar morto sem estar aos pedaços também. Não entre lá, seu Sábado! — Mas é o seu chapéu, senhora — disse a senhora Gogol.

— Sim, mas... era... apenas um chapéu. Eu não mandaria alguém entrar no meio dos jacarés por causa de um chapéu.

Tia Ogg parecia horrorizada.

Ninguém sabia melhor que Vovó Cera do Tempo a importância dos chapéus. Não eram apenas parte do vestuário. Os chapéus definem a cabeça. Definem quem você é. Ninguém jamais ouviu falar de um mago sem um chapéu pontudo — pelo menos um mago digno de ser mencionado. E ninguém certamente ouviu falar de uma bruxa que não tivesse um. Até Margrete tinha um, embora quase nunca o usasse pelo fato de ser uma galinha choca. Isso não importava muito, não era tanto o uso do chapéu que contava, e sim o fato de ter um para ser usado. Todas as profissões, todos os ofícios tinham o seu chapéu. E por isso que os reis têm chapéus. Tire a coroa de um rei e tudo o que sobra é alguém que sabe fazer duas coisas: ter o queixo para dentro e acenar para as pessoas. Os chapéus têm poder. Os chapéus são importantes. Mas as pessoas também. A senhora Gogol deu outra pitada no cachimbo.

— Sábado, vá pegar o meu melhor chapéu de passeio.

— Sim, senhora Gogol.

Sábado entrou na cabana e ficou por um momento. Depois saiu com uma caixa grande e deteriorada presa firmemente com barbante.

— Não posso aceitar isso. Não posso aceitar o seu melhor chapéu.

— Pode sim — disse a senhora Gogol. — Eu tenho outro. Ah, sim. Eu tenho outro chapéu, sim.

Vovó pôs a caixa no chão com cuidado.

— Acabo de me dar conta, dona Gogol, de que a senhora não é tudo o que parece.

— Ah, eu sou, sim, viu, senhora Cera do Tempo. Nunca fui outra coisa, igual a você.

— A senhora nos trouxe aqui? — Não. Vocês se trouxeram aqui. Por livre e espontânea vontade. Para ajudar alguém, não é mesmo? Vocês decidiram fazer isso, não é mesmo? Ninguém as forçou, não é mesmo? A não ser vocês próprias.

— Ela tá cerra quanto a isso — concordou Tia Ogg. — A gente teria sentido, se fosse magia.

— Isso mesmo — disse Vovó. — Ninguém nos forçou a não ser nós mesmas. Qual é o seu jogo, dona Gogol? — Não estou fazendo nenhum jogo, senhora Cera do Tempo. Só quero ter de volta o que é meu. Quero justiça. E quero que ela seja detida.

— Ela quem? — perguntou Tia Ogg.

O rosto de Vovó virou uma máscara paralisada.

— Ela que está por trás de tudo isso — disse a senhora Gogol. — O Duque tem o cérebro menor que o de um pitu, senhora Ogg. Eu estou falando dela. Ela e seu espelho mágico. Ela que gosta de controlar. Ela que está no poder. Ela que está mexendo com o destino. Ela que a senhora Cera do Tempo conhece muito bem.

Tia Ogg estava perdida.

— Do que ela está falando, Esme? Vovó murmurou alguma coisa.

— Quê? Não te ouvi.

Vovó Cera do Tempo ergueu o rosto vermelho de raiva.

— Ela está falando da minha irmã, Gytha! Está bem? Certo? Entendeu? Ouviu agora? Minha irmã! Quer que eu repita mais uma

vez? Quer saber de quem ela está falando? Quer que eu escreva pra você? Minha irmã! É dela. Da minha irmã!.

— Elas são irmãs? — perguntou Margrete.

Seu chá esfriara.

— Eu não sei — respondeu Ella. — Parecem... iguais. Elas se isolam do resto do mundo na maior parte do tempo. Mas posso sentir que estão observando. São muito boas nisso.

— E a obrigam a fazer todo o trabalho? — Bem, eu só tenho que cozinhar para mim e para a equipe externa. E não me importo muito de ter que fazer a faxina e lavar roupa.

— Elas fazem a própria comida, então? — Acho que não. Ficam andando pela casa à noite, depois que eu vou para a cama. A dinda Lilith diz que eu tenho que ser gentil com elas, ter piedade porque elas não sabem falar e cuidar para que haja sempre muito queijo na despensa.

— Elas só comem queijo? — Acho que não.

— Imagino, então, que os ratos e camundongos ficam com o queijo, num lugar velho como este.

— Sabe, é engraçado, mas eu nunca vi um rato em lugar algum desta casa. Margrete sentiu um calafrio. Ela se sentiu observada.

— Por que você não vai embora? Eu iria.

— Para onde? De todo jeito, elas sempre me encontram. Ou mandam os cocheiros e cavaleiros atrás de mim.

— Isso é horrível! — Tenho certeza de que pensam que, mais cedo ou mais tarde, vou me casar com alguém para me ver livre de cuidar das roupas. Não que as roupas do Príncipe sejam lavadas,

imagino — acrescentou num tom amargo. — Imagino que sejam queimadas depois que ele as usa.

— O que você tem que fazer é construir uma carreira própria — sugeriu Margrete para encorajá-la, para deixá-la mais entusiasmada. — Você tem que ser dona do próprio nariz. Você tem que se emancipar.

— Acho que eu não quero fazer isso — respondeu Ella, falando com cuidado, caso fosse pecado ofender uma fada madrinha.

— Na verdade você quer.

— Quero? — Sim.

— Ah.

— Você não tem que casar com ninguém que não queira.

Ella reclinou-se na cadeira.

— Você é boa mesmo? — perguntou.

— E... bem... acho que eu...

— O vestido chegou ontem. Está lá no grande quarto da frente, num suporte para não amarrotar. Para ficar perfeito.

Contrataram mais criados também.

— Sim, mas talvez...

— Acho que vou ter que me casar com alguém com quem não quero.

Vovó Cera do Tempo andava de um lado para o outro na sacada de madeira. A cabana inteira tremia com as suas passadas. Ondulações espalhavam-se à medida que ela balançava na água.

— É claro que você não se lembra dela! — gritou. — Nossa mãe a expulsou de casa quando ela tinha 13 anos! Nós duas éramos pequenininhas na época! Mas eu me lembro das brigas! Eu ouvia

quando tava na cama! Ela era mimada! — Você sempre dizia que eu era mimada, quando a gente era nova — disse Tia Ogg.

Vovó hesitou, pega num momento de desequilíbrio. Depois balançou a mão, irritada.

— Você era, é claro — disse, sem dar importância. — Mas você nunca usou magia por causa disso, usou? — Não tive que usar — explicou Tia Ogg, contente. — Um vestido que deixa os ombros à mostra resolvia a questão na maior parte das vezes.

— Que deixa os ombros bem à mostra e depois fica jogado na grama, eu me lembro. Não, ela usava magia. E não era uma magia qualquer. Ah, ela era obstinada! Tia Ogg estava prestes a dizer: O quê? Você quer dizer insubmissa e retraída como você, Esme? Mas se conteve. Não se pode fazer malabarismos com fósforos numa fábrica de fogos de artifício.

— Os pais dos rapazes costumavam aparecer reclamando — disse Vovó, impaciente.

— Eles nunca apareciam para reclamar de mim — observou Tia Ogg, contente.

— E sempre se olhava no espelho. Orgulhosa como um gato, ela era. Preferia olhar num espelho do que por uma janela.

— Qual o nome dela? — Lily.

— É um belo nome.

— Não é como ela se chama agora — disse a senhora Gogol.

— Aposto que não! — E ela está, assim, no comando da cidade? — perguntou Tia Ogg.

— Era mandona também! — Pra que ela quis ficar no comando de uma cidade? — Ela tem planos — disse a senhora Gogol.

— E vaidosa! Muito vaidosa! — continuou Vovó, aparentemente para o mundo em geral.

— Você sabia que ela estava aqui? — perguntou Tia Ogg.

— Tive um pressentimento! Espelhos!

— Magia de espelho não é ruim — protestou Tia Ogg. — Já fiz todo tipo de coisa com espelhos. E possível se divertir muito com um espelho.

— Ela não usa só um espelho — disse a senhora Gogol.

— Ah.

— Ela usa dois.

— Ah. Isso é diferente.

Vovó ficou olhando para a superfície da água. Seu próprio rosto a encarou na escuridão.

Pelo menos ela esperava que fosse o próprio rosto.

— Eu a senti nos observando durante todo o caminho até aqui — disse. — É onde ela fica mais feliz, dentro de espelhos.

Dentro de espelhos, fazendo as pessoas virarem histórias. — Ela cutucou a imagem com uma vareta. — Até olhou para mim na casa da Desiderata, um pouco antes de Margrete chegar. Não é nada legal ver outra pessoa no seu reflexo... Ela parou.

— Onde está Margrete, aliás? — Dando uma de fada madrinha por aí, acho — respondeu Tia Ogg. — Ela disse que não precisava de ajuda.

Margrete sentia-se aborrecida. Também estava assustada, o que a deixava ainda mais aborrecida. Era difícil para as pessoas quando Margrete ficava aborrecida. Era como ser atacado por lenços umedecidos.

— Eu lhe dou a minha palavra. Você não tem que ir ao baile, se não quiser.

— Você não será capaz de impedi-los — disse Ella, num tom pessimista. — Sei como as coisas funcionam nesta cidade.

— Olha, estou dizendo que você não tem que ir! Ela ficou pensativa.

— Não tem outra pessoa com quem você prefira se casar, tem? — perguntou Margrete.

— Não. Não conheço muita gente. Nunca tive muita oportunidade.

— Ótimo. Isso facilita as coisas. Sugiro que a gente tire você daqui e... e a leve para outro lugar.

— Não tem nenhum outro lugar. Eu te disse. Só tem pântano. Já tentei uma ou duas vezes, e eles mandaram os cocheiros atrás de mim. Não foram rudes. Os cocheiros, quero dizer.

Estão apenas com medo. Todo mundo está com medo. Até as Irmãs estão com medo, acho.

Margrete olhou para as sombras ao redor.

— De quê? — Dizem que as pessoas desaparecem. Se deixarem o Duque chateado. Alguma coisa acontece com elas. Em Genua, todo mundo é educado — disse Ella, irritada. — Ninguém rouba e ninguém ergue a voz, e todo mundo fica em casa à noite, exceto quando é a Terça-feira Gorda. — Ela deu um suspiro. — Esse, sim, é um lugar aonde eu gostaria de ir. Para o carnaval.

Mas sempre me fazem ficar em casa. Só que eu ouço o desfile atravessando a cidade e penso: é assim que Genua deveria ser.

Não algumas pessoas dançando em palácios, mas todo mundo dançando nas ruas.

Margrete estremeceu. Ela se sentiu muito longe de casa.

— Acho que talvez eu precise de um pouco de ajuda nisso.

— Você tem a varinha — observou Ella.

— Acho que há momentos em que você precisa de mais do que uma varinha — ponderou Margrete. E se levantou. — Mas vou lhe dizer uma coisa. Não gosto desta casa. Não gosto desta cidade. Brasirella? — Sim? — Você não vai ao baile. Não vou deixar isso acontecer...

Ela se virou.

— Eu te disse — murmurou Ella, olhando para baixo. — Não dá nem para ouvi-las.

Uma das irmãs encontrava-se no alto da escada que levava à cozinha. Seu olhar permanecia totalmente fixo em Margrete.

Dizem que todo mundo possui os atributos de algum tipo de animal. Margrete provavelmente possuía uma ligação mental direta com alguma criatura peluda. Ela sentia o terror que todos os pequenos roedores sentiam diante da ameaça de morte. O olhar fixo transmitia vários tipos de mensagem: que não adiantava reagir, que resistir seria uma estupidez e que esquecer seria inevitável.

Ela sabia que não podia fazer nada. Suas pernas não estavam sob controle. Era como se os comandos viessem diretamente daquele olhar para a sua medula espinhal. A sensação de impotência era quase pacífica...

— Que esta casa seja abençoada.

A irmã virou-se muito mais rápido do que qualquer ser humano seria capaz de fazer.

Vovó Cera do Tempo empurrou a porta.

— Ai, minha nossa — gritou. — Caramba.

— É — disse Tia Ogg, apressando-se para passar pela porta, atrás de Vovó. — Caramba mesmo.

— Somos apenas duas mendigas — começou Vovó, entrando com passos largos na cozinha.

— Mendigando de porta em porta — emendou Tia Ogg. — E não vindo diretamente pra cá de maneira nenhuma.

Cada uma pegou Margrete pelo cotovelo e a ergueu do chão.

Vovó virou a cabeça.

— E você, senhorita? Ella balançou a cabeça sem erguê-la para olhar. — Não, não devo ir. Vovó apertou os olhos.

— Imagino que não. Cada um tem o seu caminho a seguir.

Pelo menos é o que dizem, mas não eu. Venha, Gytha.

— Já estamos de saída — disse Tia Ogg, animada.

Elas viraram as costas.

A outra irmã apareceu na porta.

— Meus deuses — assustou-se Tia Ogg. — Nem a vi se mexer!
— Já estávamos saindo — disse Vovó Cera do Tempo, bem alto. — Se é que não se importa, minha senhora.

Ela deu de frente com o olhar fixo.

O ar começou a zunir.

Então, Vovó Cera do Tempo disse, entre dentes: — Quando eu disser, corre, Gytha...

— Entendi.

Vovó tateou atrás dela e encontrou o bule que Margrete acabara de usar. Sentiu o peso nas mãos, mantendo os movimentos lentos e suaves.

— Pronto, Gytha? — Só esperando, Esme.

— Corre! Vovó atirou o bule para o alto. A cabeça de cada uma das irmãs virou rápido para acompanhar o movimento.

Tia Ogg ajudou Margrete a sair cambaleando pela porta.

Vovó bateu a porta quando a irmã mais próxima correu para a frente, de boca aberta, tarde demais.

— Estamos deixando a garota lá! — gritou Tia Ogg, enquanto elas corriam pelo caminho de entrada da casa.

— Estão tomando conta dela — respondeu Vovó. — Não vão fazer mal a ela! — Nunca vi dentes como aqueles em ninguém na minha vida! — Isso é porque elas não são ninguém! São cobras! Elas alcançaram a segurança relativa da estrada e encostaram num muro.

— Cobras? — Tia Ogg estava ofegante. Margrete abriu os olhos.

— Isso é coisa da Lily — disse Vovó. — Ela era boa nessas coisas, eu me lembro.

— Cobras de verdade? — É — respondeu Vovó, num tom obscuro. — Ela sempre fez amizade fácil.

— Puxa! Eu não conseguiria fazer isso.

— Ela também não conseguia, por mais de alguns segundos.

É nisso que o uso de espelhos ajuda.

— Eu... eu... — Margrete gaguejou.

— Você está bem — disse Tia Ogg. Ela olhou para Esme Cera do Tempo.

— Não deveríamos deixar a garota, por mais que cê diga que tá tudo bem. Com cobras andando pela casa, achando que são humanas.

— É pior do que isso. Elas andam por aí achando que são cobras — explicou Vovó.

— Bom, tanto faz. Você nunca faz esse tipo de coisa. O pior que você já fez foi deixar a pessoa um pouco confusa quanto ao que ela era.

— Isso porque eu sou a irmã boa — disse Vovó, ressentida. Margrete estremeceu.

— Então vamos tirá-la de lá? — perguntou Tia Ogg.

— Ainda não. Vai chegar a hora certa — respondeu Vovó. — Tá me ouvindo, Margrete Alho? — Sim, Vovó.

— Temos que ir a algum lugar pra conversar. Sobre histórias.

— O que que têm as histórias? — perguntou Margrete.

— Lily tá usando elas. Não tá vendo isso? Dá pra sentir isso por toda parte aqui. As histórias se juntam aqui porque é aqui que encontram uma saída. Ela alimenta as histórias. Olha, ela não quer que a sua Ella se case com o tal de Duque só por causa de questão política ou coisa que o valha. Essa é apenas uma... explicação. Não é um motivo. Ela quer que a garota se case com um príncipe porque isso é o que a história exige.

— O que ela quer das histórias? — perguntou Tia Ogg.

— No meio de tudo tem a fada madrinha ou a bruxa má... lembra? É aí que Lily está se colocando, como... como... — ela fez uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. — Se lembra daquela vez, no ano passado, quando teve aquele negócio do circo

em Lancre? — Lembro — respondeu Tia Ogg. — Aquelas garotas com malha de ginástica brilhante e os sujeitos jogando cal dentro das calças. Mas eu não vi nenhum elefante. Disseram que haveria elefantes e não tinha nenhum. Tinha elefante no cartaz. Gastei dois centavos e não tinha um elefante sequ...

— Sim, mas o que eu tô dizendo — começou Vovó, enquanto elas corriam pela rua — é que tinha um homem no meio, lembra? De bigode e com um chapéu grande? — Aquele homem? Mas ele não fazia quase nada. Ele só ficava parado no meio do picadeiro e batia o chicote de vez em quando, e todas as atrações simplesmente aconteciam em volta dele.

— E por isso que ele era o mais importante ali. As coisas que aconteciam em volta dele faziam com que ele fosse importante.

— Com o que Lily tá alimentando as histórias? — perguntou Margrete.

— Gente — disse Vovó. E franziu a testa.

— Histórias! Bom, a gente terá que cuidar disso...

Genua encontrava-se coberta por um crepúsculo verde. As névoas vinham se desenrolando do pântano.

Tochas ardiam na cidade. Em dezenas de quintais, figuras sombrias se moviam, retirando os panos que cobriam os carros alegóricos. Havia na escuridão reflexos de lantejoulas e tinidos de sinos.

O ano todo o povo de Genua era simpático e tranquilo. Mas a história sempre concedeu aos oprimidos uma noite em algum lugar de qualquer calendário para restabelecer temporariamente o equilíbrio do mundo. Ela podia se chamar a Festa dos Tolos ou o Rei

do Feijão. Ou Samedi Nuit Mort, em que até aqueles com obrigações mais árduas e de maior responsabilidade podiam resistir e se divertir. Pelo menos a maioria deles...

Os cocheiros e criados permaneciam sentados no seu barracão de um lado da estrebaria, jantando e reclamando do fato de terem que trabalhar na Noite Morta. Eles também estavam envolvidos nos rituais consagrados que acompanham esse momento, que consistiam basicamente em descobrir o que sua esposa mandara para eles e invejar os outros homens cuja esposa obviamente se importava mais.

O chefe dos criados ergueu um pedaço de pão com cuidado.

— Eu tenho pescoço de galinha com picles. Alguém tem queijo?
O segundo cocheiro examinou a sua marmita.

— É toucinho defumado de novo — reclamou. — Ela sempre manda toucinho defumado. Ela sabe que eu não gosto. E nem tira a gordura.

— É aquela gordura grossa e branca? — perguntou o primeiro cocheiro.

— E. Horrível. Cê acha que isso tá certo pra um banquete de festa? — Vou passar uma alface e um tomate pra você.

— Valeu. O que você tem aí, Jimmy? O subordinado dos criados abriu com timidez seu pacote perfeito. Havia quatro sanduíches, com a casca do pão cortada.

E um ramo de salsinha. E até um guardanapo.

— Salmão defumado e cream cheese — ele disse.

— E ainda um pedaço do bolo do casamento — continuou o primeiro cocheiro.

— Ainda não comeram todo esse bolo? — A gente come toda noite — respondeu o subordinado.

O barracão balançou com as risadas que se seguiram. É um fato universal que qualquer comentário inocente feito por um membro jovem e recém-casado de qualquer equipe de trabalho provoque uma folia ruidosa entre os colegas mais velhos e mais cínicos. Isso acontece mesmo se todos os envolvidos tiverem nove pernas e viverem no fundo de um oceano de amônia num enorme planeta gelado. E simplesmente o melhor exemplo desse tipo de fenômeno.

— Aproveita — disse o segundo cocheiro, com pessimismo, depois que eles sossegaram. — Começa com beijos, bolos e ela tirando a casca do pão e, quando você vai ver, é só torta de língua e pão frio na marmitta de cobre.

— No meu modo de ver — começou o primeiro cocheiro — , tudo depende de como você...

Alguém bateu à porta.

O subordinado, por ser o membro mais inexperiente, levantou-se e foi abrir.

— E uma velha encarquilhada. O que você quer, velha? — Que tal uma bebida? — sugeriu Tia Ogg. Ela estendeu uma jarra acima da qual pairava uma névoa perceptível do álcool em evaporação e soprou uma língua de sogra.

— O quê? — perguntou o subordinado.

— Pena que vocês estão trabalhando, rapazes. É dia de festa! Iupiii! — O que foi? — começou o cocheiro mais velho, e depois entrou na nuvem de álcool. — Deuses! Que coisa é essa? — Tem cheiro de rum, senhor Travis.

O cocheiro mais velho hesitou. Das ruas vinham música e risos enquanto a primeira procissão passava. Fogos de artifício explodiam no céu. Não era uma noite para passar sem um golinho de álcool.

— Que senhora simpática — ele disse.

Tia Ogg acenou com o jarro mais uma vez.

— Um brinde ao tintim! Aquilo que se chama de bruxa clássica pode ser dividido em duas variantes básicas, a complicada e a simples, ou, para se dizer de outra forma, as que têm o quarto cheio de símbolos místicos e as que não têm. Margrete tinha a tendência a pertencer ao primeiro grupo. As facas mágicas, por exemplo. Ela tinha uma coleção completa de facas mágicas, todas com o cabo colorido e cheias de runas complicadas. Foram necessários muitos anos sob a orientação de Vovó Cera do Tempo para que Margrete aprendesse que a faca comum de cortar pão era melhor que a maioria das facas mágicas enfeitadas. Ela era capaz de fazer tudo o que a faca mágica fazia e, além disso, também podia ser usada para cortar pão.

Toda cozinha utilizada há algum tempo possui uma faca antiga, com o cabo gasto, a lâmina curva como uma banana e tão inexplicavelmente afiada que pôr a mão na gaveta à noite é como tentar abocanhar uma maçã num tanque de piranhas. Margrete carregava a dela presa no cinto. No momento ela estava a dez metros do chão, uma mão segurando sua vassoura, a outra agarrada a um cano, com ambas as pernas soltas no ar.

Invadir uma casa deveria ser fácil quando se tem uma vassoura, mas este aparentemente não era o caso.

Ela finalmente pôs as duas pernas em volta do cano e se segurou com firmeza numa carranca de goteira que, por sorte, havia ali. Sacudiu a faca entre as duas metades da janela e ergueu o trinco. Após alguns grunhidos, ela estava dentro, recostando na parede com a respiração ofegante. Luzes azuis piscavam na frente dos seus olhos, ecoando os fogos de artifício que enredavam a noite lá fora.

Vovó havia perguntado com insistência se ela tinha certeza de que queria fazer aquilo. E ficou surpresa ao descobrir que tinha certeza, mesmo se as mulheres-cobras já estivessem perambulando pela casa. Ser uma bruxa significava entrar em lugares que não se queria entrar.

Ela abriu os olhos.

Lá estava o vestido, no meio do quarto, num manequim de costureira. Uma Vela Klatchiana explodiu sobre Genua. Estrelas verdes e vermelhas estouraram na escuridão aveludada e iluminaram as joias e sedas diante de Margrete. Era a coisa mais linda que ela já havia visto.

Ela foi engatinhando para a frente, com a boca seca.

Névoas quentes rolavam pelo pântano.

A senhora Gogol mexeu o caldeirão.

— O que elas estão fazendo? — perguntou Sábado.

— Fazendo a história parar. Ou... talvez não...

Ela se levantou.

— De um jeito ou de outro, é a nossa vez agora. Vamos para a clareira. Ela olhou para o rosto de Sábado.

— Está assustado? — Eu... sei o que vai acontecer depois — disse o zumbi. — Mesmo se a gente ganhar.

— Nós dois sabemos. Mas tivemos doze anos.

— Sim. Tivemos doze anos.

— E Ella vai governar a cidade. — Sim.

No barracão dos cocheiros, Tia Ogg e os rapazes estavam se entrosando, como ela disse, como uma Maison en flambé.

O subordinado sorriu vagamente para a parede e caiu para a frente.

— Os jovens hoje zã azim — disse o chefe dos cocheiros, tentando pescar a peruca que já estava dentro da caneca. — Fracos pra bebi... pra bibib... coisa...

— Mais cura-ressaca, senhor Travis? — ofereceu Tia Ogg, enchendo a caneca.

— Ou arrebenta-peito, não sei como vocês chamam aqui.

— Acho — começou o criado mais velho — que deveríamos ir aprontando a carruagem, que cês acham? — Acho que vocês têm tempo para mais uma ainda — disse Tia Ogg.

— Muit' generosa — disse o cocheiro. — Generosa... Tô de olho em você, ssssenhora Goo...

Margrete havia sonhado com vestidos como aquele. No fundo da sua alma, nas altas horas, ela dançara com príncipes. Não príncipes tímidos e que trabalhavam duro como o Verence lá da sua terra, mas príncipes de verdade, com olhos azuis cristalinos e dentes brancos. E ela usara vestidos como aquele. E ela coubera neles. Ela ficou olhando para as mangas bufantes, o corpete bordado, a renda

branca delicada. Era tudo tão distante das suas... bem... Tia Ogg as chamava de "Margretes", mas eram calças e eram muito práticas.

Como se a praticidade tivesse alguma importância.

Ela ficou olhando por muito tempo.

Então, com as lágrimas caindo pelo seu rosto e mudando de cor ao refletirem a luz dos fogos de artifício, ela pegou a faca e começou a cortar o vestido em pedaços muito pequenos.

A cabeça do cocheiro mais velho foi saindo aos poucos de trás dos sanduíches. Tia Ogg se levantou, um pouco sem equilíbrio. Colocou a peruca do subordinado debaixo da sua cabeça inerte já que não era uma mulher indelicada e saiu pela noite.

Um vulto se moveu perto do muro.

— Margrete? — sussurrou Tia Ogg.

— Tia Ogg? — Você cuidou do vestido? — Você já cuidou dos criados? — Certo, então — disse Vovó Cera do Tempo, saindo das sombras. — Então só falta a carruagem.

Ela foi até a cocheira na ponta dos pés com uma atitude teatral e abriu a porta, que rangeu alto ao raspar no paralelepípedo.

— Shhhh! — fez Tia Ogg.

Havia um toco de vela e alguns fósforos numa prateleira.

Margrete conseguiu acender a vela.

A carruagem se iluminou como um globo espelhado.

Ela era excessivamente enfeitada, como se alguém tivesse pegado uma carruagem perfeitamente normal e depois tivesse enlouquecido com tinta dourada e tiras entrelaçadas.

Vovó Cera do Tempo andou em volta dela.

— Meio espalhafatosa — ela disse.

— E mesmo uma pena ter que destruí-la — comentou Tia Ogg, com tristeza. Ela arregaçou as mangas e, pensando melhor, enfiou a barra da saia na roupa de baixo.

— Com certeza tem um martelo por aqui — ela disse, olhando nas bancadas junto à parede.

— Não! Isso faria muito barulho! — sussurrou Margrete.

— Espere um momento...

Ela tirou a desprezada varinha do cinto, segurou-a com força e a balançou na direção da carruagem, produzindo uma leve corrente de ar.

— Você me surpreendeu — disse Tia Ogg. — Eu nunca teria pensado nisso. No chão havia uma grande abóbora laranja.

— Não foi nada — respondeu Margrete, com uma ponta de orgulho.

— Rá! Taí uma carruagem que nunca mais vai rodar — exclamou Tia Ogg.

— Ei... você consegue fazer isso com os cavalos também? — perguntou Vovó. Margrete balançou a cabeça.

— Hum, acho que seria muito cruel.

— Está certo. Está certo — disse Vovó. — Não há justificativas pra se fazer uma crueldade dessas com animais burros.

Os dois garanhões a observaram com uma curiosidade equina enquanto ela abria as portas das baias.

— Vão embora. Grandes campos verdes em algum lugar por aí esperam por vocês. — Ela olhou rapidamente para Margrete. — Vocês foram equimancipados. Aquilo não pareceu surtir muito efeito sobre eles.

Vovó suspirou. Subiu na parede de madeira que separava as duas baias, estendeu a mão e segurou uma orelha dos cavalos em cada mão e arrastou a cabeça deles até o nível da sua boca.

Ela sussurrou alguma coisa.

Os garanhões se viraram e olharam nos olhos um do outro.

Depois olharam para Vovó.

Ela sorriu para eles e acenou com a cabeça.

Então...

É impossível para um cavalo passar direto de uma posição imóvel para um galope, mas eles quase conseguiram.

— Que diabos você disse a eles? — perguntou Margrete.

— Palavras místicas de cavalaria — respondeu Vovó. — Transmitidas ao Jason da Gytha, que depois passou para mim. Não falha nunca.

— Ele te contou? — questionou Tia Ogg.

— Sim.

— O quê, tudo? — Sim — disse Vovó, convencida.

Margrete enfiou a varinha de volta no cinto. Quando o fez, um quadrado de material branco caiu no chão.

Jóias e sedas brancas brilharam de leve à luz da vela quando ela se abaixou rapidamente para pegá-las, mas Vovó Cera do Tempo não perdeu muita coisa. Ela suspirou.

— Margrete Alho... — ela começou.

— Sim — disse Margrete humildemente. — Sim. Eu sei. Sou uma galinha choca.

Tia Ogg deu um tapinha de leve no seu ombro.

— Deixa pra lá. Tivemos uma boa noite de trabalho por aqui. Essa Ella tem tantas chances de ser mandada ao baile esta noite quanto eu tenho de... de me tornar uma rainha.

— Sem vestido, sem criados, sem cavalos e sem carruagem — disse Vovó. — Queria ver ela se safando dessa. Histórias? Rá! — Então, o que vamos fazer agora? — perguntou Margrete, enquanto elas saíam do quintal engatinhando.

— E dia do Almoço Gordo! — lembrou Tia Ogg. — Agora é deitar e rolar! Greebo foi saindo da escuridão serpenteando e se esfregou nas pernas dela.

— Pensei que Lilith estivesse tentando aniquilar isso — disse Margrete.

— Seria o mesmo que tentar aniquilar um dilúvio — comparou Tia Ogg. — Hora de soltar a franga! — Não aceito a ideia de dançar pelas ruas — discordou Vovó.

— Quanto daquele rum você bebeu? — Ah, vamos lá, Esme — disse Tia Ogg. — Dizem que se você não consegue se divertir em Genua, é porque provavelmente está morto. — Nisso, ela se lembrou de Sábado. — Em Genua, você pode se divertir um pouco até mesmo se estiver morto.

— Mas não seria melhor ficarmos aqui? — perguntou Margrete. — Só para garantir? Vovó Cera do Tempo hesitou.

— O que você acha, Esme? — quis saber Tia Ogg. — Você acha que ela vai ser enviada para o baile numa abóbora, é? Vão arranjar uns camundongos pra puxar, é? He, he! Uma visão das mulheres-cobras atravessou a mente de Vovó Cera do Tempo e ela hesitou. Mas, afinal, o dia tinha sido longo.

E a ideia era ridícula, se você parasse para pensar...

— Bom, está bem — por fim, ela disse. — Mas eu não vou soltar franga nenhuma, entendeu? — Tem danças e tudo mais — sugeriu Tia Ogg.

— E bebidas com banana, imagino — completou Margrete.

— E uma chance em um milhão, sim — finalizou Tia Ogg, satisfeita.

* * *

Lilith de Tempscire sorriu para si mesma no seu espelho duplo.

— Oh, puxa vida — ela disse. — Sem carruagem, sem vestido, sem cavalos. O que uma pobre madrinha poderia fazer? Puxa vida. E também caramba. Ela abriu uma maleta de couro, como a que um músico usaria para carregar seu melhor flautim.

Havia uma varinha lá dentro, a irmã gêmea da que Margrete carregava. Ela a retirou e deu alguns giros, fazendo os anéis de ouro e prata mudarem de posição. Seus estalos soavam como o mais ameaçador mecanismo de carregamento de arma.

— E eu sem nada além de uma abóbora — continuou Lilith.

E é claro que a diferença entre coisas inteligentes e coisas não inteligentes é que, se por um lado é difícil modificar a forma das primeiras, não é impossível. Era apenas uma questão de mudar um canal mental. Ao passo que uma coisa não inteligente, como uma abóbora — e era difícil imaginar algo menos inteligente que uma abóbora —, não poderia ser modificada por nenhuma magia que não fosse feitiçaria.

A menos que suas moléculas se lembrassem de um tempo em que não eram uma abóbora...

Ela riu e um bilhão de Liliths refletidas riram com ela, por toda a curva do universo de espelhos.

O Almoço Gordo não era mais celebrado no centro de Genua.

Mas no bairro dos barracos que cercavam os prédios altos e brancos, ele sustentava a sua natureza obscura, iluminada por tochas. Havia fogos de artifício, dançarinos, engolidores de fogo, plumas e lantejoulas. As bruxas, cuja noção de entretenimento rústico era a Dança de Morris, assistiam boquiabertas da calçada lotada aos desfiles que passavam com grande ostentação.

— Tem esqueletos que dançam! — disse Tia Ogg, enquanto um grupo de vultos ossudos desciam zumbindo pela rua.

— Não são isso, não — corrigiu Margrete. — São apenas homens vestindo malhas pretas com ossos pintados.

Alguém cutucou Vovó Cera do Tempo. Ela olhou para cima e viu um rosto grande e sorridente de um homem negro.

Ele passou para ela um jarro de pedra.

— Aí está, querida.

Vovó pegou o objeto, hesitou por um momento e depois deu um trago. Cutucou Margrete e passou o jarro.

— Frgthtu Gizá! — ela disse.

— O quê? — gritou Margrete por cima do barulho de uma banda que passava marchando.

— O homem quer que a gente passe isso — ela respondeu.

Margrete olhou para o bico do jarro e tentou limpá-lo disfarçadamente no vestido, apesar do fato, que dispensa explicação, de que os germes ali teriam sido queimados há muito tempo. Ela arriscou um golinho e depois cutucou Tia Ogg.

— Kwizatugná! — ela disse e esfregou os olhos.

Tia Ogg virou o jarro. Depois de algum tempo, Margrete a cutucou novamente.

— Acho que a gente tem que passar prós outros, não? — ela arriscou. Tia Ogg limpou a boca e passou o jarro — agora bem mais leve — a esmo, a um vulto alto à sua esquerda.

— Aqui está, senhor — disse ela.

— OBRIGADO.

— Bela fantasia a sua. Esses ossos estão muito bem pintados.

Tia Ogg se virou para ver uma procissão de malabaristas engolidores de fogo. Então, uma conexão pareceu ter sido feita no fundo da sua mente. Ela olhou para cima. O estranho havia se afastado.

Ela deu de ombros.

— O que faremos agora? — ela quis saber.

Vovó Cera do Tempo olhava fixamente para um grupo de dançarinas que passava por baixo de uma vareta rente ao chão. Muitas das danças dos desfiles tinham algo em comum: expressavam de forma explícita o que coisas como os Mastros de Maio apenas sugeriam. E colocavam lantejoulas por cima.

— Você nunca mais vai se sentir segura no banheiro, hein? — disse Tia Ogg. Aos seus pés, Greebo estava sentado com ar de afetação, observando algumas dançarinas que não usavam nada além de plumas, e tentava resolver o que fazer em relação a elas.

— Não. Eu tava pensando em outra coisa. Tava pensando sobre... como as histórias funcionam. E agora... tô pensando que queria comer alguma coisa — respondeu Vovó vagamente,

animando-se um pouco. — E tô falando de comida de verdade, não de coisas raspadas do fundo de um lago. E também não quero nada dessa coisa de cuisine.

— Você tem que se aventurar mais, Vovó — sugeriu Margrete.

— Não sou contra aventura, com moderação — comentou Vovó —, mas não enquanto eu tô comendo.

— Tem um lugar ali que faz sanduíche de jacaré — disse Tia Ogg, afastando-se do desfile.

— Dá pra acreditar? Jacaré no sanduíche?

— Isso me lembrou de uma piada — recordou Vovó Cera do Tempo. Havia alguma coisa perturbando a sua consciência.

Tia Ogg começou a tossir, mas não funcionou.

— Um homem entrou numa taverna — começou Vovó Cera do Tempo, tentando ignorar o mal-estar cada vez maior. — E viu uma placa. E nela estava escrito "Servimos todo tipo de sanduíche". E ele disse: "Me dá um sanduíche de jacaré — e anda logo com isso!"***

— Eu não acho que sanduíche de jacaré seja algo muito gentil para se fazer com os jacarés — Margrete foi dizendo até dar ao comentário uma pausa brusca.

— Eu sempre digo que uma risada faz muito bem — disse Tia Ogg.

Lilith sorriu para o vulto de Ella, desamparada entre as mulheres-cobras.

— E um vestido tão esfarrapado também — ela disse. — E a porta do quarto estava trancada. Tsc, tsc. Como isso poderia ter acontecido? Ella ficou olhando para os pés.

Lilith sorriu para as irmãs.

— Bem, simplesmente teremos que fazer o melhor possível com o que temos. Hum? Tragam-me... tragam-me dois ratos e dois camundongos. Eu sei que vocês sempre sabem onde encontrar ratos. E tragam a grande abóbora.

Ela riu. Não o riso enlouquecido e agudo da fada má que foi derrotada, mas o riso muito agradável de alguém que acabou de entender a piada.

Ela olhou pensativa para a varinha.

— Mas antes — ordenou, transferindo o olhar para o rosto pálido de Ella — é melhor vocês trazerem aqueles homens malcriados que se deixaram embebedar tanto. Isso não é respeitoso. E se você não tem respeito, não tem nada.

Os estalos da varinha eram os únicos sons na cozinha.

Tia Ogg remexeu o grande copo de coquetel na sua frente.

— Por que será que colocam um guarda-chuva nisso? — ela disse, sugando a cereja do palito. — Sei lá, é pra ele não se molhar, algo assim? Ela sorriu para Margrete e Vovó, que estavam com o olhar fixo e melancólico voltado para a celebração que passava.

— Animem-se. Nunca vi um par de rostos tão tristes em toda a minha sidra.

— O que você está bebendo é rum puro — afirmou Margrete.

— Nem me fale — concordou Tia Ogg, bebericando. — Saúde!
— Foi fácil demais — opinou Vovó Cera do Tempo.

— Só foi fácil porque a gente fez — comentou Tia Ogg. — Se você quer que uma coisa seja feita, nós somos as garotas certas, hein? Me mostre qualquer outra pessoa que poderia ter corrido lá e

feito tudo aquilo na hora certa, hein? Especialmente a parte da carruagem.

— Não dá uma boa história — ponderou Vovó.

— Ah, danem-se as histórias — disse Tia Ogg com ar superior.

Uma história pode ser mudada.

— Apenas nos lugares certos — continuou Vovó. — Em todo caso, talvez a gente pudesse dar um vestido novo pra ela, e cavalos, carruagem e tudo mais.

— Onde? Quando? — quis saber Tia Ogg. — É feriado. E de qualquer jeito, não dá mais tempo. O baile vai começar a qualquer momento.

Vovó Cera do Tempo tamborilava os dedos na ponta da mesa do café. Tia Ogg suspirou.

— O que foi agora? — perguntou.

— Não é assim que acontece — respondeu Vovó.

— Ouça, Esme, o único tipo de magia que funcionaria neste momento é magia de varinha. E Margrete tá com a varinha.

Tia Ogg acenou para Margrete.

— Não é, Margrete? — Hum — disse Margrete.

— Não perdeu, perdeu?

— Não, mas...

— Aí está, então.

— Só que... hum... Ella disse que existem duas madrinhas...

Vovó Cera do Tempo deu um golpe com a mão sobre a mesa. O drinque de Tia Ogg voou pelo ar e virou.

— Isso mesmo! — gritou Vovó.

— Tava quase cheio. O copo tava quase cheio — reclamou Tia Ogg em tom de reprovação.

— Vamos! — A melhor parte de todo o copo de...

— Gytha!

— Eu disse que não tava indo? Só tava observando que...

— Já!

— Posso só pedir pro homem pra me dar out...

— Gytha!

As bruxas haviam chegado à metade da estrada quando uma carruagem passou chacoalhando pela saída da casa e seguiu sem pressa.

— Não pode ser! — admirou-se Margrete. — Nós nos livramos dela!

— Tínhamos que ter cortado em pedacinhos — lembrou Tia Ogg. — Tem muito nutriente numa abóbo...

— Elas nos pegaram — disse Vovó, indo mais devagar até parar.

— Você não pode entrar na mente dos cavalos? — sugeriu Margrete. As bruxas se concentraram.

— Não são cavalos — observou Tia Ogg. — Parecem...

— Ratos que foram transformados em cavalos — concluiu Vovó, que era ainda melhor em entrar na mente das pessoas do que em se colocar no lugar delas. — Parecem aquele pobre lobo. Mentes que parecem um espetáculo de fogos de artifício.

— Ela estremeceu ao provar na sua própria mente o que eles sentiam.

— Aposto... — comentou Vovó, pensativa, enquanto a carruagem fazia a curva — aposto que eu poderia fazer as rodas

caírem todas.

— Não é assim que se faz — discordou Margrete. — Mesmo porque Ella está lá dentro! — Pode haver alguma outra forma — disse Tia Ogg. — Conheço alguém que conseguiria entrar nessas mentes bem rápido.

— Quem? — perguntou Margrete.

— Bom, ainda temos as nossas vassouras — lembrou Tia Ogg.

— Acho que deve ser fácil ultrapassar a carruagem, certo? As bruxas pousaram num beco alguns minutos à frente da carruagem.

— Não concordo com isso — reclamou Vovó. — Esse é o tipo de coisa que Lily faz. Não pode querer que eu faça isso. Pense naquele lobo! Tia Ogg ergueu Greebo para fora do seu ninho entre as cerdas da vassoura.

— Mas Greebo é quase humano mesmo — ela disse.

— Rá! — E vai ser só temporário, mesmo com a participação de nós três — ela completou. — De qualquer jeito vai ser interessante ver se funciona.

— É, mas é errado — insistiu Vovó.

— Não por estes lados, pelo que parece — comentou Tia Ogg.

— Além disso — afirmou Margrete num tom íntegro — , não pode ser ruim se nós estamos fazendo. Nós somos as boazinhas.

— Ah, sim, a gente é, sim — concordou Vovó — , e eu já tava quase me esquecendo disso.

Tia Ogg recuou. Greebo, percebendo que se esperava alguma coisa dele, sentou-se.

— Você tem que admitir que não conseguimos pensar em nada melhor, Vovó — disse Margrete.

Vovó hesitou. Mas por baixo de toda a revolta havia uma pequena chama traiçoeira de fascinação com a ideia. Além do mais, ela e Greebo haviam se odiado de maneira cordial durante anos. Quase humano, é? Deixa ele sentir como é e ver se gosta... Ela sentiu um pouco de vergonha desse pensamento.

Mas não muita.

— Ah, tá bem.

Elas se concentraram.

Como Lily já sabia, mudar a forma de um objeto é uma das magias mais difíceis que existe. Mas é mais fácil se o objeto for vivo. Afinal, uma coisa viva já sabe qual é a sua forma. Tudo o que se precisa é fazê-la mudar de ideia. Greebo bocejou e se espreguiçou. Para a sua surpresa, ele não parou de se espreguiçar.

Através dos caminhos do seu cérebro felino, uma onda de convicção foi lançada e de repente passou a acreditar que era humano. Ele não estava apenas com uma impressão de que era humano. Ele acreditava nisso cegamente. A pura força dessa crença inabalável fluiu para o seu campo mórfico, anulando suas objeções e reescrevendo o próprio projeto do seu caráter.

Novas instruções foram lançadas de volta.

Se ele era humano, não precisava de todo aquele pelo. E também tinha que ser maior...

As bruxas assistiam àquilo fascinadas.

— Nunca pensei que faríamos isso — disse Vovó.

... sem ponta nas orelhas, os bigodes estão longos demais...

... ele precisava de mais músculos, todos esses ossos tinham a forma errada, essas pernas têm que ser mais longas...

E então estava pronto.

Greebo se desdobrou e ficou de pé, um pouco sem equilíbrio.

Tia Ogg olhava de boca aberta.

Depois seus olhos se moveram para baixo.

— Vixe — ela disse.

— Eu acho — sugeriu Vovó Cera do Tempo — que é melhor a gente imaginar umas roupas pra ele já.

Isso era muito fácil. Quando Greebo estava vestido a ponto de satisfazê-la, Vovó acenou com a cabeça e deu um passo para trás.

— Margrete, pode abrir os olhos — ela disse.

— Eles não estavam fechados.

— Bom, deveriam estar.

Greebo se virou aos poucos com um sorriso frouxo e preguiçoso no rosto com cicatrizes. Como humano, seu nariz estava quebrado e uma venda preta cobria o olho ruim. Mas o outro reluzia como os pecados dos anjos e seu sorriso era a queda dos santos. Das santas, pelo menos.

Talvez fossem os feromônios, ou o modo com que seus músculos ficavam marcados sob a sua camisa de couro preta. Greebo transmitia uma espécie de sexualidade diabólica e gordurosa da ordem de megawatts. Apenas olhar para ele já era o suficiente para fazer asas escuras flutuarem pela noite vermelha.

— Hã, Greebo — chamou Tia Ogg.

Ele abriu a boca. Os incisivos cintilaram.

— Wrowwwwl.

— Consegue me entender? — Ssssim, Tiiia.

Tia Ogg se encostou na parede para não cair.

Eles ouviram o som de cascos. A carruagem havia virado a esquina.

— Apareça lá e pare aquela carruagem! Greebo sorriu mostrando os dentes mais uma vez e saiu disparado para fora do beco.

Tia Ogg se abanou com o chapéu.

— Fiiuuu — ela fez. — E pensar que eu fazia cócegas na barriga dele... Não é à toa que as gatas gritam à noite.

— Gytha! — Ora, você ficou muito vermelha, Esmé.

— Estou apenas sem fôlego — disse Vovó.

— Engraçado isso. Você não estava correndo nem nada.

A carruagem veio chacoalhando pela rua.

Os cocheiros e criados não estavam nem um pouco certos do que eram. Suas mentes oscilavam com turbulência.

Num momento eram homens pensando em queijo e toucinho. No momento seguinte eram camundongos se questionando por que estavam de calça. Já os cavalos... os cavalos já são um pouco insanos mesmo, e o fato de serem ratos também não ajudava em nada.

Assim, nenhum deles estava numa disposição de ânimo muito estável quando Greebo saiu das sombras e abriu um sorriso para eles.

— Wrowwwl.

Os cavalos tentaram parar, o que é praticamente impossível com uma carruagem ainda vindo com tudo por trás. Os cocheiros ficaram paralisados de terror.

— Wrowwwl? A carruagem derrapou e bateu de lado no muro, derrubando os cocheiros para fora. Greebo ergueu um deles pela gola e o sacudiu para cima e para baixo enquanto os cavalos enlouquecidos lutavam para se soltar dos varais.

— Querem fugir, bichos peludos? — ele sugeriu.

Por trás do olhar assustado, homem e camundongo lutavam para dominar a situação. Mas não precisavam ter se incomodado. Tanto um como o outro teriam perdido a briga.

À medida que a consciência oscilava, ela via um gato sorrindo OU um sujeito brigão e musculoso de um metro e oitenta, de um olho só e sorrindo. O camundongo-cocheiro desmaiou. Greebo deu alguns tapinhas nele, para ver se ele se mexia..

— Acorda, ratinho... .. e depois perdeu o interesse.

A porta da carruagem chacoalhou, emperrou e depois se abriu.

— O que é que tá acontecendo? — disse Ella.

— Wrowwwl! A bota de Tia Ogg atingiu a nuca de Greebo.

— Ah, não, não faça isso, meu rapaz — ela ordenou.

— Eu quero — disse Greebo, mal-humorado.

-Você sempre quer, esse é o seu problema - Tia Ogg sorriu para Ella. — Saia agora, querida.

Greebo deu de ombros e se retirou disfarçadamente, arrastando com ele o cocheiro atordado.

— O que está acontecendo? — reclamou Ella. — Oh, Margrete.

Você fez isso? Margrete se permitiu um orgulho tímido por um instante.

— Eu disse que você não teria que ir ao baile, não disse? Ella olhou para a carruagem inutilizada e novamente para as bruxas.

— Não tem nenhuma mulher-cobra aí dentro com você, tem? — perguntou Vovó. Margrete apanhou a varinha.

— Elas foram na frente — disse Ella. Sua expressão se entristeceu quando ela se lembrou de alguma coisa.

— Lilith transformou os cocheiros de verdade em besouros — sussurrou. — Sabe, eles não eram tão maus! Ela mandou as mulheres-cobras pegarem uns camundongos, os transformou em homens e depois disse: tem que haver equilíbrio. E as irmãs vieram arrastando os cocheiros e aí... ela pisou neles...

Ela parou, horrorizada.

Fogos estouraram no alto do céu, mas na rua abaixo uma bolha de silêncio terrível pairava no ar.

— Bruxas não matam pessoas — afirmou Margrete.

— Estamos no estrangeiro — comentou Tia Ogg, olhando para o outro lado.

— Eu acho — sugeriu Vovó Cera do Tempo — que você tem que ir embora agora mesmo, mocinha.

— Eles fizeram crac! e...

— Nós temos as vassouras — lembrou Margrete. — Poderíamos todas ir embora.

— Ela mandaria alguma coisa atrás de vocês — disse Ella com tristeza. — Conheço ela. Alguma coisa saída do espelho.

— Nesse caso a gente se defenderia — sinalizou Margrete.

— Não — discordou Vovó. — O que quer que tenha que acontecer vai ter que acontecer aqui. Vamos mandar a mocinha pra algum lugar seguro e depois... veremos.

— Mas se eu for embora ela vai saber — preocupou-se Ella.

Ela está me esperando no baile neste momento! E ela vai vir me procurar! — Acho que cê tá certa, Esmé — disse Tia Ogg. — Você quer enfrentá-la num lugar escolhido por você. Não quero ela procurando pela gente numa noite como esta. Quero ver ela chegando.

Houve uma agitação no ar logo acima delas. Uma pequena sombra desceu deslizando e pousou no paralelepípedo. Mesmo no escuro, seus olhos cintilavam. Ela ficou olhando para as bruxas com expectativa e com inteligência demais para uma simples ave.

— E o galo da dona Gogol — disse Tia Ogg — , não é? — Exatamente o que ele é eu nunca vou conseguir saber comentou Vovó. — Queria saber qual é a dela.

— Boa ou má, você quer dizer? — quis saber Margrete.

— Ela é uma boa cozinheira — respondeu Tia Ogg. — Não acho que alguém consiga cozinhar tão bem como ela e ser ruim assim.

— É a mulher que mora lá no pântano? — perguntou Ella. — Já ouvi todo tipo de história sobre ela.

— Ela é um pouco propensa demais a transformar gente morta em zumbi — afirmou Vovó. — E isso não tá certo.

— Ué, a gente acabou de transformar um gato numa pessoa... sabe, uma pessoa humana - Tia Ogg, a adoradora de gatos inveterada, se corrigiu — , e isso também não tá exatamente certo.

Provavelmente tá muito longe do exatamente certo.

— Sim, mas fizemos isso pelas razões certas — disse Vovó.

— Não sabemos quais são as razões da dona Gogol...

Elas ouviram um rosnado vindo do beco. Tia Ogg saiu correndo na direção do barulho e elas a ouviram dando uma bronca em

alguém.

— Não! Coloque ele no chão agora! — Meu! Meu! Legba andou com um ar pomposo pela rua e depois se virou e olhou para elas com expectativa.

Vovó coçou o queixo e se afastou um pouco de Margrete e Ella, analisando-as. Depois ela virou e olhou à sua volta.

— Hum. Lily tá esperando você, não tá? — Ela consegue ver por meio de reflexos — respondeu Ella, nervosa.

— Hum — disse Vovó novamente. Ela enfiou o dedo no ouvido e girou um pouco. — Bom, Margrete, você é a madrinha aqui.

Qual é a coisa mais importante que a gente tem que fazer? Margrete nunca havia jogado baralho na vida.

— Manter Ella segura — ela disse rápido, surpresa por Vovó admitir de repente que tinha sido ela, afinal, quem recebera a varinha. — Isso é o mais importante para uma fada madrinha.

— É.

Vovó Cera do Tempo franziu a testa.

— Sabe — ela insinuou —, vocês duas são exatamente do mesmo tamanho... A expressão de perplexidade de Margrete durou meio segundo e foi substituída por outra de horror súbito.

Ela recuou.

— Alguém tem que fazer isso — afirmou Vovó.

— Oh, não! Não! Não daria certo! Não daria certo mesmo! Não!
— Margrete Alho — insistiu Vovó Cera do Tempo num tom triunfal —, você irá ao baile!

* * *

Carruagem fez a curva sobre duas rodas. Greebo estava de pé no lugar do cocheiro, inclinando de um lado para o outro, sorrindo como um louco e batendo o chicote. Aquilo era melhor até que a sua bola de pelúcia com sininho... Dentro da carruagem Margrete estava apertada entre as duas bruxas mais velhas, com a cabeça nas mãos.

Mas Ella pode se perder no pântano! Não com aquele galo guiando ela. Ela estará mais segura no pântano da dona Gogol do que no baile, disso eu sei - disse Tia Ogg.

— Obrigada! — De nada — respondeu Vovó.

— Todo mundo vai ver que eu não sou ela!

— Não. Com a máscara, não vão, não — continuou Vovó.

— Mas a cor do meu cabelo é diferente! — Eu posso dar uma tingida, sem problemas — sugeriu Tia Ogg.

— Minha. forma é diferente!

— A gente pode... — Vovó hesitou. — Você não pode, sabe, murchar a barriga um pouco mais?

— Não! — Tem um lenço sobrando, Gytha?

— Acho que eu posso rasgar um pedaço da minha anágua, Esme.

— Ai! — Pronto! — E esses sapatos de vidro não servem!

— Serviram direitinho em mim — disse Tia Ogg. — Eu dei uma provada.

— É, mas meu pé é menor que o seu!

— Isso mesmo — concordou Vovó. — Calce algumas meias minhas e vai servir e ficar bem confortável.

Sem conseguir arranjar outra desculpa, Margrete apelou para o desespero puro.

— Mas eu não sei como me comportar num baile! Vovó Cera do Tempo tinha que admitir que ela também não sabia, então, ergueu uma sobrancelha para Tia Ogg.

— Você costumava sair para dançar quando era jovem.

— Bem — disse Tia Ogg, professora de etiqueta — , o que você faz é dar um tapinha nos homens com o leque, tá com o leque?, e dizer coisas como "Ora, senhor!". Dar risadas também ajuda. E pestanejar um pouco. E fazer beicinho.

— Como é que eu faço beicinho? Tia Ogg demonstrou.

— Iuc! — Não se preocupe — tranquilizou Vovó. — Nós estaremos lá.

— E isso é pra me fazer sentir melhor, é? Tia Ogg esticou o braço por trás de Margrete e segurou o ombro de Vovó. Seus lábios formaram as palavras: Não vai dar.

Ela tá um caco. Muito insegura.

Vovó concordou com a cabeça.

— Talvez seja melhor eu ir — sugeriu Tia Ogg em voz alta. — Tenho experiência em bailes. Aposto que se usasse meu cabelo solto, a máscara e esses sapatinhos minúsculos, e fizesse uma bainha de trinta centímetros no vestido, ninguém ia notar a diferença. O que você me diz? Margrete estava tão apavorada só com o fascínio que era imaginar aquilo, que obedeceu sem pensar quando Vovó Cera do Tempo disse: — Olhe para mim, Margrete Alho.

A carruagem de abóbora subiu pela entrada do palácio em alta velocidade, dispersando cavalos e pedestres, e freou ao lado da escadaria com uma chuva de cascalhos.

— Foi divertido — disse Greebo. E depois perdeu o interesse.

Alguns criados se apressaram para abrir a porta e quase caíram para trás pela força da arrogância que veio de dentro.

— Andem logo, lacaios! Margrete saiu de uma vez, empurrando o mordomo para longe. Recolheu as saias e correu pelo tapete vermelho. Na entrada, um criado foi imprudente o suficiente para pedir o convite dela.

— Seu parasita impertinente.

O criado, reconhecendo na mesma hora a falta de educação ilimitada das pessoas muito ricas, recuou rapidamente.

Ao lado da carruagem, Tia Ogg disse: — Você não acha que exagerou um pouco?

— Eu tive que exagerar — afirmou Vovó. — Você sabe como ela é.

— Como é que vamos entrar? Não temos convites. E também não estamos vestidas de acordo.

— Pegue as vassouras no porta-malas — disse Vovó. — Vamos direto para o topo.

Elas aterrissaram na muralha de uma torre de onde era possível ver o terreno do palácio. A melodia das canções do baile chegava até lá e também dava para ver o eventual estouro e clarão dos fogos de artifício vindos do rio.

Vovó abriu algo com aparência de porta na torre e desceu pela escada circular, que dava num patamar.

— Carpete bacana no chão — comentou Tia Ogg. — Por que tá nas paredes também? — Isso é tapeçaria — disse Vovó.

— Puxa — continuou Tia Ogg. — Você vai vivendo e aprendendo mesmo. Bom, eu vou, pelo menos.

Vovó parou com a mão numa maçaneta.

*"Ronald theThird" em inglês rima com "Ronald the turd". "Turd" significa "bosta". (N. T.)

**Duc, em inglês, tem pronúncia semelhante a duck, pato. (N. T.)

***Sabe-se que até os leitores ingleses tiveram problemas para entender a piada que Vovó tenta contar. Um site de fãs da série recebeu tantas perguntas sobre a piada do jacaré que o próprio Pratchett enviou a "explicação definitiva". O trocadilho é com a palavra "snappy", que descreve um animal capaz de abocanhar e também é usada na expressão "make it snappy!", que significa algo como "anda logo!". (N. T.)

— O QUE VOCÊ QUIS DIZER COM ISSO?

— ela perguntou — Bom, eu nunca soube que você tinha uma irmã.

— Nunca falávamos sobre ela.

— É uma pena quando membros de uma família se separam assim — disse Tia Ogg.

— Hm! Você disse que a sua irmã Beryl era uma ingrata gananciosa com a consciência de uma ostra.

— Bom, sim, mas ela é minha irmã.

Vovó abriu a porta.

— Ora, ora — ela disse.

— O que foi? O que foi? Não fique aí parada. — Tia Ogg espiou o salão por trás de Vovó.

— Uuu — ela fez.

Margrete fez uma pausa na grande antessala de veludo vermelho. Estranhos pensamentos explodiam feito fogos de artifício pela sua cabeça. Ela não se sentia assim desde quando tomou o vinho de ervas. Mas, lutando entre eles como uma batatinha prosaica no meio de um ramo de crisântemos psicodélicos, havia uma voz interior gritando que ela nem sequer sabia dançar. A não ser em círculos. Mas não devia ser difícil se pessoas comuns conseguiam.

A pequena Margrete interna que lutava para manter seu equilíbrio diante da onda de autoconfiança arrogante da Margrete

externa se perguntou se era assim que Vovó Cera do Tempo se sentia o tempo todo.

Ela ergueu a barra do vestido de leve e olhou para os sapatos.

Não era possível que fossem de vidro de verdade, senão a essa altura ela estaria mancando na direção de algum pronto — socorro. Tampouco eram transparentes. O pé humano é um membro útil, mas não é, exceto para algumas pessoas com interesses altamente especializados, exatamente atraente de se ver.

Os sapatos eram espelhos. Dezenas de facetas refletiam a luz.

Dois espelhos nos pés. Margrete se lembrou vagamente de algo sobre... sobre o fato de uma bruxa nunca ficar presa entre dois espelhos, não era isso? Ou era nunca confiar num homem com sobrancelhas laranja? Alguma coisa que lhe haviam ensinado quando ela ainda era uma pessoa comum. Algo... como... uma bruxa não deveria nunca ficar entre dois espelhos porque, porque, porque a pessoa que saísse dali poderia não ser a mesma.

Ou algo... como... a pessoa ficava espalhada entre as imagens, sua alma inteira saía fina e em algum lugar entre as imagens distantes, um lado obscuro da pessoa sairia para persegui-la, se ela não tomasse muito cuidado. Algo assim.

Ela desconsiderou o pensamento. Não era importante.

Deu um passo à frente, onde uma pequena aglomeração de convidados aguardava para entrar.

— Lorde Henry Corrimento e Lady Corrimento! O salão de baile não era um salão de jeito nenhum, mas um pátio aberto para o ar suave da noite. Era preciso descer uma escada para chegar até lá. Do lado oposto, uma outra escada muito mais ampla, iluminada por

tochas vibrantes, levava ao palácio propriamente dito. Na parede mais distante, enorme e facilmente visível, havia um relógio.

— O honorável Douglas Incessante! Faltavam quinze para as oito. Margrete tinha uma vaga lembrança de uma mulher velha gritando alguma coisa em relação ao horário, mas... aquilo também não importava...

— Lady Valentia das Providências! Ela chegou ao topo da escadaria. O mordomo que anunciava as chegadas a olhou de cima a baixo e depois, como quem havia sido treinado a tarde inteira para aquele momento preciso, berrou: — Er... bela e misteriosa desconhecida! O silêncio se espalhou escada abaixo feito tinta derramada.

Quinhentas cabeças se viraram para olhar Margrete.

Um dia antes, a mera ideia de ter quinhentas cabeças olhando para ela teria feito Margrete derreter feito manteiga numa fôrnalha. Mas naquele momento ela as encarou, sorriu e ergueu o queixo com orgulho.

Seu leque se abriu de repente como o disparo de uma pistola.

A bela e misteriosa desconhecida, filha de Simplicity Alho, neta de Araminta Alho, com uma presença de espírito tão forte que chegava a se cristalizar na superfície de sua personalidade... ... seguiu adiante.

No momento seguinte um outro convidado passou silenciosamente pelo mordomo.

O mordomo hesitou. Alguma coisa naquele vulto o preocupava. A imagem ficava saindo de foco e voltando. Ele não estava totalmente certo se havia realmente alguém ali.

Então, seu bom senso, que havia desaparecido e se escondido em algum lugar por um momento, assumiu o comando.

Afinal, era Samedi Nuit Mort. As pessoas deveriam se fantasiar e parecer estranhas. Era permitido ver pessoas daquele jeito.

— Com licença, er, senhor — ele disse. — Quem devo anunciar?

— ESTOU AQUI INCÓGNITO.

O mordomo tinha certeza de que nada havia sido dito, mas também estava certo de que havia ouvido palavras.

— Hum... ótimo... — ele murmurou. — Vá, entre, então... hum.

— Ele se animou. — Boa pra caramba essa máscara, senhor.

Ele observou o vulto obscuro descendo a escada e se apoiou numa pilastra. Pronto, todos haviam sido anunciados. O mordomo tirou um lenço do bolso, removeu a peruca branca e limpou a testa, sentindo-se como se tivesse escapado por um triz de alguma coisa, e o pior que não sabia do quê.

Depois, olhou ao redor com cautela, entrou na ante-sala disfarçadamente e se posicionou atrás de uma cortina de veludo, de onde poderia desfrutar de um cigarro de palha sossegado.

Mas quase engoliu o cigarro quando outro vulto veio saltitando em silêncio pelo tapete vermelho. Estava vestido como um pirata que tivesse acabado de saquear um navio carregado de produtos de couro preto para clientes estranhos. Um olho estava com uma venda. O outro cintilava como uma esmeralda malévola. E ninguém tão grande como ele deveria ser capaz de andar tão silenciosamente assim. O mordomo enfiou a guimba atrás da orelha.

— Com licença, milorde — ele disse, correndo atrás do homem, tocando-o com firmeza, porém de modo respeitoso, no braço.

— Precisarei ver o seu con... seu... con...

O homem transferiu o olhar para a mão no seu braço. O mordomo rapidamente a retirou.

— Wrowwwl? — Seu... convite...

O homem abriu a boca e sibilou mostrando os dentes.

— É claro — disse o mordomo, recuando com a velocidade de alguém que certamente não está sendo pago o suficiente para encarar um louco com dentes afiados e roupas de couro preto. O senhor deve ser um dos amigos do Duque, não?

— Wrowwl.

— Tudo bem... tudo bem... mas o senhor esqueceu a máscara...

— Wrowwl? O mordomo apontou com gestos frenéticos para uma mesinha com uma pilha alta de máscaras.

— O Duque pediu que todos aqui usassem máscaras — disse o mordomo. — Er... Será que o senhor encontraria aqui algo do seu gosto? Sempre aparece um, ele pensou. Está escrito "Máscara" em letras grandes e onduladas no convite, douradas até, mas sempre tem uns sujeitinhos que acham que isso significa que o convite é de alguém chamado Mascarenhas. Esse aí provavelmente ficou saqueando cidades quando deveria estar aprendendo a ler.

O homem oleoso ficou olhando para as máscaras. Todas as máscaras boas tinham sido escolhidas por quem chegara antes, mas isso não pareceu desanimá-lo. Ele apontou.

— Quero aquela — disse.

— Er... muito... boa escolha, milorde. Permita-me que o auxilie na...

— Wrowwl! O mordomo recuou, segurando com força o próprio braço.

O homem o encarou, depois soltou a máscara sobre a cabeça e apertou os olhos para olhar para o espelho através de um dos orifícios.

Esquisito pra caramba, o mordomo pensou. Quer dizer, não é o tipo de máscara que os homens escolhem. Eles ficam com crânios, aves, touros e coisas do tipo. Não gatos.

O estranho era que a máscara tinha sido uma linda cabeça de gato ruivo quando estava sobre a mesa. No rosto dele ela era... ainda uma cabeça de gato, só que muito mais ainda, e de algum modo levemente mais felina e muito mais indecente do que deveria ser.

— Seeempreee quiis seer ruivo — disse o homem.

— Em você fica bem, senhor — elogiou o mordomo com a voz trêmula. O homem com cabeça de gato virou a cabeça para um lado e para o outro, claramente apaixonado pelo que estava vendo.

Greebo uivou de leve, feliz consigo mesmo, e foi entrando no baile com passos lentos. Ele queria algo para comer, alguém com quem lutar, e depois... bem, ele teria que ver.

Para lobos, porcos e ursos, achar que são humanos é uma tragédia. Para um gato, é uma experiência.

Além do mais, essa nova forma era muito mais divertida.

Ninguém havia jogado uma bota velha nele há mais de dez minutos. As duas bruxas olharam para o quarto à sua volta.

— Estranho — opinou Tia Ogg. — Não é o que eu esperava de um, sabe, de um quarto real.

— Isto é um quarto real? — Tem uma coroa na porta. — Ah. Vovó examinou a decoração.

— O que você sabe sobre quartos reais? — ela disse, mais ou menos só por dizer. — Você nunca esteve num quarto real.

— Posso ter estado — provocou Tia Ogg.

— Você nunca esteve! — Lembra da coroação do jovem Verence? Fomos todas convidadas a ir ao palácio. — recordou Tia Ogg. — Quando eu fui fazer... passar pó no meu nariz, eu vi uma porta aberta, então eu entrei rapidinho e saí.

— Isso é traição. Você pode ir pra cadeia por causa disso — Vovó disse num tom grave e acrescentou: — Como era? — Muito aconchegante. A jovem Margrete não sabe o que está perdendo. E era muito melhor do que este, não me importo em dizer — continuou Tia Ogg. A cor básica era o verde. Paredes verdes, chão verde. Havia um armário e uma mesa de cabeceira. E até um tapete ao lado da cama, que era verde. A luz era filtrada por uma janela com vidro esverdeado.

— E como estar no fundo de um lago — comentou Vovó.

Fia esmagou alguma coisa com um golpe. — E tem mosca pra lodo lado! — Ela parou, como se estivesse se concentrando para pensar, e disse: — Hum...

— Um lago de duque — concordou Tia Ogg.

Havia mesmo moscas por todo lado. Elas zumbiam na janela e ziguezagueavam a esmo pelo teto.

— Lago de duque — Tia Ogg repetiu, porque as pessoas que fazem esse tipo de piada nunca deixam por menos — , como lago de pato...

— Eu ouvi — disse Vovó. Ela balançou a mão sobre uma varejeira gorda.

— Tá vendo, ninguém espera encontrar moscas num quarto real — murmurou Tia Ogg.

— A gente espera encontrar uma cama, na verdade — observou Vovó. O que não havia. O que havia, e o que as estava perturbando até certo ponto, era uma grande tampa redonda de madeira no chão. Tinha cerca de um metro e oitenta de diâmetro, com alças muito convenientes.

Elas deram uma volta ao redor dela. Moscas subiam dali e saíam zumbindo.

— Estou pensando numa história — disse Vovó.

— Eu também — completou Tia Ogg, num tom um pouco mais estridente que de costume. — Havia uma garota que se casou com um homem e ele disse que ela podia ir a qualquer lugar que quisesse do palácio, desde que nunca abrisse aquela porta, e ela abriu e descobriu que ele havia assassinado todas as suas outras... Sua voz falhou.

Vovó estava olhando fixamente para a tampa e coçando o queixo.

— Digamos assim — argumentou Tia Ogg, tentando ser razoável apesar de todas as evidências. — O que poderíamos encontrar aí embaixo que fosse pior do que podemos imaginar? Cada uma segurou uma alça.

Cinco minutos depois Vovó Cera do Tempo e Tia Ogg saíram do quarto do Duque. Vovó fechou a porta com muita cautela.

Elas se entreolharam.

— Caramba — disse Tia Ogg com o rosto ainda pálido.

— Sim — concordou Vovó. — Histórias! — Ouvi falar em... sabe, gente como ele, mas nunca acreditei. Iuc. Como será que ele é? — Não dá pra saber só de olhar — afirmou Vovó.

— Isso explica as moscas, de qualquer forma — acrescentou Tia Ogg. Ela levou a mão à boca, horrorizada. — E a nossa Margrete tá lá embaixo com ele! — ela disse.

— E você sabe o que vai acontecer. Eles vão se conhecer e...

— Mas tem centenas de outras pessoas lá — comentou Vovó.

— Não se pode dizer que é uma situação exatamente íntima.

— Sim... mas só de pensar nele, sabe, apenas tocando nela... quer dizer, seria como segurar um...

— Você acha que Ella conta como princesa? — perguntou Vovó.

— Quê? Ah. Sim. Provavelmente. No estrangeiro. Por quê? — Então isso significa que há mais de uma história aqui.

Lilith está deixando várias acontecerem ao mesmo tempo — disse Vovó. — Pense nisso. A questão não é tocar. É beijar.

— Temos que ir lá embaixo! — gritou Tia Ogg. — Temos que impedir que isso aconteça! Quer dizer, você me conhece, não sou nenhuma puritana, mas... eca...

— Não me diga! Velha! Elas se viraram. Uma mulher baixa e gorda com um vestido vermelho e uma peruca branca muito alta as observava com arrogância por trás de uma máscara de raposa.

— Sim? — perguntou Vovó num tom ríspido.

— Sim, milady — disse a mulher gorda. — Onde estão os seus modos? Exijo que me mostre onde fica o toalete neste instante! E o que você pensa que está fazendo? Isso foi para Tia Ogg, que estava

andando em volta da mulher e olhando para o seu vestido com uma expressão crítica.

— Você veste 46, talvez 48? — quis saber Tia Ogg.

— O quê? Que impertinência é essa? Tia Ogg esfregou o queixo, pensativa.

— Bom, sei lá — ela respondeu —, vermelho num vestido nunca foi a minha cara. Você não tem nada azul, tem? A mulher encolerizada se virou para bater em Tia Ogg com seu leque, mas uma mão muito magra bateu de leve no seu ombro.

Ela olhou para o rosto de Vovó Cera do Tempo.

Quando ela desmaiou meio que sonhando, ouviu uma voz muito distante dizendo: "Bom, isso cabe em mim. Mas ela não veste 46 de jeito nenhum. E se eu tivesse um rosto assim jamais usaria vermelho..."

Lady Valentia das Providências relaxava no santuário do banheiro feminino. Ela retirou a máscara e pescou uma pinta perdida nas profundezas do seu decote e colocou-a de volta no lugar.

Depois se mexeu de um lado para o outro, tentando ajeitar as anquinhas, um exercício que resultava na ginástica feminina mais ridícula em qualquer mundo, exceto naqueles em que a cinta-liga tinha sido inventada.

Apesar de ser uma parasita tão bem adaptada quanto o fungo de carvalhos, Lady Valentia das Providências era, de longe, uma pessoa irrepreensível. Ela sempre estava presente em eventos de caridade e fazia questão de saber o primeiro nome de quase todos os seus empregados — dos mais limpos, pelo menos. E, de maneira geral, tratava bem os animais e até as crianças, se elas tivessem

sido bem lavadas e não fizessem muito barulho. Considerando-se tudo isso, ela não merecia o que estava prestes a acontecer a ela, que era o destino que a Mãe Natureza reservara a qualquer mulher naquele local, naquela noite, que calhasse de ter aproximadamente as mesmas medidas de Vovó Cera do Tempo.

Ela notou alguém se aproximando dela.

— Co' licença, dona.

Era uma mulherzinha pobre e repugnante com um grande sorriso insinuante.

— O que você quer, velha? — perguntou Lady Valentia.

— Co'licença — disse Tia Ogg. — Minha amiga ali gostaria de ter uma palavra com a senhora.

Lady Valentia olhou ao redor com arrogância para...

... o esquecimento frio e hipnótico de dois olhos azuis.

— O que é esta coisa que parece um banquinho extra? — É uma anquinha, Esme.

— E desconfortável pra burro, isso sim. Fico achando que tem alguém me seguindo.

— Pelo menos o branco fica bem em você.

— Não fica, não. Preto é a única cor pra uma bruxa de verdade. E esta peruca é quente demais. Quem vai querer cinquenta centímetros de cabelo na cabeça? Vovó pôs a máscara. Era um rosto de águia com plumas brancas e lantejoulas. Tia Ogg ajustou umas escoras que não valiam a pena ser mencionadas sob a armação e se esticou.

— Nossa, olha só a gente — ela comentou. — Essas plumas no seu cabelo ficaram ótimas mesmo.

— Nunca fui vaidosa — disse Vovó Cera do Tempo. — Você sabe disso, Gytha. Ninguém nunca pôde dizer que eu sou vaidosa.

— Não, Esmé — concordou Tia Ogg.

Vovó girou um pouco.

— Está pronta, então, Madame Ogg? — ela perguntou.

— Sim. Vamos lá, Lady Cera do Tempo.

A pista de dança estava lotada. Havia decorações penduradas em todas as pilastras, mas eram pretas e prateadas, das cores do festival de Samedi Nuit Mort. Uma orquestra tocava na galeria.

Os dançarinos rodopiavam. A barulheira era imensa.

Um garçom com uma bandeja cheia de bebidas percebeu de repente que era um garçom sem uma bandeja cheia de bebidas. Ele olhou à sua volta e depois olhou para baixo e viu uma pequena raposa sob uma enorme peruca branca.

— Anda, vai pegar mais pra gente — disse Tia Ogg com alegria.

— Consegue vê-la, minha cara senhora? — Tem gente demais.

— Bom, consegue ver o Duque? — Como é que vou saber? Tá todo mundo de máscara! — Ei, aquilo ali é comida? Muitos dos menos energéticos ou mais famintos da nobreza de Genua estavam aglomerados ao redor do longo bufê. Tudo o que eles percebiam, além de fortes empurrões por parte de cotovelos habilidosos, era uma fala monótona e cordial na altura do peito, dizendo coisas como: "... cuidado com as costas... vá um pouco para o lado... tô passando".

Tia Ogg conseguiu chegar à mesa e acotovelar alguém para dar espaço a Vovó Cera do Tempo.

— Puxa, que rango, hein? — ela disse. — Puxa, as galinhas são minúsculas por aqui. — Ela pegou um prato.

— E codorna.

— Vou querer três. Ei, Charlie Chan! Um dos criados estava olhando para ela.

— Tem picles? — Infelizmente não, madame.

Tia Ogg olhou para uma mesa que incluía cisnes assados, um pavão assado, que provavelmente não teria se sentido nem um pouco melhor mesmo se tivessem dito a ele que as penas da sua cauda iam ser enfiadas de volta depois, e mais frutas, lagostas cozidas, nozes, bolos, cremes e tortas que num sonho de ermitão.

— Ei, tem molho? — Não, madame.

— Ketchup? — Não, madame.

— E chamam isto de paraíso gurmê — resmungou Tia Ogg, enquanto a banda tocava a música seguinte. Ela cutucou um vulto alto que se servia de lagosta. — Que lugar, hein?

— MUITO BONITO.

— Ótima, a sua máscara.

— OBRIGADO.

Tia Ogg foi girada pela mão de Vovó Cera do Tempo no seu ombro.

— A Margrete tá ali! — Onde? Onde? — procurou Tia Ogg.

— Ali... sentada ao lado dos vasos de plantas.

— Ah, sim. Na chesi longui — disse Tia Ogg.

— Isso é "sofá" em estrangeiro, sabia? — ela acrescentou.

— O que ela tá fazendo? — Sendo atraente pros homens, acho.

— O que, Margrete?

— É. Cê tá ficando boa mesmo com essa coisa de hipnose, não? Margrete abanou o leque e olhou para o Conde de Ioiô.

— Ora, senhor — ela disse. — Pode me dar mais um prato de ovos de cotovia, se achar que deve mesmo.

— É pra já, cara dama! — O velho saiu esbaforido na direção do bufê. Margrete inspecionou seu império de admiradores e depois estendeu a mão lânguida na direção do Capitão de Vere da Guarda Palaciana. Ele tomou posição de sentido.

— Querido capitão, dou-lhe o prazer da próxima dança.

— Agindo como uma sirigaita — observou Vovó em tom de desaprovação. Tia Ogg a olhou com uma expressão de estranhamento.

— Na verdade, não — ela replicou. — Em todo caso, um pouco de assanhamento nunca fez mal a ninguém. Pelo menos nenhum desses homens parece ser o Duque. Ei, o que é que cê tá fazendo? Isso foi dirigido a um homem baixo e careca que estava tentando montar um pequeno cavalete na frente delas.

— Hã... se as damas puderem ficar paradas por alguns minutos — ele disse com timidez. — Para a xilogravura.

— Que xilogravura? — quis saber Vovó Cera do Tempo.

— Sabe? — respondeu o homem, abrindo um pequeno canivete. — Todo mundo gosta de ver a sua xilogravura nos cartazes depois de um baile como este. "Lady Tal ouvindo uma piada do Lorde Qualquer Coisa", esse tipo de coisa. Vovó Cera do Tempo abriu a boca para responder, mas Tia Ogg pôs a mão de leve no seu braço. Ela relaxou um pouco e pensou em algo mais adequado para dizer.

— Eu sei uma piada de sanduíche de jacaré — ela começou e tirou a mão de Tia Ogg de perto. — Tinha um homem e ele entrou numa taverna e disse "Vocês vendem sanduíche de jacaré?" e o outro respondeu "Sim" e ele disse: "Então me dá um sanduíche de jacaré... e não vai demorar muito com isso!" Ela olhou para ele com uma expressão triunfal.

— Sim? — disse o xilógrafo, escavando a madeira rapidamente. — E depois o que aconteceu? Tia Ogg arrastou Vovó para longe rapidamente, tentando distraí-la.

— Tem gente que não entende uma piada mesmo — reclamou Vovó.

Quando a banda começou a tocar a música seguinte, Tia Ogg remexeu num bolso e encontrou o cartão de dança que pertencia a alguém que agora descansava serenamente num quarto distante. — Sir Roger de Coverley?

— Madame?

Vovó Cera do Tempo olhou ao redor. Um militar rechonchudo com costeletas grandes fez uma reverência para ela. Ele parecia ser alguém que apreciara algumas piadas na juventude.

— Sim? — Milady me prometeu a honra desta dança? — Não prometi, não.

O homem pareceu intrigado.

— Mas eu lhe garanto, Lady das Providências... seu cartão... meu nome é coronel Mostarda...

Vovó o olhou com profunda desconfiança e depois leu o cartão de dança preso ao seu leque.

— Ah.

— Você sabe dançar? — sussurrou Tia Ogg.

— É claro.

— Nunca vi você dançar — disse Tia Ogg.

Vovó estava a ponto de dar ao coronel a desculpa mais educada que conseguisse inventar. Então, ergueu os ombros numa postura desafiadora.

— Uma bruxa pode fazer qualquer coisa que decida fazer com determinação, Gytha Ogg. Venha, seu coronel.

Tia Ogg viu o par desaparecer na multidão.

— Alô, lady gata-raposa — disse uma voz atrás dela. Ela olhou à sua volta. Não havia ninguém ali.

— Aqui embaixo.

Ela olhou para baixo.

Um menino muito pequeno com um uniforme de capitão da Guarda Palaciana, uma peruca branca e uma expressão insinuante sorriu para ela.

— Meu nome é Casanunda — ele se apresentou. — Sou considerado o maior amante do mundo. O que acha? Tia Ogg o olhou de cima a baixo ou, pelo menos, de baixo a mais baixo ainda.

— Você é um anão — ela disse.

— Tamanho não é documento.

Tia Ogg parou para pensar na sua situação. Uma colega conhecida por sua natureza tímida e reservada estava naquele momento agindo como uma mulher da vida, uma rainha bárbara que brincava com os homens e se banhava em leite de jumenta e coisas do tipo, e a outra estava agindo de modo muito estranho e dançando com um homem ainda que não soubesse diferenciar um

pé do outro. Tia Ogg sentiu que merecia um momento para perceber que não devia nada a ninguém.

— Sabe dançar também? — ela perguntou.

— Ah, sim. Que tal um encontro? — Quantos anos você acha que eu tenho? — disse Tia Ogg.

Casanunda parou para pensar.

— Está bem, então. Que tal uma ameixa seca**?

Tia Ogg suspirou e se abaixou para pegar a mão dele.

— Venha.

Lady Valentia das Providências cambaleava sem firmeza por um corredor, uma figura magra e desamparada vestindo roupas íntimas, que eram um complicado espartilho e uma anágua até o tornozelo.

Ela não tinha certeza alguma do que havia acontecido.

Havia uma mulher assustadora e depois uma sensação de felicidade absoluta e depois... ela estava sentada no carpete sem o seu vestido. Lady Valentia havia ido a muitos bailes em sua tediosa existência para saber que havia ocasiões em que a pessoa podia acordar num quarto estranho sem o vestido, mas geralmente era mais tarde da noite e pelo menos se tinha alguma ideia de por que estava lá... Ela foi seguindo devagar, segurando-se nas paredes. Alguém definitivamente ia levar uma bronca por causa daquilo.

Um vulto apareceu numa curva do corredor, atirando uma coxa de peru no ar despreocupadamente e apanhando com a outra mão.

— Ora! — disse Lady Valentia. — Será que você poderia fazer a gentileza de... oh...

Ela olhou para o vulto vestido de couro preto com uma venda no olho e um sorriso de invasor pirata.

— Wroowwwwl! — Oh. Ora, ora! Esta dança não tem nada de mais, Vovó Cera do Tempo disse a si mesma. E só se mover com a música.

Ajudaria muito se ela conseguisse ler a mente do seu parceiro. Dançar é algo instintivo, depois que se passa o estágio de ficar olhando para baixo para ver o que seus pés estão fazendo, e as bruxas são boas em ler instintos ressonantes. Havia uma leve briga quando o coronel tentava guiar, mas ele logo desistia, em parte devido à recusa terminante de Vovó Cera do Tempo em entrar num acordo, mas principalmente por causa das botas dela.

Os sapatos de Lady das Providências não haviam servido. Além disso, Vovó era apegada às suas botas. Elas tinham acessórios complicados de ferro e pontas que pareciam aríetes.

Quando se tratava de dançar, as botas de Vovó iam exatamente aonde queriam ir.

Ela dirigiu seu parceiro indefeso e levemente ferido na direção de Tia Ogg, que já havia formado um bom espaço vazio ao seu redor. O que Vovó conseguia atingir com um quilo de tachas de ferro sincopadas, Tia Ogg conseguia simplesmente com seu peito. Era um busto grande e experiente, e que não se sujeitava a nenhum tipo de contenção. Quando Tia Ogg abaixava, ele subia. Quando ela girava para a direita, ele não havia acabado de girar para a esquerda. Além do mais, os pés de Tia Ogg se moviam num passo de jiga complicado, independente do ritmo real, de modo que, enquanto seu corpo seguia na velocidade de uma valsa, seus pés faziam algo um pouco mais próximo de uma hornpipe.*** O efeito geral obrigava seu parceiro a dançar a alguns metros de distância, e

muitos casais próximos a pararem de dançar para assistir com fascinação e esperarem para ver se o conjunto de vibrações harmônicas a atiraria nos candelabros.

Vovó e seu parceiro indefeso passaram rodopiando.

— Pare de se exhibir — Vovó sussurrou e desapareceu na multidão novamente.

— Quem é a sua amiga? — perguntou Casanunda.

— Ela é... — Tia Ogg começou. Houve um estrondo de trombetas.

— Isso saiu um pouco do ritmo — ela disse.

— Não, isso quer dizer que o Duque está chegando — disse Casanunda. A banda parou de tocar. Os casais, de uma só vez, se viraram e ficaram de frente para a escadaria principal.

Havia duas figuras descendo com ar imponente.

Minha nossa, ele é um demônio bonito e lustroso, Tia Ogg disse a si mesma. Prova de que Esmé estava certa. Só de olhar ninguém diria...

E ela...

... aquela é Lily Cera do Tempo? A mulher não estava mascarada.

Coloque e tire algumas linhas de expressão e rugas, era Vovó Cera do Tempo escrita.

Quase...

Tia Ogg estava se virando para encontrar a cabeça de águia branca na multidão. Todas as cabeças estavam voltadas para a escadaria, mas havia uma que estava olhando para lá como se seu olhar fosse uma vara de aço.

Lily Cera do Tempo estava de branco. Até aquele momento não havia ocorrido a Tia Ogg que poderia haver diferentes tonalidades de branco. Agora ela sabia. O branco do vestido de Lily Cera do Tempo parecia irradiar-se. Se todas as luzes se apagassem, ela notou, o vestido de Lily brilharia no escuro.

Ele tinha estilo. Cintilava, tinha mangas bufantes e rendas nas pontas. E Lily Cera do Tempo parecia — Tia Ogg tinha que admitir — mais jovem. A estrutura do corpo e a bela tez eram das Cera do Tempo, mas ela parecia... menos gasta. Se é isso o que acontece com quem é má, Tia Ogg pensou, um pouco disso teria me feito bem alguns anos atrás. O salário do pecado é a morte, mas a remuneração da virtude também. E o mal pelo menos vai mais cedo para casa às sextas-feiras. Mas os olhos eram iguais. Em algum lugar da genética dos Cera do Tempo havia um pedaço de safira. Talvez gerações deles.

O Duque era incrivelmente belo. Mas isso era compreensível. Ele usava preto. Até os seus olhos eram pretos.

Tia Ogg retornou à superfície e abriu caminho pela multidão até chegar a Vovó Cera do Tempo.

— Esme? Ela segurou o braço de Vovó.

— Esme? — Hum? Tia Ogg sentiu que a multidão estava se movendo, dividindo-se como um mar, entre a escadaria e a chaise-longue numa das extremidades do salão. As juntas dos dedos de Vovó Cera do Tempo estavam tão brancas quanto o seu vestido.

— Esme? O que está acontecendo? O que você está fazendo? — perguntou Tia Ogg.

— Tentando... parar... a história — disse Vovó.

— O que ela está fazendo, então? — Deixando... as coisas... acontecerem! A multidão passou por elas recuando. Não parecia ser um movimento consciente. Espontaneamente, estava ocorrendo a formação de um corredor. O Duque andou lentamente pelo corredor. Atrás de Lily, imagens vagas pairavam no ar de modo que ela parecia estar sendo seguida por uma sequência de fantasmas que iam desaparecendo aos poucos.

Margrete se levantou.

Tia Ogg percebeu uma coloração de arco-íris no ar. Possivelmente havia um canto de azulões.

O Príncipe segurou a mão de Margrete.

Tia Ogg olhou para Lily Cera do Tempo, que havia permanecido a alguns passos da escadaria e sorria com bondade.

Então ela tentou se concentrar no futuro.

Era terrivelmente fácil.

O futuro normalmente possui ramificações em cada parte do trajeto e somente é possível ter uma ideia muito nebulosa do que pode acontecer, mesmo que você seja tão temporariamente sensitivo quanto uma bruxa. Mas aqui havia histórias enroladas ao redor de um tronco de acontecimentos, dobrando-o e dando-lhe uma nova forma. Vovó Cera do Tempo não saberia o que um padrão quântico inevitavelmente é, mesmo se o encontrasse comendo o seu jantar. Se você mencionasse as palavras "paradigmas do espaço-tempo" para ela, ela apenas diria "Quê?". Mas isso não significava que ela era ignorante. Significava apenas que ela não ligava muito para as palavras, especialmente jargões. Ela apenas sabia que havia certas

coisas que aconteciam de forma contínua na história humana, como clichês tridimensionais. Histórias.

— E agora fazemos parte dela! E não consigo pará-la — disse Vovó. — Tem que haver um lugar onde eu consiga pará-la, mas não consigo encontrar! A banda começou a tocar. Era uma valsa.

Margrete e o Príncipe rodopiaram pela pista de dança uma vez, sem tirar os olhos um do outro. Então alguns casais ousaram se juntar a eles. E depois, como se o baile todo fosse uma máquina em que tivessem dado corda novamente, a pista eslava cheia de casais dançando e o som das conversas voltou a preencher o vácuo.

— Vai me apresentar à sua amiga? — disse Casanunda de algum lugar próximo do cotovelo de Tia Ogg. As pessoas passavam rapidamente por eles.

— Tudo tem que acontecer — disse Vovó, ignorando a interrupção vinda de baixo. — Tudo. O beijo, o relógio batendo meia-noite, a corrida dela e o sapato de vidro perdido, tudo.

— Argh, eca — disse Tia Ogg, apoiando-se na cabeça do parceiro. — Eu preferia lambar sapos.

— Ela é exatamente o meu tipo — disse Casanunda, com a voz levemente abafada. — Sempre senti muita atração por mulheres dominadoras.

As bruxas olharam para o casal rodopiando e se entreolhando fixamente.

— Eu poderia pôr o pé pra eles tropeçarem, sem problemas — disse Tia Ogg.

— Não pode. Não é algo que pode acontecer.

— Bem, Margrete é sensata... mais ou menos sensata — disse Tia Ogg. — Talvez ela perceba que alguma coisa está errada.

— Eu sou boa no que faço, Gytha Ogg — disse Vovó. — Ela não vai notar nada até o relógio bater meia-noite.

As duas viraram a cabeça para olhar. Ainda eram nove horas.

— Sabe — disse Tia Ogg. — Os relógios não batem meia-noite. Me parece que só batem doze vezes. Quer dizer, é só uma questão de blem-blem.

As duas olharam para o relógio novamente.

No pântano, Legba, o galo preto, cantou. Ele sempre cantava no pôr do sol. Tia Ogg subiu com passos pesados mais um lance de escadas e se apoiou na parede para retomar o fôlego.

Tinha que estar em algum lugar por ali.

— Da próxima vez você aprende a ficar de boca fechada, Gytha Ogg — ela resmungou.

— Imagino que estamos deixando a confusão do baile para um tête-à-tête íntimo em algum lugar? — disse Casanunda, esperançoso, correndo atrás dela. Tia Ogg tentou ignorá-lo e correu por um corredor empoeirado. Havia uma galeria com um parapeito de um lado, acima do salão do baile. E lá... ... uma pequena porta de madeira.

Ela a abriu batendo com o cotovelo. Do lado de dentro, mecanismos giravam em contraponto às figuras que dançavam Lá embaixo, como se o relógio as estivesse impulsionando, o que, num sentido metafórico, estava.

Mecanismo de relógio, pensou Tia Ogg. Se você conhece mecanismo de relógio, você conhece tudo.

Quem me dera eu soubesse alguma coisa do maldito mecanismo de um relógio.

— Muito aconchegante — disse Casanunda.

Ela se espremeu para passar pelo vão e entrar no espaço do relógio. Engrenagens passavam clicando perto do seu nariz.

Ela ficou olhando para elas por um momento.

Caramba. Tudo isso só para cortar o Tempo em pedacinhos.

— Talvez esteja um pouquinho apertado demais — disse Casanunda de algum lugar perto da sua axila. — Mas temos que fazer o que for necessário, madame. Eu me lembro de uma vez em Quirm, havia uma liteira e...

Vejamos, pensou Tia Ogg. Esta peça está conectada àquela peça, esta gira, aquela gira mais rápido, a peça pontuda oscila pra trás e pra frente... Ai, ai. Apenas torça a primeira coisa que conseguir agarrar, como disse o Sumo Sacerdote à virgem casta (*Esta é a última frase de uma piada do Disco perdida, infelizmente, para a posteridade.*)

Tia Ogg cuspiu nas mãos, segurou firme a engrenagem maior e virou.

A roda continuou girando, puxando Tia Ogg com ela.

Minha nossa. Ai, ai...

Então ela fez o que nem Vovó Cera do Tempo, nem Margrete teriam sonhado em fazer naquelas circunstâncias. Mas as viagens de Tia Ogg no mar dos flertes intersexuais tinham ido além das duas voltas ao redor do farol****, e ela não via nada de degradante em conseguir a ajuda de um homem. Ela deu um sorriso afetado para Casanunda.

— As coisas ficariam muito mais confortáveis no nosso pied-de-terre se você pudesse empurrar esta rodinha pra lá um pouco — ela disse. — Tenho certeza de que você conseguiria — acrescentou.

— Ah, sem problemas, boa dama — disse Casanunda. Ele estendeu a mão. Anões são imensamente fortes para o seu tamanho. A roda dentada parecia não oferecer absolutamente nenhuma resistência.

Em algum lugar do mecanismo, alguma coisa resistiu por um momento e fez clonc. As engrenagens grandes giraram com relutância. As rodas pequenas guincharam nos eixos. Uma peça pequena e importante voou para fora e bateu com um silvo na cabeça redonda de Casanunda.

E, muito mais rápido do que a natureza jamais tencionou, os ponteiros deram voltas no mostrador.

Um novo ruído acima da cabeça de Tia Ogg a fez olhar para cima.

Sua expressão de satisfação se desfez. O martelo que batia as horas estava balançando devagar para trás. Tia Ogg se deu conta de que estava parada bem debaixo do sino na mesma hora em que ele bateu.

Blem...

— Ai, droga! ... blem...

... blem...

... blem...

A névoa rolava acima do pântano. E as sombras se moviam com ela, suas formas eram indistintas nessa noite em que a diferença entre os vivos e os mortos era apenas uma questão de tempo.

A senhora Gogol era capaz de senti-los entre as árvores.

Os desabrigados. Os famintos. Os silenciosos. Aqueles que tinham sido abandonados pelos homens e pelos deuses. O povo das névoas e da lama, cuja única força estava em algum lugar do outro lado da fraqueza, cujas crenças eram tão instáveis e caseiras quanto suas casas. E o povo da cidade — não os que moravam nas grandes casas brancas e iam aos bailes em belas carruagens, mas os outros. As histórias nunca eram sobre eles.

As histórias não estão, de modo geral, interessadas em guardadores de porcos que permanecem sendo guardadores de porcos e pobres sapateiros humildes cujo destino é morrer um pouco mais pobres e muito mais humildes.

Essas pessoas eram as que faziam o reino mágico funcionar, que preparavam suas refeições, varriam seu chão e carregavam suas sujeiras à noite, e eram os rostos na multidão cujos desejos e sonhos, por mais complacentes que fossem, não tinham nenhuma consequência. Os invisíveis.

E eu aqui, ela pensou. Construindo armadilhas para os deuses.

Existem várias formas de vodu no multiverso, porque essa é uma religião que pode ser preparada com qualquer ingrediente que esteja à disposição. E todas elas tentam, de algum jeito, invocar um deus no corpo de um ser humano. Aquilo era uma estupidez, pensou a senhora Gogol. Aquilo era perigoso. O vodu da senhora Gogol funcionava do modo contrário.

O que era um deus? Um foco de crença. Se as pessoas acreditavam, um deus começava a crescer. De forma fraca no início, mas, se havia alguma coisa que o pântano ensinava, era a ter

paciência. Qualquer coisa poderia ser o foco de um deus. Um punhado de penas com uma fita vermelha em volta, um chapéu e um paletó sobre algumas varas... qualquer coisa. Porque quando tudo o que as pessoas tinham era praticamente nada, qualquer coisa poderia ser quase tudo. Então você alimentava, ninava, como se faz com um ganso que vai virar patê, deixava o poder crescer bem devagar, e, quando chegava a hora certa, era só abrir o caminho... contrário. Um humano poderia comandar um deus e não o contrário. Haveria um preço a ser pago mais tarde, mas sempre havia. Na experiência da senhora Gogol, todo mundo acabava morrendo.

Ela deu um trago no rum e passou o jarro para Sábado.

Sábado deu um gole e passou o jarro para algo que poderia ter sido uma mão.

— Que comece agora — disse a senhora Gogol.

O homem morto pegou três tambores pequenos e começou a bater um ritmo, um batimento cardíaco acelerado.

Após alguns instantes, algo bateu de leve no ombro da senhora Gogol e passou o jarro para ela. Estava vazio.

Já poderia começar...

— Dama Bom Anna sorri para mim. Senhor Caminho Seguro me protege. Homem do Passo Largo me guia. Hotaloga Andrews me pega.

— Estou agora entre a luz e as trevas, mas não importa, porque eu estou sempre entre as duas.

— Aqui está o rum para você. Tabaco para você. Comida para você. Um lar para você.

— Agora, ouçam bem o que vou dizer...

... blem.

Para Margrete foi como sair de um sonho para entrar em outro. Ela estava sonhando, sem se preocupar com nada, que estava dançando com o homem mais bonito do baile e... ela estava mesmo dançando com o homem mais bonito do baile. Exceto pelo fato de que ele usava dois círculos de vidro escurecido sobre os olhos.

Embora Margrete fosse generosa, uma sonhadora compulsiva e, como diria Vovó Cera do Tempo, uma galinha choca, ela não seria uma bruxa se não tivesse certos instintos e a percepção de que deveria confiar neles. Ela ergueu a mão e, antes que ele conseguisse se mover, arrancou as coisas fora.

Margrete havia visto olhos como aqueles antes, mas nunca em algo que andasse ereto.

Os pés dela, que um momento antes se moviam com graça pela pista, tropeçaram em si mesmos.

— Er... — ela começou.

E ela tinha consciência de que as mãos dele, rosadas e com as unhas bem-feitas, também eram frias e úmidas. Margrete virou e correu, derrubando os casais para o lado em sua loucura para fugir. Suas pernas se enrascavam no vestido.

Os sapatos imbecis deslizavam no chão.

Dois criados bloquearam a escada que dava no saguão de entrada.

Margrete espremeu os olhos. Sair dali era o que importava.

— Hai!

— Aiai! E então ela seguiu correndo e escorregou no alto da escadaria. Um sapato de vidro deslizou pelo mármore.

— Como é que alguém consegue andar com essas coisas? ela gritou para o mundo de forma geral. Pulando desvairadamente num pé só, ela arrancou o outro sapato e saiu correndo pela noite.

O Príncipe foi andando devagar até o alto da escadaria e pegou o sapato descartado.

Ele o segurou. A luz cintilava nas suas facetas.

Vovó Cera do Tempo se encostou na parede nas sombras.

Todas as histórias tinham um momento de virada e tinha sempre que ser por pouco.

Ela era boa em entrar na mente das pessoas, mas agora tinha que entrar na sua própria. Ela se concentrou. Bem lá no fundo... Passando pelos pensamentos cotidianos e preocupações menores, mais rápido, mais rápido... através das camadas de cogitação profunda... mais fundo... passando por coisas lacradas e cobertas por uma crosta, culpas antigas e arrependimentos endurecidos, mas não havia tempo para eles agora... lá... embaixo... o fio prateado da história. Ela tinha feito parte dela, estava fazendo parte dela, então a história tinha que fazer parte dela também.

O fio passou flutuando. Ela tentou alcançá-lo.

Ela odiava todas as coisas que predestinassem as pessoas, que as fizessem de bobas, que as tornassem pouco menos que humanas.

A história chicoteava como uma espia de aço. Ela a segurou firme. Seus olhos se abriram em choque. Então ela deu um passo à frente.

— Com licença, Sua Alteza.

Ela arrancou o sapato das mãos do Duque e o ergueu acima de sua cabeça. Sua expressão de satisfação cruel era terrível de se ver.

Depois ela largou o sapato.

Ele se espatifou na escada.

Milhares de fragmentos brilhantes se espalharam pelo mármore.

Espiralada como estava ao longo do espaço-tempo em forma de tartaruga, conhecida como Disco, a história estremeceu. Uma ponta quebrada caiu solta e saiu agitada pela noite, tentando encontrar uma sequência qualquer da qual se alimentar.. Na clareira as árvores se mexeram. Assim como as sombras. As sombras não deviam ser capazes de se mover a menos que a luz se movesse. Essas conseguiam. O som dos tambores parou.

No meio do silêncio havia um ou outro chiado quando o poder estalava pelo paletó pendurado.

Sábado deu um passo à frente. Faíscas verdes saltaram para as suas mãos quando ele pegou o paletó e o vestiu.

Seu corpo deu um tranco.

Erzulie Gogol suspirou.

— Você está aqui — ela disse. — Você ainda é você mesmo. Você é exatamente você.

Sábado ergueu as mãos com o punho fechado. De vez em quando um braço ou perna estremeceu à medida que o poder dentro dele girava como um motor em busca da liberdade, mas ela podia ver que ele estava no comando.

— Vai ficar mais fácil — ela disse, num tom mais amável agora.

Sábado acenou com a cabeça para concordar.

Com o poder fluindo dentro dele, ele possuía, ela pensou, >> fogo que tinha quando estava vivo. Ele não tinha sido um homem especialmente bom, ela sabia. Genua não tinha sido um modelo de virtude cívica. Mas pelo menos ele nunca disse às pessoas que elas queriam que ele as oprimisse e que tudo o que ele fazia era para o próprio bem delas.

Ao redor do círculo, o povo de Nova Genua — a antiga Nova Genua — se ajoelhou e se curvou.

Ele não tinha sido um governante bondoso. Mas tinha se adaptado. E quando foi arbitrário, arrogante ou simplesmente errado, nunca insinuou que isso se justificava por qualquer outra coisa que não o fato de que ele era maior e mais forte, e vez ou outra mais desonesto que as outras pessoas. Nunca sugeriu que era porque ele fosse melhor. E nunca disse às pessoas que elas deveriam ser felizes, nem impôs um tipo de felicidade a elas. As pessoas invisíveis sabiam que a felicidade não é o estado natural da humanidade e que nunca é alcançada de fora para dentro.

Sábado acenou com a cabeça novamente, desta vez com satisfação. Quando abriu a boca, faíscas brilharam entre seus dentes. E quando ele caminhou com dificuldade pelo pântano, jacarés lutavam para sair do seu caminho. Agora as cozinhas do palácio estavam em silêncio. As enormes bandejas de carne assada, as cabeças de porco com maçã na boca, as tortas com múltiplas camadas tinham sido levadas escada acima havia muito tempo. Houve um ruído nas pias gigantes no canto extremo, onde algumas das empregadas começavam a lavar os pratos. A senhora Amável, a

cozinheira, tinha feito para si mesma um prato de peixe listrado vermelho com molho de lagostim.

Ela não era a cozinheira mais refinada de Genua — mortos quase ressuscitavam para provar o gumbo que ela fazia — mas a comparação era tão acirrada quanto a comparação entre, digamos, diamantes e safiras. Ela havia se esforçado ao máximo para preparar um bom banquete porque tinha orgulho profissional, mas não sentia que houvesse muita coisa que ela pudesse fazer com blocos de carne. A cozinha de Genua, assim como as melhores cozinhas em qualquer lugar do multiverso, tinha sido desenvolvida por pessoas que precisaram fazer um uso desesperado de ingredientes que seus patrões não queriam mais. Ninguém jamais provaria um ninho de passarinhos a menos que não tivesse alternativa. Somente a fome faria um homem experimentar seu primeiro jacaré. Ninguém comeria a barbatana do tubarão se tivesse permissão para comer as outras partes do tubarão.

Ela se serviu de um pouco de rum e tinha acabado de segurar a colher quando sentiu que estava sendo observada.

Um homem grande vestindo um colete de couro preto estava olhando para ela do vão da porta, balançando uma máscara de gato ruivo pendurada na mão. Era um olhar muito direto. A senhora Amável se deu conta de que gostaria de ter feito alguma coisa com o cabelo e de estar usando um vestido melhor.

— Sim? — ela disse. — O que você quer? — Queeero comiida, senhora Amávvvel — disse Greebo.

Ela o olhou de cima a baixo. Havia uns tipos esquisitos em Genua ultimamente. Este deve ter sido convidado para o baile, mas

havia algo muito... familiar nele.

Greebo não estava se sentindo um gato feliz. As pessoas tinham feito um estardalhaço só porque ele havia arrastado um peru para fora da mesa. Depois a fêmea magrela com dentes tinha ficado sorrindo para ele e dizendo que o veria logo mais no jardim das roseiras, o que estava longe de ser o modo com que os gatos faziam as coisas e isso o havia deixado confuso porque não estava com o tipo certo de corpo e nem ela. E havia machos demais por perto.

Depois ele foi cheirar as cozinhas. Os gatos gravitam em torno das cozinhas como as pedras gravitam em torno da gravidade.

— Já o vi em algum lugar antes? — perguntou a senhora Amável.

Greebo não disse nada. Ele havia seguido seu faro até uma tigela sobre uma das mesas grandes.

— Queeero — ele pediu.

— Cabeças de peixe? — disse a senhora Amável. Tecnicamente, elas eram lixo, se bem que, com o que estava planejando para elas com arroz e alguns molhos especiais, ela as transformaria no tipo de prato pelo qual os reis lutam.

— Queeero — repetiu Greebo.

A senhora Amável deu de ombros.

— Se você quer cabeças de peixe cruas, homem, fique com elas — ela disse. Greebo ergueu a tigela com um movimento incerto. Ele não era muito bom com dedos. Depois fez um olhar conspirador para o ambiente à sua volta e se enfiou debaixo da mesa.

Era possível ouvir os sons de efervescência ardente e da tigela sendo raspada pelo chão.

Greebo apareceu.

— Llleiiite? — sugeriu.

Fascinada, a senhora Amável foi pegar o jarro de leite e uma xícara...

— Piiiresss — disse Greebo.

... e um pires.

Greebo pegou o pires, lançou um olhar longo e intenso I tara ele e o colocou no chão.

A senhora Amável ficou olhando fixamente.

Greebo terminou o leite, lambendo as sobras na sua barba.

Ele se sentia muito melhor. E havia um grande fogo ali. Ele foi andando com passos surdos, sentou, cuspiu na pata e tentou limpar as orelhas, o que não deu certo porque, inexplicavelmente, nem as orelhas, nem a pata tinham o formato certo. Depois, se encolheu da melhor forma que pôde, não conseguindo ficar muito confortável, uma vez que ele parecia estar com a coluna vertebral errada também. Após algum tempo a senhora Amável ouviu um murmúrio fraco e asmático. Greebo estava tentando ronronar.

Ele estava com a garganta errada.

Em um minuto ele acordaria de mau humor e com vontade de lutar com alguma coisa.

A senhora Amável prosseguiu com a sua ceia. Apesar do fato de um homem grande e grosseiro ter acabado de comer uma tigela de cabeças de peixe, de beber um pires de leite com a língua bem na sua frente e de estar esticado na frente do forno de modo desconfortável, ela percebeu que não estava nem um pouco com medo. Na verdade, ela estava controlando um impulso de ir coçar a

barriguinha dele. Margrete arrancou o outro sapato com um puxão enquanto corria pelo longo tapete vermelho, na direção do portão do palácio e da liberdade. Simplesmente fugir, isso era o mais importante. Do que era mais importante que para onde. Então, dois vultos saíram das sombras e a encararam. Ela ergueu o sapato num gesto patético quando eles se aproximaram em silêncio absoluto, mas até com pouca luz ela sentia o seu olhar.

As multidões se separaram. Lily Cera do Tempo deslizou pelo meio, numa agitação de sedas.

Ela olhou Vovó de cima a baixo, sem nenhuma expressão de surpresa.

— Toda de branco também — ironizou num tom seco. — Minha nossa, você é mesmo a boazinha.

— Mas consegui deter você — afirmou Vovó, ainda ofegante pelo esforço. — Eu a quebrei.

Lily Cera do Tempo olhou para trás de Vovó. As irmãs — cobras vinham subindo a escada, segurando uma Margrete sem firmeza entre elas.

— Salve-nos de todas as pessoas que pensam de forma literal, disse Lily. — Essas coisas malditas vêm em pares, sabe.

Ela foi até Margrete e arrancou o segundo sapato da sua mão.

— O relógio foi interessante — comentou, voltando a olhar para Vovó. — Fiquei impressionada com o relógio. Mas não adianta, sabe, não se pode deter esse tipo de coisa. Elas têm a força viva da inevitabilidade. Não se pode estragar uma boa história. Eu sei disso mais do que ninguém.

Ela deu o sapato para o Príncipe, mas sem tirar os olhos de Vovó.

— Vai servir nela — disse. Dois dos cortesãos seguraram a perna de Margrete enquanto o Príncipe lutava para fazer o sapato passar pelos seus dedos revoltados.

— Pronto — desafiou Lily, ainda sem baixar o olhar. — E pare de uma vez de ficar tentando essa hipnose de bruxa solitária em mim, Esmé.

— Serviu — concordou o Príncipe, mas num tom de voz duvidoso.

— Sim, qualquer coisa ia servir — ouviu-se uma voz animada vinda de algum lugar atrás da multidão —, se fosse permitido botar dois pares de meias de lã antes. Lily baixou o olhar. Depois olhou para a máscara de Margrete. Ela estendeu a mão e a retirou. — Ai! — Garota errada — reconheceu Lily. — Mas ainda assim não importa, Esmé, porque o sapato é o certo. Então, tudo o que temos que fazer é encontrar a garota cujo pé serve nele...

Houve uma comoção no fundo da multidão. Cortesãos se afastaram, revelando Tia Ogg, coberta de óleo e cheia de teias de aranhas.

— Se for um 38 justinho, pode falar comigo — ela disse. — Deixa só eu tirar essas botas...

— Não estava me referindo a você, velha — respondeu Lily com frieza.

— Ah, tava, sim — afirmou Tia Ogg. — Sabemos o que acontece nesta parte, viu? O Príncipe sai por toda a cidade com o sapatinho, tentando encontrar a menina cujo pé serve nele. Era isso que cê

tava planejando. Então, pra te poupar do trabalho, que tal? Houve um movimento sutil de incerteza na expressão de Lily.

— Uma menina — ela insistiu — , com idade para se casar.

— Quanto a isso não tem problema — disse Tia Ogg, toda animada.

O anão Casanunda cutucou os joelhos de um cortesão com orgulho.

— Ela é uma amiga muito íntima minha — declarou, orgulhoso.

Lily olhou para a irmã.

— É você quem está fazendo isso. Não pense que eu não sei.

— Não tô fazendo coisa alguma — reclamou Vovó. — É a vida real acontecendo totalmente sem ajuda.

Tia Ogg tirou o sapato da mão do Príncipe e, antes que alguém conseguisse se mexer, colocou-o no seu pé.

Depois, balançou o pé para o alto.

Serviu perfeitamente.

— Pronto! Viu? Vocês iam perder o dia todo.

— Principalmente porque deve ter centenas de meninas que calçam 38...

— ... justinho...

— ... numa cidade deste tamanho — continuou Vovó. — A menos, é claro, que você vá meio que direto pra casa certa. Vai que você tem um palpite, não? — Mas isso seria trapaça — disse Tia Ogg.

Ela cutucou o Príncipe.

— Só gostaria de acrescentar — ela completou — que não me importo de ficar acenando o tempo todo, inaugurando coisas e

outros negócios reais, mas não aceito ter que dormir na mesma cama que o bonitão aqui.

Mesmo porque ele não dorme numa cama — declarou Vovó.

Não, ele dorme num lago — confirmou Tia Ogg. — Demos uma olhada. Nada além de um grande lago dentro do quarto.

— Porque ele é um sapo — disse Vovó.

— Com moscas por toda parte, caso ele acorde no meio da noite com vontade de fazer um lanchinho — continuou Tia Ogg.

Bem que eu vi! — exclamou Margrete, soltando-se das mãos dos guardas. — Ele tem as mãos pegajosas! — Muitos homens têm mãos pegajosas — afirmou Tia Ogg.

Mas esse tem porque é um sapo.

— Sou um príncipe de sangue azul! — protestou o Príncipe.

— E um sapo — disse Vovó.

— Não ligo — observou Casanunda de algum lugar abaixo.

Gosto de relações abertas. Se você quiser sair com um sapo, por mim tudo bem...

Lily olhou para a multidão. Depois estalou os dedos.

Vovó Cera do Tempo notou um silêncio repentino.

Tia Ogg olhou para as pessoas que estavam ao seu lado. E passou a mão na frente do rosto de um guarda.

— Puxa — ela disse.

— Não pode fazer isso por muito tempo — salientou Vovó. — Não pode fazer mil pessoas ficarem paradas por muito tempo.

Lily deu de ombros.

— Não são importantes. Quem é que vai se lembrar de quem estava no baile? Só vão se lembrar da fuga, do sapatinho e do final

feliz.

— Eu já te disse. Não pode começar de novo. E ele é um sapo. Nem você consegue mantê-lo nessa forma o dia inteiro.

Ele volta à forma antiga à noite. Ele tem uma cama com um lago dentro. Ele é um sapo — afirmou Vovó categoricamente.

— Mas apenas por dentro — contrapôs Lily.

— E por dentro que conta — devolveu Vovó.

— O exterior é bastante importante, veja bem — observou Tia Ogg.

— Muitas pessoas são animais por dentro. Muitos animais são gente por dentro — disse Lily. — Qual é o problema? — Ele é um sapo.

— Principalmente à noite — continuou Tia Ogg. Ela se deu conta de que um marido que fosse homem à noite toda e sapo o dia todo seria quase aceitável. Não ia vir com o salário, mas os móveis ficariam menos desgastados. Ela também não conseguia tirar da cabeça certas especulações particulares sobre o tamanho da língua dele.

— E você matou o Barão — disse Margrete.

— Você acha que ele era um homem especialmente bom? — argumentou Lily.

— Além do mais, ele não me respeitava nem um pouco. Se você não tem respeito, não tem nada.

Tia Ogg e Margrete se pegaram olhando para Vovó.

— Ele é um sapo.

— Eu o encontrei no pântano — disse Lily. — Pude perceber que era bastante inteligente. Eu precisava de alguém... receptivo à

persuasão. Os fracos não podem ter uma chance? Ele não vai ser pior que muitos maridos. Apenas um beijo de uma princesa sela o encanto.

— Muitos homens são animais — afirmou Margrete, que havia tirado a ideia de algum lugar.

— É. Mas ele é um sapo — insistiu Vovó.

— Veja as coisas pelo meu ponto de vista — continuou Lily.

— Está vendo esta terra? É só pântano e neblina. Não tem nenhuma direção. Mas posso fazer dela uma grande cidade. Não um lugar desordenado como Ankh-Morpork, mas um lugar que funcione.

— A garota não quer se casar com um sapo.

— O que vai importar isso daqui a cem anos? — Importa agora.

Lily ergueu as mãos.

— O que você quer, então? A escolha é sua. Tem eu... e tem aquela mulher no pântano. Luz ou sombra. Neblina ou sol.

Caos obscuro ou finais felizes.

— Ele é um sapo e você matou o velho Barão — repetiu Vovó.

— Você teria feito o mesmo — argumentou Lily.

— Não. Eu teria pensado o mesmo, mas não teria feito.

— Que diferença isso faz, no fundo? — Quer dizer que você não sabe a diferença? — disse Tia Ogg.

Lily riu.

— Olhe para vocês três — ela disse. — Esbanjando boas intenções ineficientes. A donzela, a mãe e a anciã.

— Tá chamando quem de donzela? — quis saber Tia Ogg.

— Está chamando quem de mãe? — perguntou Margrete.

Vovó Cera do Tempo fez um breve olhar furioso, como o da pessoa que acaba de descobrir que sobrou apenas um palitinho e que as outras pessoas pegaram os mais longos.

— Bom, o que devo fazer com vocês? — disse Lily. — Eu realmente sou contra matar pessoas a menos que seja necessário, mas não posso admitir que vocês fiquem andando por aí, fazendo besteiras...

Ela olhou para as próprias unhas.

— Então, acho que terei que mandar vocês para algum lugar até que isto tudo siga o seu curso. E aí... adivinha o que farei depois? Vou esperar vocês escaparem. Porque, afinal, eu sou a boa.

Ella andava com cuidado pelo pântano iluminado pelo luar, seguindo o contorno auxiliador de Legba. Ela percebeu movimentos na água, mas nada apareceu — más notícias como Legba se espalham rápido, até mesmo entre jacarés. Uma luz alaranjada surgiu ao longe. Era a cabana ou o barco, ou o que quer que fosse aquilo, da senhora Gogol. No pântano, a diferença entre a água e a terra era praticamente uma questão de escolha.

— Alô? Tem alguém aí? — Venha, entre, criança. Sente-se. Descanse um pouco.

Ella pisou com cuidado na varanda instável. A senhora Gogol estava sentada na sua cadeira com uma boneca vestida de branco no colo.

— Margrete disse...

— Estou sabendo de tudo. Venha com Erzulie.

— Quem é você? — Sou sua... amiga, menina.

Ella mudou de posição para ficar pronta para correr.

— Você não é nenhum tipo de madrinha, é? — Não. Nada de madrinha. Apenas amiga. Alguém a seguiu? — Acho... que não.

— Não importa se seguiram, menina. Não importa se seguiram. Talvez tenhamos que ir até o rio para um encanto mesmo assim. Estaremos muito mais seguras com água por todos os lados.

A cabana balançou.

— É melhor você se sentar. Os pés causam um tremor até chegarmos à parte mais profunda.

Ela arriscou olhar para baixo, apesar disso.

A choupana da senhora Gogol viajava sobre quatro pés de pato, que agora estavam saindo do pântano. Eles iam chapinhando pelas partes mais rasas e iam gingando com leveza até chegarem ao rio.

Greebo acordou e se espreguiçou.

E com braços e pernas errados! A senhora Amável, que estava sentada olhando para ele, pôs o copo sobre a mesa.

— O que o senhor quer agora, seu Gato? — ela disse.

Greebo foi caminhando em silêncio até a porta que dava para o mundo externo e arranhou a porta.

— Quero saiiir, senhoora Amávelll — ele disse.

— E só virar essa maçaneta aí — ela disse.

Greebo ficou olhando para a maçaneta da porta como alguém que estivesse tentando entender uma tecnologia muito avançada e depois fez um olhar suplicante para ela.

Ela abriu a porta para ele, chegou para o lado enquanto ele saía com movimentos leves e depois a fechou, trancou e se apoiou nela.

* * *

— Brasa com certeza deve estar segura com a dona Gogol — observou Margrete.

— Rá! — exclamou Vovó.

— Até que gostei dela — disse Tia Ogg.

— Não confio em ninguém que beba rum e fume cachimbo discordou Vovó.

— Tia Ogg fuma cachimbo e bebe qualquer coisa — continuou Margrete.

— É, mas isso é porque ela é uma velha assanhada e nojenta, respondeu Vovó, sem olhar para ninguém.

Tia Ogg tirou o cachimbo da boca.

— Isso mesmo — ela disse num tom cordial. — Você não é nada se não preservar uma imagem.

Vovó tirou os olhos da fechadura.

— Não dá pra destrancar — observou. — E é octiron. Não dá pra abrir com magia também.

— Que loucura, trancar a gente aqui — disse Tia Ogg. — Eu teria mandado matar a gente.

— Isso porque você é basicamente boa — comentou Margrete. Os bons são inocentes e promovem a justiça. Os maus são culpados, motivo pelo qual inventam o perdão.

— Não, eu sei por que ela fez isso — declarou Vovó com pessimismo. — E só pra gente saber que perdeu.

— Mas ela disse que a gente escaparia — continuou Margrete. — Não estou entendendo. Ela deveria saber que as boas sempre vencem no final! — Apenas nas histórias — afirmou Vovó, examinando as dobradiças da porta.

— E ela acha que está no comando das histórias. Ela mesma as distorce. Ela acha que é a boa.

— Veja bem — disse Margrete. — Eu não gosto de pântanos. Se não fosse pelo sapo e tudo mais, eu entenderia Lily...

— Então você não passa de uma madrinha doida — esbravejou Vovó, ainda mexendo na fechadura. — Não se pode sair por aí construindo um mundo melhor para as pessoas. Só as pessoas podem construir um mundo melhor para as pessoas. Senão ele não passa de uma jaula. Além disso, não se constrói um mundo melhor decepando cabeças e entregando garotas decentes para sapos.

— Mas o progresso... — começou Margrete.

— Não venha me falar em progresso. Progresso só significa que coisas ruins acontecem mais rápido. Alguém tem outro alfinete de chapéu? Este aqui já era. Tia Ogg, que tinha a habilidade de Greebo de se sentir à vontade de forma instantânea onde quer que estivesse, sentou — se no canto da cela.

— Ouvi uma história uma vez — ela disse — em que um sujeito ficou trancado durante anos e anos e aprendeu coisas espantosas sobre o universo e tudo mais com um outro prisioneiro que era incrivelmente inteligente. Aí ele escapou e se vingou.

— Que coisas incrivelmente inteligentes você sabe sobre o universo, Gytha Ogg? — perguntou Vovó.

— Xongas — respondeu Tia Ogg, animada.

— Então é melhor a gente escapar já.

Tia Ogg tirou um pedaço de papelão do chapéu, encontrou um pedaço de lápis lá também, lambeu a ponta e ficou pensando. Depois escreveu:

Querido Jason untso witer (como dizem no estrangeiro), Bem vou te contar uma coisa: sua vélia Mãe está cumprindo Pena na prisão novamente, sou uma detenta velha, cê vai ter que me mandar um bolo com um vidro dentro e deixarei pequenas flechas perto de mim, brincadeira. Este é um desenho do calabouço. To colocando um X onde nós estamos, ou seja do lado de Dentro. Margrete aparece vestindo um vestido chique, ela anda parecendo uma Abobrinha. Também incluí Esmé de saco cheio porque não consegue fazer a fechadura funcionar mas espero que fique tudo bem porque os bons vencem no final e os bons somos NÓS. E tudo porque uma garota num quer se casar com um Príncipe que é um Duque que na verdade é um Sapo e não posso dizer que a culpa é dela, ninguém quer descendentes com os Jenes que comecem a vida num pote de geleia e depois saiam pulando por aí e sejam esmagados...

Ela foi interrompida pelo som de um bandolim muito bem tocado, bem do outro lado da parede, e uma voz curta, porém determinada, entoando uma canção.

... si consuenti d'amoure, ventre dimo tondreturo-ooo...

— Como anseio, meu amor, pela sala de jantar da sua fervorosa maceração — traduziu Tia Ogg sem erguer a cabeça.

... delia delia t'ozentro, audri t'dren vontarieeeee...

— A loja, a loja, eu tenho o losango, o céu é rosa — continuou Tia Ogg. Vovó e Margrete se entreolharam.

... guarunto del tari, bella pore di lorientos...

— Alegre-se, fabricante de velas, você tem um enorme...

— Não acredito em nada disso — disse Vovó. — Você tá inventando.

— Tradução palavra por palavra — respondeu Tia Ogg.

— Sei — Sei falar estrangeiro como uma nativa, você sabe disso.

— Senhora Ogg? É você, meu amor? As três olharam para cima, para a janela com grades. Havia um pequeno rosto olhando para dentro.

— Casanunda? — disse Tia Ogg.

— Sou eu, senhora Ogg.

— Meu amor — murmurou Vovó.

— Como conseguiu chegar até a janela? — disse Tia Ogg, ignorando o que acabara de ouvir.

— Eu sempre sei onde arranjar uma escada, senhora Ogg.

— Será que não sabe onde arranjar uma chave? — Não adiantaria nada. Tem muitos guardas na frente da sua porta, senhora Ogg. Até mesmo para um espadachim famoso como eu. Sua alteza deu ordens expressas. Ninguém deve ouvir vocês, nem mesmo olhar para vocês.

— Como é que você está na guarda do palácio, Casanunda? — Um mercenário deve aceitar qualquer trabalho disponível, senhora Ogg — disse Casanunda com seriedade.

— Mas todos os outros têm um metro e oitenta e você tem... baixa estatura.

— Eu menti quanto à minha altura, senhora Ogg. Sou um mentiroso famoso no mundo inteiro.

— Verdade? — Não.

— E quanto a ser o melhor amante do mundo? Houve um breve silêncio.

— Bem, talvez eu seja apenas o segundo melhor — disse Casanunda. — Mas eu me esforço mais.

— Não pode ir procurar uma lima para nós ou algo do tipo, senhor Casanunda? — perguntou Margrete.

— Verei o que posso fazer, senhorita.

O rosto desapareceu.

— Talvez a gente possa arrumar pessoas para visitar a gente e depois fugir com as roupas delas? — disse Tia Ogg.

— Agora eu furei o meu dedo com o alfinete — resmungou Vovó Cera do Tempo.

— Ou talvez a gente possa convencer Margrete a seduzir um dos guardas — continuou Tia Ogg.

— Por que não faz isso você? — esbravejou Margrete, no tom mais detestável que conseguiu.

— Tá legal. Tô dentro.

— Calem a boca, vocês duas — gritou Vovó. — Estou tentando pensar... Houve um outro som na janela.

Era Legba.

O galo preto espiou entre as grades por um momento e depois saiu batendo as asas.

— Me dá arrepios, esse aí — disse Tia Ogg. — Não consigo olhar pra ele sem ficar pensando ansiosa em sálvia com cebola e purê de batata.

Seu rosto enrugado se enrugou ainda mais.

— Greebo! — ela exclamou. — Onde deixamos ele? — Ah, ele é só um gato — comentou Vovó Cera do Tempo.

— Os gatos sabem se cuidar.

— Na verdade ele é um grande molengão... — começou Tia Ogg, até que alguém começou a demolir a parede.

Um rolo surgiu. Uma mão cinzenta apareceu e pegou uma pedra. Havia um cheiro forte de lama de rio.

Rochas se desintegravam sob dedos pesados.

— Senhoras? — chamou uma voz vibrante.

— Bom, senhor Sábado — disse Tia Ogg — , estamos vivas e respirando, menos você, claro.

Sábado grunhiu alguma coisa e saiu andando.

Elas ouviram batidas fortes na porta, e em seguida alguém começou a mexer em chaves.

— Não queremos ficar por aqui — apressou-se Vovó.

Elas ajudaram umas às outras a sair pelo buraco.

Sábado estava do outro lado de um pequeno pátio, caminhando na direção do som do baile.

E havia algo atrás dele, arrastando-se feito a cauda de um cometa.

— O que é aquilo? — Coisa da senhora Gogol — explicou Vovó Cera do Tempo com a cara fechada.

Atrás de Sábado, estendendo-se pelo terreno do palácio e serpenteando até o portão, havia um fluxo de maior escuridão no ar. A primeira vista parecia conter formas, mas um exame mais próximo indicava que não eram formas, mas uma mera insinuação de formas, formando-se e reformando-se. Olhos brilhavam brevemente no turbilhão. Havia o chiro de grilos, o zunido dos mosquitos, o cheiro do musgo e o fedor da lama do rio.

— E o pântano — disse Margrete.

— É a ideia do pântano — afirmou Vovó. — O que se tem que ter primeiro, antes de se ter o pântano.

— Caramba — espantou-se Tia Ogg.

Ela encolheu os ombros.

— Bom, Ella se livrou do pior e nós também, então esta é a parte em que a gente escapa, sim? É isso o que devemos fazer.

Nenhuma delas se mexeu.

— As pessoas que estão lá dentro não são muito legais disse Margrete, depois de algum tempo — , mas não merecem jacarés.

— Vocês bruxas, fiquem onde estão — ordenou uma voz atrás delas. Meia dúzia de guardas estavam amontoados em volta do buraco na parede.

— A vida na cidade com certeza é mais agitada — comentou Tia Ogg, tirando mais um alfinete do chapéu.

— Eles estão com bestas — alertou Margrete. — Não há muito o que se possa fazer contra bestas. Armas com projéteis é a Lição Sete e eu ainda não cheguei lá.

— Eles não podem apertar gatilhos se acharem que têm barbatanas — disse Vovó em tom de ameaça.

— Olha — começou Tia Ogg — , não vamos fazer nada do tipo, hein? Todo mundo sabe que os bons sempre vencem, especialmente quando estão em menor número.

Os guardas saíram pelo buraco.

Quando o fizeram, uma forma alta e preta caiu sem fazer barulho atrás deles.

— Aí está — apontou Tia Ogg —, eu disse que ele não iria pra longe da mamãe, não disse? Um ou dois guardas perceberam que

ela estava olhando com orgulho para algo atrás deles. Eles se viraram.

Até onde eles podiam ver, estavam diante de um homem alto e de ombros largos com uma juba de cabelos pretos, uma venda no olho e um sorriso muito amplo. Ele ficou parado com os braços cruzados de forma despreocupada.

Esperou até ter toda a atenção deles e então deixou os lábios se separarem lentamente.

Alguns dos homens deram um passo para trás nesse momento.

Um deles disse: — Pra que se preocupar? Ele nem sequer tem uma arm...

Greebo ergueu uma das mãos.

As garras não fazem nenhum barulho quando deslizam para fora, mas deveriam. Deveriam fazer um som como "tzing".

O sorriso de Greebo se alargou.

Ah! Aquilo ainda funcionava...

Um dos homens foi inteligente o bastante para erguer a besta, mas burro o bastante para fazer isso com Tia Ogg atrás dele com o alfinete. Sua mão se moveu com tanta rapidez que qualquer jovem vestido de amarelo-alaranjado em busca de sabedoria teria iniciado o Caminho da Senhora Ogg na mesma hora. O homem gritou e largou a besta.

Wrowwwl...

Greebo deu um salto.

Os gatos são como as bruxas. Eles não lutam para matar, mas para ganhar. Existe uma diferença. Não faz nenhum sentido matar um oponente. Dessa forma, ele nunca saberá que perdeu, e para ser

um vencedor de verdade é preciso ter um oponente que foi derrotado e que sabe disso. Não existe triunfo sobre um cadáver, mas um adversário derrotado, que permanecerá derrotado todos os dias pelo resto de sua vida triste e desprezível, é algo para se guardar na memória. Os gatos obviamente não racionalizam tudo isso. Eles apenas gostam de fazer alguém sair mancando sem a cauda e sem alguns centímetros quadrados de pelo. A técnica de Greebo não era nem um pouco científica e não teria nenhuma chance contra qualquer espadachim decente se ele não tivesse a seu favor o fato de que é quase impossível pôr em prática as habilidades de espadachim decente quando você parece ter se deparado com uma batedeira que não para de morder a sua orelha. As bruxas observavam com interesse.

— Acho que podemos deixá-lo agora — disse Tia Ogg. — Acho que ele está se divertindo.

Elas correram na direção do salão.

A orquestra estava no meio de uma apresentação complicada quando o violinista principal olhou para a porta por acaso e deixou o seu arco cair. O violoncelista se virou para ver o que havia causado isso, seguindo o olhar fixo do colega, e, num momento de confusão, tentou tocar seu instrumento ao contrário.

Após uma sequência de guinchos e notas no tom errado, a orquestra parou de tocar. Quem estava dançando continuou por algum tempo por pura inércia, depois parou e ficou andando de modo confuso. Em seguida, um a um, os dançarinos também olharam para cima.

Sábado estava parado no alto da escadaria.

Após o silêncio, veio o som dos tambores, fazendo a música que havia parado antes parecer tão insignificante quanto chilros de grilos. Aquela era a maldita música de verdade, todas as outras músicas que tinham sido feitas antes não passavam de tentativas lamentáveis de acompanhamento.

Ela se espalhou pelo salão e com ela vieram o calor e o cheiro vigoroso de mato do pântano. Havia um indício de jacaré no ar — não a presença deles, mas a promessa.

Os tambores ficaram mais altos. Havia contratempos complexos, muito mais sentidos que ouvidos.

Sábado tirou a poeira do ombro do seu paletó antigo e estendeu um braço. A cartola apareceu na sua mão.

Ele estendeu a outra mão.

A bengala preta com a ponta de prata girou no vazio e foi agarrada no ar com um gesto triunfal.

Ele pôs a cartola na cabeça. Rodopiou a bengala.

Os tambores rufaram. Acontece que... talvez não fossem mais os tambores, talvez fosse uma batida no próprio chão, ou nas paredes, ou no ar. Era rápida e ardente, e as pessoas no salão viram que seus pés estavam se mexendo por conta própria porque a batida parecia atingir os dedos dos pés via cerebelo sem sequer passar perto dos ouvidos.

Os pés de Sábado se mexiam também. Eles marcavam seus próprios ritmos em staccato no chão de mármore.

Ele desceu a escada dançando.

Girou, saltou. As pontas do seu paletó batiam no ar. Então, ele parou ao pé da escada, com os pés golpeando o chão como o

anúncio de destruição. E somente nesse momento houve uma agitação.

O Príncipe soltou um coaxo.

Não pode ser ele! Ele está morto! Guardas! Matem-no! Ele olhou enlouquecido para os guardas ao lado da escadaria.

() capitão dos guardas ficou pálido.

— Eu, hã, de novo? Quer dizer, eu não acho que... — ele começou.

— Faça isso já! O capitão ergueu a besta num movimento nervoso. A ponta da seta desenhava oitos na frente dos seus olhos.

— Eu disse já! O arco vibrou.

Houve um baque surdo.

Sábado olhou para as penas enfiadas no seu peito, depois abriu um sorriso e ergueu a bengala.

O capitão olhou para cima com o terror evidente da morte no rosto. Largou o arco, virou-se para correr e conseguiu dar dois passos antes de tombar para a frente.

— Não — disse uma voz atrás do Príncipe. — É assim que se mata um homem morto.

Lily Cera do Tempo deu um passo à frente, o rosto branco de raiva.

— Seu lugar não é mais aqui — ela sussurrou. — Você não faz parte da história.

Ela ergueu a mão.

Atrás, as imagens espectrais voltaram a atenção para ela, tornando-a mais iridescente. Um fogo prateado atravessou o salão.

O Barão Sábado estendeu a bengala. A magia o atingiu e percorreu o seu corpo até o chão, deixando pequenos rastros prateados que estalaram durante instantes e depois se apagaram.

— Não, senhora — ele disse — , não existe nenhum jeito de matar um homem morto.

As três bruxas assistiam da porta.

— Eu senti aquilo — declarou Tia Ogg. — Ele deveria ter feito ele em pedaços! — O que deveria ter sido feito em pedaços? — perguntou Vovó. — O pântano? O rio? O mundo? Ele é tudo isso! Aah, ela é esperta, aquela senhora Gogol!

— O quê? — disse Margrete. — Como assim, tudo isso? Lily recuou. Ela ergueu a mão novamente e mandou mais uma bola de fogo na direção do Barão. Acertou seu chapéu e o explodiu feito fogos de artifício.

— Burra, burra! — resmungou Vovó. — Ela já viu que não dá certo e ainda tá tentando! — Achei que você não estivesse do lado dela — observou Margrete.

— Não tô! Mas não gosto de ver gente fazendo burrice. Esse tipo de coisa não adianta nada, Margrete Alho, até você pode... ah, não, de novo não... O Barão riu quando uma terceira tentativa correu para a terra sem causar nenhum dano. Então ele ergueu a bengala.

Dois cortesãos tombaram para a frente.

Lily Cera do Tempo, ainda recuando, se deparou com o pé da escadaria principal.

O Barão foi andando para a frente.

— Quer tentar mais alguma coisa, lady? — ele disse.

Lily ergueu as duas mãos.

As três bruxas sentiram a terrível sucção quando ela tentou concentrar todo o poder das proximidades.

Do lado de fora, o único guarda que permaneceu de pé descobriu que não estava mais lutando contra um homem, mas apenas contra um gato enraivecido, embora isso não fosse nenhum consolo. Significava apenas que Greebo tinha um par de garras extra.

O Príncipe gritou.

Foi um grito longo e descendente, e terminou num coaxo em algum lugar ao nível do chão.

O Barão Sábado deu um passo pesado e calculado para a frente, e não havia mais coaxo.

Os tambores pararam de repente.

E depois houve um silêncio de verdade, interrompido apenas pelo rumor do vestido de Lily enquanto ela fugia subindo a escada.

Uma voz atrás das bruxas disse: Obrigada, senhoras. Poderiam chegar para o lado, por favor? Elas olharam em volta. A senhora Gogol estava lá, segurando Brasa pela mãos. Ela estava com uma bolsa gorda e cheia de bordados alegres sobre o ombro. As três observavam enquanto a mulher do vodu levava a garota até o salão, passando entre as multidões silenciosas.

— Isso também não está certo — reclamou Vovó baixinho.

— O quê? — quis saber Margrete. — O quê? O Barão Sábado bateu com o seu bastão no chão.

— Você me conhece — ele começou. — Vocês todos me conhecem. Vocês sabem que eu fui morto. E agora aqui estou.

Fui assassinado e o que vocês fizeram...? — O que você fez, senhora Gogol? — murmurou Vovó.

Não, não vamos tolerar isso.

— Psiu, não consigo ouvir o que ele está dizendo — disse Tia Ogg.

— Ele está dizendo às pessoas que elas podem voltar a ser governadas por ele, ou por Brasa — explicou Margrete.

— Elas terão a senhora Gogol — cochichou Vovó. — Ela será uma dessas eminências pardas.

— Bom, ela não é tão ruim — disse Tia Ogg.

— No pântano ela não é tão ruim — argumentou Vovó.

Com alguém para neutralizá-la, ela não é tão ruim. Mas a senhora dando ordens a uma cidade inteira... isso não está certo.

A magia é importante demais para ser usada para governar as pessoas. De todo modo, Lily só mandava matar as pessoas — a senhora Gogol ainda as mandaria cortar madeira e fazer outras tarefas depois de mortas. Eu penso que, após uma vida cheia de trabalho, você tem que poder relaxar um pouco quando está morto.

— Descansar e aproveitar, por assim dizer — completou Tia Ogg.

Vovó olhou para o vestido branco que usava.

— Queria estar com as minhas roupas de sempre — ela disse.

— O preto é a cor adequada para uma bruxa.

Ela desceu os degraus e pôs as mãos em torno da boca.

— Urrú-uu! Senhora Gogol! O Barão Sábado parou de falar. A senhora Gogol acenou com a cabeça para Vovó.

— Sim, Cera do Tempo? — Dona — Vovó corrigiu com rispidez e depois voltou a falar com voz suave.

— Isso não tá certo, sabe. É ela quem deve governar, isso é justo. E a senhora usou magia para ajudá-la, até aqui, tudo bem.

Mas isso pára agora mesmo. Depende dela o que vai acontecer em seguida. A senhora não pode acertar as coisas por meio da magia. Pode apenas impedir que sejam erradas.

A senhora Gogol se esticou até ficar na sua altura total e impressionante.

— Quem é você pra dizer o que eu posso ou não posso fazer aqui? — Somos as madrinhas dela — respondeu Vovó.

— Isso mesmo — confirmou Tia Ogg.

— E temos uma varinha também — completou Margrete.

— Mas a senhora odeia madrinhas, dona Cera do Tempo — disse a senhora Gogol.

— Nós somos do outro tipo — explicou Vovó. — Somos do tipo que dá às pessoas o que elas sabem que realmente precisam, não o que acham que deveriam querer.

No meio da multidão fascinada, vários pares de lábios se mexeram enquanto as pessoas tentavam compreender isso.

— Então seu papel de madrinha está feito — replicou a senhora Gogol, que pensava mais rápido que a maioria. — Vocês o fizeram muito bem.

— A senhora não ouviu — insistiu Vovó. — Ser madrinha inclui diversos tipos de coisas. A menina pode ser boa para comandar ou pode ser ruim para isso. Mas tem que descobrir por si mesma. Sem a interferência de ninguém.

— E se eu disser não? — Aí eu acho que teremos que continuar agindo como as madrinhas — declarou Vovó.

— A senhora sabe por quanto tempo eu trabalhei para vencer? — bradou a senhora Gogol com orgulho. — A senhora sabe o que eu perdi?.

— E agora ganhou, e acabou — disse Vovó.

— Pretende me desafiar, dona Cera do Tempo? Vovó hesitou e depois endireitou os ombros. Seus braços se afastaram do corpo, de modo quase imperceptível. Tia Ogg e Margrete se afastaram de leve.

— Se é isso o que a senhora quer.

— Meu vodu contra a sua... cabeçologia? — Como quiser.

— E o que está em jogo?

— Nada mais de magia nos assuntos de Genua — propôs Vovó.
— Nada mais de histórias. Nada de madrinhas. Apenas pessoas, tomando decisões por conta própria. Para o bem ou para o mal. Certo ou errado.

— Certo.

— E a senhora deixa a Lily Cera do Tempo comigo.

A respiração profunda da senhora Gogol foi ouvida pelo salão.

— Nunca!

— Hum? — disse Vovó. — Você não acha que vai perder, acha?
— Não quero machucá-la, dona Cera do Tempo — avisou a senhora Gogol.

— Está ótimo — respondeu Vovó. — Também não quero que você me machuque.

— Eu não quero que haja nenhuma briga — exclamou Ella.

Todos olharam para ela.

— É ela quem governa agora, não é? — perguntou Vovó. Temos que escutar o que ela diz.

— Posso ficar afastada da cidade — disse a senhora Gogol, ignorando-a —, mas Lilith é minha.

— Não.

A senhora Gogol enfiou a mão na bolsa e exibiu a boneca esfarrapada. — Está vendo isto? — Sim. Estou — afirmou Vovó.

— Era para ser ela. Não deixe que venha a ser você.

— Desculpe, senhora Gogol — disse Vovó com firmeza —, eu sei qual é o meu dever.

— A senhora é uma mulher esperta, dona Cera do Tempo.

Mas está muito longe de casa.

Vovó deu de ombros. A senhora Gogol ergueu a boneca pela cintura. Ela tinha olhos azul-safira.

— Entende de magia de espelho? Este é o meu tipo de espelho, dona Cera do Tempo. Posso fazer com que ela seja você. E depois posso fazê-la sofrer. Não me obrigue a fazer isso. Por favor.

— Fique à vontade, senhora Gogol. Mas eu vou cuidar de Lily.

— Eu não daria uma de esperta se fosse você, Esme — murmurou Tia Ogg. — Ela é boa nesse tipo de coisa.

— Acho que ela pode ser muito cruel — alertou Margrete.

— Não tenho nada além de um grande respeito pela senhora Gogol — disse Vovó. — Uma mulher distinta. Mas fala um pouco demais. Se eu fosse ela, a esta altura, já teria uns pregos bem grandes enfiados naquela coisa.

— Teria mesmo — ironizou Tia Ogg. — Ainda bem que você é boa, hein? — Certo — concordou Vovó, erguendo a voz novamente.

— Eu vou procurar a minha irmã, senhora Gogol. Isto é coisa de família.

Ela foi andando com firmeza até a escadaria.

Margrete sacou a varinha.

— Se ela fizer alguma coisa de mal para Vovó, vai passar o resto da vida alaranjada e redonda, com sementes dentro.

— Acho que a Vovó não ia gostar se você fizesse algo do tipo — disse Tia Ogg. — Não se preocupe. Ela não acredita nessa história de alfinetes e bonecas.

— Ela não acredita em nada. Mas isso não importa! — replicou Margrete. — A senhora Gogol acredita! O poder é dela! O que ela pensa é o que interessa.

— Você não acha que Esme sabe disso também? Vovó Cera do tempo chegou ao pé da escada.

— Dona Cera do Tempo! Vovó virou.

A senhora Gogol estava com uma longa lasca de madeira na mão. Balançando a cabeça desesperadamente, ela a fincou no pé da boneca.

Todo mundo viu Esme Cera do Tempo estremecer.

Uma outra lasca foi enfiada num braço esfarrapado.

Lentamente, Vovó ergueu a outra mão e tremeu quando locou a manga. Depois, mancando um pouco, ela continuou subindo a escada.

— Posso ir para o coração agora, dona Cera do Tempo! — gritou a senhora Gogol.

— Tenho certeza de que pode. Você é boa nisso. Você sabe que é boa nisso — disse Vovó, sem desviar o olhar.

A senhora Gogol cravou mais uma lasca na perna. Vovó se curvou e segurou firme no corrimão. Ao seu lado, uma das tochas grandes ardia.

— Da próxima vez! — ameaçou a senhora Gogol. — Certo? Da próxima vez posso fazer isso! Vovó se virou.

Ela olhou para as centenas de rostos voltados para cima.

Quando ela falou, sua voz era tão tranquila que eles tiveram que se esforçar para ouvir.

— Sei que pode fazer isso também, senhora Gogol. Você realmente acredita. Só não me deixe esquecer... estamos jogando por Lily, certo? E pela cidade? — O que importa isso agora? — gritou a senhora Gogol.

Você não vai desistir? Vovó Cera do Tempo enfiou o dedo mindinho no ouvido e o girou pensativa.

— Não — ponderou Vovó. — Não, eu não acho que é isso o que faço agora. Está olhando, senhora Gogol? Está olhando bem? Seu olhar atravessou o salão e parou por uma fração de segundo em Margrete. Depois ela ergueu a mão com cuidado e enfiou o braço até o cotovelo na tocha em chamas.

E a boneca nas mãos de Erzulie Gogol pegou fogo.

Ela continuou queimando mesmo depois que a bruxa tinha gritado e a jogado no chão. Ela continuou queimando até Tia Ogg chegar devagar com um jarro de suco de fruta do bufê, assobiando entre os dentes, e apagar o fogo.

Vovó retirou a mão. Ela estava ilesa.

— Isso é cabeçologia — ela disse. — E a única coisa que importa. Todo o resto é bobagem. Espero que não tenha machucado

a senhora, senhora Gogol. Ela continuou subindo a escada.

A senhora Gogol não parava de olhar para as cinzas molhadas. Tia Ogg deu uma batidinha camarada no seu ombro.

— Como é que ela fez aquilo? — perguntou a senhora Gogol.

— Não fez. Ela deixou você fazer — explicou Tia Ogg. — Você pôde ver a si mesma perto de Esme Cera do Tempo. Eu queria ver um daqueles tipinhos Zen enfrentando ela algum dia.

— E ela é a boa? — disse o Barão Sábado.

— É — confirmou Tia Ogg. — Engraçado como as coisas vão se acertando, realmente.

Ela olhou pensativa para o jarro de suco vazio na sua mão.

— Isso aqui precisa — ela afirmou, como quem chega a uma conclusão após muita reflexão cuidadosa — é de banana, rum e coisas assim...

Margrete segurou seu vestido quando Tia Ogg saiu andando com determinação rumo ao daiquiri.

— Agora não. E melhor irmos atrás de Vovó! Ela pode precisar da gente! — Não pensaria isso nem por um minuto — disse Tia Ogg. — Eu não gostaria de estar no lugar de Lily quando Esme alcançá-la.

— Mas eu nunca vi Vovó tão perturbada — preocupou-se Margrete. — Qualquer coisa pode acontecer.

— Tudo bem se acontecer — disse Tia Ogg. Ela acenou a cabeça num gesto significativo para um criado que, sendo rápido para compreender as coisas, ficou logo em posição de sentido.

— Mas ela pode fazer algo... terrível.

— Ótimo. E o que ela sempre quis — continuou Tia Ogg.

— Mais um daicri de banana, ô do paletó, e rapidinho.

— Não. Não seria uma boa ideia — insistiu Margrete.

— Ah, está bem — concordou Tia Ogg. Ela entregou o jarro vazio para o Barão Sábado, que o pegou numa espécie de torpor hipnótico.

— Vamos só resolver as coisas — ela disse. — Peço desculpas por isto. Vai fundo nessa mistura... se é que ainda tem um pouco.

Depois que as bruxas foram embora, a senhora Gogol se abaixou e pegou os restos úmidos da boneca.

Uma ou duas pessoas tossiram.

— Então é isso? — admirou-se o Barão. — Depois de doze anos? — O Príncipe está morto — disse a senhora Gogol. — Como já estava.

— Mas você me prometeu que eu iria me vingar dela — comentou o Barão.

— Eu acho que haverá revanche — replicou a senhora Gogol.

Ela atirou a boneca no chão. — Lilith tem lutado contra mim há doze anos e nunca chegou onde queria. E esta nem foi muito difícil. Então acho que haverá revanche.

— Você não tem que manter sua palavra! — Tenho. Tenho que manter alguma coisa. — A senhora Gogol pôs o braço sobre o ombro de Ella.

— É isso, garota — ela disse. — Seu palácio. Sua cidade. Não há uma pessoa aqui que vá negar isso.

Ela encarou os convidados. Um ou dois deles deram um passo para trás. Ella olhou para Sábado.

— Eu acho que devo conhecer você — ela hesitou. Ela se virou para a senhora Gogol. — E você — acrescentou. — Já vi os dois...

antes. Há muito tempo? O Barão Sábado abriu a boca para falar. A senhora Gogol ergueu a mão.

— Nós prometemos — ela disse. — Sem interferências.

— Da nossa parte? — Nem da nossa parte. — Ela se voltou para Ella. — Somos apenas pessoas.

— Quer dizer... — concluiu Ella — que trabalhei como escrava na cozinha durante anos... e agora... devo governar a cidade? Assim, do nada? — É assim que deve ser.

Ela olhou para baixo, absorta nos pensamentos.

— E tudo o que eu disser as pessoas têm que fazer? — ela perguntou num tom inocente.

Houve algumas tosses nervosas na multidão.

— Sim — confirmou a senhora Gogol.

Ella ficou olhando para o chão, roendo a unha simplesmente. Depois ergueu a cabeça.

— Então a primeira coisa que vai acontecer é o final do baile. Já! Vou atrás do carnaval. Eu sempre quis dançar no carnaval.

— Ela olhou para as expressões de preocupação. — Não é obrigatório para ninguém vir — acrescentou.

Os nobres de Genua tinham experiência o suficiente para saber o que um governante queria dizer quando falava que algo não era obrigatório. Em minutos o salão estava vazio, exceto por três vultos.

— Mas... mas... eu queria vingança — reclamou o Barão. Eu queria morte. Eu queria a nossa filha no poder.

— CONSEGUIR DUAS COISAS DE TRÊS NÃO É RUIM.

A senhora Gogol e o Barão se viraram. Morte pôs seu drinque sobre a mesa e deu um passo à frente.

O Barão Sábado se endireitou.

— Estou pronto para ir com você — disse.

Morte deu de ombros. Pronto ou não, ele pareceu indicar, dava no mesmo para ele.

— Mas eu segurei você — continuou o Barão. — Doze anos! Ele pôs o braço sobre o ombro de Erzulie. — Quando me mataram e me jogaram no rio, roubamos vida de você!

— VOCÊ PAROU DE VIVER VOCÊ NUNCA MORREU. POR ISSO NÃO FUI BUSCÁ-LO.

— Não foi?

— EU TINHA UM ENCONTRO MARCADO COM VOCÊ HOJE À NOITE.

O Barão entregou a sua bengala para a senhora Gogol.

Tirou a cartola preta. Encolheu os ombros e tirou o paletó.

O poder estalou nas suas dobras.

— Chega de Barão Sábado — ele disse.

— TALVEZ. BELO CHAPÉU.

O Barão se virou para Erzulie.

— Acho que tenho que ir.

— Sim.

— O que você vai fazer? A mulher do vodu olhou para o chapéu nas suas mãos.

— Vou voltar para o pântano — respondeu.

— Você poderia ficar aqui. Não confio naquela bruxa estrangeira.

— Eu confio. Portanto vou voltar para o pântano. Porque algumas histórias têm que acabar. O que quer que Ella venha a se

tornar, terá que fazê-lo sozinha. Foi uma curta caminhada até as águas marrons e pesadas do rio.

O Barão parou perto da beira.

— Ela vai viver feliz para sempre? — perguntou.

— NÃO PARA SEMPRE. MAS TALVEZ PELO TEMPO SUFICIENTE.

E assim as histórias terminam.

A bruxa malvada é derrotada, a princesa pobre toma posse do que é seu, o reino é restituído. Os dias felizes estão de volta.

Felizes para sempre. O que significa que a vida pára aqui.

As histórias querem acabar. Não se importam com o que acontece depois...

* * *

Tia Ogg andava ofegante pelo corredor.

— Nunca tinha visto Esme assim — disse. — Está com um humor muito estranho. Ela pode ser um perigo para si mesma.

— Ela é um perigo para todas as outras pessoas — completou Margrete. — Ela...

As mulheres-cobras apareceram no corredor diante delas.

— Veja as coisas da seguinte maneira — sussurrou Tia Ogg: — o que elas podem fazer com a gente? — Não suporto cobra — afirmou Margrete, mantendo a calma.

— Elas têm esses dentes, é claro — continuou Tia Ogg, como se estivesse apresentando um seminário. — Que mais parecem presas, na verdade. Vamos, garota. Vamos ver se conseguimos encontrar outro caminho.

— Eu odeio cobra.

Tia Ogg puxou Margrete, que não se mexeu.

— Vamos! — Eu odeio de verdade.

— Você vai poder odiar ainda mais quando estiver bem longe! As irmãs estavam quase em cima delas. Elas não andavam, deslizavam. Talvez Lilith não estivesse concentrada naquele momento, porque elas estavam mais parecidas com cobras do que nunca. Tia Ogg pensou ter visto desenhos de escamas sob a pele delas. A mandíbula estava toda errada.

— Margrete! Uma das irmãs estendeu o braço. Margrete estremeceu.

A irmã-cobra abriu a boca.

Então Margrete olhou para cima e, quase como num sonho, deu um soco tão forte que a irmã foi parar a vários metros no corredor.

Não foi um golpe que aparecia em nenhum Caminho ou Curso. Ninguém jamais desenhou aquele soco num diagrama, nem o praticou na frente de um espelho com uma faixa amarrada na cabeça. Ele veio direto do dicionário dos reflexos herdados da necessidade de sobrevivência aterrorizada.

— Usa a varinha! — gritou Tia Ogg, correndo o mais rápido possível. — Não dê uma de ninja com elas! Usa a varinha! É pra isso que ela serve! A outra cobra se virou de modo instintivo para seguir o movimento, e é por isso que o instinto nem sempre é a chave para a sobrevivência, porque Margrete a acertou na nuca. Com a varinha. Ela caiu devagar, perdendo a forma.

O problema das bruxas é que elas nunca fogem das coisas que mais odeiam. E o problema dos pequenos animais peludos encurralados é que, apenas de vez em quando, um deles é um mangusto.

Vovó Cera do Tempo sempre se perguntou: o que havia de tão especial numa lua cheia? Era apenas um grande círculo de luz.

E o lado escuro da lua era apenas escuridão.

Mas no meio do caminho entre os dois, quando a lua está entre os mundos da luz e do escuro, quando até a lua está vivendo no limite... talvez aí, sim, uma bruxa pudesse acreditar na lua.

Nesse momento, uma meia-lua navegava acima da névoa do pântano.

O ninho de espelhos de Lily refletia a luz fria, como refletia todas as outras coisas. Encostadas na parede estavam as três vassouras.

Vovó pegou a sua. Ela não estava usando a cor certa e não estava de chapéu. Ela precisava de alguma coisa que a fizesse se sentir à vontade. Não havia nenhum movimento.

— Lily? — chamou Vovó com uma voz suave.

Sua própria imagem olhou para ela nos espelhos.

— Tudo pode parar agora — disse Vovó. — Você pode ficar com a minha vassoura e eu pego a da Margrete. Ela pode dividir a da Gytha. E a senhora Gogol não virá atrás de você. Já arranjei isso. Estamos precisando de mais bruxas lá na nossa terra. E chega de ser madrinha. Chega de mandar matar as pessoas para que a filha delas esteja pronta para fazer parte de uma história.

— Sei que é por isso que você fez o que fez. Vamos para casa. É uma oferta que você não pode recusar.

O espelho deslizou para trás sem fazer barulho.

— Está tentando ser gentil comigo? — perguntou Lily.

— Não pense que não tenho que me esforçar muito — respondeu Vovó num tom de voz mais normal.

O vestido de Lily farfalhou quando ela deu um passo à frente.

— Então você derrotou a mulher do pântano.

— Não.

— Mas você está aqui e ela não.

— Sim.

Lily tirou a vassoura da mão de Vovó e a examinou.

— Nunca usei uma coisa dessas. — É só sentar nela e você vai embora?

— Com esta você tem que estar correndo bem rápido pra ela decolar — explicou Vovó —, mas a ideia geral é essa, sim.

— Hum. Você conhece a simbologia da vassoura? — Tem alguma coisa a ver com o Mastro de Maio, canções folclóricas e coisas do tipo? — perguntou Vovó.

— Ah, sim.

— Então não quero saber.

— É — disse Lily. — Imaginei que não ia querer.

E devolveu a vassoura.

— Vou ficar aqui — continuou. — A senhora Gogol pode ter vindo com um novo truque, mas isso não significa que ela ganhou.

— Não. As coisas chegaram a um fim, sabe — argumentou Vovó. — E assim que funciona quando você transforma o mundo em histórias. Você nunca deveria ter feito isso. Não deveria transformar o mundo em histórias. Não deveria tratar as pessoas como se fossem personagens, como se fossem coisas. Mas se fizer, tem que saber quando a história acaba.

— Você tem que calçar seus melhores sapatos e dançar a noite toda? — disse Lily.

— É mais ou menos por aí.

— Enquanto todas as outras pessoas vivem felizes para sempre?

— Isso eu não sei — replicou Vovó. — Isso depende delas. O que eu tô dizendo é que você não tem permissão para tentar mais uma vez. Você perdeu.

— Você sabe que uma Cera do Tempo nunca perde — disse Lily.

— Uma delas vai aprender esta noite — insistiu Vovó.

— Mas nós estamos fora das histórias — disse Lily. — Eu porque... sou o meio pelo qual elas acontecem e você porque as combate. Somos as que ficam no meio. As que são livres...

Houve um som atrás delas. O rosto de Margrete e de Tia Ogg apareceram acima do topo do poço da escada.

— Tá precisando de alguma ajuda, Esme? — perguntou Tia Ogg com cautela. Lily riu.

— Aí estão as suas cobrinhas, Esme.

Sabe de uma coisa — ela acrescentou —, você realmente é igualzinha a mim. Não sabe disso? Não existe um pensamento que passe pela minha cabeça que você não tenha pensado também. Não tem um ato que eu tenha feito que você não tenha cogitado. Mas você nunca encontrou coragem. Essa é a diferença entre pessoas como eu e pessoas como você. Nós temos a coragem para fazer o que vocês apenas sonham.

— É mesmo? — disse Vovó. — É isso o que você acha? Você acha que eu sonho? Lily moveu um dedo. Margrete saiu flutuando

para fora do poço da escada, se debatendo. Ela balançou sua varinha freneticamente.

— É isso que eu gosto de ver — afirmou Lily. — As pessoas tendo desejos. Eu nunca desejei nada na minha vida. Sempre fiz as coisas acontecerem. E tão mais recompensador.

Margrete rangeu os dentes.

— Tenho certeza de que eu não ficaria bem como abóbora, querida. — disse Lily. Ela fez um movimento gracioso com a mão. Margrete subiu.

— Você ficaria impressionada com as coisas que eu sei fazer — continuou Lily em devaneio, enquanto a bruxa mais jovem deslizava suavemente acima das lajes.

— Você também deveria ter experimentado com espelhos, Esmé. Faz maravilhas para a alma. Só deixei a mulher do pântano sobreviver porque o ódio dela era revigorante. Eu gosto de ser odiada, sabe. E você sabe, sim. É uma espécie de respeito. Demonstra que você está tendo efeitos. É como um banho gelado num dia quente. Quando pessoas burras percebem que não têm poder, quando se irritam com sua futilidade, quando são derrotadas e não têm mais nada além daquele bocejo com a acidez da boca do estômago. Bem, para ser honesta, é como uma oração. E as histórias... passear nas histórias... tomar emprestada a força delas... o conforto delas... estar no centro escondido delas... Consegue entender isso? O simples prazer de ver os padrões se repetirem? Sempre adorei padrões. Aliás, se a tal de Ogg continuar tentando me surpreender por trás, realmente deixarei a sua jovem amiga sair

flutuando pelo pátio e depois, Esme, pode ser que eu perca o interesse.

— Eu só estava andando — disse Tia Ogg. — Não tem nenhuma lei contra isso.

— Você mudou a história à sua maneira, e agora vou fazê-la à minha. E mais uma vez... tudo o que você tem que fazer é ir embora. Apenas ir embora. O que acontecer aqui não importa.

É uma cidade distante da qual você sabe pouco. Não tenho total certeza de que posso ser melhor na magia que você — Lily acrescentou — , mas essas duas... elas não têm os elementos certos dentro de si. Eu faria geleia delas. Espero que você saiba disso. Então esta noite, eu sugiro, uma Cera do Tempo vai aprender a perder? Vovó ficou em silêncio por algum tempo, apoiada na sua vassoura inútil.

— Está bem. Coloque-a no chão — ela disse. — Aí então direi que você venceu.

— Queria poder acreditar nisso. Ah... mas você é a boazinha, não? Você tem que cumprir sua palavra.

Olhe para mim — pediu Vovó. Ela foi até o parapeito e olhou para baixo. A lua de duas faces ainda estava brilhante o suficiente para iluminar a névoa encrespada que cercava o palácio como um mar.

— Margrete? Gytha? — ela chamou — Me desculpem por isso. Você venceu, Lily. Não tem nada que eu possa fazer.

E, em seguida, ela pulou.

Tia Ogg correu em disparada e olhou por cima do parapeito a tempo de ver um vulto embaçado desaparecendo no nevoeiro.

Os três vultos que foram deixados na torre do palácio respiraram fiando.

— É um truque — disse Lily — para me pegar desprevenida.

— Não é! — gritou Margrete, descendo pelas pedras.

— Ela estava com a vassoura — continuou Lily.

— Ela não funciona! Não vai pegar! — gritou Tia Ogg. — Certo ela disse num tom ameaçador, indo com passos firmes na direção da figura delgada de Lily. — Logo vamos tirar esse olhar convencido do seu rosto...

Ela parou quando uma fisgada de dor percorreu o seu corpo.

Lily riu.

— É verdade, então? Sim. Posso ver no rosto de vocês. Esme era inteligente o bastante para saber que não poderia vencer.

— Não sejam burras. E não aponte essa varinha tola para mim, senhorita Alho. A velha Desiderata teria me derrotado há muito tempo se pudesse. As pessoas não têm nenhuma noção.

— Temos que descer até lá — desesperou-se Margrete. — Ela pode estar caída lá...

— Isso mesmo. Sejam boas. É nisso que são boas — ironizou Lily, enquanto elas corriam para o poço da escada.

— Mas nós voltaremos — gritou Tia Ogg. — Nem que a gente tenha que morar no pântano com a senhora Gogol e comer cabeça de cobra! — É claro — divertiu-se Lily, arqueando uma sobrancelha. Foi o que eu disse. É preciso ter pessoas como vocês por perto. Senão nunca se pode ter certeza de que ainda se está produzindo efeitos. E uma forma de saber a quanto está o jogo. Ela as viu desaparecerem escada abaixo.

Um vento soprou sobre a torre. Lily segurou as saias e andou até a frente, onde pôde ver os fragmentos de névoa correndo acima dos telhados lá embaixo. Havia fracos trechos de músicas do distante baile de carnaval, que ia serpenteando pelas ruas. Logo seria meia-noite. A meia-noite correta, não uma versão de segunda-mão provocada por uma velha rastejando dentro do relógio.

Lily tentou enxergar através da escuridão até a base da torre.

— Realmente, Esmé — ela murmurou — , você não sabe perder.

Tia Ogg estendeu o braço e conteve Margrete enquanto elas corriam pela escada em espiral.

— Eu iria um pouco mais devagar — ela disse.

— Mas ela pode se machucar...! — Você também, se tropeçar. De qualquer jeito — continuou Tia Ogg — , não acho que Esmé esteja caída e toda amassada em algum lugar. Não é como ela gostaria de partir. Acho que ela fez isso apenas para se certificar de que Lily esquecesse a gente e não tentasse nada contra nós. Acho que ela pensou que a gente era... qual era aquele sujeito de Tsort que só podia ser ferido se acertassem ele no lugar certo? Ninguém nunca tinha derrotado ele até descobrirem isso. O joelho, acho que era. Somos o joelho tsorteano dela, certo? — Mas nós sabemos que é preciso correr muito rápido para fazer a vassoura dela pegar! — gritou Margrete.

— É, eu sei — ponderou Tia Ogg. — Foi o que eu pensei. E agora eu tô pensando... a que velocidade a pessoa vai quando tá caindo? Sabe, direto pra baixo? — Eu... não sei — respondeu Margrete.

— Acho que Esme pensou que valia a pena descobrir — comentou Tia Ogg. — Isso é o que eu acho.

Um vulto surgiu perto da curva da escada, subindo com dificuldade. Elas chegaram para o canto com educação e o deixaram passar.

— Queria me lembrar qual era a parte dele que você tinha que acertar, disse Tia Ogg. — Agora isso vai ficar me perturbando a noite toda.

— O CALCANHAR.

— Mesmo? Ah, obrigada.

— DISPONHA.

O vulto continuou subindo.

— Boa a máscara dele, não? — comentou Margrete, no fim.

Ela e Tia Ogg buscaram a confirmação no rosto uma da outra. Margrete ficou pálida. E olhou escada acima.

— Acho que deveríamos voltar correndo e... — começou.

Lady Valentia das Providências estava sentada no jardim de rosas sob a grande torre e assoou o nariz.

Ela estava esperando havia meia hora e não aguentava mais.

Ela tinha esperado um tête-à-tête romântico: ele parecia ser um homem tão interessante, meio que ansioso e tímido ao mesmo tempo. Em vez disso, ela quase fora atingida na cabeça quando uma velha numa vassoura, usando o que parecia ser pelo que ela conseguiu ver no borrão causado pela velocidade o próprio vestido de Lady Valentia, gritou atravessando a névoa. Suas botas haviam feito sulcos entre as roseiras antes que a curva do seu voo a erguesse novamente.

E um gato sujo e fedorento não parava de se esfregar nas suas pernas. E a noite tinha começado tão bem...

— Olá, sua senhoria? Ela olhou para os arbustos.

— Meu nome é Casanunda — disse uma voz esperançosa.

Lily Cera do Tempo se virou ao ouvir o tinido de vidro vindo de dentro do labirinto de espelhos.

Ela enrugou a testa, correu pela laje de pedras e abriu a porta para o mundo dos espelhos.

Não houve nenhum som além do farfalhar do seu vestido e do leve silvo de sua própria respiração. Ela deslizou para dentro do lugar entre os espelhos. Sua miríade de eus olhou para ela com expressão de aprovação. Ela relaxou. Então seu pé bateu em alguma coisa. Ela olhou para baixo e viu, sobre as pedras, escuras à luz do luar, uma vassoura caída entre cacos de vidro quebrado. Seu olhar horrorizado se ergueu e encontrou um reflexo.

Ele a encarou.

— Qual é o prazer de ser o vencedor se o perdedor não está vivo para saber que perdeu? Lilith recuou, a boca abrindo e fechando.

Vovó Cera do Tempo atravessou a moldura vazia. Lily olhou para baixo, para o lado de sua irmã vingativa.

— Você quebrou o meu espelho! — Era pra isso que servia toda essa coisa, então? — disse Vovó. — Pra brincar de rainha numa cidade molhada? Servindo às histórias? Que espécie de poder é esse? — Você não está entendendo... você quebrou o espelho...

— Dizem que não se deve fazer isso — continuou Vovó.

— Mas eu pensei: o que são mais sete anos de azar? Imagem após imagem se estilhaça, por toda a grande curva do mundo dos espelhos, a fenda sai voando mais rápido que a luz...

— Você tem que quebrar ambos para estar segura... você perturbou o equilíbrio...

— Rá! Eu perturbei? — Vovó deu um passo à frente, seus olhos eram duas safiras amargas. — Eu vou te dar a surra que a mamãe nunca te deu, Lily Cera do Tempo. Nem com magia, nem com cabeçologia, nem com a vara que o papai tinha, e que usou sim até que bastante pelo que me lembro... mas com pele. E não porque você era a má. Não porque você mexia com histórias. Todo mundo tem um caminho que precisa trilhar. Mas porque, e quero que cê entenda isso direito, depois de você sair, eu tinha que ser a boa. Foi só você quem se divertiu. E não existe nenhum modo de eu fazer você pagar por isso, Lily, mas COM certeza vou tentar...

— Mas... eu... eu... eu sou a boa — murmurou Lily, com o rosto branco de choque. — Eu sou a boazinha. Não posso perder. Sou a madrinha. Você é a bruxa má... e você quebrou o espelho...

... movendo-se como um cometa, a fenda nos espelhos atinge seu ponto mais distante e faz uma curva de volta, correndo pelos incontáveis mundos...

— Você tem que me ajudar a colocar... as imagens têm que estar equilibradas... — Lily sussurrou com fraqueza, recuando até o vidro que restava.

— Boa? Boa? Usando as pessoas para alimentar as histórias? Distorcendo a vida das pessoas? Isso é ser boa, é? — perguntou Vovó. Quer dizer que você nem sequer se divertiu? Se eu tivesse

sido tão má quanto você, eu teria sido muito pior. Seria melhor em ser má do que você jamais sonhou.

Ela não a ajudou.

... a fenda retornou ao seu ponto de origem, carregando consigo os reflexos fugidios de todos os espelhos...

Ela arregalou os olhos.

O vidro se despedaçou e se encheu de fissuras atrás de Lily Cera do Tempo. E, no espelho, a imagem de Lily Cera do Tempo se virou, deu um sorriso beatificado e estendeu as mãos para fora da moldura para pegar Lily Cera do Tempo nos braços.

— Lily!

Todos os espelhos se despedaçaram, explodindo do alto da torre para fora em mil pedaços, de modo que, apenas por um instante, ela ficou envolta numa poeira delicada e cintilante.

* * *

Tia Ogg e Margrete chegaram ao telhado feito anjos vingativos após um período de baixo controle de qualidade celestial.

Elas pararam.

Onde antes estava o labirinto de espelhos havia molduras vazias. Cacos de vidro cobriam o chão e, deitado sobre eles, havia um vulto com um vestido branco. Tia Ogg empurrou Margrete para trás dela e foi andando com cuidado, fazendo um ruído de trituração. Ela cutucou a figura com a ponta da bota.

— Vamos jogá-la para fora da torre — propôs Margrete.

— Está bem — concordou Tia Ogg. — Vai você, então.

Margrete hesitou.

— Bem — ela explicou —, quando eu disse vamos jogá-la para fora da torre, não estava me referindo a eu pessoalmente jogando ela para fora da torre. Eu quis dizer que se houvesse alguma justiça, ela deveria ser jogada para fora...

— Então eu não diria mais nada em relação a isso, se eu fosse você — disse Tia Ogg, ajoelhando-se com cuidado sobre os cacos de vidro. — Além do mais, eu estava certa. Esta é Esme. Eu reconheceria este rosto em qualquer lugar. Tira a sua anágua.

— Por quê? — Olha para os braços dela, menina! Margrete olhou fixamente. Depois pôs as mãos sobre a boca.

— O que ela estava fazendo? — Tentando atravessar o vidro para pegar alguma coisa, pelo jeito. Agora tira a anágua e me ajuda a cortar umas tiras. Depois vá encontrar a senhora Gogol pra ver se ela tem algum unguento e se pode ajudar a gente, e diga a ela que, se não puder, é melhor estar bem longe amanhã de manhã. — Tia Ogg sentiu o pulso de Vovó Cera do Tempo. — Talvez Lily Cera do Tempo pudesse fazer geleia da gente, mas tenho certeza de que eu poderia acertar o olho da senhora Gogol com a munheca se tivesse que chegar a esse ponto.

Tia Ogg tirou o seu chapéu indestrutível patenteado e buscou alguma coisa dentro da ponta. Ela tirou um pedaço de veludo e o abriu, revelando uma pequena provisão de agulhas e um carretel de linha.

Ela lambeu uma linha e segurou uma agulha contra a lua, apertando os olhos.

— Oh, Esme, Esme — ela lamentou, curvando-se para a sua costura - você realmente não sabe vencer.

Lily Cera do Tempo olhou para o mundo prateado, dividido em multicamadas.

— Onde estou?

— DENTRO DO ESPELHO.

— Estou morta?

— A RESPOSTA A ESSA PERGUNTA — disse Morte — ESTÁ EM ALGUM LUGAR ENTRE O NÃO E O SIM.

Lily se virou e um bilhão de figuras se viraram com ela.

— Quando poderei sair?

— QUANDO ENCONTRAR A VERDADEIRA.

E Lily Cera do Tempo correu através dos reflexos infinitos.

Uma boa cozinheira é sempre a primeira a entrar na cozinha todas as manhãs e a última a ir para casa à noite.

A senhora Amável abafou o fogo dos fornos. Fez um rápido Inventário dos talheres e contou as terrinas. Ela...

Ela sentiu que estava sendo observada.

Havia um gato no vão da porta. Era grande e cinzento. Um olho era de um amarelo-esverdeado maligno, o outro era branco perolado. O que restara de suas orelhas parecia as bordas de uma impressão de posso-bater-em-você-com-uma-pata que era estranhamente familiar.

A senhora Amável ficou olhando para ele por algum tempo.

Ela era amiga íntima da senhora Gogol e sabia que a forma é meramente uma questão de hábito pessoal profundamente arraigado, e, se você é um morador de Genua perto da Samedi Nuit Mort, aprende a confiar no seu raciocínio muito mais do que nos seus sentidos.

— Ora, ora — disse, com um leve sinal de tremor na voz — , imagino que você queira mais perna de peixe, quer dizer, cabeça. Que tal? Greebo se espreguiçou e arqueou as costas.

— E tem leite na câmara frigorífica — disse a senhora Amável. Greebo bocejou, feliz.

Depois coçou as orelhas com a pata de trás. A humanidade é um lugar legal de se visitar, mas não para morar.

Era o dia seguinte.

— O unguento curativo da senhora Gogol parece funcionar mesmo — disse Margrete. Ela ergueu um jarro que estava cheio até a metade de algo verde-claro, estranhamente arenoso e com um cheiro sutil que, era possível mesmo acreditar, ocupava o mundo todo.

— Tem cabeça de cobra — comentou Tia Ogg.

— Não tente me perturbar — pediu Margrete. — Eu sei que Cabeça de Cobra é uma espécie de flor. Uma fritilária, acho. E impressionante o que se pode fazer com flores, sabe.

Tia Ogg, que na verdade havia passado uma meia hora instrutiva, para não dizer asquerosa, vendo a senhora Gogol fazer a coisa, não tinha coragem de dizer aquilo.

— Isso mesmo — ela disse. — Flores. Não tem nada que você não saiba, estou vendo.

Margrete bocejou.

Elas haviam brigado com todas as forças no palácio, embora ninguém estivesse mais com vontade de brigar por nada. Vovó tinha sido instalada no quarto ao lado.

— Vai dormir um pouco — sugeriu Tia Ogg. — Eu vou falar com a senhora Gogol daqui a pouco.

— Mas, Tia... Gytha... — disse Margrete.

— Hum? — Toda aquela... coisa... que ela estava dizendo quando estávamos viajando. Era tão... tão fria. Não era? Não desejar nada, não usar magia para ajudar as pessoas, não ser capaz de fazer aquela coisa do fogo — e depois ela foi e fez todas aquelas coisas! O que eu devo concluir disso? — Ora, ora — começou Tia Ogg. — É tudo de acordo com o geral e o específico, certo? — O que isso significa? — Margrete se deitou na cama.

— Significa que quando Esme usa palavras como "todo mundo" e "ninguém" ela não está se incluindo.

— Sabe... se você parar para pensar... é horrível.

— É bruxaria. A parte mais difícil dela. E agora... vai dormir um pouco. Margrete estava cansada demais para contestar. Ela se esticou e logo estava roncando de modo bastante educado.

Tia Ogg se sentou e fumou cachimbo por algum tempo, olhando para a parede. Depois se levantou e abriu a porta.

A senhora Gogol ergueu a cabeça do banquinho ao lado da cama.

— Vai dormir um pouco também — disse Tia Ogg. — Eu cuido de tudo enquanto isso.

— Tem alguma coisa que não está certa — alertou a senhora Gogol. Suas mãos estão boas, mas ela só não quer acordar.

— Com a Esme, é tudo na cabeça — afirmou Tia Ogg.

— Eu poderia fazer deuses novos e fazer com que todos acreditem neles de verdade. O que acha disso? — disse a senhora

Gogol. Tia Ogg balançou a cabeça.

— Eu não diria que Esme iria querer isso. Ela não gosta tanto de deuses. Ela acha que eles são um desperdício de espaço.

— Eu poderia fazer um pouco de gumbo, então. As pessoas vêm de muito longe para comer isso.

— Pode ser que valha a pena tentar — aceitou Tia Ogg. — As coisas pequenas ajudam muito, eu sempre digo. Por que não providenciar isso? Deixa o rum aqui. Depois que a mulher do vodu saiu, Tia Ogg fumou mais um pouco de cachimbo e bebeu um pouco de rum de um jeito pensativo, olhando para a figura na cama.

Então, ela se inclinou para perto do ouvido de Vovó Cera do tempo e sussurrou: - Você não vai perder, vai? * * * Vovó Cera do Tempo olhou para o mundo prateado, dividido em multicamadas.

— Onde estou? — DENTRO DO ESPELHO.

— Estou morta?

— A RESPOSTA A ESSA PERGUNTA — disse Morte — ESTÁ EM ALGUM LUGAR ENTRE O NÃO E O SIM.

Esme se virou e um bilhão de figuras se viraram com ela.

— Quando poderei sair?

— QUANDO ENCONTRAR A VERDADEIRA.

— Isso é uma pegadinha?

— NÃO.

Vovó baixou o rosto e olhou para si mesma.

— Esta — ela disse.

E as histórias só querem finais felizes. Não estão nem aí de quem eles são. *Querido Jason eksetra, Bom chega de Genua mas aprendi o remédeo de zumbi da senhora Gogol e ela me deu a*

resseitt reseitã me disse como fazer daicri de banana e me deu uma coisa chamada banjo cevai ficar impressionado de maneira geral é umaboa alma eu acho se você mantém ela sempre à vista. Parece que temos Esmé de volta mas não sei elatá agindo de um jeito estranho e quieto não é o normal dela então estou de Olho nela para o caso de Lily ter aprontado alguma no espelho. Mas acho que ela está melhorando porque quando acor-dou pediu a Margrete pra dar uma olhada na varinha e depois ela meio que virou e torceu aqueles anéis dela e transformou o pinico num ramo de flores e Margrete disse que nunca conseguiria fazer a varinha fazer aquilo e Esmé disse que não porque, ela perdia tempo desejando coisas em vez de pensar num jeito de fazê elas acontecerem. O que eu posso dizer é que bom que Esmé nunca teve uma varinha quando era jovem, Lily teria sido um Franquinho perto dela. Em anexo tem uma foto do cimitéreo aqui você pode ver que o pessoal é enterrado em caixas acima do solo o chão é tão úmido porque ninguém quer estar morto e afolegado ao mesmo tempo, dizem viajar amplia a mente, eu acho que poderia puxar a minha pelas orelhas e dar um nó debaixo do queixo, tudo de bom,

MAMãe.

No pântano a senhora Gogol, a bruxa do vodu, cobriu o suporte grosseiro com o Iraque, enfiou a cartola no alto da vara e amarrou a bengala na ponta da cruz com um pedaço de corda.

Ela recuou.

Houve uma agitação de asas. Legba caiu do céu e se empoleirou na cartola. Depois cantou. Ele geralmente só cantava ao anoitecer, porque era uma ave de poder, mas pelo menos uma vez

ele estava disposto a reconhecer a chegada do novo dia. Depois, passaram a dizer que todo ano, na Samedi Nuit Mort, quando o carnaval estava no auge, os tambores no volume mais alto e o rum quase no fim, um homem de fraque e cartola com a energia de um demônio aparecia do nada e liderava a dança.

Afinal , até mesmo as histórias têm que começar em algum lugar.

Houve um barulho molhado e as águas do rio voltaram a se fechar em seguida. Margrete saiu andando.

A varinha assentou na lama copiosa, onde era tocada apenas pelos pés de um ou outro lagostim, que não tem fada madrinha nem permissão para desejar coisa alguma. Ela foi afundando com o passar de meses e saiu, como a maior parte das coisas, da história. O que era tudo o que alguém poderia desejar.

As três vassouras subiram acima de Genua, com as névoas que se enrolavam na direção do crepúsculo.

As bruxas olharam para os pântanos verdes em torno da cidade.

Genua estava adormecida. Os dias que se seguiam ao Almoço Gordo eram sempre silenciosos, já que as pessoas dormiam para se recuperar. No momento, entre elas está Greebo, aconchegado no seu lugar entre as cerdas. Deixar a senhora Amável tinha sido muito doloroso.

— Bom, chega de la dolce vita — disse Tia Ogg num tom filosófico.

— Não nos despedimos da senhora Gogol — lembrou Margrete.

— Acho que ela sabe que estamos indo direitinho — comentou Tia Ogg. — Mulher muito sabida, essa dona Gogol.

— Mas podemos confiar que ela vai manter a palavra? — quis saber Margrete.

— Sim — afirmou Vovó Cera do Tempo.

— Ela é muito honesta, do jeito dela — disse Tia Ogg.

— Bem, tem isso — concordou Vovó. — Mas eu também disse que poderia voltar.

Margrete olhou para a vassoura de Vovó. Uma grande caixa redonda estava entre a bagagem amarrada às cerdas.

— Você nunca provou aquele chapéu que ela te deu — comentou.

— Eu dei uma olhada nele — disse Vovó friamente. — Num cabe.

— Acho que a senhora Gogol não daria a ninguém um chapéu que não coubesse na pessoa — provocou Tia Ogg. — Vamos dar uma olhada, hein? Vovó deu uma fungada e abriu a tampa da caixa. Bolas de papel de seda caíram na direção das névoas quando ela retirou o chapéu.

Margrete e Tia Ogg ficaram olhando para ele.

Elas obviamente estavam familiarizadas com a ideia de frutas em chapéus — Tia Ogg mesma tinha um chapéu de palha preto com cerejas de cera para ocasiões especiais de rixas de família. Mas aquele tinha muito mais do que apenas cerejas. Talvez a única fruta que não estivesse em algum lugar dele fosse o melão.

— É definitivamente muito... estrangeiro — avaliou Margrete.

— Anda — pediu Tia Ogg. — Experimenta.

Vovó o fez, um pouco encabulada, aumentando sua altura aparente em sessenta centímetros, sendo a maior parte um abacaxi.

- Muito colorido. Muito... estiloso — elogiou Tia Ogg.
- Não é qualquer um que pode usar um chapéu como esse.
- As romãs ficam bem em você — disse Margrete.
- Os limões também — disse Tia Ogg.
- Hã? Vocês duas não tão rindo de mim, né? — disse Vovó Cera do Tempo, desconfiada.

- Você gostaria de dar uma olhada? — sugeriu Margrete.
- Tenho um espelho em algum lugar...

O silêncio caiu como um machado. Margrete ficou vermelha. Tia Ogg a encarou.

Elas examinaram Vovó com atenção.

- Sim — ela concordou, depois do que pareceu muito tempo, acho que eu deveria olhar no espelho.

Margrete relaxou, vasculhou os bolsos e tirou um espelho pequeno, de mão, numa moldura de madeira, passando-o para Vovó.

Vovó Cera do Tempo olhou para o seu reflexo. Tia Ogg fez disfarçadamente uma manobra para chegar sua vassoura um pouco mais perto.

— Hum — disse Vovó após algum tempo.

— É o modo como as uvas pendem sobre a sua orelha — opinou tia Ogg, num tom animador. — Sabe, esse chapéu inspira autoridade, não sei se já vi algum assim.

— Hum.

—Você não acha? — disse Margrete.

— Bem — respondeu Vovó, com relutância —, talvez seja bom no estrangeiro. Onde eu não vá ser vista por ninguém que me

conheça. Ninguém importante, pelo menos.

— E quando a gente chegar em casa você pode comer tudo isso — sugeriu Tia Ogg.

Elas relaxaram. Havia a sensação de que uma montanha havia sido escalada, um vale perigoso tinha sido transposto.

Margrete olhou para o rio marrom e as toras suspeitas nos seus bancos de areia.

— O que eu quero saber é: na verdade, a senhora Gogol era boa ou má? Sabe, gente morta, jacarés e tudo mais...

Vovó olhou para o sol nascente, surgindo entre as névoas.

— Bom ou mau é complicado — ela disse. — Não tenho muita certeza da posição das pessoas. Talvez o que importe seja para que lado você se vira.

— Sabe — ela acrescentou —, eu realmente acredito que consigo ver a borda daqui.

— Engraçado — comentou Tia Ogg —, dizem que em alguns lugares estrangeiros tem elefante. Sabe, eu sempre quis ver um elefante. E tem um lugar em Klatch ou algo assim onde as pessoas sobem por umas cordas e desaparecem.

— Pra quê? — perguntou Margrete.

— Sei lá. Deve ter algum motivo estrangeiro ardiloso.

— Num dos livros da Desiderata — contou Margrete — ela diz que tem uma coisa muito interessante quando se vê um elefante. Ela diz que nas planícies Sto, quando as pessoas dizem que vão ver o elefante, significa apenas que vão viajar porque estão cansadas de ficar no mesmo lugar.

— O problema não é ficar no mesmo lugar — disse Tia Ogg —, é não deixar a sua mente vagar.

— Eu gostaria de subir na direção do centro do Disco — comentou Margrete.

— Para ver os templos antigos que são descritos no Capítulo Um de O Caminho do Escorpião.

— E eles ensinariam tudo o que você ainda não sabe, não? — resmungou Tia Ogg, com uma acidez pouco comum.

Margrete dirigiu um olhar breve para Vovó.

— Provavelmente não — ela disse com humildade.

— Bom — disse Tia Ogg. — O que vai ser, Esme? Vamos para casa? Ou vamos sair pra ver o elefante? A vassoura de Vovó virou suavemente na brisa.

— Você é uma velha nojenta e safada, Gytha Ogg — disse Vovó.

— Sou mesmo — concordou Tia Ogg, animada.

— E, Margrete Alho...

— Eu sei respondeu Margrete, extremamente aliviada —, eu sou uma galinha choca.

VOVÓ olhou para trás, na direção do Centro e das altas montanhas. Em algum lugar lá longe havia um chalé velho com a chave pendurada na casinha do banheiro. Provavelmente estava acontecendo todo tipo de coisa. O reino inteiro devia estar numa ruína total sem ela por perto para manter as pessoas na linha. Era o seu trabalho. Era impossível prever a quantidade de asneiras que as pessoas seriam capazes de aprontar se ela não estivesse lá... Tia Ogg ficou batendo suas botas vermelhas uma na outra.

— Bom, acho que não tem lugar melhor que a nossa própria casa, ela disse.

— Não — disse Vovó Cera do Tempo, ainda parecendo pensativa. — Não, tem bilhões de lugares melhores que a nossa casa. Mas você só mora em um deles.

— Então nós vamos voltar? — quis saber Margrete.

— Sim.

Mas elas foram pelo caminho mais longo e viram o elefante.

FIM

*Sir Roger de Coverley: nome de uma música de dança folclórica. (N. T.)

**"Encontro" é date em inglês, que também significa "tâmara". (N. T.)

***Jiga e hornpipe: danças folclóricas britânicas. (N. T.)

****Uma atividade comum em regiões litorâneas da Grã-Bretanha é o passeio de barco que geralmente consiste em ir até o farol, dar a volta e retornar. Daí a expressão familiar sugerindo que as experiências de Tia Ogg não estavam limitadas às águas costeiras das relações homem/mulher. (N. T.)

Fontes



Formatação .ePub



2013

